

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS
NÍVEL DOUTORADO**

MARIA CLAUDIA RODRIGUES

**DESLOCAMENTOS À ZONA SUL DE PORTO ALEGRE (RS): EXPERIÊNCIAS EM
TURISMO AGROECOLÓGICO**

SÃO LEOPOLDO

2017

Maria Claudia Rodrigues

Deslocamentos à Zona Sul de Porto Alegre, RS:
Experiências em Turismo Agroecológico

Tese apresentada ao como requisito parcial para obtenção do título de doutor em Ciências Sociais, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS.

Área de Concentração: Identidades e Sociabilidades

Orientador: Prof. Dr. José Rogério Lopes

São Leopoldo

2017

R696d Rodrigues, Maria Claudia
 Deslocamentos à Zona Sul de Porto Alegre (RS):
 experiências em turismo agroecológico / Maria Claudia
 Rodrigues. – 2017.
 181 f. : il. ; color. ; 30cm.

 Tese (doutorado em Ciências Sociais) -- Universidade do
 Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em
 Ciências Sociais, São Leopoldo, RS, 2017.

 Orientador: Prof. Dr. José Rogério Lopes.

 1. Relações sociais. 2. Turismo agroecológico. 3. Patrimônio
 cultural. 4. Pedagogia cultural. 5. Vivências I. Título. II. Lopes,
 José Rogério.

CDU 316.47

À dona Julia, com quase 100 anos de idade, analfabeta. Minha avó, vó Julia, minha primeira professora, ensinou-me sobre as ervas e rezas que curam, sobre interpretar e respeitar o mundo da natureza. Na minha infância, ao lado do fogão à lenha em quanto a ensinava o desenho de seu nome, me dizia que o único caminho para a transformação se dá pela educação: “minha filha, estuda”.

À minha mãe, Maria Doralina, que me ensinou a problematizar o papel da mulher em uma sociedade voltada para homens.

AGRADECIMENTOS

Ao prof. Dr. José Rogério Lopes por contribuir, de maneira significativa, à elaboração deste estudo apresentando outras possibilidades de olhar o mundo cotidiano dos atores sociais.

À professora Dra. Maria Angélica Zubaran pelo estímulo, sempre de forma elegante, em continuar a trajetória de estudos acadêmicos e a honra de tê-la na banca de defesa.

Aos professores participantes da banca de defesa ao apresentarem aportes à tese: Dr. José Luiz Bica de Mélo; Dr. Rodrigo Manoel Dias da Silva; Dr. André Luiz da Silva;

Aos colegas do grupo de Laboratório de Políticas Culturais e Ambientais: Gestão e Inovação (<https://www.facebook.com/Lapcab/>) por compartilhar seus estudos nas reuniões de grupo contribuindo para ampliar o conhecimento sobre os grupos e comunidades pesquisadas.

Ao colega Adimilson Renato da Silva por ser um ouvinte atento, trazendo questionamentos e dialogando sobre as questões que surgiram durante a trajetória de investigação da tese.

A colega Anelise Fabiana Paiva Schierholt pela parceira e companheirismo.

Aos amigos dos sítios que abriram seus lares colaborando para a produção desta tese. Em especial Silvana e Guinha (Sítio Capororoca), Tio Juca e Dona Ivone (Sítio Tio Juca), Dodô e Vera (Sítio Herdeiros), Vasco e Karen (Granja Santantonio).

RESUMO

A tese investiga os processos de atribuição de significados e sentidos às propriedades, à natureza e aos produtos vinculadas ao turismo rural de Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul – Brazil, na trajetória de transformação desses bens para uso do turismo. O corpus de análise compõe-se de quatro empreendimentos ligados a projetos de turismo agroecológico na zona sul do município de Porto Alegre: “Sítio Tio Juca”, “Sítio Herdeiros”, “Sítio Capororoca”, “Granja Santantonio”. O critério de escolha desses empreendimentos decorre das relações sociais de vizinhança e parentesco e por que iniciaram o projeto *Caminhos Rurais de Porto Alegre* como sócios fundadores da associação POARURAL. Trata-se de uma abordagem que se desenvolve na perspectiva metodológica da Análise Situacional, de Van Velsen (1987), e da perspectiva fenomenológica de Alfred Schutz (1979), em que se busca transitar de forma interdisciplinar por diversas áreas do conhecimento articulando diálogos, em particular: Turismo Rural, Patrimônio Cultural, Cidadania. Os resultados se direcionam a ideia de que o processo de produção do projeto *Caminhos Rurais* gera simultaneidades que produzem referentes de novos projetos e correspondências. Ao se organizarem em grupo na constituição de um produto turístico para Porto Alegre, esses atores acabam negociando identidades e promovendo novas ações de cidadania e passam a assumir diversas identidades. Observou-se a produção de uma “cultura agroecológica”, devido aos sentidos e intercâmbio de significados que ali são produzidos sobre a natureza, a paisagem, a agroecologia, os modos de vida. Na medida em que amplia o conceito de pedagogia pode-se intuir que os sítios produzem “agroecopedagogias”. Ao se posicionarem em uma “cultura agroecológica”, as lideranças avançam e problematizam o espaço em que estão inseridas propondo lógicas coletivas de ação que tratam de outras formas de fazer econômico, político, social e ambiental e possibilitam uma gestão participativa que estimula o debate horizontal fortalecendo a autonomia, a cooperação e os laços de sociabilidade entre associados e colaboradores do projeto. Esses atores se articulam a outros coletivos que empreendem propostas semelhantes e que buscam salvaguardar a paisagem, a natureza, a história e cultura locais em uma tentativa de minimizar os impactos que os programas de políticas públicas habitacionais trazem para a zona sul de Porto Alegre.

Palavras-chave: Turismo agroecológico. Patrimônio cultural. Pedagogias culturais. Vivências.

ABSTRACT

The thesis investigate the processes of attribution to the properties, nature and products associated to the rural tourism of Porto Alegre city, capital of Rio Grande do Sul State – Brazil, in the transformation journey of these assets into public patrimony and heritage for tourism purposes. The analysis corpus consists of four initiatives linked to agro-ecological tourism projects in the far south of the city: “Sítio Tio Juca”, “Sítio Herdeiros”, “Sítio Capororoca” and “Granja Santantonio”. The selection criteria of these sites derive from two main aspects: the neighborhood and kinship social relationships and the fact they started the project named Rural Paths of Porto Alegre (“Caminhos Rurais de Porto Alegre”) as founding members of the POARURAL association. It is an approach developed in the methodological perspective of Van Velsen’s Situational Analysis (1987) and in the phenomenological perspective of Alfred Schutz (1979), in which the purpose is to transit through and understand various areas of knowledge in a n interdisciplinary way, coordinating and strengthening dialogues, especially the Rural Tourism, Cultural Heritage and Citizenship. The results point to the idea that the product process of the Rural Paths project generate simultaneities that produce references for new projects and correspondences. By organizing themselves as a group in the constitution of a tourism product for Porto Alegre, these players end up negotiating identities and promoting new citizenship actions and turn to assume several identities. It was observed the formation of a agro-ecological culture due to the meanings and the exchange of these meanings about nature, landscape, agro-ecology and ways of life that are produced there. Extending the concept of pedagogy it is possible to intuit that these sites produce “agro-eco-pedagogies”. By positioning themselves in an "agro-ecological culture", the leaders advance and problematize, enquire the space in which they are inserted proposing collective logics of action that deal with other forms of economic, political, social and environmental making and allow a participative management that stimulates the horizontal debate strengthening the autonomy, cooperation and the bonds of sociability among associates and collaborators of the project. These players or actors articulate themselves with other groups that have similar proposals and seek to preserve the landscape, nature, history and local culture in an attempt to minimize the impacts that public housing programs bring to the southern area of Porto Alegre city.

Keywords: Agro-ecological Tourism, cultural Heritages, Cultural pedagogies, Life Experiences.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Reunião Fórum do Extremo Sul	61
Figura 2 - Área tradicional de Cultivo de hortaliças ao lado dos novos condomínios	61
Figura 3 - Desmatamento para novos empreendimentos	62
Figura 4 - Empreendimento imobiliário em processo de construção	62
Figura 5 - Associados POARURAL	68
Figura 6 - Consolidação da Capacitação de.....	72
Figura 7 - Convite para o evento	72
Figura 8 - Produto - Piquenique Rural	73
Figura 9 - Dia Mundial do Turismo (PUC/RS)	73
Figura 10 - Canapés com pétalas de Sininho	74
Figura 11 - Buquê de Capuchinhas.....	74
Figura 12 - Folder Sítio do Mato	76
Figura 13 e 14 - Capela Nossa senhora de Belém e Casario	77
Figura 15 - Localização dos empreendimentos.	77
Figura 16 - Empreendimentos em estudo.....	78
Figura 17 - Sítio Tio Juca.....	79
Figura 18 - “Passeio ao Sítio Tio Juca”	81
Figura 19 - Patrola	81
Figura 20 e 21 - Editorial J-Resistência ao Verde.....	82
Figura 22 - Capa Manuela	82
Figura 23 e 24 - Materiais de divulgação do Sítio	82
Figura 25 e 26 - Grupo Ecológico Herdeiros	83
Figura 27 - Banco de sementes de Dodô.....	85
Figura 28 - Seleção de sementes na horta	85
Figura 29 - Práticas de agroindústria.....	85
Figura 30 - Cozinha da Vera (agroindústria).....	85
Figura 31 - Blog Sítio Capororoca.....	86
Figura 32 - Página do Sítio Capororoca no <i>facebook</i>	87
Figura 33 - Cervejaria <i>Hund Bier</i>	88
Figura 34 - Capuchinha Coquetéis Naturais.....	89
Figura 35 - Horta Alegre-Clube Orgânico	89
Figura 36 - Granja Santantonio	90

Figura 37 - Visita a Granja Santantonio.....	92
Figura 38 - Tipos de culturas do sítio	92
Figura 39 - História sobre Dona Mimi.....	92
Figura 40 - Livros da culinária Mimi Moro.....	92
Figura 41 - Atores pesquisados	94

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 ARCABOUÇO TEÓRICO METODOLÓGICO: GUIAS DE VIAGEM	19
2.1 A VIAGEM COMO PRODUTORA DE EXPERIÊNCIAS	19
2.2 CULTURA, REPRESENTAÇÃO E IDENTIDADES	30
2.3 PATRIMÔNIO CULTURAL	40
2.4 PERSPECTIVA TEÓRICO-METODOLÓGICA	46
3 CAMINHOS DA INVESTIGAÇÃO	57
3.1 A ZONA SUL É TUDO DE BOM?	57
3.2 O PROJETO CAMINHOS RURAIS DE PORTO ALEGRE	65
3.3 PROJETOS DE TURISMO AGROECOLÓGICO.....	79
3.3.1 Sítio Tio Juca.....	79
3.3.2 Sítio Herdeiros.....	83
3.3.3 Sítio Capororoca.....	86
3.3.4 Granja Santantonio.....	89
3.3.5 Sujeitos, Atores Pesquisados	94
4 A AVENTURA DE PESQUISAR: ALGUNS ACHADOS PROVISÓRIOS	97
4.1 DESLOCAMENTOS AO EXTREMO SUL DE PORTO ALEGRE	97
4.2 VIVÊNCIAS NOS CAMINHOS RURAIS.....	110
4.2.1 Experiências em Projetos: Turismo e Agroecologia	113
4.2.2 Práticas e Posicionamento Político-Sócio-Ambiental.....	128
4.2.3 Projetos e Emoções.....	132
4.2.4 Pedagogias Culturais do Turismo Agroecológico	136
4.2.4.1 Formas de Fazer: “a minha caneta não tá no caderno, tá na terra”	136
4.2.4.2 Formas de Fazer: “Eu não caminho com os pés, eu caminho com os olhos”	141
4.2.4.3 Aprendendo a “viver como as pessoas vivem”	148
4.2.5 Vamos Fazer Feira!!! Porque hoje é Sábado!!!!.....	157
4.2.6 Educar para Atenção	161
5 TECENDO O CAMINHO DE VOLTA	167
REFERÊNCIAS	171
ANEXO A - SITE CAMINHOS RURAIS	181

1 INTRODUÇÃO

O estudo desta tese investiga e centra-se em quatro empreendimentos ligados a projetos de turismo agroecológico localizados na Zona Sul do município de Porto Alegre: Sítio Tio Juca, Sítio Herdeiros, Sítio Capororoca e Granja Santantonio. Esses empreendimentos envolvem relações sociais de vizinhança e também uma relação de parentesco entre eles. O projeto *Caminhos Rurais* de Porto Alegre é constituído por empreendedores¹ de onze bairros do município de Porto Alegre ligados à Associação Porto Alegre Rural (POARURAL). Os quatro sítios em estudo iniciaram o projeto Caminhos Rurais de Porto Alegre no núcleo de Turismo Rural na mesma época em que se tornaram sócios fundadores da associação POARURAL. O objetivo do projeto é desenvolver atividades de turismo alinhadas ao associativismo e o protagonismo dos atores.

Tais empreendimentos desenvolvem atividades turísticas que privilegiam o convívio com a natureza, no que diz respeito à valorização da paisagem, à história e à cultura e da produção agroecológica local. Salienta-se que esses produtores estão constantemente na mídia e exercem um papel de disseminadores e divulgadores da cultura agroecológica ao mesmo tempo em que são reconhecidos como lideranças políticas, pois atuam em diversos projetos ligados a sua atividade fim que é a agroecologia.

A pesquisa busca articular diálogo com diferentes áreas do conhecimento, em particular, do Turismo Rural, Patrimônio Cultural e Cidadania. Trata-se de uma abordagem que se desenvolve na perspectiva metodológica da Análise Situacional, segundo estudos de Van Velsen (1987) e também da perspectiva fenomenológica de Alfred Schutz (1979).

Algumas questões são relevantes para discussão e análise nessa pesquisa, a saber:

- *Que sentidos, valores e significados estão sendo atribuídos pelos especialistas em turismo e pelos proprietários dos empreendimentos rurais, às suas propriedades rurais, à natureza e aos produtos produzidos, na trajetória de transformação desses bens em patrimônios públicos para uso do turismo?*
- *Como estão sendo constituídos sistemas de representação sobre a “Porto Alegre Rural” a partir dos diversos olhares vinculados aos Caminhos Rurais?*

¹ O termo empreendedor é amplamente difundido nas áreas de gestão, administração de empresas, turismo, consultorias do Sistema S. O sentido dado, nesta tese, é o de pessoas ou grupos que desenvolvem atividades, ideias, agregam valor, identificam oportunidades e as transformam em negócio.

- *Como estão sendo negociadas as identidades entre os atores sociais envolvidos no projeto Caminhos Rurais?*
- *Que novas identidades e modalidades de cidadania emergem no contexto do roteiro turístico Caminhos Rurais de Porto Alegre?*

A tese se relaciona à Linha de Pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Unisinos, *Identidades e Sociabilidades*, uma vez que investiga as demandas por reconhecimento identitário e de cidadania dos atores sociais inseridos no roteiro turístico *Caminhos Rurais de Porto Alegre*.

Nesse contexto, elaboraram-se os seguintes objetivos:

Objetivo geral:

Investigar os processos de atribuição de significados e sentidos às propriedades, à natureza e aos produtos vinculadas ao turismo rural de Porto Alegre, na trajetória de transformação desses bens para uso do turismo.

Objetivos específicos:

- a) Descrever e caracterizar as lógicas de atribuição de sentido às propriedades rurais, à natureza e aos produtos vinculados ao turismo rural, no roteiro turístico *Caminhos Rurais de Porto Alegre*;
- b) Identificar as representações mais recorrentes sobre o rural no roteiro turístico *Caminhos Rurais de Porto Alegre* e,
- c) Analisar os processos identitários que emergem nas negociações dos empreendedores rurais e as novas modalidades de cidadania que estão sendo construídas no roteiro turístico dos *Caminhos Rurais de Porto Alegre*.

A tese desenha-se a partir da incursão pelas disciplinas desenvolvidas no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS), da Universidade do Vale do Rio do Sinos (UNISINOS), em pesquisas desenvolvidas durante o mestrado² da pesquisadora, seguidas de experiências anteriores em projetos de turismo somadas a motivações pessoais e particulares.

A participação da pesquisadora no projeto *Laboratório de Políticas Culturais e Ambientais no Brasil: gestão e inovação*³ foi fundamental a contribuição para ampliar a percepção sobre os processos sociais gerados por coletividades, assim como os agenciamentos

² A dissertação de mestrado da autora foi realizada no Mestrado em Educação na perspectiva dos Estudos Culturais, na Universidade Luterana do Brasil-ULBRA.

³ Laboratório de Políticas Culturais e Ambientais no Brasil: gestão e inovação (LapCAB, 2017).

identitários produzidos por estes grupos na contemporaneidade, na forma de projetos que combinam referentes culturais e ambientais.

O estudo do turismo é desafiador por tratar-se de um campo de saberes interdisciplinar envolvendo a articulação com outras áreas do conhecimento. Miriam Rejowski, ao tratar da pesquisa científica em turismo, argumenta que se utiliza de métodos e técnicas de várias disciplinas entre elas a Economia porque busca analisar as políticas turísticas e os efeitos produzidos pelos turistas; a Sociologia que investiga as interações entre os visitantes e visitados; a Psicologia ao pesquisar as motivações, personalidades e percepções; a Geografia que se ocupa do impacto dos movimentos turísticos e seu impacto; a Antropologia que se interessa “pelas diferentes formas de compreensão das viagens por parte da comunidade anfitriã”. Também “se preocupa com os efeitos que as mesmas provocam no comportamento das populações receptoras e emissoras, bem como com a interação social e com as relações interpessoais em diferentes situações e contextos”. (JAFARI; RITCHIE *apud* REJOWSKI, 1996, p. 20).

Rejowski (1996) assinala que outras disciplinas, tais como Arqueologia, Letras, História, Ciência Política, Direito, Arquitetura, Administração, Recreação, Comunicação, Saúde Pública e Medicina contribuem para a compreensão do turismo. No contexto, a autora aborda que “o estudo do turismo vem despertando o interesse de várias áreas do conhecimento no meio acadêmico sugere que sua compreensão requer o envolvimento de um sem-número de disciplinas”. (REJOWSKI, 1996, p. 20).

Margarita Barreto (2003), em “*O Imprescindível Aporte das Ciências Sociais para o Planejamento e a Compreensão do Turismo*”, apresenta a produção das ciências aplicadas no estudo sobre o turismo e sua relevância para compreensão desta disciplina. A autora destaca a produção antropológica de Dennison Nash (1996), *Anthropology of Tourism*, nos Estados Unidos, Burns na Inglaterra (2002), Bauducci Jr (2001) e Steil (2002), no Brasil. Na Sociologia, apresentam os estudos de Francisco Jurdao Arrones, *Los Mitos do Turismo* (1992), Hans Joachim Knebel (1974), *Sociologia do Turismo*, Jost Krippendorf (2001), *Sociologia do Turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens*, John Urry (1990), *O Olhar do Turista*, Cris Rojek e John Urry (1997), *Touring Cultures: Transformations of Travel and Theory*, entre outros que contribuíram para o estudo do turismo em diversas áreas de saberes.

Nesse sentido, ressalta-se a relevância das Ciências Sociais para o estudo do fenômeno turístico em comunidades que desenvolvem projetos de turismo agroecológico e que privilegiem a manutenção da paisagem, a agro-sócio-bio-diversidade, o consumo ético e

sustentável. Assim, propõe-se pensar o mundo da vida⁴ desses empreendedores ao desenvolverem projetos de turismo agroecológico na zona sul de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

Talvez tenha sido as motivações pessoais da pesquisadora desta tese que tenham sinalizado o caminho para ingressar no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais na UNISINOS ou, quem sabe ainda, a *situação biográfica* da autora (Schutz).

A trajetória profissional da autora encontra-se entrelaçada com projetos ligados ao turismo rural. Desde a graduação, os projetos dela envolviam o desenvolvimento de propostas de turismo em áreas rurais e urbanas, sempre com intuito de interligá-las. Com a disciplina de Planejamento Público do Turismo (Curso de Turismo na PUC/RS), com alguns colegas de graduação, sob a orientação da professora Norma Martini Moeshe, esse grupo subia Serra Gaúcha todos os finais de semana a fim de que se realizasse o Inventário e Diagnóstico Turístico do município de Nova Petrópolis. A proposta de roteiro turístico desenvolvida por este grupo de alunos resulta na Rota Enxaimel⁵, cujo objetivo era de revitalizar e valorizar as casas em estilo Enxaimel, buscando se apoiar na memória de seus moradores e familiares, em 1999.

Em uma viagem de estudos à Espanha, a pesquisadora realizou uma especialização na *Escuela de Turismo*, em Madrid. Na ocasião, surgiu oportunidade para conhecer os projetos de turismo rural em Galícia e a participar de eventos voltados ao desenvolvimento deste tipo de turismo no país, em 2000.

No Brasil, em 2003, como consultora, a autora presta serviços ao SEBRAE, constituindo-se um espaço de aprendizagem. Ela conheceu ali vários empreendimentos rurais e projetos de turismo rural no Rio Grande do Sul. São eles: Bom Jesus, Guarani das Missões, Butiá, Palmares do Sul, Mostardas, Terra de Areia que, na época, ela se encontrava em regime de sócia cotista da Cooperativa de Formação e Desenvolvimento do Produto Turístico (COODESTUR).

Tais caminhos como consultora e prestadora de serviços do *Sistema S* a levaram a ingressar, em 2005, no Projeto de Turismo Rural do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR). Nesse projeto, o módulo *Acolhida no Meio Rural* se organizava com uma colega

⁴ Mundo da Vida (mundo da vida cotidiana): “a esfera total das experiências de um indivíduo, a qual é delimitada pelos objetos, pessoas e eventos encontrados na busca dos objetivos pragmáticos do viver” (SCHUTZ, 1979, p. 314).

⁵ Enxaimel: trata-se de um estilo de construção arquitetônica. O município de Nova Petrópolis no Rio Grande do Sul possui diversas casas neste estilo de construção, com uma estrutura em madeira que encaixava-se sem a utilização de pregos, facilitando o desmonte de um local provisório para outro de moradia fixa das famílias que receberam terras para cultivar na Serra Gaúcha.

dela da COODESTUR. A técnica de intervenção, aplicado pelas consultoras, envolvia uma dinâmica em que dividiu-se em dois grupos de empreendedores na Zona Sul de Porto Alegre com interesse em desenvolver projetos de turismo rural. Nesta dinâmica realizou-se a etapa de acolhida que fazia parte de um dos módulos do Programa de Turismo Rural do SENAR-RS. As atividades de dinâmicas, incluindo o “mutirão” foram realizadas nos sítios: Capororoca, Santantonio, Herdeiros e Tio Juca. Neste período objetivou-se além do aprofundamento nas práticas de acolhida, o conhecimento dos empreendimentos vizinhos e parcerias começaram a ser formadas.

Desde aquela época, desenvolve-se algum tipo de atividade com esses empreendimentos: visitas realizadas com alunos da disciplina de Marketing de Varejo e Serviços aplicando pesquisas na Feira Agroecológica da José Bonifácio, no município de Porto Alegre; visitas às propriedades com pessoas interessadas em conhecer a forma de vida nesses empreendimentos; participação em oficinas e vivências; atualmente acompanhamento a reuniões da associação POARURAL; participação como associada das reuniões e eventos da associação RAMA, como beneficiária⁶ de produtos agroecológicos e finalmente como pesquisadora e amiga⁷.

A partir do contato com os empreendedores, surgiu a motivação em realização da dissertação de mestrado (2009/1-2010/2), com o roteiro *Caminhos Rurais de Porto Alegre*, cujo título *Pedagogias do Turismo Rural e Patrimonialização da Natureza: uma análise Cultural dos Caminhos Rurais de Porto Alegre*⁸. Assim, a pesquisadora buscou “investigar discursos e as representações culturais mais recorrentes sobre a natureza e o rural nos diversos artefatos culturais produzidos no roteiro turístico *Caminhos Rurais de Porto Alegre* e os possíveis ensinamentos que esses artefatos culturais disseminam na cultura”⁹.

⁶ O termo “beneficiário” é utilizado em vez de consumidor. Alguns anos atrás em uma visita à propriedade de Geraldo (Barra do Ribeiro) que produz arroz orgânico informou ao grupo de visitantes que o produto orgânico traz benefícios à saúde e, portanto não poderia chamar seu cliente de “consumidor”, pois para ele o sentido da palavra “consumo” traz conotações negativas ligadas ao um movimento de compras sem refletir sobre os processos que envolvem a produção de terminado produto. Assim, a ideia de “beneficiário” traz uma noção de posicionamento político que busca um comércio ético, justo e sustentável. Para Geraldo o produto orgânico traz benefícios para o produtor, seus familiares e também para os seus clientes. Nesta lógica, encontram-se inseridas as posições políticas destes agricultores e de seus beneficiários. Assim, também o ato de comprar torna-se um ato político. A ideia de “consumo cidadão” está presente na abordagem de Yúdice (2004) que trata a compra de mercadorias como um ato político.

⁷ Cultivo uma amizade de longa data com estes empreendedores, o que por um lado pode trazer alguns riscos como pesquisadora, tendo em vista que meu olhar pode estar marcado pelas experiências já vividas ao lado deles. Por outro lado, a convivência de longa data permitiu a construção de laços de confiança e respeito mútuo contribuindo para uma melhor inserção no campo de pesquisa.

⁸ Rodrigues (2011).

⁹ Rodrigues (2011).

Os caminhos percorridos no âmbito acadêmico, profissional e pessoal constituíram uma bagagem de experiências que, conforme Dewey (1971) assinala, trata-se de um “*continuum* experiencial”. Para Dewey (1971, p. 26), “toda a experiência modifica quem a faz e por ela passa e a modificação afeta, quer queiramos quer não, a qualidade das experiências subsequentes, pois é outra, de algum modo, a pessoa que vai passar por essas novas experiências”.

Nessa tese, propõem-se aproximações com os empreendedores de turismo rural que envolva experiências qualificadas tal qual trata orienta Dewey (1971). As atividades sejam elas eventos e cursos, o contato com outras pessoas e culturas, as viagens, os teóricos escolhidos, as leituras e discussões em disciplinas deste programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais constituem experiências que produzem efeitos positivos, ou seja, um “*continuum* experiencial”. (DEWEY, 1971). As experiências qualificadas produzem valor educativo, assim “cada experiência atua em certo grau sobre condições objetivas em que decorrerão novas experiências”. (DEWEY, 1971, p. 28).

Sendo assim, a bagagem que sustenta e aprofunda experiências anteriores marcam também a forma de olhar o mundo, de interpretá-lo, tornando as pessoas “mais sensíveis e receptíveis a certas condições e relativamente imune a outras circunstâncias do meio que lhes seriam estimuladoras, fosse outra a sua escolha”. (DEWEY, 1971, p. 28).

Tais experiências também marcam a trajetória dos sujeitos pesquisados que, ao longo de quinze anos, desenvolveram diversas atividades, entre elas o turismo. Há um contato com uma diversidade de pessoas (professores, estudantes, turistas, especialista em turismo, técnicos extensionistas, entre outros), que participaram de eventos, implantaram projetos, engajaram-se em novos projetos, mas também se desligaram de outros por diversas razões. Estes diversos contatos produziram experiências de tal forma que as experiências anteriores produziram conteúdos educativos ou deseducativos que influenciaram as experiências posteriores.

O entendimento das experiências vivenciadas na formação de sensibilidades e estímulos produzidos são produtores de novas percepções e possibilitam pensar que, também as análises e interpretações realizadas por esta pesquisadora, estão marcadas pelas suas experiências de trajetória de vida. A partir desse escopo, tais referências a levam às escolhas de métodos e teóricos influenciados por experiências em sua trajetória acadêmica, profissional e pessoal. Assim, caso mude o pesquisador, o olhar sob o objeto também mudará, suas escolhas de teóricos e métodos podem ser outras e as interpretações poderiam tomar novos caminhos, novos rumos para a investigação. Como assinala Costa (2007, p. 151) “a verdade

ou as verdades são deste mundo. Suas descobertas, embora importantes, é parte de uma rede em que muitas pessoas estão trabalhando, pensando contribuindo”.

Ao selecionar o projeto *Caminhos Rurais de Porto Alegre* na perspectiva dos quatro empreendedores apresenta-se como desafio um lócus investigativo que não se encontra delimitado entre fronteiras fixas. Trata-se de um campo fluido, em movimento, em que os fluxos de deslocamentos de turistas, visitantes, estudantes, entre outros, em contato com seus anfitriões (empreendedores dos *Caminhos Rurais*) produzem experiências diversas. Salienta-se que o projeto é constituído de um coletivo de atores que se encontra interligado, produzindo identidades e representações. Assim, as propriedades, as pessoas, as paisagens, os animais, as plantas, as imagens, técnicas e tecnologias constituem o coletivo projeto *Caminhos Rurais* de Porto Alegre.

O caminho a ser seguido na tese percorre os passos de outras produções que deixaram algumas pistas, contribuindo para a produção científica sobre o tema. Assim, realizar um levantamento sobre as dissertações e teses de doutorado na área das Ciências Sociais, direcionadas ao tema de pesquisa, foi importante, pois permitiu que o pesquisador se atualizasse quanto aos estudos realizados no campo. Por outro lado, as produções servem também como pistas deixadas pelos exploradores cientistas sociais que precedem esta proposta de tese de doutorado, no sentido que servem como caminhos para novas descobertas sobre conceitos teóricos e possibilidades de pensar categorias de análise, metodologias, estrutura de texto, entre outras possibilidades.

Nas palavras de Tuan (1983, p. 11), “para experienciar no sentido ativo, é necessário aventurar-se no desconhecido e experimentar o ilusório e o incerto. Para se tornar um expert no assunto, cumpre arriscar-se a enfrentar os perigos do novo”, inspiram a traçar o caminho a se aventurar, a arriscar-se com um tema é estudado em diversas perspectivas e que envolve dialogar com diversas áreas do conhecimento. Além disso, o desafio envolve posicionar-se em uma perspectiva em que o pesquisador se movimenta pelas fronteiras dos saberes, permitindo-se compreender que:

A experiência é constituída de sentimento e pensamento. O sentimento humano não é uma sucessão de sensações distintas; mais precisamente a memória e a intuição são capazes de produzir impactos sensoriais, de modo que poderíamos falar de uma vida do sentimento, como falamos de uma vida do pensamento. [...] estão próximos às duas extremidades de um *continuum* experiencial, e ambas são maneiras de conhecer. (TUAN, 1983, p. 11, grifo do autor).

Nesse sentido, destaca-se a dissertação de mestrado de Beatriz Paulus (2009), “*O Cotidiano no Vale do Vinhedo: uma compreensão a partir das representações sociais*”, que buscou investigar “as representações sociais através do discurso e das práticas de seus agentes, situações que contribuem na formação sócio, cultural, política e econômica que reproduzem as desigualdades entre os atores sociais posicionados no Vale”. Neste estudo, Paulus (2009) trata da categoria “agentes sociais” como úteis também para este projeto de doutorado. A autora esclarece, inicialmente, em sua proposta metodológica quais são estes agentes sociais e como realizará a pesquisa de campo.

Também o estudo de Rodrigo Toniol (2012), *No Rastro das Caminhadas: Etnografia de uma Política de Turismo Rural no Vale do Ivaí, Paraná*, no campo da Antropologia parece que vem ao encontro dessa pesquisa. O estudo tem como foco a política pública instituída pelo Estado do Paraná, que apresenta ações voltadas à questão ambiental. Trata-se da promoção de caminhadas institucionalizadas pelo poder público, a partir de “um projeto que tem como objetivo o fortalecimento do turismo rural e da agricultura familiar em municípios de vocação agrícola nesse Estado”. Toniol (2012) privilegia os caminhantes e o modo pelo qual experimentam a caminhada na natureza. Na pesquisa, novas pistas foram encontradas e que são importantes para este projeto de doutorado. Uma delas refere-se ao grupo interdisciplinar *SobreNaturezas*, gerido por Carlos Alberto Steil e Isabel Cristina de Moura Carvalho. Outra contribuição refere-se à produção de um *idioma ambiental* produzido fora do contexto do ecológico.

Também, a ideia de que os agentes produzem mudanças no contexto social dos agricultores, a partir da implantação do projeto *Caminhadas na Natureza*, mostra-se como ocorreram mudanças relacionadas aos modos ver a paisagem e a valorização do local por parte dos visitantes e visitados. O autor destaca que o ato de caminhar é o “elemento central da própria constituição do modo como os sujeitos engajam-se no mundo e, assim, terminam forjando suas relações com as paisagens por onde caminham”. (TONIOL, 2012, p. 141).

A tese de doutorado, *Políticas Públicas em Cidades Turísticas Brasileiras: Um Estudo Sobre as Técnicas de Vida Contemporânea*, de Rodrigo Manoel da Silva (2012), apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UNISINOS proporcionou importantes contribuições no entendimento das temáticas relacionadas às políticas culturais e de turismo. O autor realizou uma investigação de cunho analítico histórico, a fim de compreender as mudanças ocorridas nas políticas culturais e de turismo, desde os anos 1930 aos atuais. A escolha por realizar uma análise histórica traz importantes reflexões e que proporcionam ao leitor um entendimento sobre os jogos de forças e os novos ordenamentos institucionais em

um contexto instável nas políticas culturais governamentais. A seleção do autor por realizar uma trajetória dos atores envolvidos nos projetos culturais, constituem importantes textos de análise de suas narrativas. A tese também contribui com pistas que trazem alguns conceitos importantes para esta proposta: técnicas de vida, agenciamento cultural de Estado, agenciamento cultural individual, cidadania.

Diante do exposto, a presente tese é intitulada de *Deslocamentos à zona sul de Porto Alegre, RS: experiências em turismo agroecológico*. Na pesquisa, há uma divisão interna envolvendo quatro capítulos a seguir comentados.

No primeiro capítulo, encontra-se a *Introdução* em que se apresenta, de forma geral, o desenvolvimento da pesquisa, o tema e a delimitação; perspectiva de estudo e método, o problema de pesquisa e os objetivos gerais e específicos, bem como a trajetória acadêmica e profissional da pesquisadora.

No segundo capítulo, cujo título é *Arcabouço teórico metodológico: guias de viagem*, busca-se apresentar a perspectiva em que se insere a tese e as ferramentas teóricas selecionadas. Na seção há quatro itens, a saber: no 2.1, “*A Viagem como Produtora de Experiências*” há um diálogo com alguns teóricos que discutem as noções de viagem e deslocamentos como produtoras de experiências; na seção 2.2, “*Cultura, Representação e Identidades*”, aborda-se o conceito de “cultura” e “representação” a partir da noção de Stuart Hall (1997), Henry A. Giroux e Peter L. McLaren (1995). Também se trata do conceito de “identidade” visto da perspectiva de Woodward (2007), Silva (2005), Hall (1997). A partir de Silva (2007) tratou-se do conceito de “pedagogias culturais”; na seção 2.3, “*Patrimônio Cultural*”, toma-se como referência Nestor Garcia Canclini (1994), José Reginaldo Gonçalves (2002, 1996, 1988), Maria Tereza D. P. Luchiari (2007, 2005), Pedro Paulo Abreu Funari e Sandra C. A. Pelegrini (2008, 2006), pois há interesse em discutir o conceito de “Patrimônio Cultural” e as possíveis articulações entre o patrimônio natural e histórico com o turismo rural; na seção 2.4, “*Perspectiva Teórica Metodológica*” apresentam-se os procedimentos de pesquisa. Trata-se de uma *Análise Situacional*, proposta de VanVelsen (1987).

No terceiro capítulo, cujo título é “*Caminhos da Investigação*”, divide-se em seções, a saber: a seção 3.1, “*A Zona Sul é Tudo de Bom!*” apresenta-se a contextualização da situação atual e os conflitos e tensões que se tecem na malha urbana do município de Porto Alegre, em específico as políticas direcionadas à exploração imobiliária na região; a seção 3.2, “*O Projeto Caminhos Rurais de Porto Alegre*” trata do escopo do projeto *Caminhos Rurais*, sua localização e atores envolvidos no projeto; na seção 3.3, “*Projetos de Turismo Agroecológico*” apresentam-se os quatro empreendimentos e atores selecionados para este

estudo. Os empreendimentos escolhidos pertencem ao núcleo inicial de turismo rural do projeto *Caminhos Rurais de Porto Alegre* e fazem parte da trajetória histórica deste projeto.

No quarto capítulo, “*A Aventura de Pesquisar: alguns achados provisórios*”, há duas seções. Na seção 4.1, “*Deslocamentos ao Extremo Sul de Porto Alegre*” faz-se uma descrição do deslocamento realizado com o produto “Domingo no Campo”. Na seção 4.2, “*Vivências nos Caminhos Rurais*” trata-se de apresentar as vivências que foram desenvolvidas nos sítios em estudo, as análises realizadas com as entrevistas e alguns resultados provisórios.

No quinto capítulo, “*Tecendo o Caminho de Volta*” busca-se apresentar algumas considerações finais sobre o que foi produzido nesta tese, ou seja, são as finalizações dessa pesquisa.

2 ARCABOUÇO TEÓRICO METODOLÓGICO: GUIAS DE VIAGEM

Neste capítulo apresenta-se a perspectiva em que se insere essa pesquisa de tese bem como as ferramentas teóricas selecionadas para o estudo. O trabalho busca articular e tecer diálogos com várias áreas do conhecimento, em particular do Turismo Rural, do Patrimônio Cultural e da Cidadania. A fim de que se elabore um arcabouço teórico para o projeto, apresenta-se a seguir as próximas seções.

Na seção 2.1, “*A Viagem como Produtora de Experiências*”, há diálogos com alguns teóricos que discutem as noções de viagens e deslocamentos como produtores de experiências. Também se salienta que esses espaços possuem “alma” e estão constituídos por diversos aspectos incluindo os atores, a paisagem e o entorno, modos de vida, saberes e fazeres. No trajeto para a pesquisa, há um deslocamento por diversos bairros do município de Porto Alegre (re) descobrindo-se novos sentidos para o fazer turístico, seja residente, seja visitante, a possibilidade em desfrutar a partir do olhar dos atores visto que há pequenas nuances que a viagem proporciona.

Na seção 2.2, “*Cultura, Representação e Identidades*”, aborda-se o conceito de “cultura” e “representação” a partir da noção de Stuart Hall (1997), Henry A. Giroux e Peter L. McLaren (1995). Trata-se, também, do conceito de “identidade” sob a perspectiva de Woodward (2007); de Silva (2005) que trata do conceito de “pedagogias culturais” e Hall (1997).

Na seção 2.3, “*Patrimônio Cultural*”, toma-se como referência Nestor Garcia Canclini (1994), José Reginaldo Gonçalves (2002, 1996, 1988), Maria Tereza D. P. Luchiari (2007, 2005), Pedro Paulo Abreu Funari e Sandra C. A. Pelegrini (2008, 2006), pois há interesse em discutir o conceito de “Patrimônio Cultural” e as possíveis articulações entre o patrimônio natural e histórico com o turismo rural.

Na seção 2.4, “*Perspectiva Teórico Metodológica*”, apresentam-se os procedimentos de pesquisa, visto que se trata de uma *Análise Situacional* proposta por VanVelsen (1987).

2.1 A VIAGEM COMO PRODUTORA DE EXPERIÊNCIAS

Nessa seção, *A Viagem como Produtora de Experiências*, investe-se em um diálogo com alguns teóricos que discutem as noções de viagens e deslocamentos como produtores de experiências. Trata-se, também, dos espaços que possuem “alma”, constituídos por diversos aspectos incluindo os atores, a paisagem e o entorno, modos de vida, saberes e fazeres. Nesse

caminho, há um deslocamento envolvendo diversos bairros do município de Porto Alegre (re)descobrimo-se novos sentidos para o fazer turístico, seja residente ou visitante, cuja possibilidade em desfrutar os locais entende-se a partir do olhar dos atores, pequenas nuances que a viagem proporciona.

Trigo destaca que a relação do ser humano com as viagens é bastante antiga, “data dos tempos do nomadismo e das primeiras viagens épicas ou de peregrinação em busca de conhecimento”. (TRIGO, 2010, p. 21). Para o autor, os primeiros relatos de uma viagem retomam o mito babilônico de Gilgamesh (1900 a.C), ou seja, um jovem rei que, em suas viagens, deixa de “ser um predador de seu povo para se tornar seu pastor e protetor”. As viagens “desde a Odisseia até Jasão e seus argonautas” provocam perigos e as maravilhas que encantaram as pessoas. (TRIGO, 2010, p. 21).

O ato de viajar possibilita diversas experiências tanto para os residentes de um município quanto para o visitante. Essas experiências podem ser voltadas, por exemplo, ao lazer, ao estudo e aos negócios. O termo “viagem” pode estar associado ao produto turístico, porém, conforme assinala Labate (2000, p. 56), não se reduz ao turismo, mas se constitui em “seu principal paradigma social e sociológico atual”. Labate, quando menciona a ideia de viagem em suas acepções reais ou imaginárias e a relação na sedimentação de admiração à fantasia humana, compõe tamanha diversidade de experiências semelhantes àquelas obtidas pelos “antropólogos dos grandes navegantes e das viagens no tempo (‘O túnel do tempo’), ou estacionária, (imagem virtual), dos pacotes estandardizados do turista de massas às migrações e culturas de diásporas”. (LABATE, 2000, p. 56).

A autora aborda que “a noção de viagem está presente no imaginário da disciplina [antropologia] enquanto tal, pois existe um parentesco entre ‘viajar’ e o fazer antropológico”. (LABATE, 2000, p. 60). Para Labate (2000), o “mito de origem da disciplina está ligado à ideia de viagem: dos primeiros viajantes-naturalistas do século XVII ao postulado malinowskiano da pesquisa de campo como um deslocamento em busca do outro”. A autora recorre a Ianni ao tratar que, na história das Ciências Sociais, “os principais autores têm sido viajantes ocasionais ou permanentes, a viagem tem sido frequentemente invocada como metáfora do próprio trabalho intelectual”. (IANNI, 1995 *apud* LABATE, 2000). Labate refere-se a Clifford ao assinalar a viagem como metáfora para pensar a cultura e também a antropologia, na medida em que ambas sejam pensadas como “um lugar de encontro e não de resistência”. (CLIFFORD, 1992 *apud* LABATE, 2000, p. 61).

Nesse contexto, o pesquisador passa a construir dados para o trabalho intelectual. Os diálogos que acontecem, buscam imprimir descrições e análises sobre os modos de vida dos

atores envolvidos no projeto Caminhos Rurais de Porto Alegre. O olhar do pesquisador firma-se em uma observação atenta a fim de reconstruir as impressões do contexto empírico a partir de experiências e vivências obtidas no campo de pesquisa. A viagem, assim vista, se dá em um formato de apreensão sobre os saberes e fazeres do outro. Nessa direção, o pesquisador também sofre as experiências proporcionadas pela viagem e, no deslocar-se para apreender sobre o outro, aprende-se sobre si mesmo nas próprias limitações ou, como trata Jeanne Fravet Saada (2005), tais experiências podem possibilitar ao pesquisador “ser afetado”.

Em outra época, as viagens eram vistas como experiências exclusivas direcionadas a privilegiados tais como o alto clero, nobres, militares e funcionários da corte altamente qualificados. No entanto, após a Revolução Industrial, “passam a ser oferecidas à burguesia comercial e industrial como possibilidade de fazer algo diferente, exótico, aventureiro, de viver uma experiência intensa fora do seu território habitual”. (TRIGO, 2010, p. 24).

Ao comentar a relação entre os termos *travel* (viagem) e *experience* (experiência), Trigo recorre a Eric Leed, afirmando que o primeiro conceito evoca sofrimento, um teste, um desafio, esforço doloroso. Assim, “a raiz indo-europeia de *experience* é *per*; palavra *peril* (perigo) possui a mesma raiz, assim como *travel* (viagem) e *travail* (esforço doloroso, dores do parto) estão linguisticamente relacionados”. (LEED 1991, *apud* TRIGO, 2010, p. 24). A palavra alemã *erfahrung* para experiência “provém do antigo alto alemão *irfaran* que significa *to travel* (ato de viajar), *to go out* (ato de sair) ou *to wonder* (ato de admirar-se, deslumbrar-se, que é também o ato fundamental da experiência filosófica)”. (LEED 1991, *apud* TRIGO, 2010, p. 24).

Por esse caminho, Trigo assinala que “a despeito dos significados negativos iniciais, a experiência da viagem transcende perigos e dificuldades e propicia autoconhecimento, a transformação, o encontro do sentido e do significado de vida para o viajante”. (TRIGO, 2010, p. 25). Para o autor, a experiência “é essencial para socialização, o aprendizado, a articulação profissional e a satisfação pessoal”. (TRIGO, 2010, p. 26).

Entre os séculos XVII e XVIII o ato de viajar adotou o sentido de viagens com o foco em conhecimento. As viagens de estudos, chamadas de *grand tours*, eram realizadas por jovens da elite inglesa que, para se tornarem “membros da sociedade educada, acreditavam que era necessário ver, *in loco*, tanto as ruínas da Roma clássica como as igrejas, os palácios e as coleções de arte das grandes capitais continentais”. (COSTA, 2009, p. 24). O objetivo dos *grand tours*, que em média duravam três anos, centrava-se na “aprendizagem com base na vivência e na experimentação de situação e objetos reais” para complementar a educação dos futuros gestores civis, militares e intelectuais. (COSTA, 2009, p. 24). Conforme a autora, “o

grand tour transformou as viagens em empreendimentos filosóficos e científicos que permitiam ao viajante fazer comparações e formular, a partir delas, valores mais universais que aqueles engendrados em contato com os costumes de seu local de origem”.

Thomas Cook marca o século XIX com a democratização das viagens, realizando excursões organizadas direcionadas às camadas médias da população e, mais tarde, dirigidas a uma clientela com maior poder aquisitivo. (COSTA, 2009, p. 28). A partir de Cook, altera-se a estrutura organizacional das viagens e o perfil do público que as consumia.

O turismo de massa destaca-se nos anos 1970 que, de acordo com estudos da autora, recebeu a denominação de turismo “predador”, “por seus reflexos econômicos, sociais, culturais e ambientais negativos”. (COSTA, 2009, p. 30). As experiências em turismo de massa não eram compensatórias para os turistas e tampouco para as comunidades que os recebiam. Conforme Costa (2009, p. 30), tais experiências de turismo de massa “não eram compensatórias da rotina criada pela vida cotidiana, mas apenas reproduziam as mesmas estruturas de utilização passiva e não criativa do tempo de trabalho”. Todavia, nos dias de hoje, ainda persiste esse tipo de turismo oferecido nos pacotes de viagens que prometem conhecer cinco países em quatorze dias.

Em função do desenvolvimento do turismo de massa, elege-se estudos críticos em relação àquele modelo de viagem. Costa apresenta quatro principais debatedores críticos sobre turismo de massa: Boorstein, Krippendorf, Turner e Ash. Para Boorstein (*apud* Costa, 2009, p. 31), o turismo de massa é superficial e ilusório, ou seja, o turista, ao visitar o local, sente-se protegido por uma “bolha ambiental”. Tal bolha pode ser materializada na estrutura turística, como os hotéis que oferecem segurança e um referencial familiar. Nessa abordagem, o que o turista vê:

[...] são somente os ‘pseudoacontecimentos’, frutos da banalização e descontextualização das culturas visitadas, que se transmutam de fonte de informação em simples bem de consumo sem autenticidade. Como um círculo vicioso, as populações visitadas são obrigadas a produzir espetáculos exóticos para turistas que, conseqüentemente, se afastam cada vez mais desta população. (BOORSTEIN *apud* COSTA, 2009, p. 31).

Segundo a ótica de Costa a perspectiva de Turner e Ash se encontra muito próxima a de Boorstein, que relaciona o turismo a um “pequeno mundo monótono”, cujos agentes de viagens, guias e acompanhantes retiram das costas dos turistas “a pesada carga das responsabilidades e da realidade de suas vidas”. (BOORSTEIN *apud* COSTA, 2009, p. 31).

Na visão de Krippendorf (*apud* COSTA, 2009, p. 31), o turista é isolado no que o autor denomina de “férias no gueto”. Os guetos são infraestruturas turísticas implantadas em certos locais e constituídas de hotéis a cidades, em que o turista não precisa sair, pois, nesses ambientes, ele encontra tudo de que necessita inclusive o ambiente exótico.

A partir de 1990, constitui-se um turismo associado à promoção da sustentabilidade e do patrimônio cultural, dissociando-se do turismo de massa. É importante ressaltar que essa década foi marcada por eventos que tiveram como pauta de discussão os temas ambientais, desenvolvimento e sustentabilidade. Nessa década, no país, ocorreu a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento - RIO-92, com a participação de, aproximadamente, 180 países. A partir desse evento, o turismo ecológico¹⁰ tomou visibilidade no mundo inteiro. No Brasil, as Diretrizes para uma Política Nacional de Ecoturismo denominam como Ecoturismo, o turismo ecológico e o conceituam como um segmento de turismo que busca utilizar “de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista por meio da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações”. (BRASIL, 2010, p. 17).

Costa (2009) assinala que, na contemporaneidade, constitui-se um modelo de turismo baseado na sustentabilidade e na educação, apresentando as experiências educativas e possibilitando “experimentação de situações e objetos, vivências que levem à preservação do patrimônio cultural e natural”. (COSTA, 2009, p. 34). A autora destaca também a utilização do patrimônio cultural como um atrativo turístico, que contribui para atrair os visitantes e preservar esses bens culturais de valor patrimonial.

Labate menciona Lash e Urry ao declarar que “já não podemos distinguir claramente entre produção cultural e comercial, arquitetura e estilos vernaculares, conhecimento culto e leigo”. (LASCH; URRY, 1994, *apud* LABATE, 2000, p. 64). A autora argumenta que, cada vez mais, consumimos signos e representações nesta “proliferação de signos e imagens visuais – em *shopping centers*, na educação, no lazer, na cultura, nas cidades em geral que se desenvolvem como centros de consumo para residentes e turistas”. (LASCH; URRY, 1994, *apud* LABATE, 2000, p. 64).

Na atualidade, Trigo (2010) assinala que o turista procura experimentar o momento, vivenciar uma experiência profunda e transformadora de viagem. Para o autor, a experiência constitui-se em “um feixe de conhecidos e principalmente de desconhecidos, recebidos de

¹⁰ Desde 1970 as questões ambientais repercutem na área do Turismo. Em 1972 Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano apresenta discussões ligadas ao tema ambiental. O Brasil estava presente entre os países participantes. A partir das Diretrizes para uma Política Nacional de Ecoturismo, o “turismo ecológico passou a se denominar Ecoturismo”.

modos diferentes por diferentes tipos de turistas de diferentes nacionalidades”. (TRIGO, 2010, p. 11). A viagem, dessa forma, deve superar aspectos banais para “estruturar-se como uma experiência que nasça da riqueza pessoal do viajante em busca de momentos e lugares que enriqueçam sua história”. (TRIGO, 2010, p. 35). Na perspectiva do autor, o ato de viajar envolve “descoberta, transformação, busca de um tesouro e uma abertura para o imponderável, para o incognoscível, em suma, para Eros, ou até mesmo para Tântatos”. (TRIGO, 2010, p. 35).

E é no contexto dessa atualidade das experiências turísticas que o projeto *Caminhos Rurais* possibilita aos visitantes uma viagem de aprendizagem sobre as práticas agroecológicas e de cuidado de si; evolve, assim, a noção de uma alimentação saudável, livre de agrotóxicos, e também tenciona a relação entre humanos e não humanos. (LATOUR, 1994).

Desse modo, possibilita pensar novas formas e modos de relacionamento com o meio ambiente ao seu redor. A preocupação com o impacto de suas práticas em relação ao meio em que estão inseridos encontra-se apresentado nas narrativas destes empreendedores de turismo agroecológico: otimização dos recursos hídricos; resíduos de plantas transformadas em biofertilizante, ou compostagem; o cuidado em utilizar estratégias para não impactar os animais silvestres. No caso do Sítio Capororoca, utiliza-se o sombrite (tela de sombreamento) nos canteiros de plantação, mas deixando um deles descoberto para que as lebres possam se alimentar. Também, nesse mesmo sítio, há relatos do cuidado com os ouriços e a plantação de morangos. Essa plantação foi para uma bancada, evitando que eles os acessassem e comessem toda a produção, porém, tomou-se cuidado para que ficassem as mudas no solo a fim de que eles pudessem se alimentar.

Logo, as práticas que ocorrem nesses espaços extrapolam os limites de suas fronteiras, visto que são disseminadas em diversos canais de comunicação e inseridas no prato dos “beneficiários¹¹” de produtos orgânicos, como no caso das Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANCs¹²). As PANCs estão sendo apresentadas em diferentes culinárias por chefes de cozinha e (re)popularizando, ou criando pratos exóticos, com plantas que foram deixadas de lado por conta da agricultura convencional, muitas vezes chamadas de “ervas daninhas”, “invasoras”, “inços”. Por isso, as PANCs viajam pela cidade e vão se enraizando e

¹¹ Termo utilizado pelo agricultor Geraldo (Barra do Ribeiro), que cultiva arroz orgânico e o comercializa na Feira Agroecológica da José Bonifácio.

¹² Plantas Alimentícias não Convencionais. Normalmente não se encontram em supermercados, apenas em feiras ou nas propriedades, como, por exemplo: Urtiga, Lírio do Campo, Capuchinha, Samambaia, Jasmim, Hibisco, Tuna, Araçá.

provocando curiosidades ou, às vezes, espanto daqueles que (re)conhecem a planta e comentam: “mas, isso dá para comer?”, “faz como?”, “isso é chá”, “mas, isso tem no meu jardim!”, “flor comestível?” “é bom pra quê?” “como se cozinha?”, “tem gosto de quê”, “eu vim pegar o peixinho da horta. Vou fazer para o meu filho. Ele adorou, acha que é peixe mesmo (risos)”¹³. Dessa forma, os alimentos orgânicos tomam espaços nas residências, eventos, restaurantes, escolas, associações. Uma nova forma de olhar para estas plantas, como alimentos nutritivos, possibilitando conhecer e testar de forma criativa a diversidade de possibilidades e a pluralidade de pratos culinários está invadindo a cidade a partir de um movimento de “gourmetização”. Tal movimento pode ser observado em diversos eventos¹⁴ que ocorreram no município de Porto Alegre.

Nessa direção, a viagem no interior desses sítios evoca a noção de *slow travel*¹⁵, inspira a “fruição da própria vida, a capacidade de viver o presente sem sacrificá-lo no futuro e especialmente sem considerá-lo um momento que tem de passar depressa para a pessoa fazer outra coisa”. (TRIGO, 2010, p. 36). A viagem como experiência “passa a ser um caminho sem retorno rumo ao descobrimento de que não existe – nem pode existir – um retorno”. (TRIGO, 2010, p. 37). A ideia de viagem é algo sem retorno que “nos leva ao autoconhecimento e à consciência de nosso eu, de nossa história e limitações, de nossas vitórias e derrotas, sonhos e desilusões”. (TRIGO, 2010, p. 39).

O poema de Issac Starosta, *Viagem*, nos convida a viajar na própria cidade e (re) descobrir os mesmos lugares, sentimentos, detalhes do cotidiano em uma Porto Alegre maior que o mundo:

Viagem

Sempre que me convidam a viajar, agradeço e prefiro ficar nesta Porto Alegre maior que o mundo. Todo o dia vou à banca de revistas, à feira das frutas. Visito lojas sonolentas discussões negócios. Por serem os meus lugares, é que são tantos e tão variados os sentimentos! Quantos trejeitos das fêmeas decorativas! Quantos sabores do mesmo arroz integral curtido no mesmo restaurante natural às mesmas horas! Cada dia o mesmo ônibus do bairro ao Centro, do Centro ao bairro, numa distância de mim para mim tão repetida que não tem mais fim! Quantas nuances do céu cinza ao alaranjado! E que cheiro de aconchego nas tentativas de amizade, enquanto entardece... Ora, que astronave pelo Espaço me daria angústias tão suaves com as desta cidade!?! Que avião bem ensinado viajaria mais longe do que estas névoas pelas encostas!?! [...]. (STAROSTA, 1996, p. 91).

¹³ Algumas indagações ouvidas durante o atendimento aos clientes na Feira Agroecológica, durante o tempo que a pesquisadora trabalhou nas bancas de Guinha e Tio Juca.

¹⁴ Em uma navegação com o buscador Google indicou 169 notícias relacionadas ao termo “pancs; eventos; Porto Alegre”.

¹⁵ *Slow travel*: trata-se de um movimento inspirado no *slow food*. O movimento *slow travel* possibilita desfrutar com calma e serenidade de destinos turísticos. (TRIGO, 2010, p. 37).

O olhar do poeta e sua imaginação trazem um convite para experienciar caminhos, fluxos e movimentos do cotidiano urbano da cidade de Porto Alegre, possibilitando também o conhecer a si mesmo. A proposta em deslocar-se, movimentar-se pelos bairros do município e conhecer “na mesma cidade, um outro mundo¹⁶” a partir do olhar de cidadão porto-alegrense, propicia explorar os diversos empreendimentos de turismo que estão apresentados no projeto Caminhos Rurais de Porto Alegre.

A poesia de Starosta evoca o lugar e recomenda aos turistas que se detenham em um olhar mais apurado e detalhista ao saborear a sua diversidade e contradições:

Aos Turistas

Se você vem a Porto Alegre, esqueça qualquer concepção prévia de cidade grande ou pequena, Porto Alegre é ao mesmo tempo grande e pequena. Se você vem a Porto Alegre desista dos cardápios especiais ou de guias turísticos: Porto Alegre tem um sabor inefável beira-rio, beira-mundo. Se você vem a Porto Alegre, politize-se! O porto-alegrense, acima de ganhar e perder, gosta mesmo é de poder discutir pelas esquinas todos os ângulos da questão. Você se perde pelas ruas. E, quando houver neblina, sinta o milagre de sobreviver numa cidade a tudo submarina. Contemple os tons incríveis do entardecer. Sonhe com as ilhas, Praia da Alegria, Lagoa dos Patos. Lugares lendários, mugidos, coxilhas! Concentre-se nessa gente que desce a Rua da Praia em febre, que sobe a Rua da Ladeira até a Matriz. Há um começo de tumulto: alguns, ou muitos (nunca se sabe quantos) protestam contra os poderes constituídos! O céu querendo escurecer junto ao grande patriarca da estátua. Cidade petrificada assistindo de janela à passeata... Gritos, Bandeiras. Lenços colorados ... Ser gaúcho é lutar por justiça na trilha das antigas epopeias. (STAROSTA, 1996, p. 88).

Já Gastal (2006, p. 9) propõe a figura do “turista-cidadão”, quando se refere que as cidades são partes dos fenômenos contemporâneos, espaço da fragmentação e da diversidade. Conforme a autora, as pessoas que moram na cidade são fluxos que ao se deslocarem e se apropriarem de espaços e situações, para além de suas práticas rotineiras, transformam-se em cidadão turista. Nesse movimento, “a cidade nos seus fixos, deixa de ser uma desconhecida, mesmo para seus próprios moradores e se torna o território familiar em que se constrói pertencimento e identificação, por passar a compartilhar seus códigos e, com eles, situar a própria subjetividade no urbano”. (GASTAL, 2006, p. 9).

Essa perspectiva de “turista-cidadão” possibilita “desenvolver um relacionamento diferenciado com o local onde mora no seu tempo de lazer”. (SALES 2006, *apud* GASTAL, 2006, p. 9). Nessa direção, o “turista-cidadão”:

¹⁶ Título do folder do Projeto *Caminhos Rurais de Porto Alegre*.

[...] é aquele morador da localidade que vivencia práticas sociais, no seu tempo rotineiro, dentro de sua cidade, de forma não rotineira, onde é provado em relação à cidade. Turista cidadão é aquele que resgata a cultura da sua cidade fazendo uso do estranhamento da mesma. Este estranhamento inicia no momento em que o indivíduo descobre no espaço cotidiano outras culturas, outras formas étnicas e outras oportunidades de lazer e entretenimento. Quando se encontra na situação de turista cidadão, este sujeito aprende a utilizar os espaços ambientais, culturais, históricos, comerciais e de entretenimento com uma percepção diferenciada do seu cotidiano. (MOESCH, 2005 *apud* GASTAL, p. 9).

Assim, para a autora, analisar os fluxos a partir do turismo vai além de aprofundar laços com a cultura local, pois se deve desenvolver um olhar atento que percebe o lugar como espaço de autoexpressão que possibilita a identidade e identificação.

O projeto *Caminhos Rurais de Porto Alegre* propõe ao morador do município deslocar-se pelos espaços e lugares da própria cidade, provocando um olhar com certo estranhamento em relação às paisagens, ao patrimônio cultural e ambiental, aos sabores e saberes e às diferentes formas de viver a própria cidade. O processo envolve o deslocamento de pessoas pela cidade, a partir de um movimento em busca de redescobri-la, de autoconhecimento, de volta à infância, de aproximação com práticas rurais éticas em busca da sustentabilidade.

Tais projetos no contexto estão contemplados na ideia dada pela antropologia de “caminhar como um movimento intencional e extraordinário”. A dinâmica contemporânea pode ser chamada de turismo, peregrinação, viagem, caminhada. Toniol e Steil (2016) advertem que esse movimento de deslocar-se difere dos “deslocamentos que fazemos cotidianamente de casa para o trabalho ou pelas ruas e praças conhecidas de nosso bairro”, devido ao caráter intencional. (TONIOL; STEIL, 2016, p. 20).

Os autores apontam que, na contemporaneidade, “a caminhada vem despontando com uma experiência cada vez mais recorrente e valorizada”, que possibilita, a partir da aproximação com a natureza, a associação da ação de caminhar com os movimentos ligados à preservação ambiental e o cuidado de si. (TONIOL; STEIL, 2016, p. 21).

No projeto em estudo, é recorrente a ideia de “preservação ambiental”, “preservação da natureza”, “preservação da paisagem natural” expressa nas matérias de divulgação, vídeo de apresentação do projeto, página de Turismo do município de Porto Alegre¹⁷ e também no discurso dos empreendedores, ao apresentar as atividades que desenvolvem em suas propriedades.

¹⁷ Porto Alegre (2016).

No projeto de turismo *Caminhos Rurais* supõe-se que os deslocamentos realizados, a partir da ideia de “turista-cidadão” tratado por Gastal, proporcionam aos residentes uma viagem no próprio município em busca de conhecer seus atrativos turísticos e o interior de propriedades, com diversas atividades e serviços associados ao meio rural (hospedaria para equinos, piquenique rural, gastronomia, hospedagem, trilhas, cursos, atividades pedagógicas, entre outras especificidades).

Nessa direção, a noção de lugar dada por Tuan (1983) e Yázigi (2001) parece relevante, pois ao tratar de espaço e lugar na perspectiva da experiência os autores apontam que o significado de espaço muitas vezes é confundido com o de lugar. No entanto, enquanto espaço é mais abstrato, o lugar decorre da ideia de estabilidade, permanência, segurança, sendo centros em que atribuímos valor e onde são satisfeitas as necessidades biológicas. Existe um laço emocional com o lugar, onde se “pode adquirir um profundo significado para o adulto a partir do acréscimo de sentimentos ao longo dos anos”. (TUAN, 1983, p. 34).

A partir da abordagem de Tuan, podemos pensar os sítios como “lugares íntimos” em que se atribui valor e significado. Nesta perspectiva os lugares íntimos “são tantos quantos as ocasiões em que as pessoas verdadeiramente estabelecem contato”. De certa forma, “esses lugares podem ficar gravados nas memórias dos homens e, cada vez que são lembrados, produzem intensa satisfação”. (TUAN, 1983, p. 156).

Para Yázigi o lugar tem “alma”. Ou seja, a alma é o que “fica de melhor do lugar e que por isso transcende o tempo - mas não existe sem um corpo. Alma são materialidades, práticas e representações com uma aura que se contrapõe ao que chamaríamos de desalmado”. (YÁZIGI, 2001, p. 24). O autor assinala que o sujeito sintoniza a alma do lugar¹⁸, a partir do momento em que se percebe e impressiona com certos traços contextuais da cultura e “outros atributos como atitudes, graus de limpeza, ordem, pacificidade, humor e o que mais seja”. (YÁZIGI, 2001, p. 43).

A alma do lugar é constituída por “personalidades” e se trata do conjunto das identidades:

¹⁸ Exemplo disso se deu em uma conversa informal com Adriano, que veio realizar vivências no Sítio Capororoca, em 2016, enquanto trabalhávamos na Banca de Guinha na Feira Agroecológica da José Bonifácio. Falávamos sobre a produção orgânica, receitas e as refeições no sítio e como colocar em prática em nosso dia a dia. Em certo momento, virei para ele e disse: Mas, não é igual né. Fazer a receita em casa não tem o mesmo sabor. Sabe? Sabor do sítio. Falta o ambiente, o clima, os cachorros te atropelando, a gata passando para lá e para cá, as pessoas em volta da mesa, às conversas paralelas, aquele fluxo de informação (notas, janeiro, 2016). Nesse momento nos damos conta de que por mais que queiramos reproduzir o que foi vivido no sítio, tomar um café da manhã com geleia de morangos e pão de urtiga, faltam elementos que complementam o sabor daquele momento.

[...] história, costumes, arquitetura, urbanismo com suas ruas, barrancos e bocas malditas, detalhes e adornos, tipos humanos e suas relações com o meio e a região, pertença, formas linguísticas, mitos, fantasmas e aparições da santa, esconderijos, sons específicos, astral, segredos e todos os diferenciais próprios do meio ambiente (relevo, hidrografia, fauna, flora, clima, luminosidade). (YÁZIGI, 2001, p. 45).

Assim, a alma do lugar é constituída por diversos elementos, mas mesmo que dois lugares tenham as mesmas características. Quem atribui *alma* a esses arranjos de percepções e materialidades são as pessoas. Os atores pesquisados atribuem alma a suas propriedades com suas formas de viver e conviver com humanos e não humanos (LATOURET, 1994), de ensinar sobre suas práticas agroecológicas, sobre o cuidado de si e do meio ambiente.

O turismo praticado pelos associados da POARURAL¹⁹ alinha-se ao “turismo de base comunitária”, tendo em vista que busca, a partir da gestão de seus associados, comercializar o produto turístico. A atual agência, Sítio do Mato, que está realizando os roteiros é de um dos sócios fundadores da associação POARURAL.

Conforme Irving (2009), o turismo de base comunitária “só poderá ser desenvolvido se os protagonistas deste destino forem sujeitos e não objetos do processo”²⁰. Nessa direção, a autora assinala que a noção de “comunitário” nesse tipo de turismo retrata o sentido de *comum*, de coletivo, com tendência a favorecer “a coesão e o laço social, o sentido coletivo de vida em sociedade e que, por essa via, promove a qualidade de vida, o sentido de inclusão, a valorização da cultura local e o sentimento de pertencimento”. A perspectiva de turismo possibilita “a interpretação local do turismo, frente às projeções de demandas e de cenários do grupo social do destino, tendo como pano de fundo a dinâmica do mundo globalizado, mas não às imposições da globalização”. (IRVING, 2009, p. 111).

A autora salienta que o turismo de base comunitária apresenta a comunidade anfitriã como protagonista do processo de desenvolvimento do produto turístico. Dessa maneira, resulta da demanda dos grupos mantendo com este território “uma relação de dependência dos

¹⁹ POARURAL: A Associação Porto Alegre Rural foi fundada em 2006 e conta com a participação de empreendedores do projeto Caminhos Rurais de Porto Alegre. O objetivo é buscar parcerias para a manutenção da área rural, comercialização e consolidação do produto turístico.

²⁰ Ao participar do evento Semana do Mercado em Sala de Aula, em maio de 2017, na ULBRA-Universidade Luterana do Brasil, no Campus Canoas, na palestra, Renata Fontoura relatou sobre o projeto Caminhos Rurais de Porto Alegre a trajetória da associação POARURAL. Ela salienta que seu pai Ricardo Fontoura, faz parte da segunda geração; ele foi sócio fundador e, atualmente, ela está à frente da associação. Em seu relato, ao ser questionado por um dos professores participantes do evento sobre as relações entre os candidatos políticos municipais e a associação, tratou que o assédio ao grupo existe desde a fundação da associação, mas que hoje a relação é outra. Renata relatou que o grupo não se intimida com a posição e “promessas” dos candidatos a políticos municipais e acredita que o grupo amadureceu e toma decisões acertadas: “antes a gente não cobrava nada, eles vinham faziam os *fundtour* e não pagavam nada. Hoje a gente cobra, e senta com eles para tratar de questões do turismo, pedimos placas, sinalização”.

grupos sociais que residem no lugar turístico e que mantêm com este território, uma relação cotidiana de dependência e sobrevivência material e simbólica”. (IRVING, 2009, p. 112).

No contexto, as propriedades dos agricultores agroecológicos envolvem o ambiente paisagístico (árvores, hortas, animais, açudes, morros, casa, galpão) com histórias de vida, conhecimentos sobre agroecologia, botânica, flora e fauna, produtos comercializados, modos de vida e os próprios proprietários compõem o atrativo turístico.

Nessa caminhada, o projeto Caminhos Rurais de Porto Alegre possibilita ao porto-alegrense e aos visitantes do município a produção de experiências em turismo agroecológico. Tais deslocamentos pelos bairros evocam e (re)significam a trajetória dos bairros, atrativos arquitetônicos e paisagísticos, gastronomia local, formas de vida, saberes e fazeres. Viajar dentro do próprio município para conhecer esses empreendimentos também se trata de uma pedagogia cultural (SILVA, 2005), tendo em vista que tais espaços são locais de aprendizagem ao ar livre e que abordam temas sobre agrosociobiodiversidade²¹.

Os atores investigados possibilitam aos visitantes uma viagem a diferentes “mundos” com a possibilidade de experiências singulares. Tais “mundos” foram constituídos no contato entre diferentes atores sociais (especialistas em turismo, EMATER, Associações, turistas, visitantes, pesquisadores).

2.2 CULTURA, REPRESENTAÇÃO E IDENTIDADES

Ao iniciar a discussão sobre o conceito de cultura, salienta-se a contribuição dos estudos culturais ao questionar as concepções elitistas de cultura²². Nesta direção os teóricos Richard Hoggart, Raymond Williams, E. P. Thompson e, mais tarde Stuart Hall apresentaram importantes contribuições para o deslocamento do conceito.

Conforme Escosteguy (2010) em 1964 é fundado *Centre for Contemporary Cultural Studies* (CCCS) por Hoggart, constituindo-se em um centro de pesquisa de pós-graduação ligada ao *English Department da Universidade de Birmingham*. O eixo principal dos estudos centrava-se nas relações entre a cultura contemporânea e a sociedade.

Escosteguy (2010) ao apresentar a cartografia dos estudos culturais assinala que o surgimento deste campo de estudos possui diferentes versões (Austrália, Canadá e Estados

²¹ Termo utilizado por Agda Regina Yatsuda Ikuta, Engenheira Agrônoma do Núcleo de Agroecologia da Secretaria de Desenvolvimento Rural.

²² O movimento teórico e político identificado como “estudos culturais” apresenta análises que questionam a noção de cultura tratada por Mathew Arnold e Frank Raymond Leavis. Sugiro, para maior aprofundamento o livro *Estudos Culturais em Educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...* Organizado por Marisa Vorraber Costa.

Unidos e América latina) problematizando a versão de origem Britânica²³. Para a autora “a existência de diferenças nacionais e a confluência de um conjunto particular de propostas de cunho teórico-político geraram outros exemplos de estudos culturais que desestabilizam a narrativa sobre *uma* origem centrada, sobretudo, em Birmingham, na Inglaterra”. (ESCOSTEGUY, 2010, p. 31). Tais estudos estavam relacionados às práticas e formas simbólicas produzidas na virada culturais dos anos 1950 e 1960. Os estudos eram caracterizados por ênfase: “à ação social; ao contexto, o foco localizado e historicamente específico, a atenção às especificidades e particularidades articuladas a uma conjuntura histórica determinada, produzindo, então, uma teoria engajada nas diferenças culturais”. (ESCOSTEGUY, 2010, p. 46).

Para Escosteguy (2010, p. 50) os estudos culturais “propõem um olhar interdisciplinar que entende os processos culturais como interdependentes e não como fenômeno isolado, como é a prática usual da maioria das disciplinas”. A autora apresenta os estudos culturais como um vasto campo de estudo fragmentado, e inter/trans ou antidisciplinar. (ESCOSTEGUY, 2010, p. 21).

Na América Latina os estudos realizados pela autora direcionaram-se para a contribuição dos teóricos Néstor García Canclini e Jesús Martín-Barbero, no campo da comunicação e cultura. Os anos 1980 foram marcados por pesquisas relacionadas com análise da cultura da comunicação marcada pela “multidisciplinaridade ou o sentimento de que o suporte de uma única disciplina não dá conta da complexidade do momento em foco”. (ESCOSTEGUY, 2010, p. 49). A perspectiva centra-se em “é perceber as intersecções entre as estruturas sociais e as formas e práticas culturais”. (ESCOSTEGUY, 2010, p. 51). Mas, é a partir dos anos 1990 e de maneira muito tímida alguns pesquisadores começam identificar-se com esta perspectiva de estudo.

Os estudos latino-americanos direcionam suas análises as “relações entre cultura e poder e seu caráter essencialmente conflitivo”. Também, “reconhecem o papel constitutivo da cultura e das representações *nas* relações sociais”. (ESCOSTEGUY, 2010, p. 21).

Diante do recorte apresentado sobre os estudos culturais o conceito de cultura é relevante para esta tese. Willians contribui para ampliar o conceito de cultura relacionando os estudos a produção, distribuição e recepção culturais econômicas relacionadas à constituição do sentido de cultura. Para Williams:

²³ Para maior aprofundamento desta discussão recomenda-se o estudo realizado por essa autora: Cartografias dos estudos culturais, uma versão latino-americana.

A cultura não é uma entidade monolítica ou homogênea, manifesta-se de maneira diferenciada em qualquer formação social, ou época histórica; a cultura não significa simplesmente sabedoria recebida ou experiência passiva, mas um grande número de intervenções ativas — expressas mais notavelmente através do discurso e da representação — que podem tanto mudar a história quanto transmitir o passado. (AGGER, 1992, p. 89 *apud* ESCOSTEGUY [2001]).

Para Raymond Williams, em *Cultura e Sociedade*, a palavra *cultura* adquiriu novos sentidos, a partir da primeira metade do século XIX, devido às transformações históricas, da vida social, econômica e política. Conforme Williams, “a ideia de cultura foi resposta a novos desenvolvimentos políticos e sociais, à democracia, aos novos problemas de classe social” (1969, p. 20). Assim, o termo cultura que significava “um estado ou hábito mental ou, ainda, um corpo de atividades intelectuais e morais, agora significa também todo um modo de vida”.

Nesta direção Stuart Hall apresenta importantes contribuições para o deslocamento do conceito de cultura. Para Hall, citado por Costa (2000, p. 25, grifo do autor):

Os estudos culturais reconhecem as sociedades capitalistas industriais como lugares de divisões desiguais no que se refere a etnia, sexo, divisões de gerações e de classes. A cultura é um dos principais *locus* onde são estabelecidas e contestadas tais divisões, onde se dá aluta pela significação, na qual os grupos subordinados tentam resistir à imposição de significados que sustentam interesses dos grupos dominantes.

Complementar a esse primeiro entendimento, o autor assinala que a noção de *cultura* “tem a ver com a produção e o intercâmbio de significados” e que tais significados são produzidos no “circuito da cultura”. (HALL, 1997). Essa nova abordagem do termo *cultura* é o que Hall chama de “virada cultural”, salientando a *centralidade da cultura* e da linguagem nos processos de significação e entendendo que são as representações que produzem e fazem circular os significados na cultura. Nessa direção, destaca-se que a produção de sentidos e significados na cultura e na linguagem muda conforme o contexto histórico e está em permanente deslocamento de sentidos.

Segundo Costa, Silveira e Sommer (2003), eles destacam que o termo cultura sofreu um deslocamento a partir da metade do século XX, deixando de ser pensado como um conceito “impregnado de distinção, hierarquia e elitismo segregacionista” para se tornar um conceito mais amplo e abrangente que “incorpora novas e diferentes possibilidades de sentido”. Segundo os autores, já não se trata mais de manter a distinção “alta cultura” e “baixa cultura”, entre uma cultura de elite em contraponto a uma “cultura popular”, mas de uma

abordagem antropológica de cultura como o modo de vida dos seres humanos. (COSTA; SILVEIRA; SOMMER, 2003, p. 23).

O presente estudo utiliza o termo *cultura* a partir da noção de que todas as práticas sociais são práticas de significação, portanto o termo está associado à produção e à circulação de significado, em conformidade com a concepção nos teóricos dos Estudos Culturais. (DU GAY et al., 1997, p. 7).

Aqui, os *sites*, *blogs*, revistas podem ser pensados como “artefatos culturais”, pois possibilitam pensá-los como algo intrínseco à cultura no sentido de que “se conecta com um conjunto particular de práticas sociais, específicas de nossa cultura e modo de vida, tipos de pessoas e lugares porque adquiriu um perfil social ou identidade”. Tais textos virtuais e visuais podem ser lidos como culturais, pois “frequentemente aparecem e são representados nas nossas linguagens visuais e na mídia”. (DU GAY et al., 1997, p. 7).

Conforme o autor, “o significado é intrínseco à nossa definição de cultura”. (DU GAY et al., 1997, p. 5). Dessa forma, “nos auxilia a interpretar o mundo, a classificá-lo de modo significativo, a atribuir sentido às coisas e aos eventos, incluindo aqueles que nunca vimos ou experienciamos na vida real, mas que ocorrem em filmes, romances, fantasias”. (DU GAY et al., 1997, p. 7). De acordo com os estudos, os significados borram as fronteiras entre o “mundo material” e o “mundo simbólico”, assim “dissolvem qualquer distinção entre o chamado ‘mundo real’ e o ‘mundo da imaginação’, com os seus pequenos objetos do desejo” (DU GAY et al., 1997, p. 7).

Em relação aos significados, Hall (1997) assinala que é a partir da *linguagem* que damos sentido às coisas. As mesmas não têm significados “em si”, porque é o uso que fazemos, o que falamos delas, como as representamos é que constroem os seus significados. Na perspectiva construcionista de Hall, o significado é produzido e construído e não simplesmente dado. Segundo ele, a linguagem constrói os significados a partir de *sistemas de representação* que podem ser “sons, palavras escritas, imagens produzidas eletronicamente, notas musicais, até objetos que significam ou representam para outras pessoas nossos conceitos, ideias e sentimentos”. (HALL, 1997, p. 1).

Pensar o turismo rural e o patrimônio cultural nessa perspectiva é pensar os significados e valores que são construídos na cultura e pela linguagem sobre o rural e as coisas rurais, sobre o campo e a natureza, sobre os saberes e fazeres locais, sobre o patrimônio material e imaterial reconhecido como relevantes pela sociedade. Que valores, que sentidos são atribuídos à natureza e aos seres que nela vivem, aos sítios em potencial com conotações patrimoniais distintas, aos prédios históricos para os empreendedores rurais.

Com essa perspectiva, um dos conceitos fundamentais da análise cultural do roteiro turístico Caminhos Rurais de Porto Alegre é o conceito de representação, conforme desenvolvido por Stuart Hall, argumentando que a “representação é o processo pelo qual os membros de uma cultura utilizam a linguagem para produzirem significados” que são compartilhados na cultura. (HALL, 1997, p. 52).

A representação, assim vista, é concebida como constitutiva das coisas, não meramente um reflexo do mundo. O autor destaca que há sempre uma grande diversidade de significados acerca de qualquer tópico e que esses significados não são fixos, mas negociados, disputados e até contestados nas políticas de representação.

Para Hall, os discursos são formas de se referir ou construir o conhecimento voltado a um fator particular, a um agrupamento de ideias, a imagens e práticas que levam a formas de se falar relacionadas a um tópico particular tais como os discursos médicos, religiosos, econômicos, ambientais que, segundo o autor, “definem o que é e o que não é adequado em relação a determinados assuntos e práticas, qual o conhecimento considerado útil, pertinente e verdadeiro”. (HALL, 1997, p. 6).

Portanto, de acordo com este autor, o termo discurso tem sido utilizado como referência a qualquer abordagem em que o significado, a representação e a cultura são considerados constitutivos. A ênfase na representação está interessada em como a linguagem produz significados; a ênfase na abordagem discursiva examina como o conhecimento produzido por determinado discurso se liga ao poder, regula as condutas, forma ou constrói identidades e subjetividades e a ênfase na abordagem discursiva reside sempre na especificidade histórica de determinada forma ou “regime” de representação. (HALL, 1997).

Também Henry A. Giroux e Peter L. McLaren (1995) reconhecem que “as representações são sempre produzidas dentro de limites culturais e fronteiras teóricas e, como tal, estão necessariamente implicadas em economias particulares de verdade, valor e poder”. Dessa forma, os autores recomendam que se leve em consideração a importância da “cultura como uma luta em torno de significados, identidades e narrativas”, para compreender “a forma como os indivíduos constroem significados e, ao mesmo tempo, fazem investimentos emocionais naquelas construções”. (GIROUX; McLAREN, 1995, p. 145-146).

Os autores enfatizam que as “interpretações que surgem de qualquer representação dada são sempre mutáveis, contingentes e parciais, não tem outro significado do que aqueles que lhe são retórica ou discursivamente atribuídos”. (GIROUX; McLAREN, 1995, p. 147).

Andrade e Costa (2015, p. 49) apontam para estudos sobre as noções de “currículo oculto” (APPLE, 1982) e “pedagogia invisível” (BERNSTEIN, 1984), realizados na década

de 1960, que indicavam as transformações na noção de pedagogias, não se limitando a práticas escolares. Para estas autoras é a aproximação dos capôs dos Estudos Culturais e Educação que “as análises inserindo a pedagogia dentro de uma rede de significações relacionada com cultura, política e poder encontraram embasamento teórico”. (ANDRADE; COSTA, 2015, p. 49).

As autoras assinalam para Shirley Steinberg²⁴ como difusora da noção de “pedagogias culturais” no Brasil, em 1997: “Sua exposição trazia até nós o conceito de pedagogias culturais para expressar a hoje difundida ideia de que a educação ocorre numa variedade de locais que não somente a escola”. (ANDRADE; COSTA, 2015, p. 49). O conceito possibilita uma ferramenta analítica que nos ajuda a compreender os processos educativos de modo mais amplo. Nessa perspectiva a noção de “pedagogias culturais”, discutida pelas autoras, busca “evidenciar novos modos de ver e pensar a pedagogia para nos dizer sobre saberes, sobre outras experiências e diversificados processos que nos educam e nos fazem ser quem somos”. (ANDRADE; COSTA, 2015, p. 62).

Nessa direção, o conceito de pedagogias culturais é relevante para a análise dos *Caminhos Rurais*, tendo em vista que se trata de empreendimentos que mesmo não tendo a intenção de ensinar, ensinam. Tais instâncias culturais²⁵ como o turismo, sites, blogs, televisão, publicidade, são analisadas como processos culturais, “que ensinam alguma coisa, que transmitem uma variedade de formas de conhecimento e que, embora não sejam reconhecidos como tais são vitais na formação da identidade e da subjetividade”. (SILVA, 2005, p. 140). Para o autor “todo o conhecimento na medida em que se constitui num sistema de significados é cultural”. (SILVA, 2005, p. 139).

O autor salienta que em geral essas instâncias culturais apresentam-se como uma forma sedutora e irresistível. Tais instâncias culturais, como o turismo, “apelam para a emoção e fantasia, para o sonho e imaginação: elas mobilizam uma economia afetiva que é tanto mais eficaz como é inconsciente”. (SILVA, 2005, p. 140). Para esse teórico, “o que

²⁴ As autoras indicam a conferência realizada no IV Seminário Internacional sobre Reestruturação Curricular - Identidade Social e a Construção do Conhecimento, promovido pela Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre (SMED/POA). Expandiu-se os estudos realizados sobre pedagogias culturais no Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e Mestrado em Educação (ULBRA).

²⁵ O autor destaca as investigações que tratam sobre a “crítica cultural do currículo”. Assim, Henry Giroux trata de analisar a pedagogia da mídia, investigando os filmes da Disney como, por exemplo, *A Pequena Sereia*, observando pressupostos etnocêntricos e sexistas. Os trabalhos de Joe Kincheloe “as peças publicitárias da McDonald’s para flagrar aí imagens e representações que celebram os valores mais conservadores de uma família americana”. (SILVA, 2005, p. 141). Shirley Steiberge debruçou suas investigações sobre a boneca Barbie, buscando na indústria cultural (kindercultura) voltada para o público infantil os valores morais e culturais contidos no currículo deste artefato. (SILVA, 2005, p. 141).

caracteriza a cena social e contemporânea é o apagamento de fronteiras entre instituições e esferas anteriormente consideradas como distintas e separadas” como, por exemplo, a escola e a indústria cultural do turismo.

Outro conceito importante nessa análise é o de identidade no sentido de entender como as representações produzidas no roteiro turístico *Caminhos Rurais de Porto Alegre* contribuem na constituição das identidades culturais dos sujeitos. Segundo Kathryn Woodward (2007, p. 8), a identidade adquire sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais ela é representada. Para a autora, o conceito de identidade é relacional e necessita do seu oposto - da “diferença” - para existir.

Nesse sentido, no roteiro turístico *Caminhos Rurais de Porto Alegre*, o rural é constituído em contraste com o urbano, a agroecologia em contraste com a agricultura tradicional, convencional e mecanicista. A autora destaca a necessidade de se entender que as posições de sujeito são produzidas no interior do circuito da cultura e que em “diferentes contextos sociais fazem com que nos posicionemos diferentemente em cada um desses contextos”. (WOODWARD, 2007, p. 30).

Também John Urry (2001), assinala a noção de “diferença” a partir do olhar do turista. O olhar dos turistas sobre os *Caminhos Rurais* pode estar imbricado de diferentes significados e motivações. O autor indica que parte das experiências turísticas consumidas pelos turistas “consiste em lançar um olhar ou encarar um conjunto de diferentes cenários, paisagens ou vistas de cidades que se situam fora daquilo que, para nós, é comum”. (URRY, 2001, p. 15). Nesse sentido, é importante ressaltar que o olhar turístico é constituído a partir de uma produção cultural sobre estes diferentes cenários e paisagens.

Nessa direção, Amaral destaca alguns aspectos significativos referentes à produção cultural da natureza, entre eles a publicidade, que “perpetua e ao mesmo tempo atualiza o paradigma da ciência moderna que traz em seu centro a separação cultura/natureza”. (AMARAL, 2000, p. 145). Por outro lado, tal construção binária é reforçada pelo olhar eurocêntrico, que afasta o ser humano da natureza e que a constitui como um “outro”, tornando-a mais uma mercadoria de consumo.

Ao pesquisar os diários de campo de quatro naturalistas franceses, cujo intuito é investigar os modos como os viajantes olham a paisagem natural do Rio Grande do Sul, a autora assinala que a nossa constituição do que seja “paisagem”, trata-se de um “processo cultural complexo, viabilizado por uma imbricada interpretação de textos, por uma rica intertextualidade em meio à qual vamos negociando os sentidos que as paisagens podem adquirir”. (AMARAL, 2007, p. 249). A autora ressalta que “a nossa percepção daquilo que

consideramos como natureza está profundamente marcada por construções estéticas e culturais que nos permitem estabelecer ‘o que ver’, ‘o que admirar’, ‘o que conservar’ e ‘proteger’ no mundo dito ‘natural’”. (AMARAL, 2007, p. 250).

A partir da perspectiva de Amaral, é relevante para este projeto de pesquisa o entendimento de que a natureza é culturalmente construída em diversos artefatos culturais que produzem e fazem circular na cultura uma multiplicidade de significados e ensinamentos que constituem identidades e subjetividades.

Também Isabel Cristina de Moura Carvalho, em *A Invenção Ecológica*, assinala para a produção e reprodução de “sensibilidades” sobre a ideia de natureza que se organiza no campo ambiental, na contemporaneidade. A passagem a seguir mostra que tais “sensibilidades” contemporâneas constituem o ideário ambiental e:

[...] poderiam ser compreendidas como herdeiras de uma visão iluminista de uma natureza controlada pela razão, pela visão pastoral idílica do naturalismo inglês do século XVII, pelas novas sensibilidades burguesas do século XVIII, pelo romantismo europeu dos séculos XVIII e XIX e pelo imaginário edênico sobre a América. (CARVALHO, 2008, p. 40).

Por esse caminho, Carvalho aponta que, nos séculos XVI e XVII, na Inglaterra, frente a um pragmatismo antropocêntrico, a noção da natureza aparece “como domínio do selvagem, ameaçador e esteticamente desagradável, em contraposição à civilização”. A ideia de natureza precisa ser “domada”, o solo cultivado, a mata limpa, o plantio em linha reta. Carvalho também trata do naturalismo arcádico que buscava a harmonia com a natureza em contraposição com o Império da Razão (modelo de Worst, 1994) em que “a natureza subserviente é criada para o homem”. (CARVALHO, 2008, p. 43).

Valendo-se do estudo de Carvalho (2008), Thomas (1989) argumenta que a partir do século XVIII as mudanças na percepção em relação à natureza constituem o fenômeno das “novas sensibilidades”, que constituem a valorização da natureza, que também se reafirma com o movimento romântico europeu do século XIX. Conforme a autora, “essas sensibilidades nasceram à medida que se evidenciam os efeitos da deterioração do meio ambiente e da vida nas cidades, causada pela Revolução Industrial”. (CARVALHO, 2008, p. 44). Em tais condições, “impulsionaram o surgimento de um sentimento estético e moral de valorização da natureza selvagem, não transformada pelos humanos”. (CARVALHO, 2008, p. 45).

Assim, como trata a autora, “é na contraposição à violência social e ambiental do mundo urbano que se afirma a nostalgia da natureza intocada” (CARVALHO, 2008, p. 46),

passando a ser valor desejado pela sociedade, reserva de bem, beleza e verdade, ideal de valor estético e moral.

Carvalho trata como relevante o romantismo²⁶, como uma visão de mundo que alimenta certos valores e atitudes, tendo, por exemplo, a celebração da natureza. A sensibilidade romântica “concebe a natureza, tanto no seu aspecto interno (natureza humana) quanto externo (ordem natural), como espaço de liberdade e criatividade, livre das normatizações”. (CARVALHO, 2008, p. 495).

Essas novas sensibilidades se reeditam na contemporaneidade. Percebe-se, então, que a noção de uma natureza indomável, de uma natureza controlada, ou de uma natureza romântica é produzida em diversos segmentos culturais. A noção de uma vida mais saudável, ligada a princípios ecológicos, não é privilégio dos Caminhos Rurais. Tais narrativas são apresentadas em diferentes artefatos culturais, como revistas, jornais, programas de televisão, sites. Até mesmo nos discursos apresentados pelas campanhas de marketing veiculadas na mídia sobre os empreendimentos imobiliários destinados à zona sul de Porto Alegre.

No contexto, os autores assinalam para uma “crescente aceitação de uma ideia holística de saúde, relacionada ao exercício físico, mental e espiritual entre grupos e indivíduos ecologicamente orientados”. (CARVALHO; STEIL, 2008, p. 289). Os autores apontam para a “*sacralização da natureza*”, como segue na citação:

[...] hábitos ecológicos de cuidado responsável para com o ambiente e a natureza passam a fazer parte de sistemas de crenças religiosas que visam situar o sujeito no mundo, na sociedade e na natureza, e ao mesmo tempo de uma experiência do sagrado, no sentido de que a reconexão com a natureza passa a fazer parte de um sistema de crenças ecológicas. (CARVALHO; STEIL, 2008, p. 289).

Nesse sentido, a presente tese busca entender como se constituem as representações de natureza, que significados os empreendedores turísticos dos *Caminhos Rurais de Porto Alegre* atribuem à paisagem e aos seres que nela estão incorporados. Os autores observam que há um campo comum que se constitui em torno da saúde, bem-estar e cura, entre sujeitos ecológicos e a experiência do sagrado “associada ao cultivo de uma interioridade pessoal e à aproximação com a natureza”. (CARVALHO; STEIL, 2008, p. 302). Nesse sentido, na citação os autores apontam que:

²⁶ Segundo Carvalho (2008, p. 47) o romantismo é um evento sociocultural situado entre as últimas décadas do século XVIII e a primeira metade do século XIX; é fruto da Revolução Francesa e Revolução Industrial.

Motivados pela crença no aperfeiçoamento de si, tanto os sujeitos ecologicamente orientados quanto os adeptos das espiritualidades do *self*, fazem uso de técnicas corporais e mentais que incorporam a ideia de saúde e bem-estar relacionadas ao exercício físico e à imersão na natureza, proporcionada por atividades ecológicas e religiosas, tais como workshops, cursos, vivências, montanhismo, trilhas, peregrinações, turismo ecológico e religioso. (CARVALHO; STEIL, 2008, p. 302, grifo do autor).

Por outro lado, é fundamental a discussão dos possíveis impactos da globalização sobre as identidades. Segundo Hall, a globalização produz uma aceleração dos processos e um sentimento de encurtamento das distâncias, “em que os eventos em um determinado lugar têm um impacto imediato sobre as pessoas e lugares situados a uma grande distância”. (HALL, 2006, p. 69). Hall (2006, p. 87) sublinha que “a globalização tem o efeito de contestar e deslocar as identidades centradas e fechadas de uma cultura” e aponta os efeitos pluralizantes da globalização sobre as identidades, “produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação e tornando as identidades mais posicionais, mais políticas, mais plurais e diversas; menos fixas e unificadas ou trans-históricas”. (HALL, 2006, p. 87).

Assim, é interessante pensarmos de que forma o turismo rural de Porto Alegre é contemplado pela globalização e em que sentido os movimentos globais se inserem no local e no regional, produzindo um turismo rural mais plural e diversificado.

Como sugere Hall (2006), as identidades marcadas pela globalização se constroem a partir de diferentes tradições culturais. Segundo o autor:

Em toda parte, estão emergindo identidades culturais que não são fixas, mas que estão suspensas, em transição, entre diferentes posições; que retiram seus recursos, ao mesmo tempo, de diferentes tradições culturais; e que são o produto desses complicados cruzamentos e misturas culturais que são cada vez mais comuns no mundo globalizado. (HALL, 2006, p. 88).

Por isso Hall (2006) sugere outras possibilidades de construção de identidades na globalização, através do conceito de tradução, “que descreve aquelas formações de identidade que atravessam e intersectam as fronteiras naturais, compostas por pessoas que foram dispersas”, ou seja, estas pessoas, segundo Hall (2006, p. 88), “carregam traços das culturas, tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcadas”.

Talvez se possa pensar, a partir do conceito de tradução apontado por Hall, em sujeitos traduzidos nos Caminhos Rurais. Essas identidades, segundo o autor, traduzidas tornam-se dispersadas da sua terra natal, a partir do momento em que são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem sem serem simplesmente assimiladas por elas. De acordo com o autor, essas pessoas carregam os traços das culturas, tradições, linguagens e histórias pelas

quais foram marcadas. Para ele, essas pessoas “são o produto de várias histórias e culturas interconectadas, pertencem a uma e, ao mesmo tempo, a várias casas, pertencem a culturas híbridas e estão irrevogavelmente traduzidas”. (HALL, 2006, p. 89).

2.3 PATRIMÔNIO CULTURAL

O conceito de “*Patrimônio Cultural*” e as possíveis articulações entre o patrimônio natural e histórico com o turismo rural é tratado a partir da perspectiva de Nestor Garcia Canclini (1994), José Reginaldo Gonçalves (2002, 1996, 1988), Maria Tereza D. P. Luchiari (2007, 2005), Pedro Paulo Abreu Funari e Sandra C.A. Pelegrini (2008, 2006). De acordo com o estudo desses autores, há interesse em discutir o conceito de *Patrimônio Cultural* e as possíveis articulações entre o patrimônio natural e histórico com o turismo rural.

No artigo, “*O Patrimônio Cultural e o Imaginário Nacional*”, de Nestor Garcia Canclini (1994), ele destaca que o patrimônio cultural serve para unificar uma nação, para formar o sentido do nacional. Para o autor, patrimônio cultural significa:

O que um conjunto social considera como cultura própria, que sustenta sua identidade e o diferencia de outros grupos – não abarca apenas os monumentos históricos, o desenho urbanístico e outros bens físicos; a experiência vivida também se condensa em linguagens, conhecimentos, tradições imateriais, modos de usar os bens e os espaços físicos. (CANCLINI, 1994, p. 99).

Também, Canclini aponta para os usos sociais do patrimônio cultural e salienta que o patrimônio é um “espaço de disputa econômica, política e simbólica” que se encontra “atravessado por três tipos de agentes: o setor privado, o Estado e os movimentos sociais”. (CANCLINI, 1994, p. 100). Conforme o autor, quando o Estado promove o patrimônio cultural tende a convertê-lo “em símbolos de uma identidade nacional em que se diluem as particularidades e os conflitos”. (CANCLINI, 1994, p. 102). A interação entre os três agentes “está mudando a problemática patrimonial”, pois “já não se trata de conservá-los ou restaurá-los, a questão do patrimônio extrapolou a alçada dos responsáveis por essas tarefas, os profissionais da conservação e o Estado”. (CANCLINI, 1994, p. 103).

Então, o desafio está nos usos sociais do patrimônio, ou seja, em outras palavras, o patrimônio cultural serve como recurso para produzir diferenças entre os grupos sociais e também à hegemonia dos que gozam de um acesso preferencial aos bens culturais. Canclini aponta pelo menos “quatro paradigmas político-culturais que definem os objetivos da preservação do patrimônio”.

O primeiro paradigma é o tradicionalismo substancialista, que julga o valor dos bens históricos, pelo valor que têm em si mesmos, independentemente do uso atual:

Está constituído por um mundo de formas e objetos excepcionais, onde não contam as condições de vida e trabalho de quem os produziu, seu traço comum é uma visão metafísica, a-histórica, da humanidade ou do ser nacional, cujas manifestações superiores teriam se dado num passado desvanecido, sobrevivendo hoje apenas nos bens que o rememoram. [...] seu único sentido é salvaguardar essências, modelos estéticos e simbólicos cuja conservação inalterada servirá precisamente para testemunhar que a substância desse passado glorioso transcende as mudanças sociais. (CANCLINI, 1994, p. 103).

Um segundo paradigma diz respeito a uma concepção mercantilista do patrimônio cuja utilização recreativa visa à valorização econômica. No discurso, os investimentos requeridos para a preservação do patrimônio se justificam, visto que podem ser revertidos em dividendos para o mercado imobiliário ou ao turismo. A apropriação privada do patrimônio “permite torná-lo artigo de consumo em um *show* de luz e som”. (CANCLINI, 1994, p. 104).

O terceiro modelo de apropriação do patrimônio se funda em um imaginário conservacionista e monumentalista. Segundo Canclini (1994), essa concepção de patrimônio se define, em geral, nas políticas de conservação de bens históricos para exaltar a nacionalidade, no uso de edifícios antigos e na arquitetura que evoca a monumentalidade como símbolos de coesão e grandeza.

O quarto paradigma relaciona-se ao discurso participacionista que “concebe o patrimônio e sua preservação relacionando-os com as necessidades globais da sociedade”. Assim, as demandas presentes dos usuários de bens simbólicos ocorrem a partir de um processo democrático que traz para o debate os seus hábitos e opiniões. (CANCLINI, 1994, p. 105). Esse enfoque inclui no patrimônio “tanto os edifícios monumentais como a arquitetura habitacional, os parques, os bens visíveis e os costumes e crenças”. (CANCLINI, 1994, p. 105).

O autor argumenta que há uma discussão também a respeito do uso do patrimônio na indústria cultural e ressalta que novos desafios são colocados pela “difusão de massa e espetacularização do patrimônio oferecidas pelas tecnologias de comunicação modernas, exigindo mudanças na produção, circulação e consumo da cultura”. (CANCLINI, 1994, p. 107).

Os novos circuitos e tecnologias culturais, na visão do autor, produzem uma “cultura a domicílio”, manobrada pela iniciativa privada, por empresas turísticas que vão disseminar

novos usos do patrimônio, em novos circuitos e tecnologias culturais. Entende-se que o site do roteiro turístico Caminhos Rurais de Porto Alegre proporciona essa cultura rural a domicílio, que se torna disponível para os usuários da rede.

Por outro lado, o autor destaca uma área decisiva de debate do patrimônio cultural que diz respeito a sua valorização estética e a um critério que comumente se considera como fundamental na definição do patrimônio: a autenticidade. Para o autor, “este é o valor proclamado com mais insistência pelos folhetos que falam dos costumes folclóricos, pelos guias turísticos quando exaltam os artesanatos e festas autóctones”. (CANCLINI, 1994, p. 109).

O autor considera alarmante que esta pretensão de autenticidade continue sendo empregada para demarcar os bens e práticas que merecem ser preservados. Também nos Caminhos Rurais observa-se o destaque dado ao “autêntico” e ao “original”, apesar da impossibilidade dessa autenticidade como alega Benjamin, na época da reprodutibilidade técnica. Trata-se, então, da possibilidade de construir e reproduzir um discurso contemporâneo sobre um bem autêntico ou a autenticidade de um bem, como estratégia identitária retórica ou de invenção da tradição.

No primeiro caso, o tema da autenticidade já foi relacionado aos patrimônios culturais e às ideologias nacionais por José Reginaldo Gonçalves (1988), em seu artigo *Autenticidade, Memória e Ideologias Nacionais: o problema dos patrimônios culturais*. Segundo o autor, a noção de autenticidade está ligada às modernas técnicas de reprodução (BENJAMIN, 1969), em que o autêntico é identificado com o “original” e o inautêntico com a cópia ou reprodução. O autor menciona em seus estudos que essa oposição nasceu com a modernidade e que a condição necessária para o conceito de autenticidade é a existência do original.

Nesse sentido, Gonçalves se refere a Walter Benjamin, pois este aponta que a “aura de um objeto está associada à sua originalidade, ao seu caráter único e a uma relação genuína com o passado”, e reserva as noções de singularidade e permanência para designar esses aspectos, em contraste com a reprodutibilidade dos objetos “não-auráticos”. (BENJAMIN *apud* GONÇALVES, 1988, p. 265).

Essas ideias são exploradas por Gonçalves (1988) no contexto dos chamados patrimônios nacionais, isto é, são aqueles bens culturais que estão associados ao passado ou à história da nação e classificados como relíquias ou monumentos. Para o autor, a habilidade de se atribuir ao patrimônio nacional, a capacidade de evocar o passado nacional é uma invenção moderna. (GONÇALVES, 1988, p. 267).

Dessa forma, segundo Gonçalves (1988), a partir do patrimônio se estabelece uma relação de continuidade com o passado da nação. A experiência sensorial de ver o Brasil ou o passado brasileiro nas formas plásticas de igrejas barrocas, ou de um terreiro de candomblé, podem revelar o sentimento de identificação entre tais monumentos, aquilo que representam, e aqueles que os olham. Para o autor, tal experiência sensorial é uma estratégia retórica da identificação entre Brasil e o que definimos como barroco, católico, autêntico. Ou seja, “a crença nacionalista é retoricamente possibilitada pela crença na autenticidade do patrimônio”. (GONÇALVES, 1988, p. 268).

Em outro artigo, *Os Patrimônios Culturais como Gênero de Discurso*, Gonçalves (2002) argumenta que as estratégias narrativas do patrimônio cultural foram constituídas na relação dialógica entre a “monumentalidade” e o “cotidiano” e aponta três modalidades em que esses contrastes se realizam: 1) passado e presente; 2) tradição e experiência; e 3) narrativa e realidade contemporânea.

Nas narrativas da “monumentalidade” há a valorização do passado, que se dá a partir da ideia de “tradição”. De acordo com o autor, “o conjunto de bens que são classificados como patrimônio representa precisamente essa tradição, vinculando os brasileiros de ontem aos de hoje”. (GONÇALVES, 2002, p. 117). Na narrativa, “o ponto fundamental é que o presente e, conseqüentemente, o futuro, embora estejam em construção, devem ser norteados pelo passado”. (GONÇALVES, 2002, p. 118).

Por outro lado, conforme o autor, nas narrativas do “cotidiano” existe uma inversão entre a relação de “passado e presente”, isto é, o passado é relativizado e, tomando-se como ponto de partida o presente, “o passado será uma referência a ser pragmaticamente utilizada no processo de produção cultural e na garantia da continuidade histórica da nação”. Nessa narrativa, o presente é valorizado e os “bens culturais serão pensados como instrumento de construção de um futuro na construção do desenvolvimento”. (GONÇALVES, 2002, p. 119).

Quando narrado sob o registro do “cotidiano”, o patrimônio cultural “tem como ponto de referência básico a experiência pessoal e coletiva dos diversos grupos e categorias sociais em sua vida cotidiana”. Nessa perspectiva, o patrimônio cultural narrado sob o registro da “monumentalidade” passa a ser representado pela sua heterogeneidade e “reconhecida como uma configuração definidora da sociedade nacional”. (GONÇALVES, 2002, p. 119).

Portanto, o autor destaca uma pertinência analítica ao caráter eminentemente retórico das estratégias de preservação do patrimônio cultural, “que são constituídos, não como objetos e sim como perspectivas, discursos dialogicamente opostos”. Nesse sentido, para Gonçalves (2002, p. 121):

Os patrimônios culturais são estratégias das quais grupos sociais e indivíduos narram sua memória e sua identidade, buscando para elas um lugar público de reconhecimento, na medida mesmo em que as transformam em patrimônio. Transformar objetos, estruturas arquitetônicas e estruturas urbanísticas em patrimônio cultural significa atribuir-lhes uma função de representação, que funda a memória e a identidade.

Também Maria Tereza D. P. Luchiari (2005) em seu artigo “*A Reinvenção do Patrimônio Arquitetônico no Consumo das Cidades*” há o foco na constituição dos patrimônios culturais. A autora discute “a revalorização das paisagens constituídas por elementos históricos que atribuem um novo sentido no campo do consumo cultural”. Numa argumentação que se aproxima à narrativa de Gonçalves, ela salienta que “a preservação do patrimônio cultural remete a um processo histórico seletivo de atribuição de valores às formas e às práticas culturais”. (LUCIARI, 2005, p. 95).

Nesse sentido, o patrimônio cultural tombado representa os grupos sociais hegemônicos e “só recentemente os artefatos e os bens simbólicos da cultura popular, artesanatos, tradições imateriais ganharam prestígio de patrimônio cultural local”. (LUCIARI, 2005, p. 96).

Conforme a autora, na contemporaneidade, o processo de eleição de um patrimônio é uma seleção social, portanto é inútil querer defender sua autenticidade, em que “predomina o meio técnico científico e informacional, a capacidade de difusão da cultura e de reprodução das formas é tão ou mais importante que a própria autenticidade”. (LUCIARI, 2005, p. 97).

Nesse contexto, Luchiari (2005) aponta o patrimônio articulado nas atividades de turismo como um patrimônio não aurático, possibilitado pelas modernas técnicas de reprodução. No processo de ressignificação da natureza como atrativo turístico, a natureza é transformada em cenário, uma vez que “a pós-modernidade trouxe esses valores de aceitação e até de preferência pela simulação, pela cenarização e, sobretudo pela beleza estética das formas”. (LUCIARI, 2005, p. 100).

Assim, conforme Luchiari, a concepção de espetáculo e cenário se justifica “pela importância dada à iluminação, à maquiagem, aos ornamentos, ao embelezamento e às inúmeras atividades programadas para atraírem cada vez mais visitantes e incorporadas como produtos do consumo cultural”. (LUCIARI, 2005, p. 101).

Para a autora, “o problema é dar demasiada importância às formas destituindo destas paisagens o que as transforma em lugar: as habitações, os usos, o sentimento de pertencimento das populações locais”. Segundo a autora, “a lógica globalizante revela uma nova racionalidade da organização socioespacial contemporânea conectada a um movimento

maior, a um processo mundialmente abrangente de revalorização mercadológica do patrimônio”. (LUCHIARI, 2005.p. 102).

As paisagens naturais relevantes e os bens culturais, nesse ínterim, devem ser protegidos da ação do homem “seja na forma de recursos naturais seja de artefatos culturais dotados de memória social”. (LUCHIARI, 2007, p. 33). Por outro lado, a autora chama atenção para a inerente contradição dos projetos turísticos ligados à natureza que:

Essa aproximação da natureza empreendida pelo homem contemporâneo alimenta-se de uma contradição: enquanto induz e conscientiza para a preservação e a conservação do nosso patrimônio natural, promove a ampliação de sua exploração e de seu consumo. (LUCHIARI, 2007, p. 36).

Vale destacar também a contribuição dos historiadores Pedro Paulo Funari e Sandra C.A. Pelegrini (2008), sobre o conceito de Patrimônio Cultural. Conforme os autores, nos séculos XVIII e XIX, o patrimônio cultural representava “a nacionalidade, na forma de monumentos, edifícios ou outras formas de expressão”. (PELEGRINI; FUNARI, 2008, p. 28).

Para os autores, a partir desse modelo que surgiram os museus, com peças que simbolizavam a honra de uma nação, as ambições imperiais e universalistas. O patrimônio digno de preservação estava associado aos artefatos considerados de “caráter excepcional”, às obras-primas da humanidade ou da nação. No entanto, com a crítica aos nacionalismos, surgiram os apelos aos patrimônios culturais que representassem a diversidade. (PELEGRINI; FUNARI, 2008, p.29).

Assim, o patrimônio, que antes estava restrito ao excepcional, passou a aproximar-se das relações cotidianas, “em sua imensa e riquíssima heterogeneidade”. (PELEGRINI; FUNARI, 2008, p. 30). De acordo com eles, a partir dos debates e revisões levados a efeito nas conferências realizadas pela Unesco, ao longo do século XX, se propôs uma ampliação do conceito de patrimônio, incluindo “as construções mais simples e integradas ao dia a dia das populações, como estações de trem ou mercados públicos e de natureza intangível como as práticas e técnicas populares”. (PELEGRINI; FUNARI, 2008, p. 35).

Nessa direção, Funari e Pelegrini (2006) reconhecem que a Conferência Mundial sobre as Políticas Culturais (1982) definiu a diversidade "como a essência do pluralismo cultural fundamental para o reconhecimento de múltiplas identidades culturais onde coexistissem diversas tradições”. (FUNARI; PELEGRINI, 2006, p. 38).

2.4 PERSPECTIVA TEÓRICO-METODOLÓGICA

A proposta de método de pesquisa incide sobre estudo de caso detalhado proposto por Gluckman e que Van Velsen chamou de *Análise Situacional*. A partir da abordagem de Van Velsen²⁷, o método refere-se “à coleta efetuada pelo etnógrafo de um tipo especial de informações detalhadas”. Nessa abordagem, ao analisar as informações, possibilita-se “incorporar o conflito como sendo ‘normal’ em lugar de parte ‘anormal’ do processo social”. (VAN VELSEN, 1987, p. 345).

O método busca “integrar variações, exceções e acidentes nas descrições das regularidades”, possibilitando o estudo de sociedades estáveis e não homogêneas. (VAN VELSEN, 1987, p. 364). A escolha do método possibilita ao pesquisador apresentar ao leitor parte de seu material de coleta de dados, de seus registros em diário e transferi-los para as descrições analíticas como parte constituinte da análise. Dessa forma, o método proporciona ao leitor melhores condições de avaliar a análise etnográfica, a partir “da comparação de dados etnográficos com as conclusões que foram extraídas desses dados”. (VAN VELSEN, 1987, p. 360).

Essa abordagem implica diferentes técnicas e apresentação dos dados. Conforme o autor, “requer maior ênfase, durante a pesquisa de campo, no registro das ações dos indivíduos como personalidades e não somente como ocupantes de *status* específicos”. Assim, “para que se possa apreender, e mais tarde, descrever o processo de ação, é necessário registrar, em detalhes meticulosos, as ações de determinados indivíduos específicos durante um período de tempo”. (VAN VELSEN, 1987, p. 365).

A fim de que se construa um *corpus* de análise, buscam-se diferentes estratégias de coleta de dados, a partir de pesquisa bibliográfica (livros, artigos, dissertações, teses) para se

²⁷ Van Velsen defende que o método de Análise Situacional oferece ao pesquisador melhores oportunidades de análise que a Análise Estrutural, tendo em vista que nessa há uma tendência de procurar condições de homogeneidade e de relativa estabilidade na sociedade ou comunidade estudada. No entanto, assinala que não se trata de uma ruptura com o método estruturalista, mas de adicionar a “estética da estrutura”, ou seja, “relacionar os desvios das regularidades estruturais às regularidades de outra ordem, especificamente a interpretação de um sistema social em termos de normas conflitantes”. (VAN VELSEN, 1987, p. 361). Nesse sentido, adverte que o método de Análise Estrutural “não é adequado à análise de conflitos das normas e da resultante escolha da ação disponível aos indivíduos”, tendo em vista que “essas normas mutuamente conflitantes são particularmente aparentes em sociedades que estão sendo expostas a uma penetrante influência de outras culturas, como, por exemplo, pela introdução de uma nova religião, de novos produtos comerciais ou de uma burocracia governamental”. (VAN VELSEN, 1987, p. 356). O autor assinala que este método tende “a ignorar os problemas de mudança, considerando, ao invés, as escolhas individuais de ação originárias de novas situações como exceções ou distinções das normas apropriadas, ou seja, tradicionais”. (VAN VELSEN, 1987, p. 356). Nessa perspectiva, exagerou-se a importância dada ao comportamento real observado, assim “eventos e relações específicas são tratados como ímpares, existindo uma relutância em relacioná-los a um quadro geral de referência”. (VAN VELSEN, 1987, p. 357).

apropriar dos principais conceitos já discutidos por teóricos bem como da produção compilada a respeito do tema. A pesquisa empírica, então, trata da aplicação de entrevistas, anotações em diário de campo, registros em áudio (gravador), registros fotográficos e em vídeo. Também se realiza uma análise dos materiais de divulgação do projeto Caminhos Rurais.

Para a entrevista, conforme Rosa Maria Hessel Silveira (2002), abordam-se alguns eventos discursivos complexos não só pela dualidade - entrevistador/entrevistado - mas também pelas imagens, representações e expectativas que circulam de parte a parte no momento da pesquisa e a situação de realização das mesmas e, posteriormente, de sua escuta e análise. Nas entrevistas realizadas em pesquisas acadêmicas, a autora alerta para os “jogos de representações e imagens, negociações e disputas, escaramuças e retiradas estratégicas” que estão imersas em tais eventos. (SILVEIRA, 2002, p. 122).

Tanto o entrevistador como o entrevistado, segundo Silveira, eles utilizam estratégias de fuga, substituição e subversão dos tópicos propostos nas entrevistas. Nessa situação, conforme Silveira, a condição de sujeito, seja o entrevistado seja o entrevistador, encontra-se culturalmente constituída e circunstancialmente situada, portanto, o aspecto da temporalidade deve ser levado em conta nas análises destas narrativas:

As lógicas culturais embutidas nas perguntas dos entrevistadores e nas respostas dos entrevistados não têm nada de transcendente, de revelação íntima, de estabelecimento da ‘verdade’: elas estão embebidas nos discursos em seu tempo, da situação vivida, das verdades instituídas para os grupos sociais dos membros dos grupos. (SILVEIRA, 2002, p. 130).

Nessa direção, Silveira salienta que a situação que envolve a entrevista deve ser posta sobre um olhar analítico, ou seja, a “idade, *status* social e profissional, prevalência econômica, gênero, situação familiar, origem regional são dimensões não desprezíveis dessa delicada situação em que as identidades de entrevistador/entrevistado são assumidas” (SILVEIRA, 2002, p. 126). Assim, “por um lado, nossa imagem usual de entrevistas tende a incluir um sujeito perguntando, “querendo saber”, questionando, e chegando, em certas ocasiões, a encurralar o entrevistado”; “o entrevistado também lança mão de numerosas estratégias de fuga, substituição e subversão dos tópicos propostos”. (SILVEIRA, 2002, p. 126). A autora alerta para que “nenhum enunciado pode ser entendido num vácuo discursivo – em especial as palavras de um entrevistado são respostas a perguntas enunciadas por um locutor”. (SILVEIRA, 2002, p. 126).

A pesquisa também percorre os caminhos da web, como fonte no buscador Google, selecionando-se os sites: Caminhos Rurais de Porto Alegre, Prefeitura Municipal de Porto Alegre (página da SMTUR), Jornais Locais (Diário Gaúcho, Jornal do Comércio), *Blogs* e páginas do *Facebook* das propriedades em estudo²⁸ para uma análise mais detalhada. Nos materiais produzidos nestes espaços virtuais, entendendo que “há representações produzidas a partir de significados que circulam na cultura”. (WORTMANN, 2002, p. 77).

Wortmann se vale de Donna Jeanne Haraway (1995) ao ressaltar a oposição da autora em relação a tendências hierarquizadas da ciência em desqualificar saberes e práticas e ao configurá-las como não científicas. Haraway, ao se opor a essa ideia, aborda “que as explicações científicas são históricas – um dos tipos de histórias – que atuam na constituição de um objeto de conhecimento científico, sendo, por isso necessário atentar para o modo como se entrecruzam nessas explicações outras histórias”. (WORTMANN, 2002, p. 74).

Na perspectiva de Haraway, discute-se o campo da Primatologia, “as histórias são contadas pela biologia, pela antropologia, pelos mitos e pelas teorias políticas”. (WORTMANN, 2002, p. 74). As explicações produzidas no campo da Primatologia, na perspectiva de Haraway, são constituídas de diversos campos, tais como a antropologia-biológica, política, religião, cultura. Esse entendimento “implica inserir uma cartografia na qual a cultura é central e na qual a ciência e a atividade científica são vistas não apenas como influenciadas pela cultura, mas, elas mesmas, como produções culturais”. (WORTMANN, 2002, p. 75).

Nesse percurso, resta assinalar que muitas áreas falam sobre o turismo (antropologia, sociologia, psicologia, geografia, saúde, economia, políticas públicas). Algumas áreas foram configuradas culturalmente contendo maior legitimidade para abordar sobre esses temas. No entanto, conforme Wortmann (2002), cada vez mais e com maior frequência, outras áreas têm passado a atentar para diferentes esferas que atuam na produção de significados, como no caso dos estudos culturais.

É importante ressaltar que a pesquisadora desta tese inicia seus contatos com os atores em 2005, quando prestava serviços ao SENAR/RS, pela COODESTUR. A dissertação de mestrado envolve o projeto Caminhos Rurais de Porto Alegre na perspectiva dos Estudos Culturais. Há um acompanhamento na trajetória dos atores em longo período. Durante o doutorado, a pesquisadora realiza dois períodos de vivências (janeiro de 2014;

²⁸ Alguns materiais foram apresentados pelos próprios atores que me forneceram revistas com suas entrevistas e artigos publicados em jornais. Também colegas do doutorado encaminhavam, a partir de suas redes particulares do *facebook*, notícias sobre o projeto Caminhos Rurais e temas ligados à zona sul de Porto Alegre.

janeiro/fevereiro de 2015) cujo objetivo é aproximar-se bem mais da proposta. Para que isso ocorresse, havia necessidade de um processo de imersão no dia a dia de cada propriedade, observando sempre o roteiro *Caminhos Rurais*. Também ocorre a participação em reuniões da associação POARURAL e RAMA e que foram bastante produtivas. Os encontros objetivos ocorriam aos sábados em atividades de vendas na Feira Agroecológica do Bom Fim²⁹, durante o ano de 2016.

Para realizar as pesquisas com os proprietários dos Sítios, foco principal deste estudo, a imersão em regime de vivências no Sítio Capororoca foi fundamental. Essa atividade ocorreu em meses de férias, nos anos de 2014 à 2016³⁰. O ponto é geograficamente estratégico, próximo aos demais empreendedores e possui espaço de alojamento. A opção foi passar a semana em vivências e intercalando visitas e entrevistas. Apenas no domingo a pesquisadora não permanecia na propriedade por entender que, neste dia, as pessoas têm direito ao descanso e a convivência com familiares e amigos.

A imersão que ocorreu, além de aproximar as pessoas, conhecer de perto as suas rotinas de trabalho, também proporcionou o contato com indivíduos que participaram de estágios, oficinas e vivências no Sítio Capororoca.

É importante ressaltar que o termo de consentimento para o uso dos dados coletados durante as entrevistas efetivou-se no momento em que foi dada a entrevista pelos participantes. O roteiro de questões foi formulado a partir de um tema base, como, por exemplo, as motivações em inserir-se em um determinado projeto. Com o percurso da fala dos entrevistados, outras questões eram levantadas, conforme a pertinência, ou o caminho em que a conversa se direcionava.

Para Schutz (1979), o cientista social possui um “estoque de conhecimento³¹ à mão; é o corpo da ciência e ele tem que tomá-lo como pressuposto”. Esse “estoque de conhecimento” tem o objetivo de auxiliar na interpretação das observações de padrões de interação humana “em termos de sua estrutura de significado subjetivo”. (SCHUTZ, 1979, p. 273). Tal

²⁹ A presença na Feira Agroecológica do Bom Fim, auxiliando nas bancas dos empreendedores pesquisados é importante, pois é ali que circulam as informações do que ocorrerá nas próximas semanas, agendas, eventos, pautas das reuniões. Os contatos na feira também são importantes pelos laços de sociabilidades que foram criados.

³⁰ Nos meses de verão, o Sítio recebe um número menor de pessoas. Também a participação em eventos externos, ou internos diminui consideravelmente. Nesta época, as atividades estão voltadas para manutenção da propriedade, cuidados com os cultivares, elaboração de receitas e o planejamento para o ano que se inicia. O clima é um fator que influencia consideravelmente a quantidade de atividades e a produção dos cultivares. No verão, a tendência ao clima seco e poucos períodos de chuva faz com que as plantas não se desenvolvam e a produção caiu consideravelmente. Intensifica-se a rega dos cultivares, que é feita com trabalho braçal. O tempo de estar na horta é controlado pela intensidade de solar.

³¹ O estoque de conhecimento foi constituído *de e por* atividades anteriores de experiências de nossa consciência. (SCHUTZ, 1979, p. 74).

conhecimento à mão constitui um arcabouço fundamental para criar algumas categorias e traçar alguns questionamentos sobre o objeto de estudo e delinear um problema científico. Traçou-se um roteiro para esta pesquisa e se decidiu por observar e registrar o que fosse possível no tempo disponível das férias de trabalho.

Ao longo do ano de 2016, nos contatos estabelecidos, houve a participação da autora desta tese como colaboradora na Feira Agroecológica da José Bonifácio, auxiliando nas bancas de Guinha (Sítio Capororoca), Juca (Sítio Tio Juca) e Dodô e Vera (Sítio Herdeiros)³²; também a participação em reuniões da RAMA, como associado “colaborador”; em reuniões da Associação POA RURAL, como ouvinte; em visitas esporádicas aos sítios; apoio em eventos. No verão de 2016, realizou-se uma nova vivência em busca de outras categorias de análises, recomendadas pela banca de qualificação de projeto de tese.

Em um primeiro momento, na sequência dessa investigação, a partir de análises realizadas conforme os registros dos entrevistados houve interesse, nas biografias deles, cujo intuito era compreender as motivações de cada um em participar das experiências em projetos de turismo, de agroecologia, de vivências. Nesse sentido, como auxílio para as entrevistas, elegeram-se algumas questões provisórias, como por exemplo, as frases: *Conte-me como foi sua trajetória como empreendedor de turismo rural? O que o (a) fez participar da associação POARURAL? Como é receber turistas em sua propriedade? Como é o turismo em sua propriedade?*

Em um segundo momento, buscou-se indagar sobre a dimensão de trabalho, questão essa solicitada na banca de qualificação de projeto e, não só isso, mas também sobre outros projetos em que eles se encontravam engajados.

Conforme Schutz (1979), a primeira tarefa da metodologia em Ciências Sociais é compreender que o homem organiza suas experiências da vida diária e do mundo social. Assim, os construtos utilizados pelos cientistas sociais são sempre construtos de segundo grau, pois são “construtos dos construtos feitos pelos atores no cenário social, cujo comportamento o cientista social tem que observar e explicar de acordo com as regras de procedimento de sua ciência”. (SCHUTZ, 1979, p. 269).

Para Schutz (2003, p. 79), “a pessoa nasce num mundo que existia antes de seu nascimento e que, logo de partida, não é um mundo simplesmente físico, mas também um

³² Esses três empreendimentos ofertam seus produtos em bancas que ficam no final da feira. As bancas ficam ao lado umas das outras, facilitando assim a coleta de dados. Já a banca de Vasco e Karen fica mais afastada e há um funcionário para auxiliar na venda dos produtos. Ao iniciar os trabalhos, a pesquisadora passa na banca de Karen e Vasco para saudá-los e verificar se há algo novo sobre os projetos. Depois se desloca para iniciar os trabalhos na Banca de Guinha, Juca, Dodô e Vera.

mundo sócio-cultural”. A partir do pensamento de Schutz, este *mundo sócio-cultural* em que se encontram Juca, Silvana, Vasco e Dodô (entrevistados) é por eles “vivenciado por uma rede fina de relacionamentos sociais, de sistemas de signos e de símbolos com sua estrutura de significados particulares, de formas institucionalizadas de organização social, de sistemas de status e prestígio”. (SCHUTZ, 2003, p. 80).

Com a finalidade em identificar os propósitos dos empreendedores em relação aos projetos de turismo que, segundo Schutz (1979, p. 34) se reconhecem pelos “motivos a fim de” e os “motivos por que” de suas ações, buscou-se investigar o mundo social vivido por tais empreendedores.

Em 2014 (janeiro), houve uma aproximação junto aos empreendedores dos quatro sítios em estudo: Sítio Tio Juca, Sítio Herdeiros, Granja Santantonio e Sítio Capororoca. No período, realizaram-se as vivências e entrevistas com atores das quatro propriedades, com duração aproximada de uma hora e trinta minutos. As entrevistas com Silvana (Sítio Copororoca) realizaram-se em diversos momentos de gravações³³.

Em 2015 (março), realizaram-se mais quatro entrevistas em cada propriedade, cujo foco era conhecer os projetos envolvidos nos empreendimentos. As reuniões da RAMA, POA RURAL e Fórum de Desenvolvimento Sustentável do Extremo Sul também se registraram em imagens e anotações. Nesse período, no Sítio do Mato iniciou um projeto com um novo roteiro nos Caminhos Rurais, a fim de divulgar as propriedades que fazem parte da Associação POA RURAL. O roteiro ocorre aos domingos, das 9h às 18h, com visita a três propriedades rurais e atrativos turísticos do município. Os roteiros ocorrem uma vez por mês³⁴ e têm como objetivo principal a divulgação da “zona rural” e suas propriedades. Mauri é Guia de Turismo e recentemente abriu a Agência de Turismo Sítio do Mato, mas já foi presidente da Associação POA RURAL sendo um dos fundadores.

Diante do exposto, realizou-se em 10 de maio e 09 de agosto de 2015 o acompanhamento deste roteiro, por reconhecer o conhecimento que Mauri detém sobre a história da Associação POA RURAL e por ser atualmente o principal agente divulgador do projeto *Caminhos Rurais*.

Nessa direção, com uma abordagem fenomenológica, a partir de uma perspectiva microsocial, o descrever e analisar as lógicas de ação dos sujeitos que se inserem no projeto de turismo que ocorre na zona sul do município de Porto Alegre. Para tanto, a fenomenologia

³³ No sítio Capororoca as entrevistas se deram durante as atividades de trabalho na propriedade. Assim, a estratégia foi colocar o gravador no bolso e ter as mãos livres para o trabalho, enquanto íamos conversando.

³⁴ Data dos Roteiros de 2015: 29 de março; 12 de abril; 10 de maio; 14 de junho; 12 de julho; 09 de agosto; 13 de setembro; 11 de outubro; 08 de novembro; 13 de dezembro.

abordada por Schutz é inspiradora na medida em que auxilia a interpretar na perspectiva dos sujeitos, voltados a suas experiências de envolvimento no projeto de turismo.

As bases do pensamento de Schutz foram constituídas pelas ideias de Husserl e Weber e o objetivo é de estabelecer os fundamentos de uma Sociologia Fenomenológica. Há interesse em compreender o “mundo da vida cotidiana” dos sujeitos que iniciaram o grupo de turismo rural do projeto Caminhos Rurais de Porto Alegre, em específico os empreendedores do *Sítio Tio Juca*, *Sítio Herdeiros*, *Granja Santantonio*, *Sítio Capororoca*. A noção de “mundo da vida cotidiana” é importante para entender “toda a esfera das experiências cotidianas, direções e ações através das quais os indivíduos lidam com seus interesses e negócios, manipulando objetos, tratando com pessoas, concebendo e realizando planos”. (SCHUTZ, 1979, p. 16).

Ao analisar o mundo da vida cotidiana, Schutz parte da interpretação da “atitude natural” que possibilita reconhecer ao seu redor “os fatos objetivos e as condições para as ações de acordo com os objetos à volta, à vontade e às intenções de outros com quem se tem de cooperar e lidar, as imposições dos costumes e as proibições da lei”. (SCHUTZ, 1979, p. 16).

Assim, a interpretação dos fatores que determinam a conduta dos empreendedores de turismo e como os mesmos se encontram associados desde suas “situações biograficamente determinadas”, possibilita um indivíduo a se orientar nas situações da vida, das experiências que armazenou “e do estoque de conhecimento que tem à mão”. (SCHUTZ, 1979, p. 17).

O mundo da vida cotidiana é um mundo social que lhe é dado, assim como as interpretações dos múltiplos fenômenos, como assinala Schutz (1979). A participação das pessoas em uma comunidade tem caráter subjetivo, portanto elas não vivem a situação de maneira igual, “cada uma chegou a essa situação atual tendo em mente seus próprios propósitos e objetivos e a avalia de acordo com isso. Esses propósitos e a avaliação correspondente estão enraizados no seu passado, na história singular de sua vida”. (SCHUTZ, 1979, p. 17) que, então, o estoque de conhecimento de um indivíduo pode também conter incoerências e contradições.

Desse modo, Schutz (1979) sublinha que a participação do indivíduo em uma comunidade possibilita afirmar que tal inserção nesse ambiente coletivo “é produto dos esforços do indivíduo para alcançar uma definição de seu próprio lugar, de seu papel geral dentro da comunidade, especialmente, dentro dos vários subgrupos a que pertence”. (SCHUTZ, 1979, p. 18).

A indagação de Schutz (1979) recai sobre “como as múltiplas interpretações particulares daqueles que compõem a ‘concepção relativamente natural do mundo’, em qualquer comunidade cultural, convergem para uma visão comum de mundo”. A esta questão o autor enfatiza que a forma de pensar depende da “crença por parte dos membros da

comunidade que compartilham suas concepções do mundo” assim como “depende de seu uso das mesmas expressões e formulações padronizadas quando aplicam ou explicam essas concepções”. (SCHUTZ, 1979, p. 18-19). Particularmente nesse ponto de discussão, o autor destaca a importância da linguagem na comunicação de tais ações.

O mundo é um mundo tipificado, alega o autor, e assim ninguém poderia registrar nenhuma experiência sem recorrer a esta maneira de nomear os elementos constituintes da experiência social, pois as tipificações individuais encerram implicações sociais e são preestabelecidas socialmente. (SCHUTZ, 1979, p. 26).

Um ponto importante no campo do pensamento do autor é compreender como se dá a ação no mundo da vida cotidiana, então, ao investigar os impulsos subjetivos da ação dos sujeitos envolvidos no projeto de turismo da zona sul de Porto Alegre, é importante interpretar suas motivações. O estudioso nos apresenta as pessoas que podem agir em função de motivações dirigidas a objetivos futuros (os motivos a fim de). Conforme estudos, “no decorrer da experiência de desenvolver uma ação, de acordo com o seu plano preconcebido, o ator vivencia diretamente os seus motivos a fim de” (SCHUTZ, 1979, p. 27), os quais detêm um caráter subjetivo, mas, por outro lado, as ações estão pautadas em razões que estão enraizadas em experiências passadas (os motivos por que). Tais motivações são entendidas em retrospectiva, a partir de um ato de reflexão e, na análise das narrativas dos sujeitos, constituem-se dados importantes que possibilitam interpretar as motivações ao se engajar, ou a se retirar do projeto Caminhos Rurais de Porto Alegre.

A noção de projeto é, para Schutz (1979), uma ação planejada como se já estivesse determinada, tendo como base “o conhecimento dos fatores envolvidos, e esse conhecimento pode ser de vários níveis: podem ser bem precisos e detalhados, ou podem existir na forma de um esboço relativamente vago”. (SCHUTZ, 1979, p. 27). O autor chama o projeto de “fantasia motivada”, guiada por considerações pragmáticas:

[...] tal fantasia é de natureza prática, viável e é acompanhada pela intenção de realizar o projeto, ocorre no contexto mais amplo de objetivos e interesses a longo prazo da pessoa. Qualquer projeto específico não é mais que um pequeno segmento na hierarquia de planos do indivíduo; planos para o momento, para o dia, para períodos mais longos e para toda a idade; mas, também, planos para o lazer, para a subsistência, e assim por diante. (SCHUTZ, 1979, p. 28-29).

Nesse entendimento do autor, as escolhas são feitas através de processos que possuem várias camadas, com alternativas e decisões a serem escolhidas, rejeitadas ou até mesmo revisadas.

Ressalta-se, assim, a relevância das Ciências Sociais para o estudo do projeto Caminhos Rurais de Porto Alegre, em específico o seu aporte heurístico para investigar a perspectiva dos empreendedores que iniciaram suas trajetórias no grupo de turismo rural e que nesta trajetória constituíram laços de vizinhança, desenvolveram sociabilidades e elaboraram projetos de agricultura orgânica, que privilegiam a manutenção da paisagem, a agro-sócio-bio-diversidade, o consumo ético e sustentável.

Para esse estudo também é importante ressaltar o caráter intersubjetivo da ação coletiva e da vida cotidiana, tendo em vista a multiplicidade de projetos nos quais os atores estão envolvidos e que constituem experiências em relação ao outro³⁵, em um ambiente de comunicação. Para Schutz (1979), em termos cognitivos, a categoria da intersubjetividade trata-se do que é comum a vários indivíduos:

Na vida diária, uma pessoa toma a existência de outras como pressuposta. Ela raciocina e age na hipótese de que esses outros são basicamente pessoas como ela própria, imbuídas de consciência e vontade, desejos e emoções. O conjunto das experiências no decorrer da vida de uma pessoa confirma e reforça a convicção de que, em princípio, e em circunstâncias ‘normais’, pessoas em contato umas com as outras, pelo menos na medida em que são capazes de lidar umas com as outras com sucesso, ‘compreendem’ umas as outras. Os fenomenologistas colocaram o problema da intersubjetividade. Em termos da psicologia fenomenologista, esse problema pode ser subdividido em duas questões: 1) como se constitui em minha mente ‘o outro eu’ como um eu com as mesmas características (eidéticas) básicas do meu eu?; 2) como é possível a experiência de um intercâmbio com outro eu, ou como se constitui a experiência de minha ‘compreensão’ do outro e da ‘compreensão’ dele de mim? (SCHUTZ, 1979, p. 313-314).

O primeiro passo como investigadora e o mais desafiador, a partir da perspectiva fenomenológica de Schutz, foi manter uma atitude científica e desligar-se da “situação biográfica”³⁶. Esse é um desafio que, com o passar do tempo, não se mostrou muito promissor, visto que o projeto faz parte da trajetória dela e, portanto, está presente em sua situação biográfica.

O cientista social encontra-se constituído dentro de uma lógica de “realidade social” que possui “um significado específico e uma estrutura de relevância para os seres humanos que vivem, agem e pensam dentro dele”. (SCHUTZ, 2003, p. 268). Nesse contexto, o cientista

³⁵ É importante ressaltar que o “outro” refere-se não apenas as pessoas envolvidas direta ou indiretamente no projeto incluindo a natureza, os animais e as coisas que são atribuídas sentidos e significados pelos empreendedores que estão inseridos nestes projetos. Nas narrativas, a horta, os animais domésticos, as plantas são personificadas.

³⁶ Situação biográfica: “todo momento da vida de um homem é uma situação biográfica determinada em que ele se encontra, isto é, o ambiente físico e sociocultural conforme definido por ele, dentro do qual ele tem a sua posição, não apenas posição em termos de espaço físico e tempo exterior, ou de seu *status* e papel dentro do sistema social, mas também a sua posição moral e ideológica”. (SCHUTZ, 1979, p. 73).

social constrói objetos de pensamento que buscam captar a realidade social. Tais objetos de pensamento encontram-se fundamentados “nos objetos de pensamento construídos pelo pensamento do senso comum dos homens que vivem sua vida diária dentro do seu mundo social” (SCHUTZ, 2003, p. 269), como construtos de primeiro grau. Dessa forma, os construtos de segundo grau têm que incluir uma referência ao significado subjetivo que uma ação tem para o ator. (SCHUTZ, 2003, p. 270).

Schutz (2003) aponta que os construtos científicos de segundo grau são construtos “objetivos típicos”, idealizados, de tipo diferente dos desenvolvidos no primeiro grau, ou do pensamento do senso comum. (SCHUTZ, 2003, p. 271). A atitude do cientista social é a de mero observador desinteressado do mundo social, pois não está envolvido na situação que observa, não há interesse prático, mas apenas cognitivo, não é o palco de suas atividades, mas objeto de sua contemplação. Ao adotar a postura de observador científico, se desliga de sua “situação biográfica” dentro do mundo social. (SCHUTZ, 2003, p. 271).

Na teoria, assume-se uma “atitude científica ao se realizar as pesquisas no mundo da vida dos empreendedores de turismo rural. Essa “atitude científica” trata-se de um exercício diário, pois este caso em estudo envolve pessoas que fazem parte da trajetória de vida da pesquisadora, ou seja, são pessoas que se tornaram próximas, tornaram-se amigas. Parte das interpretações podem estar marcadas por esta aproximação humana mais íntima com os pesquisados. Nas palavras de Jeanne Fravet-Saada, “não pude fazer outra coisa a não ser aceitar deixar-me afetar pela feitiçaria” (FRAVET-SAADA, 2005, p. 155), inserem-se muito próximas, visto que as experiências com tais atores proporcionam um olhar mais atento, sensível e possibilita também experimentar novos caminhos gastronômicos, novos olhares sobre o entorno, experimentar novas sensibilidades.

Para Schutz (1979), o cientista social possui um “estoque de conhecimento³⁷ à mão que é o corpo de sua ciência, e ele tem que tomá-lo como pressuposto”. Este “estoque de conhecimento” auxilia na interpretação produzida junto as suas observações de padrões de interação humana, “em termos de sua estrutura de significado subjetivo”. (SCHUTZ, 1979, p. 273). Tal estoque de conhecimento constitui um arcabouço fundamental para criar algumas categorias e traçar alguns questionamentos a respeito do objeto de estudo e delinear um problema científico.

³⁷ O estoque de conhecimento foi constituído de e por atividades anteriores de experiências de nossa consciência (SCHUTZ, 2003, p.74).

Ao entrar em contato com o *mundo social*, “o cientista social observa padrões de interação humanos ou seus resultados na medida em que são acessíveis à sua observação e abertos à sua interpretação”. (SCHUTZ, 2003, p. 271).

A partir de deslocamentos à região da zona sul do município de Porto Alegre, buscou-se descrever a situação e analisar algumas ações de políticas públicas que estão sendo desenvolvidas e que impactam estes empreendimentos, e à região, que podem possibilitar a descaracterização da paisagem, gerar problemas sociais e colocar em risco os projetos de turismo e agroecologia. Também buscou-se apresentar os empreendimentos que fazem parte da associação POARURAL e os quatro empreendimentos selecionados para a pesquisa, além de realizar entrevistas com os atores durante o período de vivências, oficinas e pesquisas.

3 CAMINHOS DA INVESTIGAÇÃO

O capítulo foi dividido em três seções: a seção 3.1, “*A Zona Sul é Tudo de Bom?*” apresenta-se a contextualização da situação atual e os conflitos e tensões que se tecem na malha urbana do município de Porto Alegre, em específico as políticas direcionadas à exploração imobiliária na região; a seção 3.2, “*O Projeto Caminhos Rurais de Porto Alegre*” trata do escopo do projeto *Caminhos Rurais*, sua localização e atores envolvidos no projeto; na seção 3.3, “*Projetos de Turismo Agroecológico*” apresentam-se os quatro empreendimentos e atores selecionados para este estudo. Os empreendimentos escolhidos pertencem ao núcleo inicial de turismo rural do projeto *Caminhos Rurais de Porto Alegre* e fazem parte da trajetória histórica deste projeto.

3.1 A ZONA SUL É TUDO DE BOM?

Antes de iniciar a apresentação do projeto *Caminhos Rurais* e dos atores pesquisados, faz-se um detalhamento da seção a fim de que se contextualize a situação atual bem como os conflitos e tensões que se tecem na malha urbana do município de Porto Alegre, em especial as políticas direcionadas à exploração imobiliária na região do Extremo Sul de Porto Alegre.

A partir do título selecionado para a seção aspira-se questionar a estratégia publicitária e de marketing utilizada para a venda de imóveis na zona sul do município. A frase, ou slogan, “A Zona Sul é Tudo de Bom” é vista afixada, estampada em muitos automóveis que circulam na cidade. Trata-se de um adesivo criado a partir de uma campanha publicitária desenvolvida para uma empresa imobiliária. As narrativas apresentadas no site da imobiliária expõem a zona sul de Porto Alegre como “um dos lugares mais agradáveis para se viver”, devido à “proximidade com a natureza”, os “grandes atrativos” e o “lugar ideal para morar”. O folder que divulga o projeto *Caminhos Rurais de Porto Alegre* narra o lugar como “um mundo de possibilidades”, pois “aqui o turista convive e vivencia o convívio harmônico com a natureza”. Tais artefatos culturais não apresentam as tensões que se desvelaram com aprofundamento da investigação.

Desde 1999, o projeto Cinturão Verde alerta para a expansão imobiliária em direção à zona sul de Porto Alegre. Assim como as consequências que a alteração do status de “zona rural” para “zona rururbana”, a partir das diretrizes do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Ambiental de Porto Alegre (PDDUA) encadeou para este local do município. A

região é objeto de interesse de diferentes agentes sociais, que se encontram em um cenário de lutas, entre eles: ambientalistas, agricultores, pescadores, suinocultores, construtoras.

É importante salientar o envolvimento dos agricultores na produção de orgânicos, o foco dessa pesquisa, como lideranças políticas, e também atuam em diversos projetos e, com isso, a partir das experiências, emergem críticas sociais. Atualmente organizou-se o *Fórum do Extremo Sul de Porto Alegre* (Figura 1), cuja finalidade é dispor de um espaço de discussão sobre a diversidade e complexidade da região, tendo como pano de fundo o projeto de Lei 007/14, que busca retomar a área rural de Porto Alegre.

Em 19 de maio de 2015, ocorreu o primeiro fórum com a presença dos empreendedores rurais (tradicionais, convencionais e orgânicos), representantes do Sindicato Rural de Porto Alegre, da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER), do Conselho Municipal de Merenda Escolar, dos Caminhos Rurais de Porto Alegre, da Associação dos Produtores da Rede Agroecológica Metropolitana (RAMA), da Secretaria Municipal da Produção Indústria e Comércio (SMIC), da Cooperativa de Produtores Ecológicos Arco-íris, da Associação dos Produtores Ecologistas do Lami-APEL, da Associação dos Suinocultores da zona sul de Porto Alegre, da Associação de Pescadores e Piscicultores do Extremo Sul (APESUL), entre outros empreendedores.

O fórum iniciou com a palavra do secretário da SMIC, Humberto Goulart, e na sequência com os demais convidados. O discurso do secretário trata da importância em se ter uma área rural de forma legalizada, tendo em vista que os negócios tradicionais na região, como a criação de suínos, peixes, agricultura tradicional, convencional e orgânica, estão sendo afetados pelo crescimento dos empreendimentos imobiliários. Há um destaque que a zona sul de Porto Alegre vem perdendo, aos poucos, áreas de vegetação e ganhando áreas de construções residenciais que, de certa forma, contribuem para o aquecimento do clima, poluição do ar, das águas (nascentes e arroios). O assunto do fórum continua discorrendo sobre a produção agroecológica e sua contribuição para a preservação dos animais silvestres, das pessoas e plantas. A fala de Silvana (Sítio Copororoca), ali na representação da RAMA, gira em torno de argumentos a respeito do neo-rural³⁸ ter como objetivo viver da terra. Dessa forma, sua fala apresenta o contraponto com a ideia de que a construção civil traz empregos temporários. Estes, ao resolverem problemas imediatos, desconsideram a dimensão social de longo prazo, pois deixam de solucionar a questão em voga: “*mais do que produzir dinheiro*

³⁸ O termo neo-rural tratado por Silvana apresenta o sentido de um conjunto de ideologias e convicções de um estilo de vida ligado a agroecologia. Neste sentido, os empreendedores urbanos escolhem residir em áreas rurais e desenvolver atividades associadas a práticas ecológicas e agroecológicas.

[caráter comercial da produção] nós estamos produzindo saúde”. (SILVANA- Sítio Capororoca, maio, 2015).

O presidente da Associação dos Suinocultores da zona sul de Porto Alegre expressa sua preocupação com as novas ocupações ao eclodirem conflitos entre os novos moradores e os antigos moradores, como no caso de um dos Suinocultores que teve que fechar seu negócio depois de 40 anos de criação de suínos, visto que o cheiro já está incomodando os recém-chegados à região. Em um discurso emocionado, o suinocultor disse que *“aquilo que eles chamam de fedor, para nós é dinheiro. Eu também não gosto do cheiro da maconha, mas eu não falo nada. O que eu vou fazer agora?”*

Nesse ínterim se instala um clima tenso entre os integrantes, na maioria são senhores na faixa etária acima de 50 anos, que afirmaram que sempre trabalharam com um mesmo tipo de cultura e não vislumbraram outra alternativa de renda, questionando ao público presente: *“nessa altura da vida: como iniciaremos um novo tipo de negócio?”* Nesse momento, um dos integrantes da plenária grita: *“vamos ter que comer os Bugios!”* Emerge também a problemática dos Bugios que já foi pauta de discussão entre eles em outro momento. A plateia caiu na gargalha, “quebrando o gelo” e amenizando o clima tenso. Os discursos continuam focados em defesa da zona rural, da preservação ambiental e dos pequenos empreendimentos.

O representante dos *Caminhos Rurais Vasco* (Granja Santantonio, maio, 2015) alega que recebeu 472 visitantes apenas em sua propriedade e que os visitantes buscam o contato com a natureza e conhecimento da produção orgânica. A problemática do turismo foi pouco aprofundada devido ao tempo de fala de cada inscrito, porém se observa a preocupação com as mudanças rápidas e a descaracterização da paisagem, a poluição ambiental e sonora.

Outro participante, Beto (pescador) trata de destacar que a APPSUL é a única associação de piscicultores do Brasil a entregar o peixe na merenda escolar e que a aproximação de construções levará ao fechamento da associação, devido à poluição das águas. Outro falante, Felipe Vianna (Econsciência, maio, 2015), apresenta alguns locais que já foram demarcados no bairro Lajeado para a construção de residências: *“estimula-se a migração interna na cidade, enquanto existem 48 mil imóveis desocupados na região central da cidade”*. A informação levantada por Felipe não é nova, pois, desde 1999 o projeto Cinturão Verde³⁹ alerta para a expansão imobiliária em direção à zona sul de Porto Alegre. Na perspectiva dos atores presentes no fórum (empreendedores e moradores locais), a expansão de projetos imobiliários rumo à zona sul do município está produzindo uma drástica mudança

³⁹ Projeto Cinturão Verde (2014).

na paisagem⁴⁰ e impactando no ambiente. O fórum encerrou com as pautas sendo direcionadas às datas de reuniões da comissão que irá aprovar o Projeto de Lei.

Em conversa com Silvana, sobre a pauta da zona rural⁴¹, a integrante do Sítio Capororoca e representante da RAMA alega que possuir uma região demarcada, mesmo que seja pequena, constitui-se um grande avanço, no sentido de os agricultores terem condições de acessar os programas da agricultura familiar com créditos para compra de equipamentos e veículos.

Por esses argumentos, há entre os empreendedores investigados uma preocupação em relação ao avanço dos empreendimentos imobiliários à região da zona sul do município, tendo em vista o impacto ambiental e a descaracterização da paisagem e perda de empreendimentos, como é o caso citado do suinocultor. Além disso, há carência de mercado de trabalho, transporte, escolas, coleta de lixo, entre outros problemas que são agravados devido ao aumento populacional. As Figuras 2, 3 e 4 representam exemplos do avanço imobiliário à zona do Extremo Sul de Porto Alegre.

Os guias de turismo Mauri (Sítio do Mato) e Jorge (Sítio Aura Mística⁴²), ambos contatados em julho de 2013, durante uma das visitas ao roteiro Caminhos Rurais de Porto Alegre, argumentam não saber até que ponto a expansão imobiliária poderá trazer benefícios aos empreendedores dos Caminhos Rurais de Porto Alegre. Por um lado, o aumento da densidade demográfica poderá possibilitar também um aumento das visitas em seus sítios por parte da população local; por outro lado, destaca-se como desvantagem a descaracterização da paisagem, a venda de sítios de lazer para a implantação de condomínios, muitas vezes clandestinos, o acúmulo de lixos nas ruas, o engarrafamento, trânsito intenso, nas principais vias de acesso, a poluição do ar e das águas, os ruídos, o aumento da temperatura climática, a diminuição de corredores ecológicos, que contribuem para causar acidentes fatais aos primatas e a outros animais silvestres como, por exemplo, os Bugios que são atropelados, eletrocutados, ou mortos por cães ao tentarem percorrer o território deles. Esses empreendimentos não apresentam planejamento que indique o aproveitamento das áreas

⁴⁰ Compreende-se que toda a paisagem não está imune a transformações, porém no turismo as mudanças não são aleatórias. As mudanças da paisagem na lógica do frame contemporâneo do turismo evidenciam uma singularização através dos espaços e até das reações dos sujeitos. Nesta direção as transformações e mudanças na paisagem podem refletir positiva ou negativamente do olhar do turista influenciando na sua volta ao local.

⁴¹ O projeto de Lei complementar do Executivo nº 007/14 que institui 8% de zona agrícola do município de Porto Alegre foi aprovado em 14 de setembro de 2015. Esta zona foi extinta pelo Plano Diretor de 1999. A zona rural constitui-se como área rural “espaço territorial que representa cerca de 8,28% do total da área do Município e 17,5% da Macrozona 08, na qual está localizado o zoneamento denominado Área de Produção Primária, com fins de garantir a sustentabilidade, o resgate dos valores históricos, culturais, sociais, econômicos e ambientais dos porto-alegrenses”. (GERSON; MAROCCO, 2015).

⁴² O empreendimento Áurea Mística não se encontra mais no projeto Caminhos Rurais de Porto Alegre.

verdes e de sua topografia, ou o cuidado em mapear os corredores ecológicos. O que se observa é a limpeza total do espaço e o enquadramento do local aos imóveis que, na maioria das vezes, não possuem nenhuma área verde reservada.

Figura 1 - Reunião Fórum do Extremo Sul



Fonte: Registrado pela autora (19/01/2015).

Figura 2 - Área tradicional de Cultivo de hortaliças ao lado dos novos condomínios



Fonte: Registrado pela autora (25/09/2016)

Figura 3 - Desmatamento para novos empreendimentos



Fonte: Registrado pela autora (25/09/2016).

Figura 4 - Empreendimento imobiliário em processo de construção



Fonte: Registrado pela autora (25/09/2016).

Com essa percepção descritiva, é possível pensar com Yázigi (2001, p. 14) que esse processo se refere a uma “urbanização periférica que se reflete fortemente no relevo, anulando as características primitivas: colinas desaparecem ou perdem visibilidade ou, ainda, transformam-se em barrancos; a vegetação é sumariamente eliminada; rios e riachos se convertem em esgoto”. Desde então, notam-se que estes problemas⁴³ não foram solucionados e estão se agravando na região, contribuindo na “despersonalização do lugar” e até mesmo para a perda da “alma do lugar”. (YÁZIGI, 2001).

Nessa perspectiva, a paisagem assume um papel relevante para o turismo rural de Porto Alegre. Assim também, os empreendimentos agroecológicos e de turismo da zona sul

⁴³ No excerto retirado do site Cinturão Verde, esta discussão encontra-se presente: “a construção de moradias para resolução do problema do déficit habitacional é realmente uma necessidade em Porto Alegre. O problema é que com o advento do Programa Habitacional Minha Casa, Minha Vida e as políticas públicas de “higienização” da cidade para a Copa 2014, formaram um contexto favorável à transformação da Zona Rural de Porto Alegre em periferia. Prova disso é que das 30 áreas gravadas recentemente como AEIS, 22 são na Região Extremo Sul, ficando assim clara a segregação sócio-espacial proposta pelo poder público. O adensamento populacional em regiões inadequadas acaba criando diversas demandas para o poder público. A deficiência de transporte público na região e a carência de mercado de trabalho capaz de absorver essa futura mão de obra são dois ótimos motivos para se reavaliar esse processo”. Também as campanhas de marketing imobiliário contribuem com anúncios publicitários, quando articulam diferentes representações a respeito da natureza para comercialização de imóveis e outros produtos. Ao navegar em sites imobiliários é possível observar a quantidade de imóveis em lançamento na Zona Sul de Porto Alegre que articulam diferentes representações da natureza encadeados a uma melhor qualidade de vida. As campanhas de marketing produzidas para vender tais empreendimentos imobiliários têm como foco a natureza, porém quando se iniciam tais construções o espaço verde é retirado. Com exceção dos imóveis de luxo que possuem uma pequena parte de reserva ecológica, os imóveis populares como o Minha Casa Minha Vida, programa do Governo Federal, sequer tem espaço preservando a natureza que ali já se encontrava. A maioria dos casos observados do Minha Casa Minha Vida (condomínios implantados no bairro Restinga) não possui uma única árvore plantada.

de Porto Alegre compreendem um papel fundamental na manutenção da área rural produtiva e também de conservação dos espaços naturais, ambos ameaçados pelo processo de descaracterização das áreas de entorno, que comprometem a Região Sul da cidade⁴⁴.

As quatro propriedades selecionadas para este estudo, aqui consideradas também, encontram-se envolvidas em outros projetos, como o evento *Troca Anual de Sementes*, promovida pela Associação RAMA. Esse evento ocorre uma vez por ano e, no ano de 2015, o evento encontrava-se em sua quinta edição. Participam desse encontro, os representantes de associações agroecológicas, de empreendimentos orgânicos, EMATER, Secretaria Municipal de Produção Indústria e Comércio (Humberto Goulart), Superintendência do MAPA, Organismo Participativo de Avaliação de Conformidade Orgânica (OPAC), jornalistas locais, associados e demais convidados. O evento inicia com uma dinâmica de grupo, em que todos os participantes dão-se as mãos e realizam uma fala tratando dos objetivos do encontro e agradecimento aos participantes.

Na sequência do encontro, acontece a palestra da Engenheira Agrônoma do Núcleo de Agroecologia da Secretaria de Desenvolvimento Rural, Agda Regina Yatsuda Ikuta, que discursa a respeito da importância do grupo que anualmente se envolve na troca de sementes, justificando que é um caminho para “*garantir o direito à alimentação acessível economicamente e adequada culturalmente*”. (AGDA, 2015). Para ela, os agricultores orgânicos, quilombolas e indígenas possibilitam contribuir para a melhoria genética das sementes e são tratados por ela como “guardiões da biodiversidade”. Segundo Agda (2015), as sementes para estes grupos expressam um valor simbólico, pois “*cada propriedade representa um mundo*”; para os Mybyá-Guaranis, “*o milho alimenta o espírito*”, por exemplo. Assim, cada grupo possui diferentes relacionamentos com as sementes.

É importante salientar que a troca não ocorre apenas com sementes. Conforme Silvana (Sítio Capororoca) também se entende por sementes as mudas, raízes, ramos, pois algumas plantas não se multiplicam apenas por sementes. Cada participante fica responsável em plantar as sementes que recebe e se comprometem em trazer novas sementes no próximo encontro, tendo cuidado em melhorá-las a partir de um processo seletivo. Nesses eventos, que envolvem o dia inteiro, a propriedade anfitriã fica responsável por fazer o almoço que é pago pelos participantes de forma espontânea, ou seja, cada participante paga o valor que achar justo pelo alimento. Na direção, os eventos buscam desenvolver a ética, a prática da

⁴⁴ Caminhos Rurais (2013).

cooperação, a solidariedade e a valorização da produção orgânica em busca de uma alimentação saudável e do respeito ao meio ambiente.

Os *Caminhos Rurais de Porto Alegre* também foram pauta de um vídeo produzido em parceria com o projeto “*Juntos para Competir*” (SEBRAE, SENAR, FARSUL), que apresenta a proposta evidenciando suas práticas agroecológicas. Nas narrativas dos empreendedores há atividades que sustentam as propriedades e estão alinhadas a práticas de preservação e conservação do ambiente, como cabanas para a hospedaria de cavalos, atividades pedagógicas, vivências, gastronomia, produção e consumo de orgânicos, hospedarias. Isabel (Granja Lia), atual presidente da associação POARURAL, informa que as propriedades estão alinhadas a ideia de produção e consumo de produtos orgânicos: “*aqui da associação, somos orgânicos. Estamos consumindo produtos limpos, como a gente diz. Nós temos as cabanas onde as pessoas podem usufruir da questão dos cavalos, nós temos vivências, a natureza, principalmente, que a gente preza e preserva muito*”⁴⁵.

Conforme Luchiari (2000), ao contrário do turismo de massa nas atividades turísticas alternativas, existe uma preocupação com a sustentabilidade. Nesse tipo de experiência turística, buscam-se “bons exemplos de conciliação entre a exploração econômica, a participação das populações locais e o gerenciamento racional dos recursos naturais”. (LUCIARI, 2007, p. 37). Assim, as atividades turísticas realizadas na experiência de turismo rural em Porto Alegre aspiram conciliar o princípio da sustentabilidade com o desenvolvimento econômico local, além de promoverem novas identidades rurais.

As experiências em turismo do projeto *Caminhos Rurais* podem ser consideradas um cenário de lutas e negociação com o poder público, com agentes imobiliários, a comunidade local, com as operadoras de turismo e com a natureza.

A partir daí, o *site Caminhos Rurais* pode ser entendido como um espaço político e social que discute as temáticas associadas a esses empreendimentos e seus empreendedores sobre as demandas, sobre as posições, as identidades, as verdades, possibilitando uma janela para os empreendedores turísticos dos *Caminhos Rurais* e os navegadores da internet. Entende-se, com isso, que o *site dos Caminhos Rurais* se constitui em um importante artefato cultural a ser analisado nesta pesquisa.

A experiência do turismo rural de Porto Alegre, através do *site* em voga, produz ações que levam a uma noção de cidadania, mediada por ferramentas da *web*. As ferramentas

⁴⁵ Vídeo *Caminhos Rurais* 2016. Parceria com o projeto *Juntos para Competir*, SEBRAE, SENAR, FARSUL. (CAMINHOS RURAIS, 2016c).

disponíveis na *web* possibilitam outro canal para “se informar e entender a comunidade a que se pertence, de conceber e exercer os direitos”. (CANCLINI, 2010, p. 39).

O crescimento das tecnologias audiovisuais e de comunicação são elementos que promovem o desenvolvimento do público e o exercício da cidadania, como aponta Canclini (2010). Conforme o autor, “foram estabelecidas outras maneiras de se informar, de entender as comunidades a que se pertence, de conceber e exercer direitos”; ele argumenta que “o público recorre ao rádio e à televisão para conseguir o que as instituições não proporcionam: serviços, justiça, reparações, ou simples atenção”. (CANCLINI, 2010, p. 38).

A partir do intercâmbio de experiências e conhecimentos com visitantes estrangeiros, o turismo rural de Porto Alegre se globaliza e também "ruraliza" o global. Esses encontros entre pessoas de origens diversas, no turismo rural, provocam um processo de negociação entre os sujeitos, produzindo novos significados sobre o que é ser cidadão em Porto Alegre.

Os proprietários dos empreendimentos, ao se organizarem em grupo para constituírem um produto turístico para Porto Alegre, acabam negociando identidades e promovendo novas ações de cidadania. Nas negociações, eles passam a assumir diversas identidades, tais como: sujeito “agroecológico”, “ecológico”, “empreendedor rural”, “tio”⁴⁶. Ao exercerem diferentes papéis e promoverem múltiplos exercícios de cidadania, esses sujeitos apropriam-se e negociam espaços midiáticos, utilizando-se de ferramentas da *web* para dialogar com o global, a partir do local, como representantes de uma Porto Alegre turística e rural. São essas múltiplas conexões entre o turismo rural e a mídia, entre o global e o local, entre o privado e o patrimonializado e as novas modalidades de cidadania daí resultantes que estarão sendo analisados nesses empreendimentos.

3.2 O PROJETO CAMINHOS RURAIS DE PORTO ALEGRE

Os empreendedores selecionados para esta pesquisa de tese residem no Bairro Lami, na zona sul do município de Porto Alegre, no estado do Rio Grande do Sul, Brasil. Eles estão envolvidos em atividades de turismo. Todos eles são agricultores orgânicos e participam da Feira Agroecológica, que ocorre aos sábados, na rua José Bonifácio em Porto Alegre. As motivações dos quatro entrevistados em abraçar um projeto de turismo apontam caminhos muito parecidos, aparentemente. Em princípio, quando questionados sobre o porquê do engajamento em um projeto de turismo, o discurso deles sempre foi muito semelhante: “o turismo agrega valor à propriedade”; “O turismo é um complementar de renda”. O termo

⁴⁶ A exemplo de como são chamados alguns empreendedores que recebem escolas: “tio Mauri”, “tio Juca”.

“agregar valor” foi repetido várias vezes pelos empreendedores nas entrevistas: “agregar valor à propriedade”, “agregar valor aos produtos”. Trata-se, então, de um discurso presente nas capacitações em turismo, já divulgados pelos especialistas da área, tendo em vista que o turismo é um produto que vem agregar valor à produção primária, à agricultura, e a complementar a renda dos agricultores. É importante ressaltar que no período dessa pesquisa foi possível verificar que os empreendedores estão comprometidos com diversos projetos que envolvem uma teia complexa, às vezes dificultando a interpretação do “mundo intersubjetivo da vida cotidiana”. (SCHUTZ, 2003, p. 38).

O projeto de turismo rural atualmente denominado *Caminhos Rurais de Porto Alegre* começou a ser delineado há mais de quinze anos, com base nas pesquisas realizadas por estudantes do Curso de Turismo da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Esse projeto foi pensado e elaborado como uma alternativa de renda para as pequenas propriedades de agricultura familiar na zona sul de Porto Alegre.

Conforme Susana Gastal, desde 1999, o município de Porto Alegre desenvolve ações de turismo direcionadas aos seus residentes:

Pensar o turismo não só sob o olhar dos visitantes, mas também dos residentes, fez parte de propostas de desenvolvimento de Porto Alegre. O Plano de Ação de 1999 inclui entre seus públicos preferenciais, os residentes da cidade, desde que estes saíssem de suas rotinas espaciais e temporais na cidade. Parte-se do pressuposto que uma cidade como Porto Alegre possuiria um espaço urbano e práticas culturais que, por sua complexidade podem ser desconhecidas e estranhas para os próprios porto-alegrenses. (GASTAL, 2006, p. 11).

Segundo Helena Ribeiro, foi em meio a um cenário geográfico constituído pelo Lago Guaíba e por uma cadeia de quarenta morros que o roteiro *Caminhos Rurais de Porto Alegre* se desenvolveu. (RIBEIRO, 2010, p. 343).

No ano de 2005, a Secretaria Municipal de Turismo de Porto Alegre elaborou o roteiro *Caminhos Rurais de Porto Alegre* em parceria com a Associação Rio-Grandense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER), o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR) e a Cooperativa de Formação e Desenvolvimento do Produto Turístico (COODESTUR), como entidade de capacitação dos empreendedores de Turismo Rural. A parceria tinha o objetivo de ampliar a oferta turística da capital e agregar valor aos produtos e serviços da área rural de Porto Alegre. Desde o lançamento em 2005, conforme Ribeiro, o roteiro dos *Caminhos Rurais* recebeu mais de 20 mil visitantes. (RIBEIRO, 2010, p. 351).

Em 2006, foi fundada a Associação Porto Alegre Rural (POARURAL), que representa um conjunto de empreendimentos que desenvolve ações de turismo, cujo intuito é “firmar parcerias para a manutenção da área rural de Porto Alegre, e ocupando espaços na busca por condições de acesso a mercados e consolidação como produto turístico desta capital”⁴⁷. Também surge como proposta a troca de experiências entre os visitantes e os visitados, promovendo “o desenvolvimento sustentável das atividades turísticas rurais e dos atrativos da região, em harmonia entre a comunidade e o meio ambiente”⁴⁸.

No ano de 2008, a Cooperativa de Formação e Desenvolvimento do Produto Turístico (COODESTUR), em parceria com a Associação Porto Alegre Rural (POARURAL) e com o apoio da Prefeitura Municipal de Porto Alegre (PMPA), aprovou um projeto para a reorganização dos *Caminhos Rurais*. Com essa nova versão do projeto é que se produziu o site www.caminhosrurais.tur.br:

Em 2008, a Associação Porto Alegre Rural (POARURAL), e Secretaria Municipal de Turismo (SMTUR), aderiram à proposta de Projeto da Cooperativa de Formação e Desenvolvimento do Produto Turístico (COODESTUR) para encaminhamento à chamada de Projetos 2008/01 de Apoio a iniciativas de turismo de Base Comunitária, lançada pelo Ministério do Turismo (MTUR). O projeto elaborado conjuntamente com a entidade parceira e beneficiária, e com o respaldo do histórico institucional da entidade proponente e da trajetória dos *Caminhos Rurais*, o projeto encaminhado pela COODESTUR foi aprovado para execução no período 2009/2010 sob o título de Apoio a Iniciativas de Turismo de Base Comunitária de Porto Alegre⁴⁹.

Em 2008, a associação recebeu o Prêmio Empreendedorismo: “a distinção homenageou empresários, entidades, empresas, profissionais e personalidades pela sua contribuição ao fomento, qualificação e desenvolvimento do setor no município”⁵⁰. De acordo com as informações apresentadas no site *Caminhos Rurais*, constituem-se 20 associados, e destes, fazem parte do roteiro turístico *Caminhos Rurais de Porto Alegre* os seguintes (Figura 5):

⁴⁷ Caminhos Rurais (2015b).

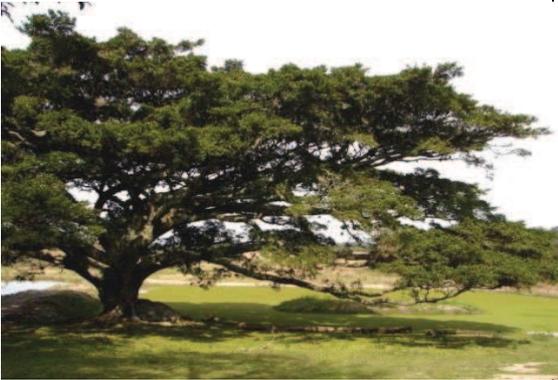
⁴⁸ Caminhos Rurais. (2015c).

⁴⁹ Caminhos Rurais (2015a).

⁵⁰ Prefeitura Municipal. Porto Alegre (2015).

Figura 5 - Associados POARURAL

Empreendimento	Imagens do local
<p>Cabanha La Paloma: A cabanha está situada numa área de 15 ha, onde dispõe de cavalos da raça crioula, tanto para passeios no dia a dia como para a Cavalgada da Lua Cheia, evento que acontece a cada três meses.</p> <p>Atividades desenvolvidas: locação para filmagens, casamentos, aniversários e roteiros para grupos. Almoço e jantar campeiros são oferecidos, mediante reserva antecipada. A propriedade oferece também, aulas de equitação e montaria.</p> <p>Endereço: Estrada Edgar Pires de Castro, 9089. Bairro Lageado, Porto Alegre, RS. Contato: (51) 9718.2741; (51) 9972.2112 e-mail: marijobarbosa.lp@gmail.com Rede Social: https://www.facebook.com/cabanhalp/</p>	
<p>Colônia Villanova: Armazém e Café voltado à comercialização de produtos orgânicos, integrais, sem glúten e sem lactose.</p> <p>Atividades desenvolvidas: feira de orgânicos aos sábados pela manhã, almoço vegetariano de segunda a sexta-feira, buffet de café da manhã (com predominância de produtos orgânicos).</p> <p>Endereço: Estrada João Salomoni 600. loja 101, Bairro Vila Nova, Porto Alegre, RS. Contato: (51) 3261-8470; (51) 91740-830 e-mail: contato@coloniavillanova.com.br Rede Social: facebook.com/colonia.villanova Site: www.coloniavillanova.com.br</p>	
<p>Fazendinha: A Fazendinha faz parte do projeto cultural, Turismo de Galpão Campeiro.</p> <p>Atividades desenvolvidas: busca incentivar, divulgar, demonstrar o desenvolvimento das potencialidades culturais/criativas do povo gaúcho no intuito da valorização e preservação dos aspectos culturais do estado RS.</p> <p>Endereço: Avenida do Lami, 4667 .Bairro: Boa Vista , Porto Alegre, RS. Contato: (51) 9819.9157; (51) 9964.5191; (51) 9978.1980 e-mail: fazendinhaturismodegalpao@gmail.com rede Social: https://www.facebook.com/FazendinhaFarroupilha</p>	

<p>Granja Lia: A Granja existe desde 1906. A propriedade desenvolveu, ao longo desses anos, atividades como pecuária e agricultura.</p> <p>Atividades desenvolvidas: voltada para o turismo rural, oferece gastronomia, trilhas, espaço para a prática de esportes e observação da fauna e flora nativas. Desenvolve atividade agrícola orgânica e piscicultura, assim como pensionato para cavalos.</p> <p>Endereço: Estrada São Caetano, 3000. Bairro Lami, Porto Alegre, RS. Contato: (51) 3352-1557; (51) 9901-2625; (51) 99978530. e-mail: caoboehl@hotmail.com Rede Social: https://www.facebook.com/pages/Granja-LIA/324653424296113 Site: www.granjalia.com.br</p>	
<p>Granja Santantonio: Há um ambiente cuja conservação é o esteio fundamental da produção de frutas e verduras, obtidas através do manejo agroecológico. Uma ampla área onde os proprietários mantêm a harmonia entre produção de alimentos, animais e preservação da história local.</p> <p>Atividades desenvolvidas: entre os atrativos, está o trabalho pedagógico que inclui a visita às plantações, em que o proprietário apresenta o manejo ecológico de plantio. Há também degustação e venda de produtos hortigranjeiros, passeios de trator e caminhadas em uma propriedade com muitas histórias dos seus antepassados.</p> <p>Endereço: Estrada do Varejão, 2560, (Beco Paraíso) Casa 1000. Bairro Lami, Porto Alegre, RS. Contato: (51) 3258-1050; (51) 8510.9302 e-mail: vasco.moro@terra.com.br Rede Social: www.facebook.com/granja.santantonio</p>	
<p>Centro de Eventos Haras Cambará: é um empreendimento rural sustentável. As instalações de um antigo haras de cavalos foram remodeladas e transformadas em uma autêntica casa de fazenda, voltada ao turismo rural e eventos.</p> <p>Atividades desenvolvidas: oferece estrutura completa para cursos e eventos empresariais, festas de casamentos, formaturas, aniversários e outras comemorações. Infraestrutura: salão multiuso climatizado, salão com churrasqueira, trilhas em meio à mata nativa, campo de futebol gramado, açudes para banho, hospedagem.</p> <p>Endereço: Estr. Extrema, 500. Bairro Lami, Porto Alegre, RS. Contato: (51) 3258-1086; (51) 9955-6065 Site: www.cambara.tur.br e-mail: cambaraeventos@gmail.com Rede Social: www.facebook.com/PHCambara</p>	

<p>Rossato Garden Center: a floricultura é o maior atacado e varejo de Porto Alegre em número e variedade de espécies de plantas ornamentais, mudas de árvores nativas, frutíferas e exóticas, flores, orquídeas e bromélias.</p> <p>Atividades desenvolvidas: O visitante além de conhecer essa diversidade, aprende a cultivar flores e plantas ornamentais em casa. Há ainda objetos e utensílios diversos para jardins e projetos de jardinagem.</p> <p>Endereço: Rua Darci Pereira Pozzi, 900 (Beco do Chapéu do Sol). Bairro Belém Novo, Porto Alegre, RS. Contato: (51) 3250.5076 – (51) 3346.8030 e-mail: rossatto@rossattogardencenter.com.br; catia@rossattogardencenter.com.br Site: http://rossattogardencenter.com.br/</p>	
<p>RPPN Costa do Cerro: a cabana destinada à criação de cavalos crioulos, hospedagem de cavalos de terceiros, possuindo, também, serviço de doma e treinamento. Há no local uma RPPN certificada pelo IBAMA, no complexo do morro São Pedro.</p> <p>Atividades desenvolvidas: Convívio com animais domésticos, além de ovelhas, terneiros, cavalos e aves silvestres. Para passeios contemplativos, trilhas ou aluguel de cavalos, locação de espaço para books e propagandas.</p> <p>Endereço: Estrada da Taquara, 1.834. Bairro Lami, Porto Alegre, RS. Contato: (51) 3258-5023; (51) 9981-1088 e-mail: contato@cabanhacostadocerro.com.br Site: http://cabanhacostadocerro.com.br/ Rede Social: www.facebook.com/pages/Cabanha-Costa-do-Cerro/452417888163082</p>	
<p>Sítio Capororoca: Silvana, formada em agronomia na cidade de Passo Fundo, voltou a Porto Alegre para trabalhar no ramo e também porque seu marido, Zanir Bohrer, queria voltar a morar na cidade. Estagiou na Emater, conheceu Juca e Dodô, produtores rurais do Lami e em 2000 iniciaram um núcleo de agroecologia. Início foi com o plantio de morangos.</p> <p>Há um investimento na fruticultura, verduras e também em flores e plantas comestíveis diferentes. Em 2004, o botânico e pesquisador Valdely Kinupp ajudou a implementar e produzir plantas alimentícias não-convencionais, que serviram de estudo para montar o conteúdo do livro PANC no Brasil. Os produtos são vendidos em relação direta com o produtor nas feiras: Feira Ecológica da Tristeza e na Feira Ecológica do Bom Fim.</p> <p>Atividades desenvolvidas: vivências, oficinas, visitas técnicas.</p> <p>Endereço: Estrada do Varejão, 2560 (Beco Paraíso) Casa 951. Bairro Lami, Porto Alegre, RS. Contato: (51) 3258-5607; (51) 99897.8041 e-mail: sitiocapororoca@hotmail.com Rede Social: https://www.facebook.com/sitiocapororoca/ Site: www.sitiocapororoca.com.br</p>	

<p>Sítio Canto Rural: o sítio possui Galpão Campeiro, utensílios, indumentária das tradições dos tropeiros, do gaúcho e da história do Rio Grande do Sul.</p> <p>Atividades desenvolvidas: possui uma função pedagógica formativa com objetivo de trabalhar experiências e vivências as quais serão assimiladas e retidas pelos diversos públicos com abrangência no turismo.</p> <p>Endereço: Rua do Jesuíno, 200. Bairro Lami, Porto Alegre, RS.</p> <p>Contato: (51) 9663.5053; (51) 3259.1078</p> <p>e-mail: sitiocantorural@gmail.com</p> <p>Site: https://www.facebook.com/sitiocantorural/</p>	
<p>Sítio Chimango: dedica-se à produção de flores sem agrotóxicos e está localizado na zona sul de Porto Alegre. É um espaço aconchegante e florido, onde o visitante pode passar momentos agradáveis.</p> <p>Atividades desenvolvidas: casa de chá, almoço caseiro, local para eventos, assim como produtos caseiros fabricados com nossa produção sem agrotóxicos (sucos, geleias, cucas, bolachas, bananas passa entre outros). O Sítio Chimango possui uma cabanha para locação.</p> <p>Endereço: Bairro Campo Novo, Porto Alegre, RS.:</p> <p>e-mail: mendili@rocketmail.com</p> <p>Contato: (51) 32453456; (51) 992212924</p>	
<p>Sítio do Mato: Voltado para visitação escolar, o Sítio do Mato desenvolve atividades pedagógicas com o objetivo de proporcionar experiências rurais a quem vive distante dessa realidade.</p> <p>Atividades desenvolvidas: A visita é criada em parceria com os professores e de acordo com as necessidades da escola. As turmas são guiadas por monitores responsáveis por contar tudo sobre as plantas, sobre os animais e sobre as curiosidades do ambiente rural.</p> <p>Endereço: Estrada do Rincão, 1860/550. Bairro Belém Velho, Porto Alegre, RS</p> <p>Contato: (51) 33194133; (51) 99877551</p> <p>e-mail: mauri@sitiodomato.com</p> <p>Rede Social:</p> <p>https://www.facebook.com/sitiodomatoportoalegre</p> <p>Site: http://sitiodomato.com/</p>	
<p>Sítio Santa Fé: No sítio Santa Fé, há uma área verde de 4,3 hectares, com açudes, galpão crioulo, horta ecológica, plantio de feijões orgânicos (feijão preto e vermelho), pomar com diversas frutíferas, além de criação de galinhas, de patos, de gansos e vaca leiteira com produção de laticínios.</p> <p>Atividades desenvolvidas: oferece espaço para eventos. Atendimentos a escolas e grupos interessados.</p> <p>Endereço: Beco da Vitória, 1.100. Bairro Lageado, Porto Alegre, RS.</p> <p>Contato: (51) 3258.5917; (51) 9987.1063.</p> <p>e-mail: goiabecker@gmail.com</p> <p>Rede social: facebook.com/sitio.santafe.5</p>	

Sítio Santa Clara: local de passeio para toda a família, a 28 km do centro de Porto Alegre.

Atividades desenvolvidas: O local é disponível para organizar aniversário de crianças, o chá de fralda ou algum outro momento especial. Um local onde as crianças podem entrar em contato com os animais; há passeios a cavalo, passeios de bicicleta, criação de peixes ornamentais e ainda açudes onde as crianças podem se divertir.

Endereço: Rua Augusto dos Anjos, 2550. Bairro: Boa Vista, Porto Alegre, RS.

Contato: (51) 3414.3386; (51) 9896.1182; (51) 9964.2009

Rede Social: www.facebook.com/sitiosantaclarars



Fonte: Caminhos Rurais (2016).

Segundo informações contidas no site do roteiro *Caminhos Rurais*⁵¹, a área do roteiro turístico ocupa cerca de 30% do município de Porto Alegre e abrange onze bairros: Belém Novo, Belém Velho, Campo Novo, Cascata, Hípica, Ipanema, Lami, Lageado, Lomba do Pinheiro, Restinga e Vila Nova. Os atrativos constituem-se nas propriedades rurais (Sítios, Haras, Floricultura, Armazém, patrimônio cultural e natural, produtos orgânicos e os próprios empreendedores).

Os associados da POARURAL participam de capacitações dirigidas pelo projeto Juntos para Competir. O projeto trabalha com parceria SEBRAE, SENAR e FARSUL. As capacitações resultaram na elaboração de um vídeo para apresentação do produto *Caminhos Rurais* e na consolidação do Programa de Turismo Rural SENAR/RS donde surge um novo produto chamado: “piquenique rural” (Figura 6, 7 e 8).

Figura 6 - Consolidação da Capacitação de Turismo (SENAR/RS)



Fonte: Registrado pela autora (29/10/2016).

Figura 7 - Convite para o evento



Fonte: Convite –e-mail.

⁵¹ Site dos *Caminhos Rurais* (2013).

Figura 8 - Produto - Piquenique Rural



Fonte: Registrado pela autora (29/10/2016).

Os associados participam de eventos que contribuem para a divulgação do projeto *Caminhos Rurais*. Eles participaram do dia do Turismo que ocorreu na PUC/RS (Figuras 9, 10 e 11), ou seja, a associação foi convidada para participar do evento com seus associados e também para o coquetel com produtos dos sítios. Além das bandejas que circulavam com sucos e canapés feitos com PANCS e produtos orgânicos, em cima de cada mesa havia um buquê de flores de capuchinha com um bilhete “leve para a sua salada”. A criatividade e ação pedagógica estão presentes nas atividades realizadas pelos participantes da associação.

Figura 9 - Dia Mundial do Turismo (PUC/RS)



Fonte: Registrado pela autora (27/09/2016).

Figura 10 - Canapés com pétalas de Sininho



Fonte: Registrado pela autora (27/09/2016).

Figura 11 - Buquê de Capuchinhas



Fonte: Registrado pela autora (27/09/2016).

O site dos *Caminhos Rurais* (Anexo A) apresenta uma nova versão bem mais simples que a anterior do projeto *Caminhos Rurais*, com mesmo nome. Na primeira página há imagem de uma figueira que está localizada na Granja Santantonio. A seguir, quadros informativos da programação de dois produtos: “*Roteiro Caminhos Rurais*” e “*Porteira Aberta*”. Na barra inicial, onde estão o logotipo do projeto e os títulos “sobre”, “propriedades” e “contato”, em cor branca com a barra em cor verde, seguem as cores usadas na arte do logotipo do projeto e Associação POARURAL. Ao clicar sobre os títulos, a página vai rolando em sentido para baixo, apresentando o conteúdo indicativo de cada um deles.

O texto, logo a seguir, informa sobre a localização e sobre o projeto. Rolando o cursor aparecem, lado a lado, as imagens das propriedades que atualmente fazem parte do projeto *Caminhos Rurais*. No final da página, o espaço de contato e os logotipos dos apoiadores e parceiros: Caminhos Rurais de Porto Alegre, Associação POARURAL, Prefeitura Municipal de Porto Alegre, Escritório Municipal de Turismo. Ao clicar nas imagens das propriedades, abre-se uma página com informativos e contato de cada propriedade associada. As imagens apresentam espaços ao ar livre, predominando a paisagem com morros, lagos, figueiras, gramados, animais (cavalos, cabras), com exceção do Sítio Capororoca, que apresenta uma imagem dos produtos produzidos na propriedade.

O site dos *Caminhos Rurais* apresenta o projeto representado por uma identidade rural, com atividades de turismo pautadas na agroecologia, associativismo e no protagonismo da comunidade local:

Na zona rural, que abrange onze bairros e ocupa cerca de 30% do território de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, localizam-se as propriedades que fazem parte dos Caminhos Rurais de Porto Alegre. A agroecologia e sua diversidade, bem como a criação de ovelhas e cavalos, despertam interesse neste destino que conta hoje com diversos empreendimentos e equipamentos turísticos, com potenciais diversos e atrativos como espaços para Ecoturismo, Turismo Cultural, Turismo Rural e de Estudos e Intercâmbio, com tematizações diversas. Além destes diferentes segmentos do turismo, os Caminhos Rurais buscam um novo modelo de desenvolvimento turístico, pautado no associativismo e no protagonismo da comunidade local. (CAMINHOS RURAIS, 2016b).

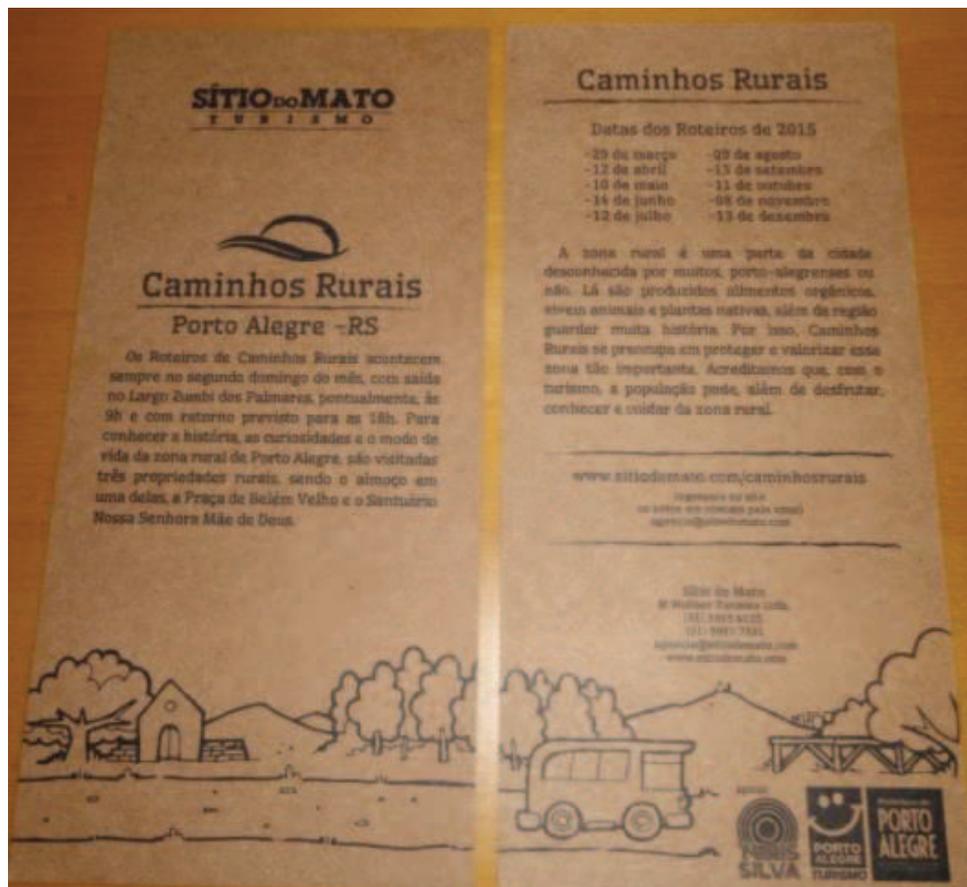
Nas narrativas dos sujeitos apresentam-se atividades que sustentam as propriedades e estão alinhadas a práticas de preservação e conservação do ambiente, sejam cabanas para a hospedaria de cavalos, sejam atividades pedagógicas, vivências, gastronomia, produção e consumo de orgânicos, sejam hospedarias. Isabel (Granja Lia), atual presidente da associação POARURAL informa que as propriedades estão alinhadas a ideia de produção e consumo de produtos orgânicos. O vídeo sobre o projeto circula nos ônibus municipais da empresa carris do município de Porto Alegre. A proposta do projeto *Caminhos Rurais* e o vídeo foi apresentada à Câmara de Vereadores Período de Comunicações Temático da Câmara Municipal (junho, 2016). Entre os vereadores que debateram o tema, estavam Reginaldo Pujol – DEM, que assinalou o caráter de “economia sustentável” deste projeto, o Engenheiro Comasseto (PT) que tratou de sua escolha por morar na zona sul, região dos *Caminhos Rurais*, pela qualidade de vida que o local proporciona e indica que “pode ser muito mais potencializada”. No excerto, a seguir, as narrativas sobre o projeto para zona sul como potencial espaço para turismo, agricultura familiar, preservação ambiental:

Dr. Thiago Duarte (DEM) falou sobre o protagonismo da região no turismo ecológico e sobre as empresas familiares. ‘Que essa área seja reconhecida no Estado e no país’, frisou Adeli Sell (PT), defendendo a maior divulgação da zona rural, mostrando o que ela oferece para Porto Alegre. ‘A subsistência da agricultura familiar se dá através das pessoas que a consomem’, declarou. Lourdes Sprenger (PMDB) e apontou a necessidade do cuidado com os animais no desenvolvimento turístico e ‘Quando acontecem maus-tratos, pessoas comprometidas com a causa animal não retornam ao lugar’, disse ela. Já Jussara Cony (PCdoB) abordou a necessidade do conhecimento para a preservação ambiental: ‘Conhecer a natureza é um fator de preservação, pois quem conhece ama, quem ama cuida, e quem cuida preserva’, disse. Para Sofia Cavedon (PT), a agricultura familiar também pode ser fortalecida: ‘Coloco como desafio a realização de uma Feira da Agricultura Familiar no Largo Glênio Peres’, sugeriu. Por sua vez, Rodrigo Maroni (PR) disse ser fundamental ‘o papel dos representantes dos *Caminhos Rurais* na preservação ambiental’. Cláudio Janta (SD) ressaltou que as regiões sul e sudeste de Porto Alegre ‘têm a peculiaridade em ter a calma do campo muito perto do centro da cidade’. Afirmou que o retorno da zona rural foi um

reconhecimento da cidade aos produtores primários da Capital. Valter Nagelstein (PMDB) destacou que, quando foi titular da Secretaria Municipal da Produção, Indústria e Comércio (Smic) teve oportunidade de articular a volta da zona rural: ‘Foi uma conquista histórica da cidade. O conceito de zona rururbana, implantado pelo Plano Diretor, foi um equívoco e precisou ser revisado’. (ZAMBI et al., 2016).

A agência Sítio do Mato (Figura 12) é de um dos associados POARURAL. Ele comercializa o produto Caminhos Rurais de Porto Alegre com agenda mensal, no segundo domingo de cada mês, com saída do Largo Zumbi dos Palmares às 9h e retorno às 18h. A visita ocorre em três propriedades rurais, com alimentação e visita à Praça Belém Velho e ao Santuário Nossa Senhora Mãe de Deus.

Figura 12 - Folder Sítio do Mato



Fonte: Registrado pela autora (2015).

O roteiro faz um recorte por vários bairros e o Guia de Turismo, Mauri (também dono da agência), conta a história do município e destes bairros. A Praça de Belém faz parte do patrimônio histórico. A capela Nossa Senhora de Belém e o casario (Figuras 13 e 14) foram tombados em 1992 pela Secretaria Municipal de Cultura.

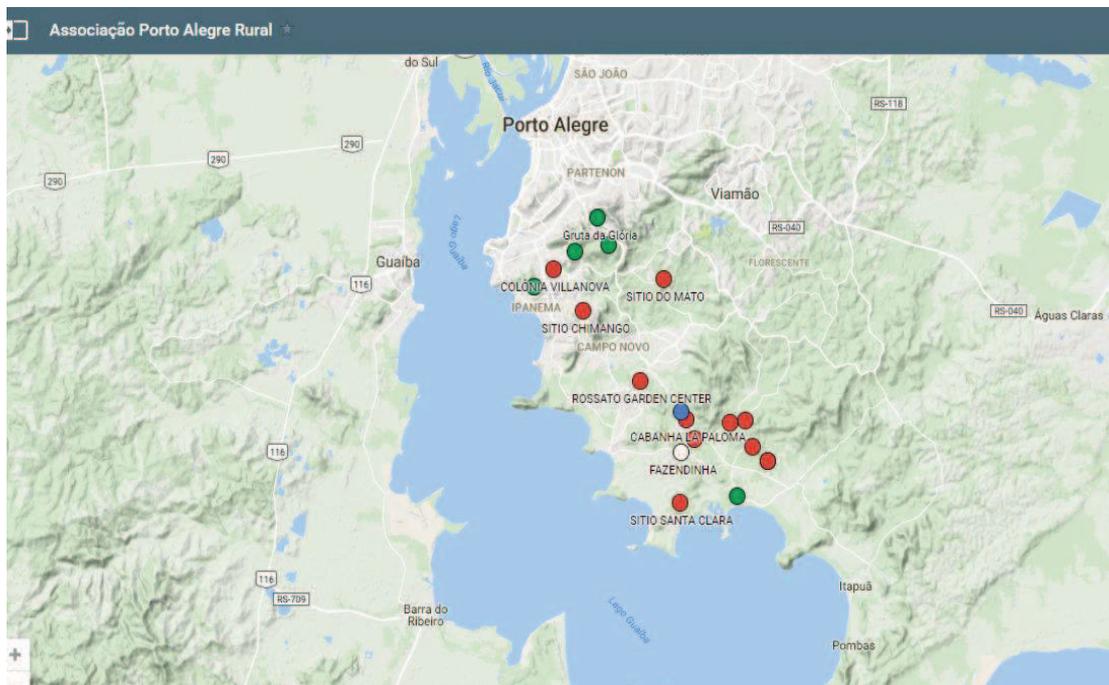
Figura 13 e 14 - Capela Nossa senhora de Belém e Casario



Fonte: Registrado pela autora (10/05/2015).

A seguir, há o mapa com a localização das propriedades que fazem parte do projeto turístico *Caminhos Rurais de Porto Alegre*, disponível em <http://caminhosrurais.com.br/site/#contato>. Na nova página do projeto, o “mapa” encontra-se em um link do gool.com/maps. No entanto, nem todas as propriedades que fazem parte do projeto estão neste mapa (Figura 15).

Figura 15 - Localização dos empreendimentos



Fonte: Caminhos Rurais de Porto Alegre (2016).

O estudo dos *Caminhos Rurais de Porto Alegre* limita-se a investigar quatro empreendimentos, respectivamente, Sítio Capororoca, Granja Santantonio, Sítio Tio Juca e Sítio Herdeiros. Os empreendedores se articulam e se movimentam em diversos projetos, dentre eles: roteiro *Caminhos Rurais de Porto Alegre*, Associação dos Produtores da rede

Agroecológica Metropolitana (RAMA), Associação Porto Alegre Rural (POA RURAL), Gastronômico do Palácio Piratini (GT)⁵², Feira Agroecológica da José Bonifácio, Turismo Pedagógico a escolas, Juntos para Competir (SEBRAE, SENAR, FARSUL), Associação de Produtores Ecológicos do Lami (APEL), Vivências, Estágios, Eventos, e outros projetos.

Na Figura 16 apresenta-se a localização geográfica das quatro propriedades rurais em estudo (Sítio Tio Juca, Sítio Capororoca, Granja Santantonio, Sítio Herdeiros). Os empreendimentos ficam no bairro Lami, no Extremo Sul de Porto Alegre, tendo como acesso principal a Estrada do Varejão. Dobrando-se (imediatamente) à esquerda no Beco Paraíso, logo no final do Beco, encontram-se as propriedades Sítio Capororoca e Granja Santantonio. Para acessar os sítios Herdeiros e Tio Juca, percorre-se à esquerda na Estrada Luiz Corrêa da Silva, logo após o Templo da Tala (Templo Universal da Paz Pai Francisco de Luanda).

Figura 16 - Empreendimentos em estudo



Fonte: Adaptado pelo autora de Sítio Capororoca (2015).

⁵² Salienta-se que alguns grupos estão atrelados à continuidade de lideranças políticas, ou seja, caso ocorram mudanças em seus cargos, existe a possibilidade do projeto não ter continuidade, caso este do Gastronômico do Palácio Piratini (GT).

Na seção 3.3, “*Projetos de Turismo Agroecológico*” há uma breve apresentação dos quatro empreendimentos que possuem laços de vizinhança e se encontram próximos geograficamente: Sítio Tio Juca, Sítio Herdeiros, Sítio Capororoca e Sítio Granja Santantonio.

3.3 PROJETOS DE TURISMO AGROECOLÓGICO

Nessa seção, pretende-se apresentar os projetos de turismo agroecológico e os atores que foram selecionados para este estudo. Discute-se a situação atual dos empreendedores e o trato as trajetórias de vivências que eles se encontram no momento. Também se elencam os participantes que vivenciaram e que estiveram em oficinas, pesquisas que estiveram no sítio Capororoca no período de desenvolvimento da tese.

3.3.1 Sítio Tio Juca

A imagem que aparece na Figura 17 foi acessada no Blog do Sítio Tio Juca. Na imagem há uma frase que chama atenção: “Agroecologia - o passado presente no futuro”. Em conversas com Tio Juca (Eliseu Rosa da Silva), o empreendedor afirma que a prática agroecológica é uma volta ao passado, à época de seus pais quando se plantava mandioca.

Figura 17 - Sítio Tio Juca



Fonte: Sítio Tio Juca (2014).

No entanto, ele não seguiu o mesmo caminho, pois usou agrotóxicos nos cultivares, como seus vizinhos e colegas de agricultura. Com o tempo, percebeu que este tipo de cultura trazia sérios riscos a seus familiares e, em extensão, aos clientes. Incentivado por uma técnica

da EMATER, decidiu-se por não utilizar os produtos químicos industrializados. A transição da agricultora convencional para a orgânica transcorreu um tempo de dois anos de uma fase para outra. Tio Juca foi o primeiro agricultor a converter-se para a agroecologia com o cultivo de morangos. A iniciativa procedeu de uma contrapartida da Prefeitura de Porto Alegre em relação ao Aterro Sanitário Manecão, no Bairro Lami. Assim, em parceria com o Centro Ipê e a Emater, o agricultor recebeu assistência técnica para realizar o processo de transição de uma agricultura convencional⁵³ (com agrotóxicos) para agroecológica.

Tio Juca conta que o processo de transição de uma agricultura convencional para uma agricultura fundamentada nos princípios da agroecologia foi difícil, se estendendo por dois anos. A fim de auxiliá-lo, a técnica extensionista da EMATER comprava parte de sua produção para ajudá-lo no processo de adaptação ao cultivo orgânico.

Juca relatou que teve que aprender sobre o ambiente em sua volta, conhecer as plantas que afastavam os insetos (repelentes naturais) e inventou o Bio-Juca, uma espécie de fertilizante natural, um composto feito pelos restos de cultivares que, ao se decompor, transforma-se em um líquido. Tal solução é inserida na base das plantas e serve como fertilizante. As criações de Tio Juca partem da observação dele sobre as plantas e insetos, sobre o clima e sua relação com a natureza.

Durante a transição para a Agroecologia, Tio Juca mencionou que os outros agricultores o chamavam de *louco* e diziam que aquela forma que ele adotara, não iria dar em nada. Deu certo. Atualmente, ele é conhecido e respeitado na Feira Agroecológica e pela mídia local como agricultor agroecológico.

Tio Juca inseriu-se na associação POARURAL como sócio fundador em 2007 no núcleo de Turismo Rural, porém por motivos particulares saiu da associação. Sua saída como associado não interferiu no recebendo escolas e visitantes na sua propriedade.

Ele participa da Feira Agroecológica do bairro Bom Fim, da Associação OPACRAMA, do Fórum de Desenvolvimento Sustentável do Extremo Sul, do Evento Troca de Sementes, e outros.

Em sua propriedade vivem Juca e a sua esposa Dona Ivone, os dois netos Miguel e Manoela e a filha Jurema. Na família ele é o único que trabalha na agricultora orgânica; seus dois filhos estão em outras atividades e a esposa não se envolve com a horta, ou a feira. As

⁵³ Conforme a professora Agda Regina Yatsuda Ikuta (2015) em palestra proferida no evento *V Troca Anual de Sementes* existe uma segmentação que tipifica os grupos de agricultores conforme suas práticas agrícolas. Nesta direção, a “agricultura tradicional” é praticada por Quilombolas e Indígenas. Na “agricultura convencional” utiliza-se, em geral, monocultura com uso de químicos industrializados. Já a “agricultura agroecológica” existe a diversidade de culturas e uso de biofertilizantes naturais.

mulheres da casa auxiliam na cozinha e recepção de escolas, visitantes e turistas. Quem guia os recém-chegados à propriedade é o Tio Juca mesmo, com auxílio dos netos Manuela e Miguel, prováveis sucessores dos conhecimentos do avô. Tio Juca é conhecido no município por muitas pessoas como o pioneiro na agroecologia.

Em um dos sábados que a pesquisadora esteve na feira, apareceu André Chitão que veio de bicicleta de Santa Catarina até Porto Alegre. Na feira, André fala sobre sua trajetória em duas rodas. Ele passou alguns dias no sítio de Tio Juca. André explica como conheceu Juca, ou seja, ele comenta que esteve no Parque Itapuã e em uma comunidade da zona sul de Porto Alegre e lá alguém lhe falou uma frase: “tu tens que conhecer o Juca”. Assim como ele conheceu Juca, outras pessoas também passam a conhecê-lo ali na feira ou em matérias jornalísticas sobre Tio Juca. E, a partir daí, passam a agendar para conhecer a propriedade dele. Jornais locais e programas como “Anônimos Gourmet” e “Patrola” (Figura 19) já realizaram programas televisivos no Sítio Tio Juca.

Figura 18 - “Passeio ao Sítio Tio Juca”



Fonte: Escola Marechal Rondon (2014).

Figura 19 - Patrola



Fonte: Tio Juca... (2014).

Durante a realização das visitas ao sítio, Tio Juca fez questão de mostrar diversos materiais textuais em que aparece realizando entrevistas (Figuras 20 e 21). Também apresenta os materiais de divulgação (Figuras 23 e 24) e a capa de uma produção do governo do estado em que se encontra estampada uma imagem de sua neta Manuela (Figura 22).

Figura 20 e 21 - Editorial J-Resistência ao Verde.



Figura 22 - Capa Manuela



Fonte: Registrado pela autora (15/01/2014).

Durante a realização de visitas ao sítio, Tio Juca faz questão de mostrar recortes de jornais, de matérias jornalísticas onde ele aparece em entrevistas (Figuras 20 e 21). Também apresenta os materiais de divulgação (Figuras 23 e 24) e a capa de uma produção do governo do estado em que se encontra estampada uma imagem de sua neta Manuela (Figura 22).

Figura 23 e 24 - Materiais de divulgação do Sítio



Fontes: Registrado pela autora (15/01/2014).

No período em que pesquisadora colaborou com Juca e Guinha na Feira Agroecológica da rua José Bonifácio, Tio Juca recebeu clientes que são periódicos, porque alguns já foram ao sítio e conhecem seu trabalho, outros são convidados: “*você tem que ir lá*

conhecer”, “*vamos marcar*”, “*vamos lá em casa para ti conhecer*”. Tio Juca apresentou uma planta com formato de cacho de uvas e indagava para as pessoas: “ *você sabe o que é isso? Prova. Esse é o Tucum⁵⁴, é coisa do princípio do mundo. Olha! Experimenta. Foi eu que plantei, levou dez anos para dar o fruto*”. Tio Juca traz “*novidades*” para apresentar em sua banca e deixar as pessoas curiosas, com isso criam-se estratégias de agenciamento.

Ao lado da banca de Juca, está a banca de Vera e Dodô usando o mesmo tipo de estratégia: “*Olha! Pega uma folha, prova. É manjeriço limão. Não é cheiroso?*” O diálogo continua e Vera continua explicando a procedência da planta, como usá-la, para que serve. Ao lado de Vera, estava Dodô que relatava, aos clientes como fazer o maxixe. Com uma faca, ele cortava a planta e dizia: “*Olha! É igual pepino, dá para fazer saladas. Vai lá em casa que eu te mostro (risos)*”. Dodô depois explicou sua preferência por plantas que são resistentes e não precisam de muitos cuidados, como ele dizia: “*que nascem sozinhas*”.

A próxima seção trata-se do Sítio Herdeiros, do casal de empreendedores Dodô e Vera.

3.3.2 Sítio Herdeiros

Figura 25 e 26 - Grupo Ecológico Herdeiros



Fonte: Registrado pela autora (10/01/2014).



Fonte: Registrado pela autora (28/03/2015).

O casal Dodô (irmão de Tio Juca) e Vera trabalham juntos aos sábados na Feira Agroecológica do bairro Bom Fim (Figuras 25 e 26), ao lado da banca de Tio Juca. Também na horta dividem as tarefas, apenas na cozinha o território é de Vera.

Dodô sempre foi agricultor e passou pelo mesmo processo de transição que o irmão. Dodô conta que na época da transição da agricultura convencional para a orgânica sentiu muita dificuldade na aceitação de seus produtos por parte dos clientes. A venda das hortaliças

⁵⁴ *Astrocaryum vulgare*: Espécie de Palmeira que é encontrada em todo o Brasil.

eram efetuadas na Central de Abastecimento do Rio Grande do Sul (CEASA), no Bairro Anchieta, porque as hortaliças eram pequenas e ninguém queria comprar e ele voltava para casa com quase toda a produção. Mais tarde, com a criação das associações de agroecologistas e a inserção em feiras agroecológicas, este cenário mudou.

Atualmente, na feira, existe uma procura muito grande por parte dos clientes de Dodô e Vera pelas minialfaces, minicouves, cebolinhas, tomatinhos cereja. Os produtos são embalados em pequenas caixas plásticas; a cor dos produtos e o tamanho chama a atenção e aguça a curiosidade de quem passa pela banca. Hoje os clientes vêm à feira logo cedo, pela manhã, em busca das minisalfaces e novidades de produtos ofertadas por Dodô.

Na família de Dodô não há sucessores ou assessores, apenas o casal trabalha na propriedade com a produção agroecológica, com os processados (doces em caldas, geleias, pastas) e também recebendo escolas para a visitação. Eles saíram da associação POA RURAL, mas continuam recebendo escolas, visitantes e estagiários no seu próprio ritmo de trabalho. Atualmente, Dodô está pesquisando sobre sementes e montando um banco de sementes (Figuras 27 e 28) em sua propriedade. Ele não compra mudas de terceiros como os outros agricultores, ele utiliza suas próprias sementes para o cultivo. Ele pesquisa as plantas que sejam de fácil adaptação ao local e manejo.

A propriedade onde ele se encontra é herança de seus pais/ ela foi dividida entre os irmãos. A irmã mora na casa dos pais de Tio Juca e Dodô, porém não se envolve com as atividades de turismo ou produção. O Sítio Herdeiros possui logo na entrada da propriedade um galpão com piso assentado com tijolos maciços. No local, ocorrem as reuniões das associações, também os eventos da família. Ao lado direito fica a casa do casal e, entre o Galpão e a casa, há árvores de frutos cítricos. Na parte interna da casa, Dodô mostrou os tipos de sementes e o banco de sementes que está criando. Vera estava cortando peras para fazer os doces em compotas, e convidou a pesquisadora para conhecer a cozinha (Figuras 29 e 30) em que faz os processados (geleias, compotas, conservas). Na casa existem duas cozinhas, a da família e a de agroindústria, que se encontra ao separada por uma parede com tela.

Na época em que foi realizada uma das entrevistas no sítio, os animais estavam todos soltos. Dodô mostrou à pesquisadora toda a propriedade, apresentou os animais do sítio e aproveitou e já alimentou os gansos, mostrou a galinha garnisé, os pintinhos, as ovelhas. Essa criação de animais é do irmão de Dodô. Após mostrou a estufa, local onde está produzindo suas próprias mudas; o pomar de pereiras e ameixeiras, a horta (Dodô chama de “roça”), o açude, com peixes. Ao fundo, Dodô indicou o portão de acesso ao Sítio de Silvana que era utilizado quando se realizam os roteiros em conjunto com os outros sítios. Os sítios em

estudo, por serem próximos, permitem que o trajeto entre estas propriedades seja realizado em uma caminhada.

Atualmente a atividade da “roça” é realizada apenas por Dodô. Ele não possui ajudante, ou funcionário: *“Vera não vem aqui, ela já veio. É só lá [agroindústria], aqui é só eu”*. Ele utiliza de maquinário (trator) de terceiros para fazer o primeiro processo de arar a terra, depois a atividade é realizada com a enxada. Suas práticas agroecológicas são semelhantes às utilizadas por Silvana em relação às frutas dos pomares, que são envolvidas em sacos de papel para evitar que os insetos acessem e estraguem a fruta. No entanto, o agricultor difere-se de algumas práticas utilizadas no sítio de Capororoca, Granja Santantonio e Tio Juca. Ele usa suas próprias sementes, prepara suas próprias mudas, semeia ou planta as mudas em épocas propícias, porque não utiliza a irrigação.

Figura 27 - Banco de sementes de Dodô



Fonte: registrado pela autora (22/01/2014).

Figura 28 - Seleção de sementes na horta



Fonte: registrado pela autora (22/01/2014).

Figura 29 Práticas de agroindústria



Fonte: registrada pela autora (22/01/2014).

Figura 30 - Cozinha da Vera (agroindústria)



Fonte: registrada pela autora (05/02/2016).

3.3.3 Sítio Capororoca

Silvana Bhoer é Agrônoma, Técnica em Química e Produtora Rural. As Figuras 31 e 32 apresentam as imagens do Blog do Sítio Capororoca⁵⁵ e página no *facebook*. Nesses espaços virtuais, encontra-se a diversidade de cultivares que existem no local e projetos que estão sendo desenvolvidos. O estágio de Silvana em Agronomia desenvolveu-se no sítio de Tio Juca. Com o passar do tempo, ela comprou a propriedade que fica atrás do sítio de Dodô (irmão de Tio Juca) por indicação de Tio Juca e, a partir daí, começou o seu próprio cultivo de plantação orgânica. Com a inserção no projeto Caminhos Rurais de Porto Alegre, ela procurou se diferenciar dos outros empreendedores com o cultivo, processamento e gastronomia com Plantas Comestíveis não Convencionais (PANCs) que envolvem flores, folhas, raízes, sementes.

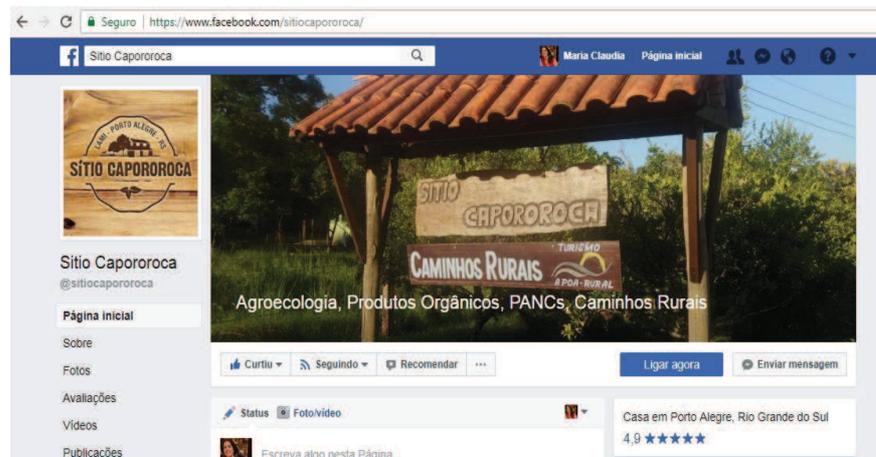
Figura 31 - Blog Sítio Capororoca



Fonte: Sítio Capororoca (2015).

⁵⁵ Capororoca: o sítio recebeu o nome da árvore Capororoca que se encontra à entrada ao lado da porteira de acesso ao sítio.

Figura 32 - página do Sítio Capororoça no *facebook*



Fonte: Sítio Capororoça (2016).

Silvana se auto-intitula uma neo-rural, visto que optou sair do bairro Centro (município de Porto Alegre) e viver no sítio produzindo a agroecologia. Ela iniciou seu projeto por opção logo depois de formada em Agroecologia. A formação dela é também em Técnico em Química. Anteriormente ela trabalhava como química na cervejaria Brahma, em Porto Alegre. Ao adquirir o sítio, mudou-se imediatamente e, em algumas semanas depois, também seu marido Zanir, médico psiquiatra, se mudou para o sítio. Antes, o local era um Haras para cavalos com pouca infraestrutura, mas, aos poucos, e com muito trabalho e dedicação, o sítio foi tomando a forma que os donos desejavam.

Como atrativo para o roteiro no sítio, Silvana ofereceu as PANCs que continua sendo o principal atrativo em termos de venda do produto turístico, acrescido às vivências na propriedade. Além do turismo, também realiza oficinas de gastronomia com as PANCs (flores, folhas, raízes, sementes).

O sítio é um espaço no qual todos os envolvidos podem contribuir de alguma forma, até mesmo os visitantes⁵⁶ quando em regime de vivência, ou estagiários, ou professores de nutrição, biologia, agronomia e agroecologia interessados em aprofundar conhecimentos sobre plantas, como cultivá-las, processá-las e integrá-las ao cardápio. Essas pessoas contribuem com trabalho ou trocas culturais, sejam gastronômicas, seja de idioma, formas de plantio, oficinas, seja com trabalho braçal.

Observa-se que esses visitantes entram no ritmo da família em um processo de cooperação, solidariedade e ética. As atividades são realizadas de forma igualitária, sem divisão

⁵⁶ Durante as visitas realizadas no sítio encontrei diversas pessoas de nacionalidades diferentes realizando vivências pela rede *World Wide Opportunities on Organic Farms* (WWOOF, 2014), universitários realizando estágios que relataram os processos de trocas culturais (idioma, gastronomia, conhecimentos de agroecologia) como parte das vivências realizadas neste sítio.

de gênero ou de funções. Assim, as pessoas vão assumindo seus papéis e acabam fazendo aquilo de que realmente gostam e sentem-se mais confortáveis na realização das atividades.

Zanir, marido de Silvana, é médico psiquiatra; ele possui um consultório no centro da cidade e, diariamente, para ir ao seu consultório percorre o trajeto bairro-centro, mas retorna ao sítio por volta da 19, já que passou a morar no sítio. No sítio, ele é o fotógrafo, porém atualmente elabora a cerveja artesanal *Hund Bier*. Percebe-se que fazer a cerveja *Hund Bier* é algo prazeroso, alegre para ele e que traz satisfação. O médico segue um ritual que envolve todos da família, incluindo os visitantes. É como se todos os dias encerrassem as atividades com uma grande celebração.

O sobrinho Rafael Hilário agregou-se à família. Ele é também Agrônomo (UFRGS) e está implantando novas técnicas de cultivo. Luciana da Silva (Guinha), irmã de Silvana, é a auxiliar financeira no sítio, trabalha na produção e processamento, além de trabalhar na feira aos sábados. Ela também recebe os visitantes e realiza eventos com a filha Dorothy, que é chefe de cozinha (SENAC) e tem conhecimento de elaborar os pratos para eventos. Atualmente, há o empreendimento *Capuchinha Coquetéis*. Osmar, irmão de Guinha e Silvana e pai de Rafael são visitas, mas foram ficando e auxiliando na manutenção do sítio e marcenaria. No sítio há um funcionário que trabalha na manutenção dos cultivares. É importante salientar que Silvana foi presidente da Associação POARURAL e atualmente é presidente da RAMA. Ela está envolvida em diversos projetos ligados à agroecologia, ao turismo, a eventos. Entre os projetos desenvolvidos, atualmente é a Cerveja Artesanal *Hund Bier*, *Capuchinhas Coquetéis Naturais*, *Horta Alegre*.

As Figuras 33, 34, 35 apresentam as páginas destes projetos no *facebook*.

Figura 33 - Cervejaria *Hund Bier*



Fonte: Cervejaria *Hund Bier* (2017).

Figura 34 - Capuchinha Coquetéis Naturais



Fonte: Capuchinha Coquetéis Naturais (2017).

Figura 35 - Horta Alegre-Clube Orgânico



Fonte: Horta Alegre - Clube Orgânico (2017).

3.3.4 Granja Santantonio

A Granja Santantonio, a partir do projeto “*Juntos Para Competir*” (SEBRAE/SENAR/FARSUL), mudou sua identidade visual e nome, passando de Sítio

Santantonio para Granja Santantonio, conforme Figura 36 na página do empreendimento no *facebook*. Os Sítios Capororoca e Santantonio estavam participando de capacitações neste projeto com outros grupos de empreendedores cujo interesse é de fortalecer o turismo na região.

Com o passar do tempo, Vasco, estudante de engenharia que veio morar no sítio para cuidar de sua avó Mimi Moro, juntou-se a outros agricultores para fazer feira em Ipanema e, mais tarde, conseguiu um espaço na Feira Agroecológica da rua José Bonifácio, local em que trabalha junto com a esposa Karen. A propriedade cultiva uma grande variedade de hortaliças e possui, como diferencial, a história da culinária Mimi Moro, avó de Vasco.

Figura 36 - Granja Santantonio



Fonte: Granja Santantonio (2015).

A propriedade recebe turistas pelo roteiro Caminhos Rurais e escolas. A visitação de cunho pedagógico é um dos produtos da propriedade, que também faz feiras nestas escolas a convite dos professores. Nas Figuras 37, 38, 39 e 40 há registros de algumas práticas ocorridas na ocasião em que a pesquisadora acompanhou um dos roteiros planejados por Mauri da agência de viagens Sítio do Mato (10/05/2015).

Vasco também entrega sua produção em outros canais de distribuição fora da Feira do Bom Fim, como nas prefeituras, restaurantes e escolas. A propriedade também recebe estagiários e pesquisadores de Universidades e instituições como a EMATER, também

presentes nos eventos que envolvem as associações que fazem parte. Atualmente encontram-se envolvidos no projeto *Juntos Para Competir* do SEBRAE, assim como o Sítio Capororoca. A propriedade foi adquirida em 1968 pelo avô de Vasco. Em 1981, a avó de Vasco faleceu. A partir daí, em 1988, Vasco veio morar na propriedade. Na época, ele estava cursando a faculdade de Engenharia Agrícola, na Universidade Luterana do Brasil (ULBRA):

“Eu estava fazendo faculdade, vim morar aqui com eles, para cuidar deles. A propriedade do vô ele nunca usou adubo, nem veneno, nada. A gente não chamava ecológica naquele tempo, né. Era agrônomo, veterinário, técnico né. Então o vô plantava, tinha tambor de leite aqui. Hoje em dia, pra aquele tempo, o vô podia ter dito: Ah! Essa aí é uma plantação ecológica”. (VASCO - Granja Santantonio - janeiro, 2014).

As atividades na propriedade eram realizadas paralelas   faculdade. Trabalhava com um amigo e fazia entregas em institui es financeiras como o Sul Brasileiro. Na época, já final de curso, iniciaram as feiras agroecológicas e os grupos de associados   Associa o de Produtores Ecológicos do Lami (APEL):

“Nós entregávamos no banco e aí foi indo dessa maneira, fazendo a faculdade. Quando cheguei quase me formar, foi quase nesse tempo que surgiu aí as feiras. Começou o trabalho daí. Meu vizinho Régis também   Engenheiro Agrícola. Primeiro era o grupo aquele, da APEL, que a gente foi os primeiros fundadores e começamos a fazer a feira na Tristeza”. (VASCO - Granja Santantonio - janeiro, 2014).

Por conta de desentendimentos internos, Vasco saiu do Grupo APEL e formou um novo grupo com seu vizinho e mais dois produtores chamado Pr -Lami. Com o passar do tempo, ficaram apenas Vasco e Régis, pois os outros dois desistiram de trabalhar na planta o. Os dois restantes no grupo se organizaram para vender os produtos em duas feiras: Tristeza e Feira Agroecológica da rua José Bonifácio: *“  assim, a única coisa que a gente faz junto, ele fica na Tristeza e eu fico na José Bonifácio. Ele fica na Tristeza eu na Alegria n  (risos)”.* (VASCO, Sítio Santantonio, janeiro, 2014).

Figura 37 - Visita a Granja Santantonio



Fonte: Registrado pela autora (10/05/2015).

Figura 38 - Tipos de culturas do sítio



Fonte: Registrado pela autora (10/05/2015).

Figura 39 - História sobre Dona Mimi



Fonte: Registrado pela autora (10/05/2015).

Figura 40 - Livros da culinária Mimi Moro



Fonte: Registrado pela autora (10/05/2015).

As quatro propriedades que foram selecionadas para este estudo, pertencem ao grupo de empreendimentos fundadores do núcleo de turismo rural do projeto *Caminhos Rurais de Porto Alegre* e fazem parte da trajetória histórica deste projeto. A escolha também se deve, em razão de seus proprietários apresentarem relações sociais de vizinhança e de parentesco.

As histórias de vida dos proprietários encontram-se entrelaçadas: Dodô e Tio Juca são irmãos; Silvana realizou o estágio dela em Agronomia na propriedade de Tio Juca; ela se torna a única mulher a pisar em sua horta; as primeiras iniciativas de turismo apresentavam um roteiro que partia da praia no bairro Lami, finalizando nos sítios de Juca e Dodô; Silvana os ajudava nas visitas; Vasco ingressou depois, mas já realizava atividades de feira em

conjunto com os agricultores da região; Vasco informou à Silvana que o sítio atrás da propriedade de seu irmão estava à venda; Silvana adquiriu a propriedade Sítio Capororoca.

Outro ponto que merece referência é a dos proprietários estarem em constante evidência na mídia local: no Jornal do Almoço (Grupo RBS), na TVE, Diário Gaúcho, Jornal do Comércio, jornais locais, blogs e sites que mostram os proprietários como personalidades locais que fazem a diferença em termos de turismo rural, agricultura orgânica e preservação da natureza. Assim, além do site dos *Caminhos Rurais* existem diversos artefatos culturais que narram a história e as proposições destes empreendedores e empreendimentos. Os sítios, apresentam-se como laboratórios ao ar livre que se experienciam formas alternativas e criativas de plantio e alimentação (PANCs), maneiras de negociar e discutir em grupo, elaborar projetos, produzir conhecimentos.

Frente às trajetórias de vida apresentadas neste capítulo cabe questionar qual o lugar da agroecologia nesses empreendimentos e como são constituídos os arranjos sociais que produzem projetos de turismo agroecológico.

A partir da noção de tipificação apresentada por Alfred Schutz (1979) nas narrativas analisadas identificam-se dois tipos agricultores agroecológicos: os tradicionais representados por Dodô e Tio Juca e os neo-rurais representados por Silvana e Vasco. Essa noção dada por Schutz é relevante para compreendermos as atribuições indenitárias dos sujeitos.

Nesta direção entender quais inícios de tipificação emerge do ponto de vista das práticas agroecológicas destes empreendedores. É importante ressaltar que tipificação não está sendo pensada como modelo para analisar as práticas de turismo agroecológico, mas emergem das práticas estudadas nesses projetos.

Os agricultores agroecológicos tradicionais apresentam como elementos de sua experiência uma trajetória de vida associada à agricultura desde a infância, tendo a mesma origem de seus pais. No entanto, os filhos de Juca e Dodô não seguem a mesma trajetória, buscando trabalho em atividades distintas da agricultura. As experiências de Tio Juca e Dodô demonstram práticas de ativismo agroecológico. O exemplo de Tio Juca que retirou-se da associação POARURAL, pois passou a exigir-lhe um “padrão asséptico” e regulador de atendimento turístico imposto pela indústria do turismo, distinto do modelo natural e orgânico de ação oferecido pelo agricultor.

No caso de Silvana e Vasco, classificados como neo-rurais, apresentam um conjunto de ideologias e convicções de um estilo de vida associado a práticas agroecológicas. Tais práticas envolvem os membros da família e agregados.

À medida que os atores relacionam-se com outros atores sociais e grupos, como, por exemplo, as associações emergem outros papéis que os identificam pela formação (agrônomo, técnico, empreendedor), cargo que ocupam (presidente, secretário), ou classificações dadas pelo próprio grupo. No caso das reuniões da Associação dos Produtores Metropolitanos da Rede Agroecológica (RAMA), observou-se que os associados são divididos em grupos e identificados como: produtor, processador, e colaborador. Nas apresentações formais durante as plenárias identificavam-se pelo nome, profissão, local do empreendimento (sítio), ramo de atuação, cargo. No caso das visitas em que há público infantil é comum serem identificados por “tio”, “tia”. O próprio nome da propriedade de Eliseu é Sítio Tio Juca. Também é recorrente o uso de apelidos (Sil, Guinha, Dôdo, Juca), como a maioria é conhecida e pouco pelo nome próprio.

É importante ressaltar tal qual trata Hall (2006) que na contemporaneidade a identidade é definida historicamente e não biologicamente. Nesta direção os atores pesquisados podem assumir “diferentes identidades em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de eu coerente” e, ao mesmo tempo, tais identidades podem ser “contraditórias, empurrando em diferente direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas”. (HALL, 2006, p. 13).

3.3.5 Sujeitos, Atores Pesquisados

As entrevistas foram realizadas com dois grupos: os empreendedores de turismo rural que participaram do núcleo de turismo rural do Projeto Caminhos Rurais (Sítio Tio Juca; Sítio Herdeiros; Sítio Capororoca; Granja Santantonio) e os participantes de vivências, estágios e oficinas que ocorreram no Sítio Capororoca, no período em que a pesquisadora encontrava-se em regime de vivências no sítio e realizava incursões realizadas ao local (Figura 41).

Figura 41 - Atores pesquisados



<p>Tempo: 1h Local: Sítio Granja Santantonio</p>  <p>Entrevistado: Tio Juca (à esquerda; Agricultor agroecológico). Data: 15/01/2014 Tempo: 1h 07 min Local: Sítio Tio Juca.</p>	<p>Tempo: 57 min e 39 seg Local: Sítio Herdeiros.</p>  <p>Entrevistado: Silvana (Agrônoma). Data: 07/01/2014 Tempo: 1h 20 min Local: Sítio Capororoca</p>
 <p>Entrevistado: Pedro (estudante de agroecologia). Procedência: Minas Gerais Data: 20/01/2014 Tempo: 5min e 43 seg. Objetivo: Vivências, estágio. Local: Sítio Capororoca, galpão</p>	 <p>Nome: Guido Procedência: Argentina Data: 02/02/2016 Estudante. Objetivo: Realizar vivências e aplicar pesquisa de campo para trabalho de conclusão de Curso em Agronomia (UFRGS). Local: Sítio Capororoca, espaço Pub Hund Bier. Tempo: 15 min</p>
 <p>Nome: Álvaro Procedência: França Profissão: Física e Química Objetivo: Vivências WWOFF Data: 12/07/2016 Entrevista realizada no Sítio Capororoca (Galpão). Tempo: 06min 56seg.</p>	 <p>Nome: Michele Profissão: Gastronomia Data: 13/09/2015 Tempo: 3min e 18 seg. Objetivo: oficina Quintal Comestível com Kleber Antonio. Local: Sítio Capororoca, espaço Pub Hund Bier.</p>



Nome: Ana
Profissão: Jornalismo
Data: 13/09/2015
Tempo: 3min e 48 seg.
Objetivo: Vivências, participou da oficina Quintal Comestível com Kleber Antonio
Local: Sítio Capororoca, horta.



Nome: Eliete.
Profissão: Técnico em Agronomia.
Data: 13/09/2015
Tempo: 3min e 34 seg.
Objetivo: realizar estágio para aprender sobre agroecologia e colocar em prática em seu sítio.
Local: Sítio Capororoca, roda de trabalho (organizando os produtos para feira)

Fonte: Registrado pela autora (períodos diversos).

4 A AVENTURA DE PESQUISAR: ALGUNS ACHADOS PROVISÓRIOS

No capítulo apresentam-se algumas pistas que resultaram da viagem ao extremo sul do município de Porto Alegre. Esse deslocamento possibilitou que houvesse diversas experiências qualificadas (DEWEY, 1971) no período em que se seguiu a produção dessa tese. A viagem manifestou-se em um formato de apreensão sobre os modos de vida, saberes e fazeres, sobre o mundo da vida. (SCHUTZ, 1979). As visitas e (des) encontros permitiram experienciar sentidos para o fazer turístico e novos olhares sobre a cidade e seus atores.

Nesse sentido, em um terreno de pesquisa é prudente não se apostar na totalidade, ou na profusão de verdades absolutas, pois se entende que o conhecimento se constitui de forma parcial e provisória. Assim, os saberes que são produzidos limitam-se à racionalidade de uma época e à possibilidade de serem contestados. (COSTA, 2007).

Nessa produção, inserem-se alguns achados provisórios a partir da perspectiva fenomenológica de Alfred Schutz e o arcabouço de teóricos selecionados para a pesquisa. Comentam-se também os objetivos específicos e as consequentes respostas aos questionamentos que a tese propõe.

A partir desse enfoque, seguem-se as seguintes indagações: Que sentidos, valores e significados estão sendo atribuídos pelos especialistas em turismo e pelos proprietários dos empreendimentos rurais, às suas propriedades rurais, à natureza e aos produtos lá produzidos, na trajetória de transformação desses bens em patrimônios públicos para uso do turismo? Como estão sendo constituídos os sistemas de representação sobre a “Porto Alegre Rural” a partir dos diversos olhares vinculados aos *Caminhos Rurais*? Como estão sendo negociadas as identidades entre os atores sociais envolvidos no projeto *Caminhos Rurais*? Que novas identidades e modalidades de cidadania emergem no contexto do roteiro turístico *Caminhos Rurais de Porto Alegre*?

4.1 DESLOCAMENTOS AO EXTREMO SUL DE PORTO ALEGRE

Os deslocamentos, rumo ao Extremo Sul do município de Porto Alegre, podem ser realizados por diferentes caminhos, ou seja, primeiro se escolhe (ou se seleciona) uma agência de viagens, o transporte público ou particular; os caminhos também devem ser escolhidos: do Beira Rio, da Cavahada, da Restinga.

No domingo, 10 de maio de 2015, data comemorativa do dia das mães, inicia-se a viagem com auxílio de um Guia de Turismo (Mauri) que também é empreendedor dos

Caminhos Rurais de Porto Alegre. Mauri é proprietário do Sítio do Mato e atende também as escolas, trabalhando com o turismo pedagógico. Atualmente ele é agente de viagens e elaborou os roteiros de visitação às propriedades em datas pré-agendadas.

A partida é do Largo Zumbi dos Palmares, também conhecido como Largo da EPATUR⁵⁷, no bairro Cidade Baixa. O bairro leva este nome devido à origem: um terreno alagadiço, ao sul das muralhas que cercavam Porto Alegre. Por esse local passava o Arroio Dilúvio que, mais tarde, sofreu alteração no seu curso, em consequência das obras urbanísticas do município e que passou a percorrer a extensão na Avenida Ipiranga. Antes do século XIX, quando se iniciaram as obras urbanísticas no bairro Cidade Baixa, a região “constituía-se com denso matagal, também denominada ‘Emboscada’, em virtude da forte presença de escravos fugidos que, nessa área, podiam resistir aos seus perseguidores escondendo-se no local e organizando emboscadas”⁵⁸.

Assim, esse Largo representa um espaço de memória, principalmente da cultura afrodescendente e o entorno que possuem conjuntos arquitetônicos de interesse cultural: “Colégio Pão dos Pobres, Igreja Santo Antônio do Pão dos Pobres, área da esquina das ruas José do Patrocínio e Loureiro da Silva, contígua ao Convento do Carmo; área do Convento do Carmo; área do eixo Av. Borges de Medeiros/Largo dos Açorianos”⁵⁹. A Secretaria Municipal de Turismo encontra-se sediada ali e possui um Centro de Informações Turísticas cujos ingressos da Linha Turismo, ônibus que realiza o *city tour*, são vendidos no local.

Assim como o Largo Zumbi dos Palmares há outros lugares que receberam nomes diferentes para o mesmo local. Essas denominações não são gratuitas, elas se constituem em registros que ressignificam a memória e história do lugar. A escolha do nome pode estar nas características de uso, constituição geográfica, fatos históricos, área de interesse cultural, interesses comerciais, manifestações políticas⁶⁰.

⁵⁷ O local recebeu a denominação de Largo da EPATUR devido a Empresa Porto-alegrense de Turismo (EPATUR) estar sediada ali. Com a entrada em vigor da Lei 9035/02, passa a chamar-se Largo Zumbi dos Palmares, por historicamente tratar-se um bairro de afrodescendentes e simbolizar a luta pela liberdade dos escravos.

⁵⁸ Largo Zumbi dos Palmares. (ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA DOS MORADORES DA CIDADE BAIXA, ACMCB, 2015).

⁵⁹ ACMCB (2015).

⁶⁰ O Parque da Redenção ao longo dos anos recebeu diferentes nomes. Em 1807 chamava-se “Campos da Várzea”, ou “Campos da Várzea do Portão” (devido à comercialização de gado próximo ao portão de entrada da cidade). Mais tarde, em 1867, chamou-se Campos do Bom Fim, pois ali se realizavam festas na Igreja Nossa Senhora do Bom fim. Em 1884, a Câmara Municipal denominou Campos da Redenção, registrando a área como cenário do movimento abolicionista e a libertação dos escravos. Em 1935 com o evento que ocorreu no parque sobre a Exposição Comemorativa do Centenário da Revolução Farroupilha, passou a chamar-se parque “Farroupilha”. (PARQUE DA REDENÇÃO, 2015).

Na partida para o *city tour*, a manhã encontrava-se com um céu cor cinza⁶¹, com alguns pingos de chuva. Para se chegar no horário combinado, às 08h45min, era necessário apressar-se. No local, Mauri já estava organizando o ônibus e colocando uma placa de sinalização no veículo, marcando o roteiro *Caminhos Rurais de Porto Alegre* e também de seu empreendimento atual *Agência de Viagens Sítio do Mato*.

Aos poucos, os passageiros que chegavam expressavam um ar de felicidade e, sem muita cerimônia, escolhiam seus lugares nos bancos do ônibus. O grupo constituía-se de famílias, mães e filhos. Durante a dinâmica de apresentação, observava-se que o grupo era formado por professores e moradores do município. Uma das pessoas no grupo era professora universitária e já conhecia as propostas dos sítios da zona sul de Porto Alegre. Ela já havia visitado o sítio Capororoca e dizia estar engajada na proposta de agroecologia, porque queria saber mais sobre os empreendimentos, visto que a agricultura orgânica era seu principal motivo da visita. Os demais viajantes acompanhavam as mães para comemorar o dia delas em um passeio especial, a fim de conhecer também os atrativos turísticos do município em que residiam.

Entre os diferentes caminhos à escolha, o Guia de Turismo orientou o motorista no percurso Caminho da Azenha⁶². Na ponte sobre o Arroio Dilúvio (Arroio da Azenha, ou Riacho Ipiranga), o guia chamou a atenção dos turistas para prestarem atenção à esquerda e iniciou explanando a história das Palmeiras que foram erroneamente plantadas sobre a ponte. A autora já ouvira tantas vezes esta história, mas causou curiosidade, menos pelo fato de terem sido plantadas em cima da ponte, mas por continuarem ali, intactas, testemunhas do passado e das mudanças que ocorreram e que continuam ocorrendo na cidade. Ao chegar no bairro Azenha, pela Avenida Oscar Pereira, a paisagem é cercada por cemitérios que circundam a região com entradas floridas à espera de visitantes aos túmulos de familiares.

Em outra época, complementou o Guia de Turismo, neste bairro ficava um moinho movido com a força d'água do Arroio Dilúvio, pois se fabricava a farinha. O imaginário de um espaço rural vai tomando forma nas palavras do Guia de Turismo: “logo à frente, naquela

⁶¹ Lembrei-me da fala do diretor de museu de Nova York, que ficou aos meus cuidados na 6ª Bienal do Mercosul, que ocorreu em 2007, e que o acompanhei e o auxiliiei durante a Bienal do Mercosul realizada em Porto Alegre. Ao caminharmos pelo Cais do Porto durante um dia sombrio e chuvoso, parou em frente ao Rio Guaíba, olhou para o céu e exclamou encantado que este era os mais lindos tons de cinzas jamais vistos por ele, e também nunca esqueceria tal experiência. Desde aquele dia olho com outros olhos os dias cinzentos de Porto Alegre.

⁶² Conforme a história dos bairros do município de Porto Alegre, o nome dado ao bairro “Azenha” significa *moinho de roda movido a água*. Neste bairro, em meados do século XVIII, havia a atividade de moagem de trigo. O caminho da Azenha era realizado por uma ponte de madeira dando acesso ao local de plantação de trigo. (CENTRO DE PESQUISA HISTÓRICA, CPH, 2015).

colina, há plantações de trigo que, iluminadas pelo pôr-do-sol, apresentavam uma coloração dourada”. (MAURI, maio, 2015).

No trajeto traçado por Mauri, recortava-se a cidade, atravessando os bairros, ouvindo as histórias sobre a sua formação e criando imagens de outras épocas. Destacava-se a história das Sesmarias que originaram o município, a relevância dos estancieiros para o desenvolvimento do município. Alguns aspectos históricos e atuais das populações de afrodescendentes e os povos indígenas permaneceram na invisibilidade. Eles só foram lembrados quando se entrou no Bairro Lami, onde há uma comunidade indígena remanescente. Em outras narrativas, essas identidades assinalavam um papel central, principalmente aquelas que discutiam os sítios de interesse do patrimônio histórico e cultural.

Discutia-se sobre a colonização, a arquitetura de igrejas e capelas, casas de pessoas famosas (Teixeirinha⁶³), escolas. Na sequência desse turismo, a viagem foi constituída por imagens ora dos pontos turísticos, ora por histórias contadas pelo Guia com a participação dos visitantes, que se manifestavam com questionamentos e curiosidades e também para complementar com suas próprias histórias de vida, indicando uma ideia de pertencimento ao local. Diferente de outros produtos turísticos, os Caminhos Rurais possibilitam um retorno ao passado próximo: “*Eu estudei aqui, nesta escola*”, “*Era uma escola de freiras, só para meninas*”, “*A gente vinha para praça para namorar*”, “*Eu moro ali. Ó, bem ali!*”.

Ao chegar no bairro Belém Velho, a paisagem e o clima mudam. O guia informou que “*aqui, ainda, há uma diferença de temperatura com relação ao centro da cidade*”. Talvez pela fala do guia, o grupo começou a puxar mantas e casacos para se agasalhar melhor. O caminho ao bairro Belém Velho⁶⁴ é intercalado por uma grande extensão de área verde à beira da avenida; as residências são casas e sítios compostos por uma área residencial. Ao chegar no núcleo histórico de Belém Velho, constituído pela Capela Nossa Senhora de Belém, Cemitério, casas em estilo Português e há figueiras. Na chegada, Mauri pede para que o espere, pois ele vai buscar a chave da capela com o responsável. Nesse momento, os visitantes aproveitam para fotografar o local e observar o entorno.

Ao voltar com a chave, Mauri convida os participantes do turismo a entrarem na Capela Nossa Senhora de Belém. No interior da capela, sente-se a diferença de temperatura. O local é frio e úmido, mas silencioso. Na pequena Capela, os bancos são de madeira. Mauri chama a atenção para uma pequena imagem da santa Nossa Senhora de Belém, coberta por

⁶³ Teixeira: famoso cantor gaúcho.

⁶⁴ Atualmente o bairro Belém Velho configura um espaço de conflito entre a comunidade local e um empreendimento imobiliário. O projeto prevê um condomínio na fazenda do Arado. A comunidade veio em defesa da área e busca formas de torná-la uma reserva por seu valor histórico e ambiental.

um manto branco, diz ele: “Uma das primeiras moradoras, Francisca Maria de Jesus, era muito religiosa e levava a santinha nas casas das pessoas. Em 1830 se construiu a capela para homenagear Nossa Senhora de Belém”. (MAURI, maio, 2015).

Ao sair da capela, logo se sente o calor do sol nos rostos. Há uma pausa para fotografar o entorno da praça. Mauri divide-se entre os visitantes, respondendo os questionamentos de cada um e explicando cada atrativo do entorno da praça. Além da capela na praça, há um conjunto de casas em estilo açoriano, o cemitério e três figueiras que, segundo o guia, essas árvores contam com mais de 300 anos.

Na volta ao ônibus, o guia continua falando sobre a história da região, a formação do bairro e seu caráter religioso e sanitário. Conforme o guia, o bairro era local de veraneio e também havia atividades agrícolas que eram comercializadas e encaminhadas ao centro da cidade por trem. Nesse momento, ele dá ênfase à informação e abre um largo sorriso e reafirma o que estava a narrando: “*Sim, podem acreditar! O trem saía do centro de Porto Alegre e vinha até Belém Velho. Foi bem na época que o Santuário foi criado*”. (MAURI, maio, 2015).

Ao sair deste núcleo histórico, a direção é o Hospital Parque Belém. O bairro recebeu instituições de saúde pública e de assistência social, sendo que uma delas é o Sanatório Belém. Na época, a instituição foi criada afastada do centro da cidade, para atender aos tuberculosos e assim evitar a contaminação. Com essa informação, nesse momento, no imaginário dos visitantes do roteiro, nota-se que a revelação causou uma certa inquietação no grupo.

Na sequência, segue-se para o Bairro Vila Nova. Este bairro, segundo o guia, “*eram famílias de diferentes regiões da Itália. Os moradores dedicavam-se a agricultura, principalmente, a plantações de pomares de frutas (uvas, ameixas, pêssegos, peras)*”. Eles eram bem organizados, possuindo moinho para produção de farinha de milho, Cooperativa Rural, Caixa de Crédito e os produtos coloniais escoavam via trem⁶⁵. Atualmente a região é conhecida pelos pêssegos da Vila Nova que são comercializados na Festa do Pêssego da Vila Nova. Esse evento já vai para a trigésima terceira edição. O bairro, aos poucos, perde sua característica de colônia, devido à ampliação dos empreendimentos imobiliários. As pequenas chácaras dão lugar a imóveis residenciais e os pomares com frutíferas ficam cada vez mais escassos.

⁶⁵ CPH (2015).

No caminho ao Sítio Chimango⁶⁶, local para o almoço, observa-se que a paisagem muda bruscamente. Assim, se sai do meio de árvores e sítios com características rurais e se adentra em uma região constituída por condomínios residenciais populares, privadas de qualquer tipo de projeto com arborização. Logo à frente, há um terreno já limpo e planejado, mostrando em uma placa informativa que haverá um condomínio residencial a ser construído no local. Os condomínios residenciais chocam pela sua extensão. Trata-se metaforicamente de um “mar de pequenas residências” que, conforme o guia, são “pequenos apartamentos horizontais”. Tais construções se intensificaram nos últimos cinco anos, assim como os problemas sociais: falta de transporte público, saneamento básico, coleta de lixo, falta de escolas, empregos, animais silvestres migrando para os sítios que ainda resistem à venda para os complexos imobiliários. O sítio Chimango é um dos exemplos que foram cercados por empreendimentos imobiliários, por condomínios do plano “Minha Casa, Minha Vida” e que, aos poucos, vai ficando “ilhado” entre as construções⁶⁷.

De volta à estrada, rumo ao Bairro Lami, ultrapassa-se uma rotatória de um dos bairros mais populosos de Porto Alegre, o Restinga. Próximo dali há um enorme terreno cercado, esperando o início de um empreendimento imobiliário por uma grande construtora. Próximo a este, há outro terreno cujo proprietário é um jogador de futebol famoso mundialmente. Todos os terrenos são de “reserva de mercado”, assinala o guia.

No caminho para o Granja Santantonio chama a atenção dois complexos. Um deles refere-se ao complexo de futebol de Ronaldinho Gaúcho; o outro é o parque Porto Alegre Park que mostra já na entrada um portal com réplicas de Dinossauros. Este último, conforme os moradores da região, causa um grande impacto, pois o corte de árvores diminuiu o espaço de circulação dos bugios. A população desses animais sofre com a aproximação de empreendimentos que não levam em consideração os corredores ecológicos. Com a diminuição de árvores, o deslocamento deles é feito pelas redes elétricas que, na maioria das vezes, eles morrem eletrocutados, ou quando atravessam às ruas são atropelados, ou são mortos por cães. O programa Macacos Urbanos⁶⁸, núcleo de extensão da UFRGS, dedica-se

⁶⁶ A produtora Mary Angela Fernandes Ferreira é outro exemplo do desequilíbrio ecológico que os condomínios estão provocando na Zona Sul de Porto Alegre. Com a construção do Terra Ville, grande parte dos animais silvestres migraram para sua propriedade aumentando a quantidade da fauna silvestre alimentando-se de parte de sua plantação. (MORAES, 2012).

⁶⁷ Também o Sítio do Mato sofre com o avanço imobiliário. Mauri relatou que negociou com vizinhos a compra de terrenos em volta de seu sítio, a fim de criar um cinturão verde. No entanto, o comércio de loteamentos ilegais continua ocorrendo no entorno, também os problemas com lixo descartados à beira da estrada. Percepções do guia de turismo Mauri, que também possui um dos empreendedores do roteiro *Caminhos Rurais de Porto Alegre*, o Sítio do Mato. (MAURI, 2015).

⁶⁸ Programa Macacos Urbanos (2015).

ao estudo dos corredores ecológicos e traz como solução as pontes aéreas que estão distribuídas em vários bairros de Porto Alegre, minimizando os problemas causados com o avanço imobiliários a estes primatas.

No bairro Lami, “ao lado direito encontra-se a Comunidade Indígena Guarani, que trabalham com artesanatos e comercializam para os moradores e visitantes”, diz o guia. A Granja Santantonio fica situada em um beco de nome Paraíso, que foi doado pelos proprietários para que os outros vizinhos tivessem acesso a suas propriedades, assim como aos serviços públicos desde a estrada principal. A entrada do beco fica à esquerda na direção centro-bairro. Ao passar pela ponte do Lami, observa-se como local de referência, à direita, a comunidade indígena e, à esquerda, mais à frente o posto BR. Seguindo-se em frente, deve-se ficar atento, pois a placa de sinalização é pequena e está acima de uma parada de ônibus à direita. Mas, como falou o guia: “o centro da Tala⁶⁹ é sempre uma referência. Se você passou pela Tala é melhor voltar, pois passou da entrada do beco”.

A entrada do Sítio Santantonio fica em frente ao Sítio Capororoca⁷⁰. No deslocamento de ônibus até a entrada do sítio, a autora pergunta a Mauri se o ônibus vai conseguir andar, visto que a entrada do beco é estreita. Mauri, com um sorriso no rosto, diz para não se preocupar, já que ele está acostumado a entrar com ônibus no local. Logo à frente a preocupação se concretiza, porque vinha um carro na direção do ônibus, em sentido contrário. O fato é que um deles teria de dar ré até liberar a passagem para o outro. Na chegada à Granja Santoantonio, os proprietários Vasco e Karen, os anfitriões, junto com a filha, o genro e o funcionário seu Clair aguardavam os turistas na descida do ônibus. Os proprietários estão identificados com a camiseta da RAMA. Próximo à casa deles estão alguns familiares e outras pessoas que vieram para o feriado do *Dia das Mães*. A visita começa ali mesmo, no local em que o ônibus estacionou. Após uma breve apresentação, Vasco, o anfitrião no local, inicia sua fala com o tema de sua própria inserção à produção de orgânicos e de sua relação com a terra e animais. Trata do cuidado que se tem com a cobertura da terra, o tempo de descanso; da relação que tem com os animais e as plantas. Ele fala da importância dos insetos para as plantas como polinizadores e predadores de “pragas”.

⁶⁹ A Tala - Templo Universal da Paz Pai Francisco de Luanda é um complexo religioso, de grande expressão e conhecido por todos da região, tem no seu entorno estátuas de entidades religiosidade católica e africana. O local é um expressivo espaço de sociabilidades. Há vários templos, divididos por entidades afro-brasileiras e católicas, com uma grande quantidade de imagens e espaços ao ar livre. A Revista Núcleo de Estudos da Religião apresenta um estudo realizado neste espaço. (GIUMBELLI, 2016).

⁷⁰ Em janeiro e fevereiro de 2014 e 2015 fiquei hospedada no Sítio Capororoca em regime de vivências e realizei entrevistas com os empreendedores deste e dos demais sítios em estudo: Granja Santantonio, Tio Juca, Herdeiros.

O anfitrião mostra o local que está em “descanso” com pastagens de inverno, aguardando uma futura plantação. Ele destaca a importância de a terra estar bem “alimentada” e com umidade equilibrada para receber a nova plantação. No inverno, escolhe-se o local mais alto para plantação; no verão, ao contrário, escolhe-se o local mais baixo para a plantação. No meio da explicação, os visitantes questionam sobre as formas de plantio. Vasco responde as perguntas de forma “desenvolta”⁷¹ e carismática recebendo o auxílio de Karen, a esposa dele, que interpela informando aos visitantes a respeito do uso dessas plantas na culinária.

Próximo ao grupo, oriundas da época do avô de Vasco, há uma plantação de árvores de nogueiras. Chama a atenção um canto incessante das aves de rapina. Vasco, o anfitrião do local, explica que o som é produto de uma estratégia para afastar as caturritas que se alimentam das nozes. A partir de um documentário, ele descobriu que tais aves têm medo do falcão. Com essa informação, ele instalou alto falantes nas nogueiras e ligou ao *microsistem* para rodar continuamente com o som gravado do canto de um falcão. Dessa forma, conseguiu afastar as caturritas. Ele também mostra uma espécie de engenhoca para coletar as nozes caídas no chão que, por sua coloração, são difíceis de localizar e se leva o dobro do tempo para colhê-las manualmente.

A visita continua e nosso anfitrião nos leva até os canteiros de hortaliças. Vasco mencionou como iniciou com algumas espécies de alface roxa, alface crespa, espinafre japonês, couve-rábano e a *couve chingensai*, que logo explica essa espécie assim:

“Essa aqui é a couve chingensai, a chinezinha que chamam. Essa aqui começou também. Eu não sabia nada dela. Há uns três anos atrás o Paul McCartney esteve aqui tocando. Cantando aqui em Porto Alegre e cada estrela quer uma coisa... [Karen intervém informando que o cantor é orgânico e só toma suco verde da couve]. Ele queria o suco verde da Couve chingensai. Ai, tá, foi! Ai sai uma reportagem na Zero Hora, uma baita reportagem: ‘será que toda a energia do Paul está na couve chingensai’ Falando sobre a Couve chingensai. Ai eu disse assim agora vou plantar essa couve então, né. Ai começou. Ontem, por exemplo, foram nove caixas dessa couve. Eu chego lá na feira às cinco horas para as vendas e os produtos todos vão para cima, menos as couves. As caixas não vão para cima da banca. Daqui a pouco começam a chegar o japonês, o chinês. O chinês diz que é da China, o japonês diz que é do Japão, o coreano é da Coreia. Eu não quero dizer couve chingensai...é couve, couve. É vendido tudo ali, rapidinho. [Uma das visitantes informa que a couve é uma fonte maravilhosa de cálcio]. Então é assim, super gostosa! Ontem o que eu dei de receita lá na feira. Esquentou a frigideira, cebolinha, alho e bota ela e bota o molho shoyu Coloca na frigideira e ela se desmancha”. (VASCO- Granja Santantonio- maio, 2015).

⁷¹ Destaco a desenvoltura para com o público visitante a turismo, pois quando iniciou-se as primeiras atividades no sítio quem se envolvia com as visitas era Karen. Vasco não acredita que fosse possível realizar atividades de turismo em sua propriedade, pois não havia uma valorização do local para esse fim.

A seguir, o passeio continua em direção ao Galpão que está em construção⁷². O local estava organizado em formato de auditório com painéis que contam a história da família e da matriarca Dona Mimi Moro que veio para Porto Alegre nos anos 1930. Ela era professora, escritora de diversos livros de receitas e apresentadora de um programa de receitas culinárias “Cozinhando com Dona Mimi” na TV Piratini (1959).

Karen diz a dona Márcia para dar continuidade ao relato de Mimi Moro, mas, antes de dona Márcia iniciar a fala dirige-se a duas professoras (gêmeas), que estavam no grupo de visitantes para abraçá-las, “matar” saudades, visto que acabara de reencontrar as amigas depois de tantos anos. Essa parte da visita não foi planejada; o encontro foi pura coincidência, ou destino, quem sabe!

No decorrer da explanação de dona Márcia sobre a trajetória de Mimi Moro, ouve-se um ruído entre os altos galhos das árvores que ficam nos fundos do Galpão e que chama a atenção de todos. O público se vira na direção do ruído buscando o melhor ângulo para encontrar entre as árvores um bugio adulto com seus filhotes. Conforme a explicação de Karen, o animal, que é uma fêmea, escolheu o sítio como berçário para suas crias. Periodicamente o bugio busca os parceiros em outros locais e volta para os fundos da casa de Karen e Vasco para ter seus filhotes e criá-los: “acho que ela se sente segura aqui, ninguém mexe com eles”. A árvore fica em um terreno de difícil acesso, então Karen não encorajou ninguém a ir até o local. Os visitantes se amontoaram perto da cerca para ver a família de bugios ao longe e registrar o momento.

Após os registros, todos se voltaram atentos ao depoimento de Márcia que continuava sua explanação sobre a história de Mimi Moro e da propriedade. Entre uma fala e outra, a filha mais nova de Vasco e Karen oferece uma torta salgada de berinjela, receita de dona Mimi.

O local para o grupo assistir aos depoimentos de Márcia foi organizado com as cadeiras em formato de auditório e, na parte de atrás, há uma pequena banca com hortaliças, uma cesta com as famosas balas de coco da Karen para comercialização. Ali onde o grupo estava será o futuro galpão já que o antigo foi destruído, pois se encontrava com a estrutura comprometida. Karen teve o cuidado de entregar um buquê feito com urucum para cada uma das mães em visita, ao final da explanação de Márcia. Após as compras houve um passeio

⁷² O galpão novo foi construído no local do antigo que tinha um espaço menor e já estava com sua estrutura comprometida por ser bastante antigo. A proposta do novo galpão possibilita um número maior de pessoas, com infraestrutura de cozinha e banheiro. O investimento em material para a construção do atual galpão foi recebido a partir de um projeto a fundo perdido do Ministério da Agricultura, a partir da *Organismos Participativos* de Avaliação de Conformidade Orgânica (OPAC) e Associação dos Produtores Metropolitanos da Rede Agroecológica (RAMA).

final de trator. Os visitantes sentaram-se à beira do trole⁷³ que é puxado por um trator dirigido por Vasco. O curto passeio até o ônibus foi regado a gargalhadas. Para finalizar, já no ônibus, Karen deixou que soltassem os cães, que apenas são presos nestas ocasiões de visita turística.

Quando o ônibus se deslocou rumo ao Extremo Sul de Porto Alegre, a autora dessa pesquisa lembra de Labate (2000) que argumenta sobre a relação do ser humano com as viagens que é bastante antiga e aglutina um leque de experiências variadas. Mesmo que o roteiro de viagem seja exatamente o mesmo (atrativos, paradas, horários, guias de Turismo) a experiência é única, e envolve a descoberta de algo que está por vir, algo inusitado, algo inesperado, um risco, uma aventura.

Talvez por isso que o início desta viagem aos *Caminhos Rurais de Porto Alegre* tenha causado um sorriso no semblante de cada um do grupo de turistas, um certo “frisson”, como assinalava o professor Krause, ao contar suas histórias de viagem no curso de Turismo da PUC-RS. De fato, eles se encontravam em um estado de “frisson”, alvoroçados, emocionados, excitados por não saber ao certo o que os esperava na excursão.

A lembrança das histórias literárias, misturadas às histórias que o guia de Turismo Mauri Webber contava, remetem os pensamentos da autora às ideias de Raymond Williams. Em uma de suas observações trata sobre o poder em que são investidas as palavras “campo” e “cidade”, por serem constituídas por comunidades humanas.

O guia de Turismo à medida que comentava uma trajetória histórica, tratando do desenvolvimento urbano do município de Porto Alegre, tecia elementos históricos evocando um passado rural dentro do traçado urbano. Com tal estratégia, foi se elaborando um imaginário de uma paisagem rural, ao longo do caminho em que o grupo se destinava. Nessa tessitura, a imaginação desenhava paisagens de campos de trigo, moinhos e pescadores à beira do Riacho Ipiranga. Evocando-se o passado e a alma da então Porto Alegre de outrora, Mauri pincelava o quadro do que estava por vir em nosso roteiro turístico.

Em *O campo e a Cidade: na história e na literatura*, Williams (1989, p. 11) trata do termo inglês *country* que “pode significar tanto ‘país’ como ‘campo’; *the country* pode ser toda a sociedade, ou só sua parte rural”. Assim, os termos ‘campo’ e ‘cidade’ “em torno das comunidades existentes, cristalizaram-se e generalizaram-se em atitudes emocionais poderosas”. Conforme o autor, “o campo passou a ser associado a uma forma natural de vida – de paz, inocência e virtudes simples”, ao mesmo tempo outras noções foram atreladas como

⁷³ Trole: é uma espécie de plataforma de madeira com rodas puxada por um trator. Na agricultura serve para movimentação de mercadorias. Nesse roteiro, ele é adaptado, coberto e os visitantes acomodam-se sentados para realizar o passeio no sítio.

“lugar de atraso, ignorância e limitação”. Por outro lado, a cidade “associou-se a ideia de centro de realizações – de saber, comunicações, luz” e também como espaço de “barulho, mundanidade e ambição”.

Nos dias atuais, essas noções podem se apresentar contraditórias, tendo em vista que os projetos que se desenvolvem na Zona Sul de Porto Alegre – associados ao turismo e agroecologia – configuram espaços em que visitantes deslocam-se em busca de conhecimento. Apesar de haver algumas características rurais, os empreendedores encontram-se ligados ao mundo contemporâneo conectados à web e sujeitos às problemáticas de uma metrópole como Porto Alegre (segurança, saúde, infraestrutura pública, saneamento básico, transporte público).

Williams em suas análises aos poemas bucólicos, neobucólicos e reflexivos trata da transformação de um dos componentes do ‘bucólico’: o camponês que trabalha para o cientista e turista observador da natureza, da beleza natural. O outro componente corresponde à transformação do bucólico em romântico e teatral. Assim, na história e literatura inglesa o termo sofre uma transição do bucolismo das cortes e casas aristocráticas para um *neobucólico*, em direção a um novo tipo de sociedade: o capitalismo agrário. (WILLIAMS, 1989, p. 38). Williams trata de algumas metáforas pastoris como, o “bom pastor”, figura representada por Cristo. Outra metáfora abordada pelo autor trata-se do campo como abundância natural propiciando um local de escape e de refúgio. Para Williams (1989), a transformação do termo trata-se de um processo de “conversão do bucolismo convencional em um sonho localizado e, em seguida, algo que pode ser apresentado como uma descrição e, portanto, uma idealização da realidade da vida campestre na Inglaterra e suas relações sociais e econômicas”. (WILLIAMS, 1989, p. 44).

No caminho que se vai traçando nas articulações de Mauri com seu público, percebe-se a evocação a esta noção de “campo” associada a um passado feliz, a uma inocência rural ligada à natureza em contraste com a mundanidade da cidade. O guia vai tramando imaginários que nos leva ao passado do tempo dos avós. Tal qual destaca Williams, o contraste não é tão simples, pois “a cidade se alimenta daquilo que o campo ao redor produz”. (WILLIAMS, 1989, p. 75).

Os projetos de turismo rural na contemporaneidade, que estão vinculados a caminhos e deslocamentos, possibilitam trabalhar com o imaginário da idealização de espaços bucólicos, (de) práticas tradicionais, (de) modo(s) de vida ligado(s) à natureza, a noção romantizada de viver uma experiência no campo. Tais práticas em turismo são observadas no projeto

Caminhos Rurais de Porto Alegre, que buscam revisitar e ressignificar práticas e recriar modos de vida rural.

Em seus materiais de divulgação a cidade é adjetivada como um espaço de barulho e correria e o espaço rural como aprazível, com ar puro e fresco, como se pode observar no material de divulgação *Guia Turístico*:

Porto Alegre apresenta belas paisagens com sua orla de 72 quilômetros e uma cadeia de matas preservadas que fazem um recorte ondulado no horizonte ocupando cerca de 1/3 do território do município. A poucos quilômetros do centro da capital, percorrendo estradas que recortam seus morros e vales se descortina um mundo praticamente desconhecido tanto para as pessoas de fora como para os próprios porto-alegrenses. O visitante deixa o asfalto, o ar pesado, o trânsito e a correria do dia a dia para, de uma hora para outra, se deparar com uma natureza exuberante e convidativa. Ali está uma região aprazível para passar o dia com a família, com as crianças ou na companhia dos amigos, respirando um ar fresco e puro em meio a cantinas, haras, cabanhas, granjas de produção de frutas e hortaliças, sítios agroecológicos com espaço para hospedagem alternativa. São locais perfeitos para a prática de atividades esportivas e de contemplação da natureza. Na capital gaúcha, além do consolidado turismo de eventos e negócios, você tem cultura, ecoturismo, vivências, religiosidade e contato direto com a vida rural⁷⁴.

O projeto *Caminhos Rurais* ressignifica práticas rurais associadas à noção “de um convívio harmônico com o ser humano com a natureza⁷⁵”. As experiências de turismo rural de Porto Alegre buscam valorizar a paisagem, o saber e fazer local. Além disso, os empreendedores apresentam-se como mediadores da fauna e flora, do patrimônio natural, história e cultura existente na zona Sul de Porto Alegre.

A representação recorrente do mundo rural como diferente e oposto ao mundo urbano pelos proprietários dos empreendimentos de turismo rural dos Caminhos Rurais de Porto Alegre é um atrativo para o turista que deseja evadir-se do mundo urbano, sem afastar-se muito da cidade de Porto Alegre. (RODRIGUES, 2011, p. 67).

Nesse sentido, é importante ressaltar que o olhar turístico é constituído a partir de uma produção cultural sobre os diferentes cenários e paisagens. Amaral (2000, p. 145) discute o papel da publicidade na produção cultural da natureza ao perpetuar e atualizar “o paradigma da ciência moderna que traz em seu centro a separação cultura/natureza”. Para Amaral, “a nossa percepção daquilo que consideramos como natureza está profundamente marcada por

⁷⁴ Material de Divulgação do roteiro Caminhos Rurais de Porto Alegre: Guia Turístico.

⁷⁵ Material de divulgação, folder Caminhos Rurais de Porto Alegre: Na mesma cidade, um outro mundo.

construções estéticas e culturais que nos permitem estabelecer ‘o que ver’, ‘o que admirar’, ‘o que conservar’ e ‘proteger’ no mundo dito “natural”. (AMARAL, 2007, p. 250).

Por isso é relevante o entendimento de que a natureza é culturalmente construída em diversos artefatos culturais que produzem e fazem circular na cultura uma multiplicidade de significados e ensinamentos que constituem identidades e subjetividades.

As estratégias utilizadas para atrair os visitantes e os turistas à região da zona sul de Porto Alegre também são apropriadas por outras esferas que buscam investidores. O mercado imobiliário utiliza-se de estratégias de marketing que trata a zona sul como um local de “vida tranquila” e próxima à natureza. Assim, empreendimentos associados à noção de natureza estão por toda a cidade, como *Verdes Campos*, *Caminhos do Verde*, *Encosta do Sol* (campanha saía do cinza), *Canto dos Pássaros*, *Arvoredo*, *Chácara das Nascentes*, *Terra Bela*, *Paradise Boulevard*, *Solar dos Cataventos*, *Residencial João de Barro*, principalmente em espaços que possuem grandes áreas ainda por serem ocupadas de forma urbanizada. Nesta direção, sítios de lazer, fazendas, áreas de mata são transformados em loteamentos residenciais, condomínios e condomínios-clubes.

O caminho percorrido pelo roteiro trata de apresentar esta problemática ao ressaltar a expansão dos projetos imobiliários e suas consequências na zona sul de Porto Alegre, principalmente o impacto na paisagem local, que aos poucos vai modificando-se “contribuindo para a despersonalização dos lugares”. (YÁZIGI, 2001, p. 21). Conforme Yázigi (2001, p. 21-22):

O uso indiscriminado do progresso técnico e o abismo social, aliados a um baixo grau de informação do cidadão, o preconceito pelo antigo e pelas coisas da terra, os modismos, a sujeição cega ao gosto do mercado, a falta de expressão geográfica da administração do espaço, a desconsideração das características menores do lugar.

As políticas de expansão imobiliária não levam em conta o impacto de tais empreendimentos na população de animais silvestres. No caso do Condomínio Terra Ville, conforme relatou a agricultora Mary Angela Fernandes Ferreira que tem sua propriedade próxima ao empreendimento, que

[...] ao cercarem o loteamento os animais silvestres começaram a invadir e atacar nossas hortas, pela redução do seu habitat natural. Já percebemos um aumento de rato do banhado e tartarugas pela ausência de predadores, ou

seja, para manter aquele lugar de moradia urbana magnífico, o entorno sofre um desequilíbrio ecológico.⁷⁶

No entanto, o empreendimento Terra Ville possui políticas de preservação da natureza e em uma das revistas⁷⁷ que circulam no condomínio há notícia sobre as propriedades que fazem parte dos *Caminhos Rurais de Porto Alegre* e, assim divulgando os empreendedores locais aos moradores deste condomínio.

Durante o percurso o que pareceu realmente impactante foi a grande extensão de condomínios populares, casas geminadas, aparentemente sem nenhum espaço verde ou de recreação.

Na visita à Granja Santantonio, observou-se a mídia como um fator que possibilita estimular a produção e comercialização do uso de produtos a partir de um modismo temporário. O exemplo destacado por Vasco, no momento em que o cantor Paul McCartney solicita um tipo específico de suco verde feito com a couve *chinguesai*, ele destaca os possíveis impactos da globalização sobre as identidades. Também o impacto da mídia na veiculação de tais notícias, influenciando as pessoas ao consumo desse alimento.

Segundo Hall (2006), a globalização produz uma aceleração dos processos e um sentimento de encurtamento das distâncias, “em que os eventos em um determinado lugar têm um impacto imediato sobre as pessoas e lugares situados a uma grande distância”. (HALL, 2006, p. 69). Hall sublinha que “a globalização tem o efeito de contestar e deslocar as identidades centradas e fechadas de uma cultura” (HALL, 2006, p. 87) e aponta os efeitos pluralizantes da globalização sobre as identidades, “produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação, e tornando as identidades mais posicionais, mais políticas, mais plurais e diversas; menos fixas e unificadas ou trans-históricas”. (HALL, 2006, p. 87). Nesse sentido, é interessante pensar de que forma o turismo rural de Porto Alegre é atravessado pela globalização e em que sentido os movimentos globais atravessam o local e o regional e produzem um turismo rural mais plural e diverso. Como sugere Hall (2006), as identidades marcadas pela globalização se constroem a partir de diferentes tradições culturais.

4.2 VIVÊNCIAS NOS CAMINHOS RURAIS

Ao iniciar as vivências nos *Caminhos Rurais de Porto Alegre*, o caderninho de anotações, o gravador, o computador e a máquina fotográfica acompanharam a autora em

⁷⁶ Moraes (2012).

⁷⁷ Trata-se da Revista Terra Ville News (2015).

todos os momentos. O texto de Alfred Schutz, *A Fenomenologia e Relações Sociais*, organizado por Helmut R. Wagner, também foi instrumento da autora nessa pesquisa. Como planejamento prévio, durante o dia ela realizava as vivências e a noite era reservada para estudar e transcrever as entrevistas. O clima de verão muito forte não colaborou para o que havia sido planejado. As entrevistas foram realizadas, mas as análises e o estudo ficaram para outro momento menos escaldante. E janeiro de 2014, na primeira atividade de vivências no Sítio Capororoca, a autora havia planejado hospedar-se por quatro semanas, mas o calor intenso a fez passar mal e assim teve de interromper as vivências na terceira semana. Já na segunda temporada, em 2015 tudo transcorreu normalmente. É importante ressaltar que a pesquisadora permaneceu em contato e realizou às visitas aos sítios e eventos no período em que transcorreu a tese, de 2013 a 2016.

Após os períodos de vivências e já em casa mais agradável com ar condicionado, foi possível dedicar-se ao estudo de Schutz, um bom “estoque de conhecimento” cuja finalidade é analisar as entrevistas. Para Schutz, o cientista social possui um “estoque de conhecimento”⁷⁸ à mão; é o corpo de sua ciência e ele tem que tomá-lo como pressuposto”. Este “estoque de conhecimento” vem ao encontro na interpretação de suas observações de padrões de interação humana “em termos de sua estrutura de significado subjetivo”, segundo o autor (SCHUTZ, 1979, p. 273).

O “estoque de conhecimento” constitui um arcabouço fundamental para criar algumas categorias e traçar alguns questionamentos sobre o objeto de estudo e delinear um problema científico. Assim, delineou-se um roteiro para a pesquisa e decidiu-se por observar e registrar o que fosse possível no tempo disponível das férias de trabalho. A pesquisa resultou em quatro entrevistas com os empreendedores, já mencionados, e observações em duas reuniões. (RAMA; POARURAL).

Conforme literatura de Schutz, a primeira tarefa da metodologia em Ciências Sociais é compreender que o homem organiza suas experiências da vida diária e do mundo social. Assim, os construtos utilizados pelos cientistas sociais, são sempre construtos de segundo grau, pois são “construtos dos construtos feitos pelos atores no cenário social, cujo comportamento o cientista social tem que observar e explicar de acordo com as regras de procedimento de sua ciência”. (SCHUTZ, 1979, p. 269).

A partir das análises realizadas nos registros dos entrevistados, houve interesse nas biografias, a fim de compreender o mundo da vida, suas motivações em participar das

⁷⁸ O estoque de conhecimento foi constituído de e por atividades anteriores de experiências de nossa consciência. (SCHUTZ, 1979, p. 74).

experiências em projetos de turismo rural. Nesse sentido, algumas questões provisórias auxiliam nas entrevistas, a partir dos questionamentos: *Conte-me como foi sua trajetória como empreendedor de turismo rural? O que o (a) fez participar da associação POARURAL? Como é receber turistas em sua propriedade? Como é o turismo em sua propriedade?*

Apesar de ter traçado um roteiro preliminar, as entrevistas tiveram a duração aproximada de 01h a 01h30min cada uma com uma extensão de temas diversos que extrapolaram as perguntas elaboradas para o roteiro de entrevista. Houve interesse em conhecer a situação biográfica dos sujeitos entrevistados. Para tanto, as entrevistas foram estruturadas de forma que o ponto de partida fosse a trajetória de vida e a motivação que os levaram a se inserir no projeto *Caminhos Rurais de Porto Alegre*.

Para Schutz, “a pessoa nasce num mundo que existia antes de seu nascimento e que, logo de partida, não é um mundo simplesmente físico, mas também um mundo sócio-cultural”. (SCHUTZ, 2003, p. 79). Nesse sentido, a partir da noção de Schutz este *mundo sócio-cultural* em que se encontram Tio Juca, Silvana, Vasco e Dodô é por eles “vivenciado por uma rede fina de relacionamentos sociais, de sistemas de signos e de símbolos com sua estrutura de significados particulares, de formas institucionalizadas de organização social, de sistemas de status e prestígio”. (SCHUTZ, 2003, p. 80).

Com a intenção de investigar os “motivos a fim de” e os “motivos por que” dos empreendedores em relação aos projetos de turismo, buscou-se indagar o mundo social vivido por esses empreendedores. Além das vivências realizadas, a autora também participa de oficinas, reuniões de associações como convidada em capacitações, atividades particulares dos empreendedores (aniversários, almoços, cafés) e comercialização de produtos em feiras. O intuito não se restringe a quantificar as inserções nesses eventos, mas qualificar as participações no período de 2013 a 2017.

Nesse período, o protagonismo dos atores, a construção de práticas políticas, de gestão e organização em grupo (associações) e individual (propriedade), conferem aos processos certa singularidade. O projeto de turismo, as visitas estão atreladas a práticas de sustentabilidade, agroecologia e alimentação saudável em interação com a natureza. Também o potencial paisagístico, arquitetônico, ambiental e cultural estão sendo catalogados pela Secretaria Municipal de Cultura do Município.

Tais projetos são elaborados a partir do contato com o outro que, para existirem precisam se comunicar, precisam se expressar, fazer sentido, portanto são potencialmente públicos. (VELHO, 1987). Nessa perspectiva, os projetos são dinâmicos, na medida em que os atores estão “sujeitos à ação de outros atores às mudanças sócio-históricas”. (VELHO,

1987, p. 27). O projeto enquanto “conjunto de ideias e a conduta estão sempre se referindo a outros projetos, condutas localizáveis no tempo e no espaço um projeto tem que se basear em um nível de racionalidade cotidiana em que expectativas mínimas sejam cumpridas”. (VELHO, 1987, p. 27).

As sociabilidades construídas por esses empreendedores possibilitam a troca de saberes e fazeres entre os associados conferindo uma identidade específica aos atores. Para Fontes, ao falar sobre atores coletivos significa “penetrar na complexa teia de sociabilidades que organizam o cotidiano de pessoas reunidas em torno de um projeto”. (FONTES, 2016). No caso, o projeto de turismo e agroecologia possibilita pensar que os atores sociais “protagonizam práticas estruturadas a partir de um discurso, que recorta a realidade, construindo-a a partir das trajetórias de experiências das pessoas” (FONTES, 2016) que fazem parte destas associações. Os empreendedores possibilitam organizar “seu mundo segundo suas vidas ativas, segundo os campos de experiências vivenciadas em seu labor cotidiano”. (FONTES, 2016).

E nesse contexto, é possível compreender o mundo da vida destes empreendedores. Para Schutz (1979), o mundo da vida é “toda a esfera das experiências cotidianas, direções e ações através das quais os indivíduos lidam com seus interesses e negócios, manipulando objetos, tratando com pessoas, concebendo e realizando planos” (SCHUTZ, 1979, p. 16). É então ressaltar o caráter intersubjetivo de tais projetos na medida em que o conjunto das experiências dos atores, em circunstâncias normais, “reforça a convicção de que pessoas em contato umas com as outras, pelo menos em situação capazes de lidar umas com as outras com sucesso, ‘compreendem’ uma às outras”. (SCHUTZ, 1979, p. 314).

4.2.1 Experiências em Projetos: Turismo e Agroecologia

Os entrevistados residem no Bairro Lami em Porto Alegre e estão envolvidos em atividades de turismo com características rurais. Todos eles são agricultores orgânicos e participam em feiras agroecológicas. Aos sábados, os quatro empreendedores possuem bancas na feira da rua José Bonifácio, localizada na capital gaúcha. Nesse local eles comercializam seus produtos. Eles fazem parte da associação RAMA, que é a certificadora de produtos em conformidade orgânica⁷⁹.

⁷⁹ Silvana, Sítio Capororoca, mencionou que o nome RAMA faz uma associação com o termo “rama” ou “ramo” de plantas. Atribui-se o sentido de algo que está em movimento, que está crescendo e espalhando-se assim como os propósitos e objetivos da associação.

As motivações dos quatro entrevistados quando se engajam em um projeto de turismo rural seguem caminhos muito parecidos, aparentemente. Em princípio, quando questionados, o discurso foi o mesmo, pois alegam que se engajaram em um projeto de turismo: “o turismo agrega valor à propriedade”, “o turismo é um complementar à renda”. O termo “agregar valor” foi repetido várias vezes pelos empreendedores nas entrevistas: “agregar valor à propriedade”, “agregar valor aos produtos”. Trata-se de um discurso que está presente nas capacitações em turismo, proferidos pelos especialistas em turismo. Tendo em vista que o turismo é um produto, que vem agregar valor à produção primária, à agricultura e complementar a renda dos agricultores. Os proprietários trabalham com agroecologia e iniciaram a venda de seus produtos em feiras da região na mesma época e associados nos mesmos grupos de feirantes.

Um dos primeiros agenciamentos⁸⁰ investidos no projeto, relatados por Dodô, trata-se da estudante do curso de Turismo da PUC-RS, estagiária no Escritório Municipal de Turismo da Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Quando Dodô (Sítio Herdeiros) iniciou as primeiras atividades de turismo com Manuela, em 1999, as trilhas do roteiro foram projetadas para ligarem três propriedades: Sítio Herdeiros, Sítio Tio Juca e Sítio Capororoca. Cada uma delas oferece um atrativo diferenciado e que complementasse o roteiro. Assim, Tio Juca com as hortaliças e o Bio Juca (fertilizante feito pelo próprio agricultor); Dodô e Vera com as pereiras e o museu da família. Na época, criou-se o museu da família no galpão, que atualmente encontra-se desativado, como um atrativo direcionado para os turistas. Nas atividades de turismo, empreende-se o resgate a história da família, a partir da criação destes minimuseus.

Para o roteiro, Silvana ofereceu como atrativo as PANCs⁸¹, que continua sendo o principal atrativo em termos de venda do produto turístico, acrescido às vivências na propriedade. Além do turismo, também realiza oficinas de gastronomia com as PANCs e pequenos eventos direcionados a amigos e convidados, tendo como atrativo o *Pub Hund Bier*⁸² com cerveja artesanal produzida por seu esposo Zanir.

A Granja Santantonio, na época, não fazia parte do projeto inicial de turismo. Sua inserção inicia em 2005 com a capacitação no Programa de Turismo Rural do SENAR-RS.

⁸⁰ O conceito de agência busca alinhar-se a noção dada por Yúdice (2006 apud LOPES; PEREIRA, 2017, p. 49): “trata-se de identificar atores que agenciam recursos identitários recuperados de uma ‘reserva disponível’ nas trajetórias comuns de suas formações culturais, em diálogo com modelos culturais (estatais ou de mercado) predominantes na sociedade globalizada. Esse predomínio se expressa na configuração de um campo de forças performativas a condicionara ação dos atores que, por vezes, imprimem uma dinâmica de operar agenciamentos nos intervalos daqueles modelos.

⁸¹ Plantas alimentícias não convencionais normalmente não se encontram em supermercado, apenas em feiras ou nas propriedades, como por exemplo, urtiga, lírio do campo, capuchinha, samambaia, jasmim, hibisco, tuna, araçá.

⁸² O *Pub Hund Bier* está atualmente desativado. Está se construindo um espaço próprio para a cervejaria.

Karen (esposa de Vasco), nesse tempo, foi quem se engajou a participar das capacitações, apresentando como produto, a história da culinária Dona Mimi (bisavó de Vasco). Os diferentes atrativos a que se propõem os empreendimentos, saberes e fazeres, os modos de vida seguem “as tendências do frame contemporâneo do turismo, organizado na singularidade e diferenciação dos lugares”. (LOPES; PEREIRA, 2017, p. 45). Para os autores, “a singularização dos lugares se produz pelos agenciamentos dos atores envolvidos nessa arrumação, incluindo os turistas”. (LOPES; PEREIRA, 2017, p. 49).

Dodô ressaltou que a sua inserção no turismo sempre foi muito clara, desde sua conversa com Manuela, como argumenta: “*a Manuela falou, vocês não têm que modificar nada, vocês têm que ser aquilo que vocês são não tem que modificar nada*”. Dodô e Vera, quando iniciaram com o turismo, não acreditaram na possibilidade de receber turistas, mas como se formou um grupo eles entraram na associação para apoiar os colegas:

“a motivação de entrar foi por que se formou um grupo. Sozinho: ‘uma andorinha sozinha não faz verão’. A chefe de isso aí era a Manuela. Elas vinham, a gente trabalhava com um quadro negativo. Manuela, isso não vai dar certo! Hoje tu vens aí, amanhã tu não vens. A gente não tinha isso do turismo. Acho que ela insistiu, a primeira excursão ela trouxe 40 pessoas. A gente não estava acostumado com isso. A Silvana recém tinha comprado o sítio. Era o Juca eu e a Silvana. Depois que passou eu disse para a Manuela que agora pode vir que eu já sei. Foi o primeiro, achei que podia dar certo. Depois veio o Fórum Social [roteiros específicos direcionados aos participantes do Fórum Social Mundial] e foi aí nesse meio tempo que criou a ideia da associação, o Ricardo e o Mauri [outros empreendedores de turismo rural] vieram com essa ideia de associação”. (Dodô- Sítio Herdeiros - Janeiro, 2014).

Para Dodô, a participação na associação (POARURAL) durou sete anos e, durante esse tempo muita coisa mudou: “*Mudou o quadro. Entramos na associação e vamos fazer panfletos, distribuir papelzinho*”. O investimento em publicidade e as muitas reuniões que demandavam tempo tiravam o foco do agricultor de seu trabalho na sua propriedade. O resultado não trouxe o retorno esperado, o que fez Dodô se retirar da associação POARUAL. Os motivos de Tio Juca são semelhantes aos de Dodô como se pode constatar no excerto, a seguir:

“Ela [referindo-se a associação POARUAL] avançou num caminho que eu não tive como acompanhar. Não tinha condições de participar de eventos, de festas, se eu não sei dançar eu nem vou ao baile. Pedi um afastamento por seis meses, fui e não voltei mais”. (TIO JUCA – Sítio Tio Juca-janeiro, 2014).

No entanto, a saída dos dois empreendedores da associação não representa que tenham deixado de receber turistas em suas propriedades. Eles continuam a receber visitantes, escolas e jornalistas. As duas propriedades estão constantemente na mídia. Tio Juca foi um dos personagens da série “Indo Além⁸³” da RBS TV, tratado no Jornal do Almoço (JA) como um dos “personagens que fazem a diferença”. O Anonimus Gourmet também realizou uma das suas edições em seu sítio, assim como o programa Patrola.

Conforme Dubet (1994), a lógica da integração é um ponto de vista racionalizado pelo ator, que ele adota acerca da sociedade, dos outros e dele próprio. Nesse sentido, “trata-se de uma atividade subjetiva constituída pela economia da integração na qual os indivíduos têm em vista a manutenção ou a mudança do mundo a fim de manter a continuidade da sua própria identidade”. (DUBET, 1994, p. 120).

Na direção tratada por Dubet (1994, p. 118), na lógica da integração, a cultura é definida em termos de valores, assim quando os valores são ameaçados, a identidade do indivíduo fica comprometida. Nas entrevistas com os empreendedores, segue-se a orientação de Schutz, ao apontar que o termo “motivo” deve ser esclarecido, pois apresenta um significado subjetivo e outro objetivo. (SCHUTZ, 2003, p. 125). Nessa perspectiva trata de distinguir o “motivo a fim de” e o “motivo por quê”.

O termo “motivo a fim de” significa “o estado das coisas, o fim, em função do qual a ação foi levada a cabo”. (SCHUTZ, 2003, p. 124). Quando se projeta algo, se tem a intenção de realizar uma ação. Os objetivos que se buscam alcançar significam “motivo a fim de” e, a estrutura temporal encontra-se voltada para o futuro. Na perspectiva de Schutz (2003, p. 74), pode-se assinalar que os entrevistados possuem um “estoque de conhecimento à mão que lhe serve como um código de interpretações de suas experiências passadas e presentes, e também determina sua antecipação das coisas que virão”.

Assim, “aquilo que é vivenciado como novo já é conhecido, no sentido de que lembram coisas parecidas ou iguais anteriormente percebidos” (SCHUTZ, 2003, p. 115), entretanto, como alerta Schutz (2003, p. 115), “cada experiência é única e até a recorrência da mesma experiência não é a mesma, por que é recorrência”.

Por mais que os entrevistados se sintam seguros com as orientações de outros parceiros, ou especialistas, a forma da experiência será diferente e dependerá da “conduta” de cada um. Os dois empreendedores se mostraram insatisfeitos com a saída da associação e a forma como o processo foi conduzido.

⁸³ Agricultor... (2014).

Tio Juca relatou que a forma de ação da associação começou a exigir-lhe um padrão de atendimento ao turista que ele não concorda, ele quer continuar trabalhando da forma simples e tradicional que sempre trabalhou com os visitantes. Ele informou que quer mostrar aos visitantes como ele vive, planta e como é viver ali sem ter que “*inventar muita coisa*”. Em seu relato apresentou sua trajetória como agricultor. A família plantava mandioca para produzir farinha e vendê-la à embarcação que passava na região e comercializa o produto. Mais tarde iniciou a produção de morangos na modalidade convencional⁸⁴ e, com essa modalidade, a dependência para com a indústria de produtos agrícolas: “*aí, depois a gente vai falar sobre os pacotes fechados, tinha que comprar uma coisa para vir a outra*”. Os produtos cultivados na propriedade eram escoados nas Centrais de Abastecimento do Rio Grande do Sul (CEASA). Na opinião de Tio Juca, esse modelo de comercialização levou o agricultor a pagar taxas e diminuir o ganho de produção:

“Tudo sobrava pra gente né e aí em setenta e dois veio a CEASA. A CEASA no meu ponto de vista, porque eu estou falando de mim né, eu não estou falando para todos. Eu acho que a pessoa tem que falar do que sente e onde é que dói o sapato. Aí começamos trabalhar na CEASA, produzir para CEASA e a CEASA foi feito só para tirar do chacareiro. Quem paga tudo é o produtor, todo mundo entra e sai não paga nada. O produtor tem que pagar pra arriar a mercadoria, tem que pagar para o box, tem que pagar o carregador, tem que pagar o descarregador. Tudo é pago pelos produtores”. (TIO JUCA – Sítio Tio Juca- janeiro, 2014).

Na trajetória desses atores, observa-se uma percepção próxima daquela descrita pela noção de “ecologismo dos pobres”, também conhecido como um movimento de justiça ambiental tratada por Alier (2015). Essa corrente compreende que o desenvolvimento econômico “implica maiores impactos no meio ambiente, chamando a atenção para o deslocamento geográfico das fontes de recursos e das áreas de descartes de resíduos” (ALIER, 2015, p. 33-34), também assinala para o uso de químicos na agricultura e os impactos no ambiente e na economia.

Conforme Tio Juca, foi a partir de 1995 que a Prefeitura Municipal de Porto Alegre (PMPA), a Secretaria Municipal do Meio Ambiente (SMAM) e a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS) realizaram um diagnóstico na Bacia do Manecão, que instituiu a região como área de produção orgânica e ecológica. A partir desse trabalho, elaborou-se um convênio entre a prefeitura, a Empresa de Assistência Técnica e Extensão

⁸⁴ Convencional: termo dado à agricultura convencional que se utiliza agroquímicos na produção.

Rural (EMATER) e o Centro Ecológico Ipê (CEI) para dar assistência técnica e capacitação aos agricultores da região sobre a produção orgânica e ecológica.

Para Tio Juca, a sua inserção no modelo de produção agroecológica iniciou em 1997 com a assistência técnica realizada por Maria José Guazzelli, do Centro Ecológico Ipê. No processo de transição da agricultura convencional para a agroecologia recebeu ajuda da técnica, que comprou parte de sua produção. Passados dois anos de transição, Tio Juca iniciou a comercialização dos morangos com a Cooperativa Colmeia e, mais tarde, com o início das feiras agroecológicas, se inseriu na Associação de Produtores Ecologistas do Lami (APEL). No grupo de associados estavam incluídos Tio Juca, Dodô, Vasco e Silvana, focos desta pesquisa. Mais tarde, alguns integrantes formaram seus próprios grupos, como alegam: “*cria dessa APEL vai um pouco para cada lado. O Vasco e o Régis fizeram a Pró-Lami, o Dodô e Vera fez o Herdeiros e depois disso aí sugeriram uns outros tantos*”. (TIO JUCA - Sítio Tio Juca- janeiro, 2014).

Tais ações estão atreladas a noção de justiça social contemporânea que trata do “interesse material pelo ambiente como fonte de condição de subsistência”, defendem formas alternativas de economia para os pobres de hoje, “recebendo apoio da agroecologia, da etnoecologia, da ecologia e, em alguma medida, da ecologia urbana e da economia ecológica”. (ALIER, 2015, p. 35-36).

Na visão de Tio Juca, a propriedade dele não se encaixa nos padrões típicos de turismo rural porque a casa é pequena e não há espaço para receber visitantes de longa duração; há apenas uma varanda aberta e dois banheiros que foram construídos pensando nos visitantes. O local permite uma visita rápida à horta, com a capacidade para 15 pessoas. Atualmente com um projeto a fundo perdido foi construído um galpão para receber os visitantes. Ele recebe escolas em sua propriedade, porém, na sua perspectiva, os técnicos em turismo não enquadram sua atividade dentro do turismo pedagógico, como se expressa: “*dentro do pedagógico, na associação, não fazemos parte, por que tem que ter monitor e a gente não tem. A gente não se enquadra*”. (TIO JUCA, Sítio Tio Juca- janeiro, 2014).

“A gente perdeu a associação e até o site. Quem não tá na associação não tá no site. Aquilo que a gente oferece é de boca a boca. A nossa base é o colégio. O Colégio Champagnat, Farroupilha, Adventista, e outros. A gente não é fechado com ninguém”. (TIO JUCA - Sítio Tio Juca- janeiro, 2014).

As lógicas de ação apresentadas por Tio Juca possibilitaram reconstruir seu projeto de vida, “*ele procura vias concretas para atingir seus fins, portanto, em ações através das quais ele conta propor/impor as suas expectativas aos outros*”. (BAJOIT, 2006, p. 236).

A esposa de Tio Juca relatou que perdeu o medo em receber pessoas quando chegou o primeiro grupo de alunos da UFRGS para um almoço. Ela contou que eles não tinham nenhuma infraestrutura para receber aquela quantidade de pessoas, mas não quiseram dizer não à professora. O excerto, a seguir, demonstra o sentimento de falta de experiência em receber visitantes e a infraestrutura precária do local, na época em que vieram os primeiros visitantes:

“Eles chegaram atrasados e a gente com medo de assar a carne e perder tudo, ligamos para UFRGS e ninguém sabia de nada. Eram quarenta alunos. Foi um alívio quando eles chegaram. Eles queriam cachaça, cerveja, refrigerante e nós só tínhamos suco. Era aluno sentado embaixo das árvores. Mas, a gente perdeu o medo”. (IVONE- Sítio Tio Juca-janeiro, 2014).

Esse sentimento de insegurança foi compartilhado pelos outros atores. Karen, esposa de Vasco, da Granja Santantonio (2014), relatou o medo em receber crianças: “*a gente tinha não sei se era medo, uma preocupação em receber crianças. O cuidado, o cuidado é muito maior. Um arame farpado que a criança bota a mão...*”. Com as experiências em turismo, a preocupação foi se dissipando e, atualmente, o principal produto do sítio é o turismo pedagógico⁸⁵.

As atividades realizadas com o turismo, mencionadas pelos produtores, modificaram a perspectiva desses atores a partir de experiências qualificadas. (DEWEY, 1971). Na direção de Dewey (1971), tais experiências que produzem efeitos positivos evidenciam a constituição de “*continuun experiencial*”⁸⁶ que produzem valor educativo aos empreendedores de turismo e agroecologia.

Em relação aos motivos de continuar no turismo, Tio Juca mencionou que pensa no futuro e que hoje ele já está investindo para poder viver do turismo, quando não mais conseguir trabalhar na horta. No período em que a autora acompanhou Tio Juca na Feira Agroecológica da José Bonifácio, diversas vezes comentou sobre a criação de galinhas para produção orgânica que quer iniciar. Ele pretende construir um espaço na granja abaixo do

⁸⁵ O turismo pedagógico é caracterizado por viagens organizadas dentro do calendário escolar de cunho educacional. Em Santa Catarina, existe o projeto “Viva Ciranda” da Prefeitura Municipal de Joinville. Este projeto ocorre em parceria com escolas públicas e privadas e sítios cadastrados. (JOINVILLE, 2017).

⁸⁶ A noção de *continuun experiencial*, discutido por Dewey, ressalta como relevante a experiência no processo de aprendizagem, assim a educação é a contínua reorganização do que foi experienciado. No entanto, nem toda experiência é educativa. Para ser educativa, a experiência deve possibilitar novas experiências qualificadas.

pomar de frutas nativas. Tio Juca planeja deixar de trabalhar na feira agroecológica e dedicar-se à propriedade, tendo em vista que este tipo de manejo demanda menos esforço físico e pode ser gerido pela filha Jurema e, assim ele poderá ter uma horta apenas com os produtos processados para uso e venda aos visitantes na propriedade.

“Tu vai me perguntar se isso dá dinheiro. Não dá. A gente tá tirando da roça para investir aqui, por que quando eu não dominar mais a roça eu vou ficar aqui num banquinho contando história. Como hoje tem muita gente só preservando eu ainda estou construindo, eu tenho 70 anos e ainda estou construindo. A ideia é ter o pomar organizado, de nativas. Para que as pessoas possam reconhecer, ou conhecer as plantas, e colher. Inventar lá a fruta no pé, vai lá comer pitanga, vai comer o guabiju, vai conhecer. Como se fosse um lugar para a pesquisa também. Orgânica, biológica, sei lá. Alguém que queira, além de conhecer pela primeira vez, ou reconhecer, voltar a ter aquele contato. A meta é plantar as coisas que possam ser processadas. Pimenta doce, isso eu levo na feira e tudo vai ser processado, para fazer geleia, para fazer o patê. A berinjela também, vai à feira. Essa semana, que passou, eu não levei berinjela na feira, tava muito feia”. (TIO JUCA- Sítio Tio Juca, janeiro, 2014).

Há uma racionalidade que coloca o turismo em segundo plano. Talvez o que constitui essa lógica seja o fato de ele ter participado do processo de construção do projeto *Caminhos Rurais* e das capacitações oferecidas por especialistas em turismo, que indicam o turismo como um agregador de valor as atividades que são realizadas na propriedade. O conceito de Turismo Rural apresentado nas diretrizes do Ministério do Turismo trata-se do “conjunto de atividades turísticas desenvolvidas no meio rural, comprometido com a produção agropecuária, agregando valor a produtos e serviços, resgatando e promovendo o patrimônio cultural e natural da comunidade”. (BRASIL, 2010, p. 18).

Tio Juca diz que é bonito receber as pessoas, com “mesa farta”. No entanto, não há um ponto de equilíbrio entre o que se oferece e o valor investido. Como ele mesmo diz, não coloca na ponta do lápis. Tio Juca mencionou que o seu sítio não tem belezas naturais. As pessoas, assim, contam com a oportunidade em sair do sítio satisfeitas com a alimentação que é servida ali. Quando se trata da alimentação oferecida, ele a chama de “caseira” (pão caseiro, comida caseira, café passado com coador de pano), diferente de outros sítios que usam o termo orgânico.

Nas narrativas, Tio Juca justifica sua saída da associação POA RURAL e do projeto *Caminhos Rurais*. Para Tio Juca, turismo é lazer, portanto não percebe seu sítio como um espaço para turistas e, como não há monitores, também não oferece como produto o turismo pedagógico. Nas colocações Tio Juca não se inspirou no modelo atual de turismo rural

praticado pela associação POARURAL. Ele define como “trabalho” aquilo que oferece como produto de visitação. No entanto, não descarta o aprendizado que recebeu durante a época em que participou do projeto *Caminhos Rurais*:

“aqui da casa, é comida. Encher a mesa que possa comer, que saia esfregando a barriga e querendo comer mais, ou levar até a sobra. O que busca as pessoas são alimentos. A gente como não tem nada porque praticamente a nossa propriedade aqui ela é uma saída de trabalho. Acho que turismo é festa, turismo é alegria. Aqui é trabalho, quem vem aqui vem ver trabalho, não vem ver cachoeira, não vem ver coisa nenhuma só ver trabalho. Existe turismo de lazer de ficar à sombra. E existe um turismo de trabalho. Esse, dentro do pedagógico, dentro do roteiro Caminhos Rurais, Porto Alegre Rural da associação eu não faço parte do pedagógico, porque eu não tenho pessoal especializado para atendimento, que teria que ter os pedagogos assim que nem o Mauri que tem uma equipe, tem uma equipe de atendimento. Eu considero um passeio de trabalho e o passeio aquele de lazer eu não tenho para oferecer. (TIO JUCA- Sítio Tio Juca, janeiro, 2014).

O projeto de turismo *Caminhos Rurais* proporcionou uma valorização dos atores e a mudança no olhar sobre si mesmo e o seu entorno. Essa mudança de olhar acontece a partir das relações com outros atores sociais, no caso do projeto de turismo em sua fase inicial, quando ocorrem agenciamentos por parte de instituições como a EMATER-RS, o SENAR-RS, o SEBRAE-RS. Com o produto pronto, entram em cena as agências de turismo e outras instituições de educação. No relato de Vasco, indica-se uma reflexão crítica para com o projeto de turismo na trajetória inicial:

“Então achei muito estranho. Tu moras aqui. Eu vejo aquela figueira todos os dias. Eu não olho pra figueira, eu passo assim e a figueira sempre tá ali. E pessoal essa coisa diferente. Até o aquecimento solar virou atrativo, uma coisa que a minha vó via numa revista há trinta e três anos, trinta e quatro anos atrás e era atrativo. A primeira vez que o curso, assim, veio o pessoal. Ai foi aumentando e eu comecei a ver um pouco aquela coisa que é o mostrar o zangão aqui na árvore, a mamangava. Se eles virem um bugio na árvore acabou a excursão. Eles ficam só embaixo tirando foto. A gente não tinha essa visão, que isso aqui era importante”. (VASCO – Granja Santantonio – janeiro, 2014).

De certa maneira, as visitas sejam elas a partir do projeto *Caminhos Rurais*, sejam por intermédio de agências que trabalham com escolas, elas proporcionam uma maior visibilidade dos empreendimentos, valorizando a cultura orgânica e os próprios atores. Tio Juca é conhecido por muitas pessoas do município de Porto Alegre, que o indicam como uma personalidade que tem conhecimentos tradicionais sobre a produção orgânica. Esse agricultor assinala a importância de estar aprendendo para atender melhor aos visitantes. O projeto de

turismo *Caminhos Rurais* proporcionou aos agricultores uma valorização como agricultores orgânicos, diferenciando-os de agricultores convencionais. Para ele, a relação com o projeto serviu como conhecimento para o agricultor e possibilitou também um canal de comunicação e comercialização entre produtor e consumidor:

“é por isso que eu estou me preparando, para um dia ser mais objetivo nisso aí [turismo], ser mais prático, ter aquele contato com as pessoas. Poder atender melhor. Olha aqui, tudo é atendimento! Eu acho que turista, eles merecem muito atendimento. Esse roteiro Caminhos Rurais para nós da roça, para nós que tem feira, não dá nem pra imaginar o quanto nos valorizou, o quanto foi ótimo pra nós, trazer o consumidor pra dentro da roça, trazer o consumidor da feira para ver o que a gente faz e, por exemplo, quando a gente chega na feira e alguém, sempre tem alguém que é desconfiado: ‘Isso é orgânico, é ecológico?’. Eu já pego um cartãozinho meu, dou e digo: Vai lá em casa. Aqui, telefona. A gente trabalha com turismo rural também e já convida para vir cá. Quando chega aqui os curioso: ‘Isso é orgânico?’. É muito importante para nós a valorização, a gente tá dentro de um roteiro. Isso aí, trazer o consumidor para dentro da roça foi um grande avanço pra nós. Isso foi muito importante, que eles vieram, sentiram como se pratica, conhece o objetivo da gente. O meu pensamento sempre é melhorar a qualidade, quando a gente faz essa mudança de transição [refere-se da mudança de agricultura convencional para orgânica] a pessoa tem que valorizar o que faz”. (TIO JUCA- Sítio Tio Juca, janeiro, 2014).

Nessa direção, pode-se pensar em uma “gestão relacional de si” de maneira que Tio Juca realiza uma narrativa sobre si mesmo, quando trata do uso do corpo, da passagem da temporalidade, da capacidade para o trabalho, da saúde, da questão econômica. Tio Juca, “transforma as identidades coletivas, nas quais participa, em lógicas de ação diferentes” (BAJOIT, 2006, p. 234). Isso permite um esforço “por aumentar ou reduzir o valor que atribui a certos traços de suas identidades, a fim de melhor conciliá-las. Isto torna as suas tensões mais suportáveis; isto lhes permite ‘viver com’, mas não resolvê-las”. (BAJOIT, 2006, p. 235).

Há três tipos de identidades pessoais, segundo o autor: desejada, atribuída e comprometida. A identidade pessoal é provisória e o indivíduo está reconstruindo-a constantemente. A partir do esforço pessoal, o indivíduo procura conciliar o sentimento de “realização pessoal” com o de “reconhecimento social” e “consonância existencial”. Os sentimentos de “realização pessoal” são aqueles compromissos que assumimos com nós mesmos (identidade comprometida). Tais sentimentos buscam conciliar-se com aquilo que desejamos ser ou realizar (identidade desejada). O sentimento de reconhecimento social busca conciliar a “identidade comprometida” com a “identidade atribuída”, ou seja, o que pensamos que os outros esperam de nós. Por fim o sentimento de consonância existencial busca

conciliar e encurtar a distância daquilo que desejamos com o que acreditamos que querem de nós. E, assim, em um esforço contínuo encontra-se a tentativa de minimizar a tensão existencial.

Silvana Boher, do Sítio Capororoca, morava na área central de Porto Alegre e queria viver em um sítio, além de torná-lo produtivo e sustentável. Agrônoma de formação, ela fez o estágio no sítio de Tio Juca e aproximou-se da comunidade. Silvana conta que ela foi a única mulher que entrou na horta desse agricultor para trabalhar⁸⁷.

No Sítio Capororoca as atividades se dão em outro formato, pois são lideradas por Silvana e Guinha (irmã de Silvana), que realizam todas as tarefas do Sítio, deixando para o funcionário apenas os trabalhos mais pesados de horta. O ritmo de trabalho diário é intenso, iniciando às sete horas da manhã até por volta das dezenove horas. Elas fazem de tudo no sítio, como: plantar, colher, separar os produtos, fazer os processados⁸⁸, embalar, etiquetar, além dos afazeres domésticos. As mulheres usam luvas, colocam meias nos pés, protetor solar e camisa, a fim de se protegerem do sol e de possíveis acidentes ou manchas nas mãos e pés por conta do contato com as plantas. Silvana diz que “agricultor não precisa ser aqueles com as mãos sujas e terra embaixo das unhas”. Essa visão também é compartilhada por Vasco (2014)⁸⁹: *“O agricultor não precisa ser sujo, ter unhas encardidas para ser agricultor, para provar que é agricultor”*.

No caso destes agricultores, na direção de Bajoit (2006, p. 234), ele argumenta que “para realizar a sua identidade pessoal entre os outros, os indivíduos comprometem-se nas lógicas de ação social”, mas isso não significa que adotaram as mesmas lógicas de ação dos outros agricultores. Apesar da ideia ou imagem que Silvana e Vasco fazem de si mesmos como agricultores, atuando na mesma identidade coletiva, adotam lógicas de ação diferentes.

Quando chega à noite, tudo se transforma no sítio. As atenções das mulheres e dos demais (incluindo aqui Osmar, irmão de Silvana e Guinha, seu sobrinho e os cães) se voltam para Zanir. Todos se reúnem no galpão para fazer cerveja artesanal, falar sobre cerveja, beber cerveja, tampar, marcar, empacotar. Tudo isso em um ritmo alegre, festivo que vai até às 22h diariamente. As mulheres estão de banho tomado, de vestido, com os cabelos soltos e sorrisos no rosto, especialmente belas. Nesse quadro, não se percebem as horas de trabalho árduo e o

⁸⁷ Em uma das visitas que a autora fez ao sítio junto com Pedro (estagiário do Sítio Capororoca) para entrevistá-lo insistiu-se para ajudar na capina dos canteiros de morangos que estavam tomados por uma pastagem alta. Tio Juca respondeu que não precisava, quando achasse tempo iria capinar. Após minha insistência, Tio Juca parou e disse olhando-me: “Eu não gosto de mulher na horta, eu acho feio mulher com enxada”.

⁸⁸ Processados: industrializar os produtos da horta, transformando-os em geleias, pastas, conservas.

⁸⁹ Vasco percebeu a necessidade das luvas quando sua filha nasceu. Ao voltar da horta queria poder ficar com a filha, mas sua esposa insistia na higienização. O procedimento era demorado e ele não tinha paciência, aborrecido com a demora resolveu usar luvas e continua a usá-las até hoje.

cansaço que o calor escaldante do mês de janeiro provocou em toda a população. Parece que, com o início da noite, as energias se renovam, ainda mais quando a noite é de lua cheia. Para completar esse cenário, uma vizinha que veio ensinar a fazer tapioca começa uma dança cigana a luz do luar.

Na época que Silvana trabalhou com Tio Juca na plantação de morangos, ela ficou sabendo de um sítio à venda atrás das terras de Dodô: ela o comprou e logo se mudou para lá. Silvana comenta que é uma neo-rural por ter saído do meio urbano e ter escolhido viver na área rural. Ela é formada em Química e também é Agrônoma. A compra do sítio foi realizada em julho do ano 2000: *“não podia ser melhor. Tinha os vizinhos todos do entorno. Tem ali nos fundos o Dodô naquela porteirinha. Depois para o Epitácio, que é o irmão do Juca tem outra porteirinha. Tem o vizinho do outro lado da rua que é o Vasco [Granja Santantonio]”*. (SILVANA- Sítio Capororoca - janeiro, 2014).

Para ela, o local era ideal, pois no entorno não havia vizinhos que cultivavam com agrotóxico. Havia apenas uma casa já em estado precário. O objetivo dela era tornar a propriedade em um sítio de produção orgânica. Assim, com auxílio de Tio Juca, iniciou com a produção de morangos. A construção do galpão serviu para a organização e limpeza da produção e, mais tarde, para hospedagem alternativa e oficinas.

“Mas a gente precisava de um espaço para preparar a produção. Daí a gente pensou em fazer um galpão, para arrumar, limpar as verduras. Daí o meu irmão, não o Osmar, o outro: “mas eu quero um quarto lá”. Aí o Zanir disse: ‘mas, eu também quero um quarto’. O Zanir disse: ‘não tem espaço meu nesta casa’. Sim, porque a casa era desse tamanho para botar um monte de tralha que ele tinha. E a gente construiu o galpão meio que fazendo e mudando. Daí quando a gente pensou em fazer o ‘cara’ sugeri: ‘Silvana faz tudo, tu fecha tudo em cima. Em vez de fazer dois quartos um de cada lado, a gente pega e faz outro andar, né’. Eu disse: ‘Bah!, boa ideia’. Só que a gente deixou tudo aberto. Daí, em um segundo momento, a gente fechou e fez as divisórias. E até foi fechando, por que o quê tu vai fazer? Qual o tamanho dos quartos? Isso tudo antes do turismo. A gente não tinha a história do turismo. Daí depois o galpão já estava pronto. E como a gente já tinha esta estrutura a ideia era a gente fazer a hospedagem alternativa, oficinas”. (SILVANA- Sítio Capororoca - janeiro, 2014).

Silvana comentou sobre as primeiras experiências em receber turistas. Tais visitas foram organizadas pelo grupo de alunos da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do SUL (PUC-RS), na época do evento Fórum Social Mundial. Em 2005 iniciou efetivamente o grupo de empreendedores em turismo rural com apoio da EMATER-Porto Alegre, Secretaria Municipal de Turismo. Neste mesmo ano o SENAR-RS começou a oferecer capacitações em Turismo Rural a partir dos Sindicatos Rurais: *“Aí em 2005 começou a*

história de turismo rural mesmo, que daí era a EMATER, prefeitura...Ah! O que eu ia comentar. Tinha alguns alunos deste grupo da PUC-RS que foram trabalhar na prefeitura. Daí a sugestão de se fazer os roteiros de turismo rural, montar um projeto de turismo rural”. (SILVANA- Sítio Capororoca - janeiro, 2014).

No período, a pesquisadora participou das capacitações para ser uma das instrutoras, prestando serviços ao SENAR a partir da Cooperativa de Formação e Desenvolvimento do Produto Turístico (COODESTUR). A inserção no programa de Turismo Rural, do SENAR, permitiu conhecer alguns proprietários de sítios da região extremo sul. Durante as capacitações, ocorreram dinâmicas que possibilitaram o conhecimento dos atrativos locais e das propriedades de seus vizinhos desenvolvendo laços de sociabilidades.

Mais tarde em 2006, é fundada a Associação Porto Alegre Rural (POARURAL) que objetiva “firmar parcerias para a manutenção da área rural de Porto Alegre, ocupando espaços na busca por condições de acesso ao mercado e a consolidação enquanto produto turístico desta capital”. A associação também busca a partir “da troca de experiências promover o desenvolvimento sustentável das atividades turísticas rurais e dos atrativos da região, em harmonia entre a comunidade e o meio ambiente”⁹⁰.

Nessa trajetória, o grupo foi se modificando e se alinhando na perspectiva da agroecologia. As políticas que se instituíram na zona sul de Porto Alegre, como a volta ao status de zona rural, alinharam-se as propostas da associação reforçando a noção de área rural. Com isso os agricultores tiveram acesso às políticas de crédito agrícola e aos financiamentos.

Atualmente alguns dos associados da POARURAL ingressaram na associação RAMA. Silvana comentou que o Haras Cambará e o Sítio Granja Lia estão na RAMA e mudaram o foco, articulando-se a questão da agroecologia e da sustentabilidade:

“Hoje o Ricardo [Haras Cambara] e o Cal [Granja Lia] estão no grupo de agroecologia [RAMA] também. Eles mudaram um pouco o foco. Eles tinham uma propriedade só. Que nem o Ricardo, ele está com a pousada. Mas, a propriedade tem um monte de coisas. Trabalha bem a questão da sustentabilidade. Eles têm as fossas ecológicas. Ele tem cisternas, telhado verde, vivo, né. Eles têm várias coisas que eles tentam trabalhar”. (SILVANA- Sítio Capororoca, janeiro, 2014).

Práticas de agroecologia e permacultura são observadas em alguns sítios que fazem parte da associação POARURAL. Vasco comprou telhas recicladas para o galpão, utiliza-se de compostagem, o aquecimento da água é por painéis solares. Estas práticas são utilizadas ao destacar a história da propriedade.

⁹⁰ Caminhos Rurais (2016).

No sítio de Silvana, aproveitam-se todas as partes das hortaliças e as PANCs seguem dentro da ideia de aproveitamento total da planta:

“tu trabalhas a horta e tu reutilizas. Reutilizar, não. Aproveitar! A gente usa a folha da beterraba. Às vezes as folhas da beterraba estão tão bonitas que você não vai colocar estas folhas fora tu vai levar para a cozinha. E também, se sobrou beterraba da feira, ou se as beterrabas estão pequenininhas, tu vai processar essa beterraba. É uma forma de continuar usando o alimento. Então, tu vai para a cozinha para processar”. (SILVANA- Sítio Capororoca, janeiro, 2014).

Esse tipo de prática foi observada na comercialização dos produtos na feira. Quando o cliente solicitava o molho de beterrabas, ou erva doce, Guinha perguntava se queriam levar as folhas. O cliente surpreso com a pergunta indagava sobre o que fazer com as folhas, e Guinha explicava os diversos pratos culinários que poderiam ser feitos.

As práticas de aproveitamento não estavam direcionadas apenas aos alimentos. No empreendimento, a água da máquina de lavar roupas era escoada para molhar o jardim; os restos de alimentos eram direcionados à compostagem que, por sua vez, tudo voltava para a horta em ciclos de reaproveitamentos. Com as roupas velhas e sem usos também há aproveitamentos. Elas são transformadas em capas de almofadas para os cães, bermudas entre outras utilidades.

Tendo em vista esses exemplos de utilização e (re)utilização de produtos, observa-se que a feira é um canal de comercialização e também de pedagogias culturais conforme descrito por Silva (2007), na medida em que há um aprendizado sobre a agroecologia, a saúde e os diferentes modelos de aproveitamento dos alimentos e reaproveitamento de outros materiais. Os vidros e embalagens são recebidos de volta pelos feirantes que os reutilizam. Em diversos momentos observou-se a devolução de vidros, garrafas, embalagens plásticas aos feirantes, por parte dos frequentadores da feira.

Silvana relatou que antes da capacitação em turismo promovido pelo SENAR-RS não conhecia Vasco pessoalmente e nem os outros empreendedores da região. O programa de turismo realizado pelo SENAR-RS foi o canal de aproximação entre estes empreendedores. Com as capacitações, o grupo aproximou-se, sendo que mais tarde fundou a associação POARURAL. Segundo Silvana, quando iniciou a associação o grupo “mais forte” era dos agroecológicos, observando-se que outros associados que não eram integrantes deste segmento migraram para a agroecologia:

“E essa história do turismo era assim. Éramos em torno de vinte (20) na Associação. Mas, o roteiro ele contemplava, têm as igrejas, igreja da Glória, santuário Mãe de Deus, a reserva Biológica ali do Lami faz parte do grupo Caminhos Rurais. Apesar de que, eles nunca participam de nada, mas fazem parte do que se pensou no primeiro momento. Mas, tinha os agroecológicos que era o grupo mais forte, que era o Vasco [Sítio Santantonio], nós aqui [sítio Capororoca], o Dôdo [Sítio Herdeiros], o Juca [Sítio Tio Juca], o Arthur e a Grazi. Porque a Granja Lia não era considerada; ela estava em outro segmento. Mas, tinham as duas vinícolas, que eram a Bordignon e a Cesar Bastose a loja do Pelicioli, que é uma loja de produtos coloniais. É basicamente o vinho que é produzido nas terras. Os familiares dele que produzem. Daí tem pesto, tem pão, tem cuca, tem chimia, tem suco, suco de uva, tem queijo, tem salame. E tem o outro que é mais ou menos o mesmo tipo de produto. Que era da Pipa Nostra que é o Paulo, que também tinha vinho, tinha essas coisas iguais, mas ele fazia artesanato em madeira. Tinha o Sítio do Mato, que era do Maur; Ricardo e a Éster do Haras Cambara. Berenice morreu. Ela trabalhava com ervas medicinais. Depois entrou as Cicas e Palmeiras. Eles não entraram no primeiro momento. Mas, assim, o que eu queria colocar é que era muito heterogêneo o grupo”. (SILVANA- Sítio Capororoca, janeiro, 2014).

O turismo é apresentado pelos especialistas da área como um agregador de renda, porém o que se observa neste projeto é que as ações empreendidas extrapolam o caráter econômico. O projeto de turismo serve como um canal que informa, divulga, alerta para a multiplicidade de ações que ocorrem na zona sul de Porto Alegre, no que diz respeito à valorização de espaços, das pessoas e todo o conjunto de elementos que envolvem a biodiversidade. Alerta para a fragilidade destes espaços a partir de políticas públicas que não privilegiem a cultura, considerando que o termo cultura engloba o espaço, a paisagem, pessoas, animais e coisas. Essas políticas podem interferir na permanência dos atores, entretanto elas também possibilitam práticas pedagógicas que extrapolam os muros das escolas e, além de mostrar, inserem as crianças em um contexto de aprendizagem prática e de convívio com os saberes e fazeres locais.

O projeto *Caminhos Rurais* possui uma diversidade de atores envolvidos em sua formação. Os agentes institucionais são representados pelo Sindicato Rural, EMATER, SENAR/RS, SEBRAE/RS, Curso de Turismo da PUC-RS, COODESTUR e também por agências de Turismo. A Agência Sítio do Mato de um dos associados da POARURAL trabalha com o produto Domingo no Campo, disponibilizando uma agenda mensal. Outras agências que trabalham com turismo pedagógico realizam atividades direcionadas às propriedades. Atualmente a agência Turismo de Bolso⁹¹ organiza o produto “acampamento de

⁹¹ O projeto Turismo de Bolso foi idealizado por Evandro Costa e selecionado para participar da Incubadora Tecnológica Social da Restinga.

inverno”. A Associação POARURAL também realiza agenciamentos oferecendo o produto “porteiras abertas”, em que o visitante entra em contato diretamente com os empreendimentos. Além disso, os próprios empreendedores realizam agenciamentos individuais convidando as pessoas a visitar as propriedades e conhecer os produtos que ali são cultivados.

4.2.2 Práticas e Posicionamento Político-Sócio-Ambiental

No caso dos *Caminhos Rurais*, o grupo de associados tem no projeto um espaço para a comunicação e divulgação de suas práticas e posicionamento político-sócio-ambiental. Pensar o turismo rural e o patrimônio cultural na região do extremo sul de Porto Alegre envolve significados e valores que são construídos na cultura e pela linguagem sobre o rural e as coisas rurais, sobre o campo e a natureza, sobre os saberes e fazeres locais, sobre o patrimônio material e imaterial reconhecido como relevante pela sociedade.

Silvana mencionou que na época da elaboração do estatuto havia uma preocupação do grupo para que todos os associados estivessem dispostos e alinhados à proposta de preservação ambiental. No relato ela conta o caso de um empreendimento que foi convidada a se afastar, pois estava realizando festa Rave na Praia das Garças:

“E aí quando a gente começou a fazer a história de montar o estatuto [Associação POA RURAL], uma das coisas era a preocupação que a gente tinha da preservação do meio ambiente. Havia uma inconformidade. Não dava para fazer festa Rave e atender o estatuto”. (SILVANA- Sítio Capororoca- janeiro, 2014).

A preocupação do grupo de associados POARURAL é observada nos dias atuais também pela comunidade local da zona sul do município. Atualmente o bairro Belém Novo está sendo palco de manifestações para barrar o avanço de um empreendimento imobiliário aprovado pela prefeitura na Fazenda do Arado Velho.

Os atores, entre eles, professores, moradores, representantes de coletivos buscam alternativas para a preservação da área tornando-a um espaço de visitação pela população. Tendo em vista a atual zona rural, o poder executivo do município alterou o Plano Diretor, revertendo parte da área rural em urbana para que o empreendimento fosse construído. A mobilização da comunidade gerou uma página no *facebook* “Preserva Belém Novo”, o blog “preservarado.wordpress.com”, campanha “#PreservaArado”. O coletivo está mobilizando a população a partir de reuniões, participação em pontos específicos como a Feira

Agroecológica da José Bonifácio informando sobre as ações que impactam a região. Conforme o coletivo, a área é expressiva em flora e fauna, conta com construções históricas e paisagens com características rurais. Além do apoio da comunidade sobre a relevância patrimonial da fazenda do Arado, existem produções científicas⁹² que evidenciam o espaço como patrimônio ambiental e cultural, exemplo do trabalho da professora Patricia Laure Gaulier⁹³ que identifica sítios arqueológicos Guarani na Ponta do Arado.

A zona sul de Porto Alegre apresenta áreas potenciais de patrimônio cultural edificado e arqueológico. A produção realizada pelo grupo Grupo de Trabalho⁹⁴ da Secretaria da Cultura de Porto Alegre objetiva inventariar o patrimônio cuja finalidade é preservá-lo. Esses profissionais entendem o patrimônio como “o resultado de processos culturais, constantemente re-simbolizados, constituindo-se em portadores de referência às identidades dos sujeitos sociais (PMPA, 1996/1998)”. (TOCCHETTO, 2013, p. 210).

Entre os locais inventariados pelo grupo, destacam-se espaços de relevância histórica como as ruínas da casa de veraneio de Júlio de Castilho, do início do século XX (governante do Rio Grande do Sul); na chácara do Bairro Belém Velho, século XIX, encontra-se a fazenda do General Flores da Cunha (governante do Rio Grande do Sul). O sítio arqueológico na Fazenda do Boqueirão, final do século XVIII, foi registrado junto ao IPHAN por se tratar de exemplares de arquitetura luso-brasileira. No bairro Lomba do Pinheiro, a casa de João de Oliveira Remião, início do século XX, encontra-se o Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro (exemplar arquitetônico rural); a casa da Fazenda na estrada de Taquara estão as estruturas do engenho (ruínas) com potencial arqueológico verificado e inventariado. Além desses exemplos a Fazenda do Arado cadastrada no IPHAN, é considerada pelos especialistas da Secretária Municipal de Cultura como uma paisagem cultural, ecológica e social.

A zona sul do município é avaliada por estes especialistas como um espaço que mantém “uma paisagem rara na qual os componentes naturais junto ao Lago Guaíba já lhe conferem valor paisagístico, estético”. (TOCCHETTO, 2013, p. 213). Para os especialistas, o conjunto paisagístico, histórico e arquitetônico do Bairro Belém Novo, incluindo o “centro do bairro, a igreja, a praça, o antigo Hotel Cassino e a Fazenda do Arado, confere ao contexto uma relevância de paisagem cultural e de lugar”. (TOCCHETTO, 2013, p. 214). A Fazenda

⁹² Na página do Blog é possível acessar aos links de produções sobre o patrimônio ambiental e cultural da Zona Sul de Porto Alegre. (PRESERVA ARADO, 2016).

⁹³ Ocupação pré-histórica Guarani no município de Porto Alegre. Considerações preliminares e primeira datação do sítio arqueológico [RS-71-C] da ilha Francisco Manoel. (GAULIER, 2001/2002).

⁹⁴ O Grupo de Trabalho trata-se de um projeto interdisciplinar “Sítios Históricos da Área Rural de Porto Alegre nos Séculos XVIII e XIX – História, Arquitetura e Arqueologia de Chácaras e Fazendas” que busca inventariar o patrimônio arquitetônico e arqueológico na zona sul do município de Porto Alegre.

do Arado Velho é descrita como um patrimônio especial “tendo em vista que agrega, num mesmo local, uma diversidade de elementos naturais e culturais, que lhe atestam alta significância patrimonial”.

Os empreendimentos em estudo, nesta tese, não passaram por um estudo que evidencie sítios de relevância arquitetônica, no contexto, porém, expõe um potencial patrimônio arquitetônico, paisagístico e ambiental mapeado pelo município. Os estudos ressaltam o valor paisagístico, histórico e cultural da região, atravessados “pela imaterialidade da história e das memórias, dos saberes e dos fazeres, relativos aos processos de vida vinculados ao sítio”. (TOCCHETTO, 2013, p. 214).

O patrimônio cultural, então, trata do conjunto social que abarca a experiência vivida, condensada em linguagens, conhecimentos, tradições imateriais, modos de usar os bens e os espaços físicos, conforme se extraiu da literatura do autor. (CANCLINI, 1994, p. 99). Nessa direção, pode-se ressaltar a relevância dos atores sociais para os processos de patrimonialização desses espaços. O potencial patrimônio cultural que se configura da zona sul de Porto Alegre apresenta espaço de disputa econômica, política e simbólica que se encontra atravessado por agenciamentos produzidos pelo poder público a partir da Secretaria Municipal de Cultura - Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo; Equipe do Patrimônio Histórico e Cultural; Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho; Centro de Pesquisa Histórica - que buscam mapear, inventariar e cadastrar os sítios históricos.

As coletividades, assim, como os movimentos Cinturão Verde, Preserva Arado, Coletivo Ambiente Crítico, Ecosciência, RAMA, POARURAL, entre outros alertam para os usos atuais que se pretende projetar para estas áreas e que podem, em certa medida, interferir na paisagem e cultura locais. As instituições públicas conferem a esses sítios a autenticidade apresentando-os com símbolos que representam uma determinada época histórica. Canclini (1994) destaca que o debate sobre patrimônio cultural diz respeito a sua valorização estética e a autenticidade. Para o autor, “este é o valor proclamado com mais insistência pelos folhetos que falam dos costumes folclóricos, pelos guias turísticos quando exaltam os artesanatos e festas autóctones”. (CANCLINI, 1994, p. 109).

Trata-se de uma experiência sensorial, então, ao ver nestes espaços o passado, no caso, dos gaúchos porto-alegrense, nas formas de Casas de Fazendas, galpões, atafonas, cerâmicas revelando um sentimento de identificação entre esses patrimônios e aquilo que representam. (GONÇALVES, 1988, p. 268). Do ponto de vista do registro do “cotidiano”, o patrimônio cultural “tem como ponto de referência básico a experiência pessoal e coletiva dos diversos grupos e categorias sociais em sua vida cotidiana”. (GONÇALVES, 2002, p. 119). Nesses

projetos, os grupos sociais utilizam como estratégia narrar “sua memória e sua identidade, buscando para elas um lugar público de reconhecimento, na medida em que as transformam em patrimônio”. (GONÇALVES, 2002, p. 121).

Em uma argumentação aproximada ao texto de Gonçalves, Luchiari indica que “a preservação do patrimônio cultural remete-nos a um processo histórico seletivo de atribuição de valores às formas e as práticas culturais”. (LUCHIARI, 2005, p. 95). Assim, o patrimônio cultural tombado representa os grupos sociais hegemônicos e “só recentemente os artefatos e os bens simbólicos da cultura popular, artesanatos, tradições imateriais ganharam prestígio de patrimônio cultural local”. (LUCHIARI, 2005, p. 96).

A patrimonialização que ocorre na zona sul de Porto Alegre encontra-se em vários níveis, ou seja, alguns sítios estão inventariados, tombados e outros encontram-se em processo de pré-patrimonialização. No caso do projeto *Caminhos Rurais* alguns atrativos são tombados e protegidos pelo poder público e, em alguns casos, pelo proprietário do sítio que transforma parte de sua propriedade em Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN). No caso dos sítios estudados, é relevante ressaltar a importância dos saberes e dos fazeres relativos aos modos de vida e a história dos primeiros moradores da região, seus processos de subsistência.

Há uma ressignificação da natureza como atrativo turístico. Dessa forma, a natureza é transformada em uma concepção de cenário e espetáculo, incorporadas como produtos do consumo cultural que atraem mais visitantes. No entanto, o que transforma a paisagem em lugar encontra-se nas habitações, os usos, o sentimento de pertencimento das populações locais. (LUCHIARI, 2005, p. 102).

No entanto, percebe-se a partir dos materiais estudados que os projetos de empreendimentos imobiliários não levam em conta o pertencimento das populações locais, a cultura, paisagem, fauna e flora locais, mas se utilizam das características estéticas para a publicidade de seus empreendimentos. A posição, ou opinião daqueles que ali vivem, não é levada em conta e quando isso ocorre, as decisões já foram elaboradas em se tratando apenas de uma estratégia de manobrar a população.

Em alguns casos, os programas e políticas habitacionais são as principais causadoras de conflitos e tensões. Esses conflitos partem do poder público e de estratégias que privilegiam empresas, em detrimento da população entre as Secretarias Municipais. Esse é o caso do projeto que instituiu o *status* de zona rural com apenas 8% do território. No projeto, o restante do território já estava mapeado como área de interesse para empreendimentos

imobiliários e, também no empreendimento da Fazenda do Arado Velho cujas estratégias do poder público privilegiam empresas privadas.

4.2.3 Projetos e Emoções

O Sítio Capororoca participa de projetos em parceria com outros sítios ou especialistas em diversas áreas como a gastronomia, turismo, biologia. Para Velho (1987, p. 33), “a construção da identidade e a elaboração de projetos individuais são feitas dentro de um contexto em que diferentes mundos ou esferas da vida social se interpenetram, se misturam e muitas vezes entram em conflito”.

Durante o período de pesquisa, elaborou-se o projeto “Capuchinha Coquetéis”, planejado por Guinha e Dorothy - filha de Guinha que atualmente mora no sítio - que se formou em Chefe de Cozinha. Os eventos contam com a parceria de outros empreendedores que fornecem alguns produtos além daqueles que são produzidos no Sítio Capororoca. Como por exemplo, Renata do Haras Cambará que é parceira do projeto “Capuchinha Coquetéis”.

Também foi feita uma parceria com o *Sítio Arvor (e) Ser* para implantar o projeto “Horta Alegre - Clube Orgânico”. O projeto trata-se de um clube em que um grupo de pessoas (condomínio, escolas, associações) adere depositando uma taxa mensal e recebe uma cesta de produtos da época em um ponto específico de coleta. Os associados, em datas pré-determinadas podem visitar os sítios e conhecerem o local de origem dos alimentos que estão se beneficiando. O projeto “Horta Alegre - Clube de Orgânico” se propõe:

A ser um sistema de coprodução em que podes te associar a produtores, apoiar o trabalho da agricultura familiar orgânica local e receber regularmente uma cota de hortifrúteis frescos, cheios de energia vital e resultantes do cultivo e manejo favoráveis à vida do solo e das espécies vegetais e animais⁹⁵.

Entre os projetos, encontra-se o projeto “Cervejaria Artesanal *Hund Bier*”, configurada a partir de uma ideia de Zair (Sítio Capororoca) de confeccionar cervejas para o próprio consumo. Aos poucos o projeto foi tomando corpo e a venda da cerveja realizada em bazares e eventos. O lançamento oficial da cerveja foi realizado em julho de 2017, no evento “Experiências Gastronômicas por Alabardas”.

O evento Bazar *InPOA-Food Invasion* (dezoito de fevereiro de 2017) ocorreu no turno da tarde, um dia muito quente com temperatura próxima aos 38 graus Celsius. Guinha,

⁹⁵ Horta Alegre - Clube Orgânico (2016).

Dorothy e Jeane, sentadas à sombra de uma imensa árvore, esperavam a autora dessa tese. A banca estava organizada com as “bolachas” (porta copos), camisetas, bonés e copos com o logo tipo *Hund Bier*. As cervejas estavam sendo vendidas na torneira. As cervejas artesanais do sítio são feitas com PACNs e plantas cultivadas na propriedade: framboesa, amora, morango, acerola, araçá vermelho, lírio do campo, sabugueiro.

Guinha pergunta: “*Qual tu vais querer Claudia? A gente tem a APA de Sabugueiro, a Weiss de Laranja que a Dorothy fez e a ESB de Fruit Bier*”. Claudiapede para experimentar a *Weiss de Laranja* e brinca com Dorothy: “*vamos ver se tu és uma boa cervejeira*”.

Ao descrever sobre o projeto “*Cervejaria Artesanal Hund Bier*”, os empreendedores associam a história do projeto aos animais do sítio. Durante a degustação da cerveja feita com suco de laranja, confeccionada por Doroty, Guinha contou sobre as personalidade dos animais do sítio, dizendo que cada animal do sítio Capororoca possui uma personalidade própria e foram batizados com nomes de bebidas, ela explicou.

Ao erguer o copo de cerveja artesanal *Hund Bier*, a pesquisadora percebeu o peso deste gesto devido ao simbolismo e significados, confirmando ao ver o selo que está impresso no copo em cor verde. O desenho que consta no selo é de um cão uivando, deitado em cima de um tonel de madeira; as palavras “*cerveja artesanal*”, acima desta imagem e abaixo as palavras “*Hund Bier*”. A palavra “*hund*” em alemão, quer dizer cachorro e “*bier*”, cerveja. Enquanto degustava a cerveja ainda à sombra da árvore, Guinha comenta sobre a nova cerveja que querem elaborar e vai se chamar “*Velha Olívia*” em homenagem ao primeiro cão do sítio. A cachorra Olívia, fala Guinha:

“foi o primeiro cão do sítio, era uma cachorra de todos os vizinhos, não tinha dono. Aí a Silvana foi morar no sítio e a Olívia foi morar com ela. Ela caçava para se alimentar e sabia a diferença entre uma cobra venenosa e a que não tinha veneno. Ela ensinou para os outros cachorros do sítio a diferença entre os animais peçonhentos e os que não eram. Ela morreu em primeiro de janeiro, debaixo de um pé de pêssegos. A gente gostava muito dela e resolveu fazer uma cerveja preta para homenageá-la”. (GUINHA - Sítio Capororoca- fevereiro, 2017).

A comentar a personalidade de cada animal, Guinha continuou a contar a história dos animais. A gata, uma personalidade marcante, é chamada de Rioja, uma região da Espanha que produz vinhos; os cães receberam nomes de cervejas e vinhos conforme suas peculiaridades: Guarnacha, Yrurtia, Lambrusco, Shene, Tannat (vinhos); Orval, Shimay, Shamarant (cervejas). Dois outros cães foram batizados com os nomes Sincoe, uma espécie de

lúpulo característico pelo aroma de floresta (pinho, madeira); Nahual, nome dos espíritos que transitam entre homens e animais na Guatemala.

Os cães do sítio apareceram, muitas vezes, espontaneamente, ou foram abandonados no portão de entrada. O primeiro cão não pertencia a nenhum dos sítios vizinhos e andava livre entre eles até Silvana mudar-se definitivamente para o Sítio Capororoca. A velha Olívia, como era chamada a cadela, resolveu fazer companhia à Silvana e foi a “professora” dos outros cães, ensinando sobre os animais que eram peçonhentos. Quando Silvana começou a receber visitantes, as primeiras experiências a fizeram decidir por deixar os cães soltos. Silvana observou que, ao contrário dos três sítios vizinhos, não havia crianças nas visitas. Assim, as visitas eram sempre de adultos, mas ela os avisa sobre os animais que estão soltos, e comenta:

“Nós não prendemos os cães, a gente entende que eles fazem parte do sítio. Nós avisamos os turistas que eles vão ficar soltos. Já tivemos um problema com uma turista ‘oculta’, que veio avaliar a propriedade. Logo com quem. Ela fez maior escândalo. Mas, a gente não cedeu. Eu disse para ela, que se ela tinha medo de cães (um verdadeiro pânico), ela não deveria continuar a visita. Depois ficamos sabendo que ela era a turista oculta”. (SILVANA- Sítio Capororoca - janeiro, 2014).

Com a imersão realizada nos sítios, percebeu-se que os animais domésticos ou silvestres representam um papel importante na trajetória de cada sítio. Nas narrativas de Silvana, ela indica a presença dos animais silvestres como indicativos da regeneração do sítio. O local que antes era campo limpo sem árvores, atualmente possui espaços de mata mais fechada onde os animais podem se esconder. Pelas manhãs, ouvem-se as aves Arapuãs por cima do galpão alimentando-se dos frutos do Cinamomo (Amargoseira). No limite entre o sítio vizinho, vez ou outra aparecem as preás. Os cães aparentemente não se importam com os animais silvestres e, quando tentam aventurar-se com o porco espinho, não resulta uma boa experiência.

No entanto, nos outros sítios, os cães são temporariamente presos quando há visitas, principalmente as atividades que envolvem crianças. Eles seguem a sugestão dos especialistas em turismo. Há outros dois animais domésticos que estão soltos. Conforme Dodô, *“não se pode evitar as fobias com galinhas por parte das professoras”*. Tio Juca relatou que *“sempre eles chegam e perguntam se tem cobra, já vou avisando que tem”*.

Ao tratar da forma como os Koyukon nomeiam os animais, Ingold assinala que ao falar de um animal entra-se no processo de sua vida, ou seja, *“é parte do processo pelo qual*

a própria linguagem é trazida à vida: o animal pode ser animalizante em uma linguagem que é linguajante”. Ingold comenta que “linguajante”, de Alison Phipps assinala que “os animais não existem nem como indivíduos nem como objetos, mas ocorrem”. Assim, “o nome de um animal, quando é pronunciado, a história do animal quando é contada, é a própria criatura nas atividades da sua vida, são todas formas dessa ocorrência”. Nessa perspectiva, nomear os animais vai além da linguagem: “os animais acontecem, eles fazem, eles são as suas histórias, e seus nomes – repito - não são substantivos, mas verbos”. (INGOLD, 2015, p. 257).

No tempo em que a pesquisadora esteve hospedada no sítio, os cães participaram de quase todas as atividades envolvidas. Os cães eram companheiros. Em alguns locais no sítio, eles não podiam entrar por uma questão de higiene e segurança alimentar. Nesses locais, até os “humanos” deveriam colocar em prática alguns procedimentos técnicos de segurança alimentar e EPIs próprios, ou seja, em locais de processamento de alimentos, limpeza dos produtos para feira, a horta, organização de alimentos para as oficinas, entre outros locais.

Para Velho, a “sociologia dos projetos tem de ser em alguma medida sociologia das emoções”. (VELHO, 1987, p. 28-29). “A formação de um projeto social que contemple diferentes projetos individuais depende dos interesses comuns que podem ser os mais variados”. (VELHO, 1987, p. 33). Dessa forma, tendo em vista a variedade de atividades e ações presentes nos empreendimentos rurais descritos até este momento, observa-se assertiva a ponderação de Velho (1987), quando considera que a formação de um projeto social que contemple diferentes projetos individuais depende dos interesses comuns que podem ser os mais variados como é o caso do projeto “Cervejaria Artesanal *Hund Bier*” que parte inicialmente de motivações pessoais de Zanir e amplia-se para um projeto do Sítio Capororoca. Dessa forma, as implicações aqui apresentadas entre a ação dos atores e a organização dos *Caminhos Rurais* são exemplos que expõe o caráter de estabilidade e continuidade do projeto, dimensões dependentes de sua eficácia simbólica e política, pois:

[...] na medida que um projeto representa algum grupo de interesse, terá uma dimensão política, embora não se esgote esse nível, pois a sua viabilidade política propriamente dependerá de sua eficácia em mapear e dar sentido as emoções e sentimentos individuais. (VELHO, 1987, p. 33).

Os projetos estão alinhados com a ideia de um movimento de valorização de produtos e produtores do local possibilitando assegurar sua permanência e sustento das famílias com o trabalho de produção orgânica. Essa parceria ocorre entre produtores, mas também com o

consumidor que está tratando diretamente com o produtor, criando laços de confiabilidade e afabilidade. Os projetos buscam, em certa medida, conectar pessoas com interesses comuns de consumo e apoiam essas iniciativas, que almejam a saúde pela alimentação, a preservação no meio em que estão inseridas. Em certa medida, também os projetos produzem novos e potenciais consumidores, como no caso das escolas com o turismo pedagógico.

É nesse escopo de alinhamentos, construção de laços, conexões para novas interações, com o foco na produção de novos consumidores como no caso das escolas que se configuram as lógicas, os sentidos e os propósitos das pedagogias culturais, reconhecidas nas práticas destes autores. Nesta direção, a próxima seção pretende enfatizar os elementos reconhecidos destas pedagogias culturais no contexto aqui estudado.

4.2.4 Pedagogias Culturais do Turismo Agroecológico

Considerando a noção de “pedagogias culturais” entendidas como “novos modos de ver e pensar a pedagogia para nos dizer sobre saberes, sobre outras experiências e diversificados processos que nos educam e nos fazem ser quem somos” (ANDRADE; COSTA, 2015, p. 49) identificamos, neste estudo, a partir da narrativa dos atores duas expressões básicas. A primeira através de “formas de fazer” e a segunda através do reconhecimento da aprendizagem expressas em “vivências”.

4.2.4.1 Formas de Fazer: “a minha caneta não tá no caderno, tá na terra”

A partir das narrativas dos atores e observações do pesquisador possibilitou analisar a organização das atividades realizadas nos sítios no seu cotidiano. Ao analisar as entrevistas efetuadas, percebe-se que a categoria “trabalho⁹⁶” está associada à noção de algo criativo, produtivo e que gera experiências de aprendizagens qualificadas. Os relatos estão ligados a uma noção de colaboração. Os fazeres estão atrelados a experimentos, experiências e relações com as pessoas. Percebe-se que a forma de “trabalho”, mesmo quando há o contrato de funcionários, há uma troca de experiência momento em que se desenvolvem competências e habilidades. Nas narrativas do Sítio Capororoca e Granja Santantonio observa-se uma relação que vai além de um contrato formal de trabalho. No caso dos empreendimentos nos Sítio Tio

⁹⁶ A categoria “trabalho” foi uma das solicitações apresentadas pelo professor Bica durante a banca de qualificação do projeto de tese, a ser investigada nesta pesquisa. Desta forma em 2015 e 2016 realizei uma nova imersão em regime de vivências no Sítio Capororoca e busquei apreender os relatos dos empreendedores e dos colaboradores sejam eles em regime de vivências ou estágios, ou visitantes colaborativos.

Juca e Sítio Herdeiros não há funcionários, porque os proprietários é que trabalham sozinhos na horta. A divisão de trabalho é mais percebida que nos outros sítios.

Vasco relata a Clair que foi aos poucos aprendendo a lidar com o público e que atualmente o ajuda na recepção dos visitantes. Tal experiência resultou em uma valorização e um protagonismo de Clair. Para Vasco, alguns visitantes identificam-se com a história de vida de Clair, porque ele veio do campo para a cidade: *“muita gente que vem aqui morou no interior. Gosta de campo. Aí se identifica com o Clair, porque ele também veio do interior”*. (VASCO- Granja Santantonio, fevereiro, 2016). A história de vida dos agricultores é um dos atrativos e acaba fazendo parte do roteiro de visitação a partir da curiosidade dos visitantes. Para Vasco, Clair é um parceiro que colabora tanto no cuidado do sítio como no atendimento aos visitantes:

“no ano passado que eu estive doente e ele atendia os colégios, tranquilo. Não precisava de mais ninguém. Ele pegou uma prática também. Ele consegue atender, receber os colégios, tudo ele faz. Quando eu vou me atrasar eu digo já vai recebendo e ele recebe as pessoas”. (VASCO- Granja Santantonio- fevereiro, 2016).

Enquanto Clair enxágua e amarra os molhos de produtos para feira de sábado, ele vai falando como é a rotina de trabalho no sítio e reclama do horário de verão por ter poucas horas de produtividade devido à intensidade do sol. A rotina dele inicia pela manhã: toma o seu chimarrão, cuida da “criaç o⁹⁷”, vai para a “lavoura”⁹⁸. Normalmente as visitas ao sítio ocorrem na parte da tarde e Clair auxilia a Vasco na recepção dos visitantes. Vasco, aos risos, mencionou que Clair exagera em tudo ao explicar aos visitantes sobre o sítio:

“Chegava aqui, duas meia, três horas. Às vezes os ônibus chegavam na frente aqui, para depois o Vasco vir chegando. Eu saía e eu ia receber ali. Vai do interesse. Se interessar e aprender as coisas. E presta atenc o de como o Vasco tá fazendo tudo ali. Eu vou fazer o que ele tá fazendo também. Eles [visitantes] procuram muito saber. Eu me criei na campanha. Pode ter que alguém que não acredita. Mas, quando eu tinha sete anos. Eu ia pro colégio, chegava do colégio e aí: Ah! Eu vou fazer meus temas. Naquela época as professora mandavam tema pra casa. Aí a velha dizia: não, não. Vai guardar os temas para fazer de noite e vai para lavoura. Pega a enxada e te manda Pegava a enxadinha lá pela uma hora da tarde e oh! junto com eles pra lavoura. Não tinha moleza. E aprendi muito. Como se faz com as plantas, como se cuida. Tudo, tudo. (CLAIR-Granja Santantonio-fevereiro, 2016).

⁹⁷ Clair chama de “criação” os animais do sítio utilizados para o sustento próprio.

⁹⁸ Clair utiliza o termo “lavoura” em vez de “horta”, pois é oriundo de uma região do litoral Sul do estado em que se trabalha em lavouras de arroz.

“só que ele exagera em tudo (risos). Ele começa a falar, porque ele tem muita experiência, né. Morou no interior. Conhece todas as plantas. Então tem aquele pessoal que vem e que gosta de saber o detalhe aquele e aí a turma fica para trás com ele lá. Tem que chamar: ô! Clair, vamos! Traz o pessoal. E tem uma turma que fica para trás”. (VASCO- Granja Santantonio-fevereiro, 2016).

A família de Vasco auxilia nas atividades do sítio, mas a parte operacional de cuidado da horta fica a cargo de Vasco e Clair. Vasco apresenta uma rotina de trabalho intensa que é planejada e adaptada para conciliar a vida familiar, o cultivo, as entregas de produtos, a comercialização em feiras e eventos, as visitas e eventos realizados na propriedade. Segundo Vasco:

“A entrega de Canoas é na terça-feira. Mudei para terça-feira por questão, eu aproveito para levar a minha filha na faculdade. Começamos a colher segunda-feira pela manhã as coisas que não podem pegar sol, estragar. A gente colhe de manhã e de tarde a gente começa a limpar. E ali vai quase todo o dia só preparando as coisas para as entregas. Às vezes dá até mais caixas que o próprio sábado da feira. Aí terça-feira de manhã eu vou fazer as minhas entregas e o Clair fica. E se naquela semana chegou às mudas ele já começa a plantar as mudas. Aí ele fica, ou capinando, ou plantando. A capina quase sempre fica para um segundo plano. É preparando o canteiro para plantar, porque é muitas mudas que a gente planta. Às vezes a gente tem a ajuda da esposa do Clair, a Dalva, que nos ajuda também a plantar. Aí na quarta-feira, a mesma coisa. Agora, nessa época tem o tomate, então já começa na quinta-feira de manhã a colher o tomate. Agora tem a batata. Então vai para quinta-feira de tarde a batata. Na sexta-feira, então, é isso aqui. É colher e começar a lavar. Isso vai o dia todo preparando as coisas para a feira de sábado. Aí no sábado eu vou para feira e o Clair fica, ou carregando a carreta com esterco, e leva quase a manhã inteira para carregar. Porque a gente carrega para oito canteiros de sessenta metros. Ele enche a carreta mesmo. Ele tem que carregar todo o esterco, composto ali. Quase sempre de tarde eu digo para ele: “de tarde nós vamos botar o esterco no sábado”. Mas, noventa e nove por cento das vezes eu chego cansado e vou dormir. E não boto o esterco (risos). E o Clair continua ali fazendo alguma coisa. Aí no domingo sim a gente vai colocar o esterco (risos). Vamos botar o esterco, vamos começar a plantar já alguma coisa [quando não tem visitas]”. (VASCO - Granja Santantonio-fevereiro, 2016).

As visitas à propriedade, quando em grande número de pessoas, desorganizam o planejamento da propriedade atrasando os trabalhos na horta: *“Se é época que tem muita excursão durante a semana, fica muito complicado. Aí atrasa plantio, atrasa a capina. A gente está sempre tentando alguma maneira, alguma coisa de facilitar [o trabalho na horta]”.* (VASCO-Granja Santantonio - fevereiro, 2016).

Nesse contexto, observou-se então que eles estão em busca de técnicas ou cultivares que necessitem de um cuidado menos expressivo, mais facilitado. Clair conta sobre algumas

espécies de plantas que não necessitam de capina, e complementa: *“Agora descobrimos que o “rábano” não precisa limpar. O rábado, a couve chinezinha, o espinafre japonês, nada a gente limpa. Porque ele vem rápido”*. (CLAIR-Granja Santantonio - fevereiro, 2016).

Vasco usa de criatividade buscando estratégias de captar e conquistar a atenção das crianças; ele informou que a proposta do sítio não é de visitas massivas, mas o que ele gosta é de trabalhar com tempo com as escolas:

“E cada ano eu vô inventando. Vô criando uma coisa nova. E outra coisa é a escola que quer vir e disse: Ah! Eu vou fazer duas propriedades e de tarde mais uma. Aí, chega aqui uma turma que fica uma hora. Bah! Tu tens uma hora. Aí tá, faço aquela uma hora digo: ‘Olha não me interessa’. (Karen esposa de Vasco: ‘não é essa a nossa proposta’) Porque vou ganhar dinheiro fácil. Eu faço um serviço correndo com eles. Boto aquelas criança a correr pra cá, correr pra lá. Não faço brincadeira, não consigo levar na praça, não vou passear de trator com eles. Aí a criança diz: ‘Bah tio! Foi o melhor dia da minha vida!’ Eu disse: ‘Pô! mas, criança que estuda num colégio, particular, viaja pelo mundo’ (Karen esposa de Vasco: Disney, Disney). Melhor dia da vida dela! A criança dizer que o melhor dia da vida dela foi aqui. Eu disse: ‘Bah!’ É gozado né. (Karen esposa de Vasco: e não é um, é todas, todas. Todas que vem aqui) Então tem a [empreendimento de turismo pedagógico] que é super legal. ‘Bah tio! isso aqui é melhor que a [empreendimento de Turismo Pedagógico]. Eu disse: ‘Pô! pera aí!. E as mães ligam depois pra cá, descobrem onde é que eles foram, diz: ‘Ah! Meu filho foi aí comeu um bolo que ele adorou de beterraba não sei o que’. Daí pede a receita para Karen. (Karen esposa de Vasco: E eu dou a receita, vários). ‘Meu filho comeu a primeira vez beterraba’. Umas coisas assim!”. (VASCO, Granja Santantonio, janeiro, 2014).

Eles [empreendimento de turismo pedagógico] já têm um trabalho pedagógico, trilha com não sei o que [risos]. Mas, recebe muita gente e eles não têm não tem atendimento. Porque é muito grande, são muitas escolas, isso ficou aquela coisa que o Vasco não quer, que é só o dinheiro. E quando tem o lanche né. Eu faço, eu faço os bolos né, de cenoura e de beterraba e disse: ‘Aquela criança que não come, nunca comeu cenoura na vida dela’. Imagina vai comer uma verdura! (KAREN, Granja Santantonio, janeiro, 2014).

O contato com o fluxo de pessoas que passam pelo sítio em tempos diferentes, a dinâmica de atividades realizadas nestes espaços interfere com maior ou menor intensidade nas formas de fazer destes empreendedores. A trajetória de vida deles constitui-se de um emaranhado de experiências proporcionadas pelos contatos realizados ao longo de dezoito anos de atividades ligadas ao turismo e a agroecologia que lhes permitiram seguir por diferentes caminhos, escolher direções e desvios nesse meio.

Nas narrativas de Silvana, a noção de “fazeres” está associada à implantação de técnicas de produção orgânica e a parceira com pesquisadores e outras propriedades para a

redução do trabalho e uma maior eficiência produtiva, tornando a propriedade sustentável. O “fazer” agroecológico está ligado à ideia de colaboração, trocas de experiências e saberes, intercâmbio cultural. O clima entre os moradores do sítio e aqueles que participam das vivências é de incentivo para colocar em prática, velhos e novos saberes, usando a criatividade e inovação, principalmente no aproveitamento dos cultivares:

“a ideia que a gente aumente o que a gente tá fazendo né. Não digo aumentar o trabalho, mas aumentar o dinheiro. Assim, ser mais eficiente no que a gente tá fazendo e a gente tá investindo em algumas outras coisas que nem irrigação. A gente tinha um pouquinho de irrigação, mas era “meia boca”. Esse ano a gente comprou, até chegou ontem os canos ali que chegaram que a gente não sabe direito, tem que vê o que chegou”. (SILVANA - Sítio Capororoca - fevereiro, 2016).

No projeto de turismo, os serviços prestados estão dentro de outra lógica diferente das vivências e oficinas, pois envolve a relação entre cliente (demanda) e empreendedor (oferta). Envolve a contratação e prestação de serviços turísticos e, portanto, certa padronização. A forma de prestar serviços em turismo é dada a partir das capacitações por especialista da área. A palavra “acolhida” incorporada pelos entrevistados vem de um módulo do projeto de turismo do SENAR/RS: “Acolhida no Meio Rural” que busca desenvolver técnicas de acolhimento direcionadas ao público alvo destes empreendimentos de turismo rural:

“Eu estou dentro de um grupo de turismo rural. Eu faço parte dos Caminhos Rurais e da POA RURAL. Tu vendes um serviço. Tu não estás vendendo só o teu sítio, tu vendes todo o roteiro. Tu podes ir lá no Tio Juca, lá no Dodô, lá no Vasco, lá não sei aonde. Tu tens mais ou mesmo assim, as pessoas vão te receber com cordialidade. O que a gente faz? A gente mostra, apresenta a propriedade, faz a trilha, normalmente é assim. Depende, porque tem grupo de terceira idade. Tem uns velhinhos, que mesmo sendo bem velhinhos vão e aí a gente tenta arrumar bem as pontezinhas para poder passar, porque tem desnível, tem uns buracos que às vezes não aparece, porque é muito molhado no inverno e é seco no verão. Daí tem isso assim, quando tu recebes vai deixar o mais organizado, apesar de limpo é muito difícil o padrão de limpo. Então se tu é urbano e acha que teia de aranha é um problema. Tu [pesquisadora] é turista, mas não é turista. Se tu viesses e fosse pagar, como aquele casal que veio, teria dado um jeito, alguém dava uma passeada com eles e eu ia lá correndo limpar o quarto, porque daí tu tens outra relação. Quando tu estás pagando, eu acho assim as pessoas cobram muito quando tão pagando. Tu queres um serviço de qualidade. Então se tá sujo, pegar uma xícara que tá suja”. (SILVANA - Sítio Capororoca - Janeiro, 2016).

As capacitações por parte do SENAR/RS proporcionaram experiências e contato com outros empreendedores em turismo. Tais experiências constituíram uma percepção mais

detalhista sobre os serviços ofertados. Para Silvana, as visitas a outras propriedades também proporcionam o pensar e adaptar a culinária da propriedade:

“Quando eu ia antes de trabalhar com o turismo, eu ia em um lugar e eu não via se o serviço estava bom, ou não estava. Hoje eu vejo tudo. Ah! As pessoas fizeram uma salada. Ah! Eu posso fazer aí vem a história das PANCs. Os ingredientes. A gente substitui alguns ingredientes. Bah! Daí tu vê uma salada e diz a gente pode fazer essa salada e botar essa coisinha. Pode servir em um pratinho assim. Eu começo a olhar tudo, tudo que tem no entorno e eu tento ah! Isso aqui a gente podia usar lá no sítio”. (SILVANA - Sítio Capororoca - Janeiro, 2016).

Grande parte do tempo destinado às atividades está concentrado na produção da horta, pois é a produção de orgânicos que sustenta todos os outros projetos dos sítios. A produção é comercializada em feiras agroecológicas, eventos, escolas, restaurantes, na própria propriedade. Assim, é necessário ter uma quantidade relativa de produtos a serem ofertados para suprir a demanda.

Se para Tio Juca o atrativo é o seu trabalho, a forma como ele trabalha com a agroecologia, para Dodô o atrativo é ele mesmo. Ele diz que volta a ser criança quando atente as escolas e que trabalhar com criança é mais simples do que com adultos:

“As excursões com os adultos tu tá explicando uma coisa, um te perguntando uma coisa aqui. Daqui a pouco tinha quatro, cinco lá de baixo de um pé de ameixa que eu tinha que explicar, daqui a pouco saí dali, voltou mais que queriam saber o que que era aquilo ali aí tu passa né, que daqui a pouco tu tem que deixar a informação pra traz porque daqui a pouco tu vai matar um tempo ali porque vem aqueles pouquinho né. Oh, daqui a pouco tu fala pra um, daqui a pouco tu volta repetir tudo de novo. É, vô te contar!”. (DODÔ, Sítio Herdeiros, Janeiro, 2016).

4.2.4.2 Formas de Fazer: “Eu não caminho com os pés, eu caminho com os olhos”

Dodô se declara como o atrativo principal do sítio. Ao descrever as atividades realizadas para os visitantes, ele relatou sobre o método de interação com as crianças, mas ele alerta, também, sobre os riscos de acidentes na propriedade. Assim, quando elas chegam e perguntam sobre cobras ou outros bichos ele diz: *“Eu não caminho com os pés, eu caminho com os olhos”*, estratégia utilizada para despertar a curiosidade e captar a atenção das crianças e professores.

“Qual é o atrativo que eu tenho das escolas? Os guias já me conhecem. O atrativo das crianças sabe quem é? Sou eu. Todos que chegam ali, já começam a olhar, sabem que eu sempre recebo de pés descalços. A primeira pergunta que

eles fazem pra mim: Por que eu ando de pés descalços? [risos]. Tem um que disse: ‘Qual é a tua mágica Dodô, por que tu andas de pés descalços?’ [risos]. Tem que fazer mágica! Depois eu reúno eles e vou explicar por que eu ando de pés descalços. Eu falo para eles que é um treinamento que eu tenho desde que eu era bem pequenininho. Eles ficam todos me olhando, aí eu digo para eles assim: ‘Eu não caminho com os pé, eu caminho com os olhos’. Aí eles enlouquecem comigo, porque ficam olhando pro chão, caminhando assim: ‘Ah então tu anda assim olhando pra... caminhando com os olhos. Como é que tu vai caminhar com os olhos?’. Aí eu vou explicar. As professoras gostaram muito do meu tema. A primeira coisa que eu vou fazer para caminhar com os olhos é olhar para o chão. A distância que os meus olhos alcançam, assim, vinte metros, trinta metros. Se tiver uma cobra lá, se eu tiver enxergando... porque que eu vô botar o pé em cima? Primeiro eu usei os olhos, eu não usei os pés. Porque se a gente estiver de tênis eu não vou olhar para o chão. Ah! se tiver uma cobra ali eu pulo por cima. Eu não vou mexer com ela. (DODÔ, Sítio Herdeiros, janeiro, 2014).

Ao apostar corrida com as crianças, Dodô realiza atividades lúdicas. Ele enfatiza que nestes momentos em que está com as crianças ele volta a ser criança e mostra um equipamento que elaborou para semear os canteiros, parecido com um brinquedo “roda mágica”. Em uma das extremidades de um bastão foi acoplado um pote plástico com sementes na parte interna. Em pé, segura-se o bastão; na outra extremidade onde se está o pote fica sobre o canteiro. Ao empurrar o bastão, o pote vai rodando em cima do canteiro ao mesmo tempo em que vai soltando algumas sementes. Assim, Dodô caminha em linha reta ao lado do canteiro, vai brincando enquanto semeia os canteiros da horta.

O agricultor é o único que cultiva as sementes. Em outros empreendimentos existe um fornecedor de mudas. Dodô informou que está fazendo um banco de sementes. Contou que na época de seu avô costumava-se guardar as sementes. Ele declara que o melão que cultiva é modelo daquela época. Dodô mostrou o espaço que guarda suas sementes e a estufa com as mudas que está desenvolvendo. Em um dos sábados, na feira agroecológica na rua José Bonifácio, ele mostrou à pesquisadora o maxixe e relatou da facilidade com que a planta se adapta ao ambiente: “*isso aqui, não dá trabalho nenhum, nasce em qualquer lugar*”.

Nas visitas que ocorrem em sua propriedade, ele tem por hábito entregar algumas coisas do sítio (como presente) para que levem para casa. Normalmente as visitas são agendadas pelas escolas em época de produção de hibiscus: “*sempre eu gosto de dar alguma coisa para eles. Quando é tempo do hibisco eu corto lá quatro hibiscos, ou três hibiscos e faço uns buquezinho e eles levam para casa. Eles também comem lá na roça*”. (DODÔ, Sítio Herdeiros, janeiro, 2014). Quando não é época dos hibiscos e não há nada para colher, o agricultor prepara os canteiros para que as crianças possam aprender a plantar, mexendo na terra:

“Aí eu monto uns canteiros, deixo tudo marcadinho e eles vão plantar moranguinhos quando é tempo de moranguinhos. Quando é tempo de plantar alface, eles plantam os pés de alface. Então eu faço ali a quantidade que vem. E, quando não tem nada eu invento de correr em cima dos canteiros com eles. Porque aí eu me sinto uma criança junto com eles né [risos]. Eu gosto dessa parte das escolas, das crianças e sabe que sai todo mundo contente comigo, então o atrativo bem dizer sou eu [risos]. (DODÔ, Sítio Herdeiros, janeiro, 2014).

O método utilizado por Vasco, ao receber as escolas, é semelhante ao método de Dodô, ou seja, preparando os canteiros para que as crianças tenham a experiência de colocar a mão na terra e plantar. Vasco também faz o passeio de trator e desenvolve atividades alinhadas aos projetos da escola: *“Sempre pergunto o que eles estão estudando. Se eles estão vendo mais sobre composto eu levo na compostagem. Eu misturo folhas e faço a mistura com eles”.* (VASCO, Granja Santantonio, janeiro, 2014). Vasco mencionou que os alunos geralmente descem do ônibus com cadernos e câmeras fotográficas à mão e a primeira coisa que ele faz é mandá-los de volta ao ônibus e largar todos os pertences: *“Máquina fotográfica vocês usam lá no shopping, para tirar fotos. Aqui vocês vão prestar atenção, vão brincar, vão se divertir”.*

Ele participa da Ecofeira na escola Israelita e Farroupilha, com uma proposta pedagógica e não puramente comercial:

“Desce toda a turma no pátio lá do Farroupilha. Eu estudei lá. Sou ex-aluno, eu conto a minha história, como é que eu comecei até produzir tudo. Toda aquela turma sentada no chão e eu vou falar sobre a produção ecológica, sobre a RAMA, sobre certificação. Eu falo para esse grupo daí eles vão comprar. Essa foi a proposta do Farroupilha. No Israelita, na última vez a Karen que foi nas turmas, dentro da sala de aula. Eles vem ali (Karen: Nível B, tudo de quatro até cinco, seis, cinco anos e meio assim, que seis anos eles já tão na primeira série, mas bem pequenininhos). Depois os outros vem ali na banca a gente conversa com eles. Bota o preço. Eles estão estudando agora a parte de troco então no Israelita eles tem o dinheiro a moeda deles que circula interno. Foi uma proposta. Eu gosto dessa parte das crianças. (VASCO e KAREN, Granja Santantonio, janeiro 2014).

Os sítios apresentam-se como espaços de pedagogias culturais na medida em que esses espaços se organizam para outros fins que não somente a educação formal, mas “ensinam e transmitem uma variedade de formas de conhecimentos que, embora não sejam reconhecidas como tais, elas são formas vitais na formação de identidades e da subjetividade” do ser humano. (SILVA, 2005, p. 140). As pedagogias culturais, para Silva (2005), operam de forma envolvente, investindo no afeto e na emoção e, em momentos, operam na produção de

identidades, na produção e legitimação dos saberes. (GIROUX; McLAREN, 1995). E, na contemporaneidade existe um apagamento de fronteiras entre “instituições e esferas antes consideradas como distintas e separadas”. (SILVA, 2005).

As distinções entre o “conhecimento cotidiano, o conhecimento da cultura de massa e o conhecimento escolar” se tornam cada vez mais problematizados. Nessa direção, todo o conhecimento que é produzido se constitui em um sistema de significação, portanto é cultural. (SILVA, 2005). Pode-se compreender os sítios como espaços culturais pedagógicos, que produzem “agroecopedagogias” e operam nas identidades e subjetividades dos visitantes ensinando sobre o ser e o fazer agroecológico.

Os produtos de turismo “*Caminhos Rurais*” e “*Piquenique Rural*” ocorrem uma vez por mês. Já o produto “*Porteiras Abertas*” é uma agenda realizada diretamente com a propriedade. Para Silvana, o projeto de turismo não pode ocorrer a todo o momento, pois demanda tempo que os empreendedores poderiam estar trabalhando na horta ou na cozinha preparando os processados (geleias, compotas de frutas, conservas, pães), “*a questão é assim, eu gosto de receber as pessoas. Só que o turismo não pode ser a todo o momento. Então, como a gente tem a atividade da horta, ela é importante, tem a cozinha também*” (SILVANA- Sítio Capororoca- janeiro, 2016):

“a nossa prioridade é a questão da produção. Até porque o turismo está vinculado a questão da produção. Então se tu não tens uma horta, ou não tens o que mostrar. A ideia é que as pessoas vão vir para cá para ver o que a gente faz e como que a gente faz. Então tu tens que ter uma horta organizada para mostrar e porque a renda do turismo é menor do que a produção. A gente tem um retorno maior com a horta. Mas, é um complemento, né. O turismo é um complemento da atividade da horta. Entra como mais uma fonte renda, mas a fonte principal é a produção. Então a gente dá mais atenção à produção”. (SILVANA- Sítio Capororoca-janeiro, 2016):

As capacitações por parte dos especialistas em turismo (EMATER, SENAR-RS, SEBRAE-RS) mudaram a perspectiva do sítio para uma visão de negócio. As visitas realizadas no sítio, até então, não eram cobradas e o tempo que era dedicado à atividade de receber os visitantes não era contabilizado. A partir dessas capacitações, Silvana se dá conta que está prestando serviço:

“Quando eu comecei a trabalhar aqui, eu não recebia, não estava dentro dos caminhos rurais, nós recebíamos a visita técnica o pessoal da agronomia. O pessoal da agronomia trazia os alunos e a gente não cobrava nada. Eles vinham aqui, conheciam a propriedade, conversavam e tal...a gente perdia, perdia não

[risos]. A gente ficava uma manhã inteira conversando. A gente servia um suco, as pessoas iam embora e deu. E aí depois, que começa a trabalhar com o turismo rural tu te dá conta que tu estás trabalhando. E aí, como é isso? Aí a gente começa a juntar as coisas. E também não são todos os professores, mas alguns professores já: ‘não, a gente vai vir, a gente vai querer um lanche’. Até porque eu recebo muita gente da nutrição. Daí tu fala que dá para comer urtiga e tu comer a urtiga isso é uma coisa que a gente deixou bem claro no início, a gente tem que mostrar para as pessoas. Dá para comer, então vamos comer a urtiga, mesmo que... A gente tem a modalidade de servir a degustação, uma visita com degustação. A gente sempre faz a degustação, porque é uma visita. A gente faz a visita monta uma degustação, porque tu vais pagar para entrar, tu vai fazer a degustação, tu vai comprar. Dificilmente as pessoas não compram, tu tentas agregar, mostra como é e a pessoa provam e compram. E tem as que faz lanches, daí tu faz, daí é maior é mais que uma degustação. Tu preparas mais comida, mas tu preparas muito daquilo que tu estás vendendo, que tu tens para vender. A gente faz algumas coisas que não está ali para vender, mas o grosso das coisas que a gente faz, a gente bota para vender. Então, assim, eu tenho uma visita técnica onde eu explico o que tem, como funciona a horta, como funciona...as pessoas querem saber como a gente vive né. Isso é uma coisa que: ‘como é morar aqui?’’. (SILVANA- Sítio Capororoca-janeiro, 2016):

Essas propriedades são caracterizadas pela agricultura familiar e envolvem todos os componentes da família nas atividades e projetos das propriedades, muitas vezes amigos e conhecidos também ajudam. Para Vasco, o trabalho com turismo tem o envolvimento de toda a família. Já a plantação fica a cargo de Vasco, seu Clair (caseiro) e algumas vezes sua esposa e filho. Karen ajuda na parte de “industrialização⁹⁹” dos produtos que vão ser comercializados: “*Eu fico na parte de industrialização, sexta-feira*” (KAREN, Granja Santantonio-janeiro, 2014); “*Ela que amarra quase todas as coisas de amarrar que tem assim, eu vô lavando né as coisa, vô mandando aqui pra ela*”. (VASCO - Granja Santantonio-janeiro, 2014).

Na feira Agroecológica da rua José Bonifácio, Vasco trabalha em parceria com a esposa Karen e mais uma ajudante. Quanto às entregas e atividades realizadas em escolas, Vasco trabalha sozinho, inclusive ele comprou um carro para facilitar a logística de entrega das mercadorias:

“E hoje todos trabalham, todos ganham. A minha filha, a maior, ela me ajuda, quase sempre eu tento marcar, quando é grupo maior que ela esteja aqui também. Porque é ela e o namorado dela. Os dois sempre, porque eu tenho as vendas também. Quando é, não escola, mas os outros eu tenho as venda de produto também então eu preciso de mais gente para ajudar né. Eu estou conversando e tal e tem que ter alguém. Então meu caseiro trabalha e os dois, aí quando precisa

⁹⁹ Uso o termo “industrialização” utilizado por Karen em uma das entrevistas ao explicar o processo.

eu chamo minha cunhada também. Se é grupo muito grande e tal então todo mundo trabalha, todo mundo ganha. E a pequena também. Às vezes se ela tá aqui então é grupo do tamanho dela. Ela mostra que eles vão ter que plantar no canteiro. Ela gosta de ir junto se exibindo (risos), todo mundo participa. E agora eu estou com a esposa dele [Clair] também, que ela cuida, ela cuida das nozes. Seria colher as nozes ali. E ela tem que descascar. Então ela passa, ela poderia passar o dia inteiro descascando. Mas daí eu estou precisando de mais gente para trabalhar. Às vezes eu tenho o filho dele que trabalha com jardinagem fora. Aí vem me ajudar também. Depende da época né agora precisa muita capina”. (VASCO, Granja Santantonio, janeiro 2014).

Em uma das reuniões da Associação RAMA, Dodô quando explica seu “plano de manejo¹⁰⁰” da propriedade diz que “*a minha caneta não tá no caderno, tá na terra*”¹⁰¹ e convida os ouvintes para conhecerem a sua propriedade e observarem *in loco* as formas de manejo desenvolvidas por ele. Tanto Dodô como Tio Juca apresentam uma forma intuitiva de lidar com a propriedade, realizando experiências, observando as mudanças climáticas, percebendo o entorno da propriedade. Nesses sítios, a aprendizagem não ocorre apenas na relação entre humanos e humanos, mas também entre humanos e não-humanos. (LATOURE, 1994). Para os empreendedores, Tio Juca e Dodô, é necessário observar e realizar uma leitura do meio ambiente. O conhecimento vem da pesquisa empírica, dos experimentos e experiências:

Os agricultores, o Juca e o Dodô, por exemplo, são muito práticos. Pouco embasamento teórico, mas tem muito conhecimento adquirido com a experiência e com a vivência deles mesmos. Então, a vivência nossa com eles é um aprendizado e eles mesmo dizem que as plantas são também os nossos professores, nos ensinam. Então esse é o aprendizado empírico da observação, da prática do erro e do acerto mesmo e da lida, dos resultados. (PEDRO-estagiário-janeiro, 2014).

A Associação RAMA é a certificadora da conformidade do produto orgânico produzido por estas propriedades. Vasco ressaltou que a venda de seus produtos é realizada em conjunto com outro parceiro que não faz parte da RAMA, mas que possui outra certificadora. Ele informa que os produtores trabalham de forma diferente:

“Ele trabalha duma maneira né, que cada ecológico trabalha duma maneira, diferente. Ele trabalha duma maneira, eu trabalho de outra. Então às vezes: ‘Ah! Tu tá molhando assim?’ ‘Bah! Quantas vezes tu molhou?’. ‘Ah! eu molho assim’.

¹⁰⁰ A apresentação do plano de manejo foi uma proposta metodológica que está inserida nas práticas pedagógicas do MAPA- Ministério da Agricultura, Pecuário e Abastecimento.

¹⁰¹ Frase proferida por Dodô ao explicar a forma de manejo na propriedade em uma das reuniões da associação Rama.

‘Ah! eu molho só...’. Ah! Ele tem a maneira dele eu tenho a minha’. (VASCO-Granja Santantonio- 2014).

Na propriedade de Vasco, o trabalho é realizado em parceria com seu funcionário Clair que mora na propriedade com os familiares. Ao questionar sobre os processos de trabalho, Vasco informa a dificuldade em trabalhar no horário de verão, devido ao calor intenso. Seu Clair inicia sua fala enfatizando que acorda cedo para a lida na propriedade:

“Ué, mas eu levanto cedo. Cinco horas da manhã. Eu fiz o chimarrão e aí eu tomo chimarrão. Às seis e meia eu vou lidar com a criação. As galinhas, os pato, os cabrito. É largar pro campo. A vaca que fica presa aqui. Clair: Daí eu já não paro mais. Faço esse trabalho junto aí e em seguida vamos pra lavoura. E aí até onze horas, às vezes. Depende do calor. Onze horas, onze e meia. Não paro. Clair: Daí eu já não paro mais. Faço esse trabalho junto aí e em seguida vamos para lavoura. E aí até onze horas, às vezes. Depende do calor. Onze horas, onze e meia. Não paro. Clair: Daí eu já não paro mais. Faço esse trabalho junto aí e em seguida vamos pra lavoura. E aí até onze horas, às vezes. Depende do calor. Onze horas, onze e meia. Daí, eu não paro mais’. (CLAIR-Granja Santantonio-fevereiro, 2016).

O trabalho de horta no sítio Tio Juca é realizado apenas pelo Tio Juca mesmo, porque não há ajudantes. Atualmente a esposa dele está com problemas de saúde e quem prepara a alimentação para as escolas visitantes é a filha. O agricultor vincula o trabalho na horta à ideia de “gestão” e “plano de manejo”. O plano de manejo é um dos métodos solicitados pela associação RAMA para evidenciar a forma de produção de cada agricultor: *“A maneira de gestão minha. Às vezes a pessoa vem e quer saber como é o plano de manejo. Como é que eu faço. Como eu controlo. Eu uso como base: o que tá na roça tá pronto. Esse é o plano que funciona para mim. Eu não sou daquele que vende o almoço pra pagar a janta’.* (TIO JUCA-Sítio Tio Juca-fevereiro, 2016).

A maior parte da atividade na “roça” é manual, com uso de enxada. Tio Juca contrata a máquina retroescavadeira apenas para virar a terra quando o pasto está muito alto. Trabalha com irrigação manual retirando água do açude e insere o biofertilizante¹⁰², que ele mesmo prepara. Os investimentos para melhorias na propriedade foram oriundos do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), projetos com financiamento a fundo perdido:

¹⁰² Biofertilizante: trata-se de um composto preparado pelo agricultor com as sobras de plantas (folhas, minerais, ervas, sobras de cultivares que não foram comercializadas). As plantas são colocadas em tonéis e ficam descansando e fermentando, tornando-se um líquido. Este líquido é diluído em água e colocado nos canteiros da horta. Conforme o agricultor o biofertilizante foi estudado por pesquisadores da UFRGS, a fim de verificar seu grau de nutrientes.

“Eu não trabalho com aquela corrida para salvar o perdido. Eu trabalho com o que tenho. Com o dinheiro. Se dá deu, se não der. Eu não tenho investimento. O único dinheiro que eu peguei do banco de uns anos pra cá, foi para fazer aquele galpão, a fundo perdido que era do PRONAF. Ele é um dinheiro com fundo perdido. A gente pega 10 [10mil reais], paga 2 e ganha 8 de fundo perdido. Foi o que eu usei para fazer o galpão com três anos para pagar. Então! Lá na roça não existe nada de investimento para correr atrás do prejuízo. Essa é uma maneira de gestão que eu tenho. Então! Essa é uma maneira de gestão minha”. (Tio Juca-Sítio tio Juca-fevereiro, 2016).

Tio Juca entende o turismo como um plano para quando deixar a atividade na “roça” e deixar de vender os produtos na feira *“eu sempre penso na dificuldade física, que eu não possa produzir. Eu tenho que tá preparado para parar, consciente que eu vou perder a condição física de produzir”* (TIO JUCA- Sítio Tio Juca-fevereiro, 2016).

“O dia em que eu não possa mais segurar a roça eu vou ficar contando história no turismo. Então eu estou me programando. Estou consciente que vou ter que parar na roça uma hora. Enquanto der vai, quando não der parou. E vamos se recolher para começar a produzir só para o consumo da casa. Essa ideia do, da visitaçãõ ela vai aumentar”. (TIO JUCA- Sítio Tio Juca-fevereiro, 2016).

A atividade na horta, para Silvana, é o que ela mais gosta de fazer e também porque a horta é a base para que todos os outros projetos sejam consolidados. Não há só uma especialidade, diz ela: *“Eu gosto muito de estar na horta. A questão assim, eu gosto de receber as pessoas. Acho que não fica especialista em uma coisa. Como tu trabalha, assim, acho que é uma visão do todo”* (SILVANA- Sítio Capororoca – janeiro, 2016).

4.2.4.3 Aprendendo a “viver como as pessoas vivem”

O Sítio Capororoca possui o projeto vivências. Para participar em regime de vivências o participante realiza um cadastro na rede *World Wide Opportunities on Organic Farms* (WWOOF). A propriedade tornou-se um espaço que viabiliza realizar tais atividades em troca de hospedagem e alimentação. Também são realizados estágios, pesquisas, oficinas, eventos e, além disso, a propriedade recebe pessoas por indicação ou contato na Feira Agroecológica da Rua José Bonifácio, ou em outros eventos que os interessados participaram. Ao dialogar com algumas pessoas que realizaram atividades no sítio, era comum ouvir que algum amigo ou conhecido, a partir de uma experiência anterior com o sítio, indicou Silvana como contato. A adesão dos proprietários à rede é franca, porém os interessados em participarem desta

atividades devem cadastrar-se e pagar uma taxa à rede que fornece uma listagem de propriedades cadastradas no Brasil. Segundo assinalou Silvana:

“Começou na década de setenta (1970) na Inglaterra. E aí tem WWOOF Brasil. Se tu queres apenas no Brasil tu pegas uma listagem nacional e se tu queres a listagem internacional tu pagas uma taxa para acessar os endereços. Eu não pago nada para fazer parte da rede, ou para receber as pessoas”. (SILVANA- Sítio Capororoca – janeiro, 2016).

Os relatos da proprietária explicam que as motivações para acessar o sítio neste tipo de regime são muito parecidas, normalmente são pessoas jovens, recém-formadas em busca de experiências e formas de vida alternativa:

“A maioria das pessoas que vem, a idade média é 25 anos. A gente recebeu bastante de 22, é interessante. (risos). Vinte e dois, eu não sei bem porque, mas acho que é porque o pessoal estuda, se forma e não tem trabalho, não tem família. Em média vinte e cinco anos. Normalmente, as pessoas são formadas já e não tem emprego. Ou, então, um pouquinho mais velho que trabalhou e não gostou do que está fazendo e quer uma vida mais alternativa. E daí tu tens dinheiro para viajar e fazer o deslocamento, porque tu não precisa pagar [hospedagem e alimentação]. Tu vens e paga a tua hospedagem com trabalho. E aí tem a questão de como tu vai lidar com isso. Eu acho que a gente consegue lidar muito bem porque aqui sempre teve gente desde o início. Uma das coisas, a história de fazer um alojamento eu pensava assim quando eu fiz agronomia eu era urbana e sentia falta de tá trabalhando assim, de tá ponto em prática as coisas que eu estava aprendendo”. (SILVANA- Sítio Capororoca – janeiro, 2016).

Nas entrevistas realizadas com quem participou de estágio, oficinas ou vivências no Sítio Capororoca apresentou-se semelhantes às motivações. Os relatos tratam de Silvana como uma referência no cultivo de PANCs. Álvaro, da França, a chama de “*professora das PANCs*”. A partir da indicação de uma amiga, Álvaro entrou em contato para realizar as vivências pela rede WWOOF. Pedro, do Brasil, estudante de agroecologia, interessou-se em estagiar no sítio e realizar as vivências; Ana, do Brasil, buscou conhecer a forma de vida e aprender sobre o modelo de cultivo orgânico praticado no sítio; Michele, do Brasil, dona de restaurante, busca inserir na culinária os produtos locais; Eliete, do Brasil, veio fazer estágio, pois buscava a prática em seu sítio; Guido, da Argentina, fez seu trabalho de conclusão da graduação sobre a associação RAMA e ficou ajudando no sítio.

Na visão de Pedro, “*a vivência na verdade é nada menos que viver como as pessoas vivem na propriedade, e trabalhar como se trabalha e ajudar a desenvolver os projetos que estão sendo tocados e as necessidades*” (PEDRO-estagiário, janeiro, 2014):

“Eu tenho 21 anos e sou estudante de Agroecologia em Minas Gerais, na zona da Mata Mineira. Estudei no Instituto Federal do Sudeste de Minas, onde tem o primeiro curso de Bacharelado em Agroecologia do Brasil. Daí eu vim aqui para Porto Alegre no final de novembro, para o Oitavo Congresso de Agroecologia [2013] para apresentar um trabalho sobre Plantas Alimentícias não Convencionais e também participei de outro evento paralelo chamado ENGA que é o Encontro Nacional dos Grupos de Agroecologia. E lá eu fiz uma oficina de PANCs - Plantas Alimentícias Não Convencionais - com a Carol Dalmago que me deu como referência o Sítio Capororoca com trabalhos relacionados ao resgate das PANCs. E depois recebi recomendação de outro amigo que tinha feito estágio aqui e também o Sítio Capororoca estava muito citado na tese do Valdely Kinupp que foi sobre as Plantas Alimentícias Não-Convencionais na Região Metropolitana de Porto Alegre [UFRGS, 2007]. Daí eu resolvi fazer esta vivência e também contando como hora de estágio para o meu curso”. (PEDRO-estagiário, janeiro, 2014).

No caso de Pedro, o brasileiro, as vivências e estágio concretizados no sítio foram agenciados por contatos realizados no evento, por amigos e a referência de tese de Valdecy Kinupp. As motivações estavam ligadas à área de estudo para ampliar o conhecimento prático sobre as plantas alimentícias não-convencionais e verificar os modelos de cultivo agroecológico do sítio Capororoca e dos outros sítios vizinhos.

A conversa que a pesquisadora teve com Álvaro, o francês, ocorreu pela manhã, quando tomavam uma xícara de café e sentados à rede. Os cães do sítio estavam à volta. Ele contou à pesquisadora sobre as motivações de imergir em um período de vivências no sítio, mas também o medo de ingressar em uma família que não conhecia, além de viajar por um país desconhecido. Mas logo que conheceu Silvana e Guinha seus medos se dissiparam. Nesse período de vivências, ele procurou resgatar as conexões que interferem no caminho que o alimento percorre antes de chegar ao prato. Com esses argumentos, entende-se que ele veio em busca de conhecimento da agricultura orgânica, pois tem como projeto pessoal a abertura de um restaurante em Paris. Nessa direção, ele busca conhecer o que chama de “básicos”, ou seja, a origem dos alimentos que as crianças de lá já não reconhecem:

“Então, sou o Álvaro. Tenho 24 anos. Moro em Paris, França. Eu estudei Física e Química. Fiz uma licenciatura. Depois parei, queria ver o que faria da minha vida. Então comecei a trabalhar em um restaurante, em um bar. E foi isso... então agora eu vou fazer um mestrado em cozinha para abrir um restaurante em Paris. Então! Eu não conhecia as PANCs. Eu não conhecia nada. Não tinha nenhuma experiência na agricultura. Eu cheguei aqui, eu tinha uma amiga de Porto Alegre que está a morar em Paris. Ela conhecia o Sítio. Ela disse que o Sítio era bem legal e estava na associação WWOOF. Então eu entrei nessa comunidade e pesquisei esta fazenda e mandei um e-mail para a Guinha e ela aceitou. Foi assim que eu entrei aqui. Então eu queria fazer isso por que eu escolhi o Brasil por

causa da língua [Filho de Português e Francês]. Eu queria ter comunicação com as pessoas. Queria poder falar. E, assim, eu penso que eu moro em Paris desde pequeno, desde 24 anos. E eu penso que a nossa sociedade, agora esqueceu coisas básicas. Por exemplo, se começar a falar com meninos, com crianças tem pensado que a fruta vem em pacote e a salada vem em saco. E eu estava a ver, e as pessoas não, e as crianças não, não é que não querem saber, mas não fazem perguntas. Pensam, não sei, que as batatas vem das árvores. Então eu vi que esta sociedade tinha esquecido os básicos. E eu vim aqui para aprender os básicos. Ter esses conhecimentos e para ter conhecimentos também por que quero abrir o restaurante e quero o saber do produto, primeiro na terra até o prato”. (ÁLVARO- WWOOF- julho, 2016).

A gastrônoma Michele é cliente na Feira Agroecológica da José Bonifácio e conhecia Silvana e o sítio, desde a época que ela fazia a feira Agroecológica da José Bonifácio. O propósito dela com a oficina Quintal Comestível, ministrada por Kleber Antônio, foi de introduzir na culinária do restaurante algumas espécies de PANCs, além de expandir a valorização dos produtos do local e dos produtores.

“Meu nome é Michele¹⁰³. Eu sou formada em Gastronomia tenho 35 anos. Hoje eu vim aqui no sítio para fazer um curso sobre as PANCs. Já tinha tido algum contato durante a faculdade. Já conheço a Silvana e o Sítio Capororoca há algum tempo por que vou à feira quase todo o sábado, né. Eu acredito nesse trabalha com os alimentos orgânicos. Assim como a valorização do que é local, do que é nativo. Tudo que está perto da gente, muito mais que consumir o que vêm de longe, de fora. Tenho isso como um posicionamento de vida e logo profissional dentro da gastronomia. É o que eu acredito, e tentar seguir e comprar e estar sempre em contato com os produtores. No caso, aqui a Silvana seria esta figura representativa que eu busco informações... as plantas que eu busco, né... suprir as minhas dúvidas, né. Hoje a gente teve uma conversa sobre isso. Hidropônicos, por exemplo. Olha, o meu contato com o Sítio é muito mais buscando conhecimento, informações”. (MICHELE - oficina Quintal Comestível- setembro, 2015).

As atividades realizadas no sítio são as mais diversificadas passando por todos os processos da horta, trabalhos gerais da casa, cozinha, cerveja artesanal, comercialização dos produtos na feira. Nessas atividades não há um roteiro obrigatório. As pessoas as realizam conforme as suas afinidades e interesses. Nos relatos se percebe o carinho que os participantes desenvolveram pela família e que a experiência proporcionou um sentimento de conforto, de família, de sentir-se em casa: “Guinha e a Silvana são pessoas tão boas que me acolheram

¹⁰³ Michele participou da oficina “Quintal Comestível” realizada por Kleber Antonio no Sítio Capororoca. Kleber é oficinheiro e busca multiplicar e compartilhar o conhecimento sobre as PANCs no Brasil. Indaguei a Michele se ela poderia dar um relato sobre a motivação por participar desta oficina. Ela me contou que tem um restaurante em Porto Alegre e seu objetivo é colocar os produtos orgânicos e PANCs no cardápio.

como se fosse da família. Foi um “feeling” desde o princípio que eu vim aqui. Está tudo muito, muito bem”. (ÁLVARO -Vivências WWOOF, julho, 2016).

Pedro chama de “êxodo urbano” o movimento que os neo-rurais estão realizando: *“São os neo-rurais contribuindo para o êxodo urbano”*. Os neo-rurais são pessoas que deixam suas residências no meio urbano e buscam espaços rurais para viver e trabalhar com produção agroecológica. Alguns vivem em comunidades, outros buscam lugares em que a vizinhança esteja na mesma lógica de ação¹⁰⁴. As atividades no sítio contemplaram os cultivos, processamentos, culinária e trabalhos manuais diversos. Os participantes das vivências tratam também da experiência com a diversidade de alimentos e mudança de hábitos. No sítio busca-se o alimento, prioritariamente, do que é cultivado. A propriedade não possui criação de animais para o corte; as galinhas que existem são oriundas de uma doação de um aviário que fechou na região, mas, uma vez que estão no sítio, não significa que sejam para abate; os ovos das galinhas, produzidos ali, são doados para o funcionário do sítio.

Álvaro relatou que pensava inicialmente que não aguentaria ficar sem comer carne, mas a experiência com a diversidade de alimentos o fez mudar de ideia:

“E aqui as pessoas não comem carne e eu pensava que meu corpo não podia aguentar. Mas, aguenta muito bem. Não me falta nenhum, nutriente da carne, pois comemos tanta coisa diferente aqui. É muito, muito bom [risos]. Eu penso que nunca mais vou comer carne. Eu não sabia que tinha tantas possibilidades para tirar a carne e compensar a carne. Na cozinha com a Silvana e a Guinha, fizemos peixinho da horta. Eu nunca tinha provado. Sempre é muita coisa e é tão bom ouvir ela a falar. Tem muito paixão por isso. Essas duas, a Guinha e a Silvana tem muita paixão pelas PANCs pela fazenda e é bem legal de ver essa paixão e transmitir essa paixão. É muito, muito bom. Eu gosto muito de trabalhar com elas. São pessoas muito abertas. E eu posso fazer todas as perguntas que eu quero. A Silvana é uma professora das PANCs”. (ÁLVARO-Vivências WWOOF, julho, 2016).

As vivências e atividades que são realizadas nos sítios proporcionam, em certa medida, aproximar as lacunas deixadas pela industrialização e a publicidade ao apresentar a cadeia produtiva de alimentos em processos fragmentados e desconectados do agricultor, da

¹⁰⁴ Na feira agroecológica ouvi a conversa entre um cliente e Guinha. Ele dizia que seu filho já não morava com ele. Ele e sua esposa estavam sozinhos e procurando um espaço como o Sítio Capororoca, mas que eles pudessem dividir com outras pessoas o trabalho e também pudessem aprender, trocar ideias. Espaços comunitários, em que se compra um sítio para morar e trabalhar em conjunto já é comum. Esse novo formato de comunidades está atraindo pessoas que tenham os mesmos objetivos.

terra, dos animais, da natureza¹⁰⁵. Tal produção cultural afasta o ser humano da natureza e o constitui como o “outro” tornando-o mercadoria de consumo, perpetua o “paradigma da ciência moderna que traz em seu centro a separação cultura/natureza”. (AMARAL, 2000, p. 145).

Essas atividades no sítio permitem também ampliar o paladar para a diversidade de plantas que ali são cultivadas e transformadas em pratos culinários. As vivências envolvem a participação nas atividades da família no sítio e também na comercialização dos produtos, além de conhecer outros produtores que se relacionam com o sítio. Os excertos, a seguir, tratam da diversidade de experiências que se envolvem os participantes, desde as práticas de trabalho na horta, na cozinha e também ao compartilhar ideias, trocar experiências, no relacionamento com as pessoas. Nessas atividades, várias competências técnicas ligadas ao saber e fazer agroecológico são desenvolvidas e salientam as capacidades comportamentais que envolvem o autodesenvolvimento e o autoconhecimento, a comunicação e a interação, a adaptação que permitem trabalhar e conviver com o outro compartilhamento, seja o espaço, o tempo, as ideias, as técnicas, seja a cultura. Álvaro assinala que participar de vivências possibilita a “aventura de conhecer as pessoas, de viver com as pessoas”:

“Estou a ajudar no dia a dia. Estou na fazenda [horta] e na cozinha e ajudo ao dia a dia. Eu gosto muito. Ontem estava a chover, não ajudei muito. Há muita coisa a aprender, sobre as PANCS, sobre tudo. Então é fantástico! É uma coisa que faz parte da aventura de conhecer as pessoas, de viver com as pessoas. Eu vou ficar aqui até o dia oito de agosto. Depois eu vou trabalhar em São Paulo em uma escola. Vou ser professor de Francês durante duas semanas e meia. E depois vou viajar pelo Brasil. A minha universidade começa em Janeiro. Depois vou fazer a Bolívia, Peru, Argentina. Vou viajar um bocado. No Brasil eu vou fazer WWOOFs. Nos outros eu vou visitar. Ah! Sim! Eu vou fazer o mestrado. Para ter o conhecimento em tudo que eu posso ter. O restaurante é algo que eu quero abrir daqui a um ano ou dois se tudo acabar bem”. (ÁLVARO-Vivências WWOOF, julho, 2016).

Para Pedro, a “aventura” encontra-se nos diferentes modelos e técnicas agroecológicas de cultivares que os agricultores praticam, também no conhecimento e no uso das PANCS:

¹⁰⁵ Em um dos deslocamentos realizados com o projeto “domingo no campo” (2013) uma das visitas foi realizada ao Sítio do Mato, cujo dono é o guia Mauri. Em seu sítio, Mauri solicitou que as crianças adivinhassem de qual das aves eram os ovos que ele alinhou lado a lado no chão do galpão. A maioria das crianças conseguiu acertar os ovos de galinhas, mas tiveram dificuldades em saber a origem dos outros e, curiosos em saber de qual ave vinha o maior deles e impressionadas com as cores e pigmentos. A maioria dos participantes eram de espaços urbanos e conheciam apenas ovos de galinha marrons e brancos, apenas um deles conseguiu ter êxito acertando a maioria das respostas. Ao questioná-lo como sabia tanto sobre as aves, disse que passa as férias escolares na chácara de sua avó e ali existem aves silvestres como a ema, a perdiz, marrecas, entre outras aves.

“Aqui eu trabalhei na horta. No manejo da horta, preparo do solo, capina, plantio. Principalmente, nesta época, verão, que é a época de seca aqui no sul, ao contrário de Minas que a seca é no inverno. Mas, daí aqui eu trabalhei com berinjela, pepino, alho-porró, abobrinha, alface, rúcula e outras plantas que estão sendo plantadas agora para colher no inverno. A vinagreira que é uma planta Alimentícia Não Convencional. Entre outras espontâneas: a capuchinha, a bertalha, a ora-pro-nóbis e várias outras plantas que são consideradas como inço, mato, mas que são alimentícias e que fazem parte deste resgate desta cultura alimentar que eu também trabalho lá em Minas. E, além disso, trabalhos na casa, de reformas, pinturas, cerveja artesanal [neste momento Pedro abre um largo sorriso]. Enfim! O dia a dia da família e tudo que se passa aqui, fazendo as comidas e as conservas para vender na feira. Também fui a feira, em dois sábados, a feira orgânica de Porto Alegre. Ajudar a comercializar os produtos e fazer esta relação com os consumidores e com os outros produtores. Também conheci a associação que o Sítio Capororoca participa que é a RAMA e outros vizinhos aqui da propriedade: tio Juca, Dodô. Que também trabalham com agroecologia. Que estão a muito mais tempo na terra, que são agricultores, filhos de agricultores, nascidos na zona rural que é bem diferente da Silvana que como eu veio da cidade para Roça. Lá em Minas eu moro há três anos na roça, mas eu nasci no Rio de Janeiro. Na verdade é um aprendizado prático, que a agroecologia está muito ligado com a prática, com o conhecimento empírico e com a relação com os novos conhecimentos tradicionais que são muito práticos”. (PEDRO-estagiário, janeiro, 2014).

Para alguns dos participantes em vivências, o sítio é um espaço de parada antes de uma outra caminhada. Esse foi o caso de Ana, que já vinha realizando imersões em comunidades a fim de conhecer formas alternativas de viver e assim se encontrar com ela mesma. Diz ela:

Levantamos às 7h da manhã, por aí, alguns um pouco antes, outros um pouco depois. Aí tomamos café juntos e depois vamos trabalhar por umas 8h da manhã. Aí está semana ... eu estou aqui faz quase duas semanas. A gente andou trabalhando nos morangos, no raleio. Deixa eu ver o que mais, na horta tirando tiririca. E ... fazendo pães.... (risos). O pessoal aqui tá bastante acostumado a receber pessoas. Então! Eu vejo eles estão muito abertos e qualquer pergunta que a gente faça eles estão abertos a nos responder. Na hora do trabalho também é um momento de troca. Estou aprendendo a fazer essas coisas. Nunca tinha trabalhado com moranguinho. Talvez! Só plantei uma vez com a minha mãe, mas não estava por dentro destes manejos que tem que fazer. Então! Na hora do trabalho a Silvana, a Guinha, o Rafa, o pessoal que trabalha aqui eles nos explicam como faz e a gente vai fazendo, vai trocando. É bem tranquilo assim”. (ANA, vivências, setembro, 2015).

Em busca de estágio, Eliete chegou ao sítio e encontrou nas técnicas desenvolvidas no Sali, um modelo de práticas a ser reproduzido e adaptado no seu próprio sítio. Ela se inseriu no grupo do “Projeto Juntos para Competir”, proporcionado pelo SEBRAE aos

empreendedores da região. A pesquisadora perguntou à Eliete sobre o trabalho dela no Sítio Capororoca, enquanto elas amarravam os molhos de beterrabas, sentadas em um círculo. Eliete comentou que a relação de trabalho no sítio que vai além do papel de estagiária, e que se tornou parceira e amiga da família e que gostava de participar de todos os processos de cultivo, sendo difícil elencar um que seja mais importante. Também evidenciou a segurança de saber a origem dos alimentos. E vai além:

Eu gosto desde limpar as plantas não desejáveis até plantar, capinar. Acho que eu gosto de tudo. Podar, trabalhar com moranguinho, tomate. Acho que tudo que eu fiz não tem preferência. Eu gostei de tudo. Parte da cozinha também. E de preparar as coisas e aprender. Ainda não descobri qual a minha preferência. Estou gostando de tudo até agora. E a tranquilidade de tu comes um alimento de aqui. Tu te sentes tranquila de comer um alimento daqui, porque tu sabes como foi o processo todo. E, assim, quando é tu que plantas, tu que colhes, dá mais orgulho ainda. (ELIÉTE, estagiária, janeiro, 2016).

Às vésperas do carnaval, Guido chegou ao sítio. Ele veio visitar o pessoal e assim matar as saudades. A pesquisadora conversa com ele sobre temas que tratavam de agroecologia, viagens, políticas econômicas sobre Brasil e Argentina e também tipos de cervejas. Guido descreveu sua experiência como estudante na UFRGS, sua pesquisa com foco na gestão da RAMA e mencionou o sítio Capororoca como fundamental para o desenvolvimento da pesquisa:

“E, aquela tese tem a ver com ‘medir, mensurar, estimar a sustentabilidade da Associação RAMA’ e trabalhei com indicadores que foi desenvolvido pela Academia Mexicana que tem que ver com técnicas participativas. Daí saiu que a sustentabilidade da associação não só tem que ver com os três princípios que todo mundo conhece na sustentabilidade. Que tem que ver com a fase econômica, certo, a fase social e ambiental. Se não que também para a RAMA a soberania alimentar é muito importante. Então! Agora a sustentabilidade para RAMA tem quatro dimensões. Agregando aquela da soberania alimentar. Com indicadores, a gente chegou a medir isso. Então! Isso foi muito, muito bom. Eu já apresentei esse trabalho em um Congresso Internacional de Agroecologia, na Argentina, em outubro. Na SIGLA é a Sociedade Científica Latinoamericana de Agroecologia. Então! Eu apresentei e foi assim revalorizado. A influência que tem o Sítio Capororoca tem aqui foi fundamental para me desenvolver academicamente, profissionalmente”. (GUIDO - pesquisador UFRGS - fevereiro, 2016).

Também tratou da experiência no Sítio Capororoca: *“O que eu fazia na propriedade era trabalhar nas culturas. Nas culturas, especificamente trabalhando com Rafa, sobrinho de Silvana, e tirando ideias”. (GUIDO - pesquisador UFRGS - fevereiro, 2016).* Com o final da

pesquisa, Guido retornou para a Argentina e começou um projeto de hortas orgânicas em casas de famílias:

“Comecei a fazer hortas orgânicas em casas de famílias. Para que eles sejam mais sustentáveis. Para que eles comecem a ter um jardim bonito, mas também funcional. Sabe! Eu achava muito lindo. Acho muito estético, tem muito potencial estético as hortas, os canteiros que eles tem, as formas de produzir que eles tem, as associações entre culturas, as cores mesmo, as mari...as borboletas.. Eu achava que isso era muito legal ter nas próprias casas. Em uma escala pequena. E comer mais saudável e ter sua própria composteira. Sabe! Reciclar seus resíduos. Comecei a fazer isso. Fiz umas três, quatro de graça. O que eu estou fazendo aqui de graça trabalhando? Mas, agora eu me sinto muito reconfortável, assim com este trabalho. Então, o que influenciou foi a cada dia, a cada dia eu sinto a influência. Hoje eu estou trabalhando em um campo com que tem ovelhas e eu falo para as ovelhas em português: Ah! Vai embora, vai embora. Mas, a relação, foi muito natural, muito linda. O Zanir, o pai de Rafa, os vizinhos. Eu falei muitas vezes para Silvana, estou bem perto da felicidade. Ela fazia uma comida linda, gostosa. Tem, assim, um jeito de família Assim, muito parecido com o que eu tenho lá, ou o que eu quiser ter. Tipo, um modelo de vida muito, muito sã”. (GUIDO -pesquisador UFRGS-fevereiro, 2016).

O relato de Michele foi direcionado para a forma como as relações sociais estão sendo configuradas atualmente. Percebe-se uma tentativa de ruptura com as demandas impostas por ela mesma e faz, ao mesmo tempo, uma reflexão sobre o estilo de vida das pessoas do sítio e o que almeja para ela mesma:

“Acho que eles têm muito a oferecer aqui, né. Tanto pelo estilo de vida que ele tem aqui. Acho que quebra um pouco essa loucura da vida urbana. Esse ciclo que parece que a gente entra e parece que não sai. Hoje, esse dia, foi ótimo ter vindo e ter feito o curso Quintal Comestível e estar com as pessoas. Mas, eu não vou mentir que teve um momento do dia que eu senti ansiedade. Assim! [respira fundo] Ai! Sabe? Já olhei o celular umas cinco vezes, para ver se tinha mensagem, para ver se tinha alguma coisa. E, aí depois tu te conecta de novo. Tu olha ao redor e vê o que tem. Olha os cachorros e vê que...parece que a gente entra assim em uma roda e a gente nem se dá conta...maluca, de demandas que a gente tem que cumprir. E, aqui tu te conecta com a essência do que é. Que é simplesmente ser. Eu só estou aqui e vou aprender sobre as PANCs. E vou comer uma comida muito gostosa que todos compartilharam e fizeram juntos. Eu acho assim. A relação com o sítio, com esse espaço, com esse estilo de vida deles, aqui, passa por isso, assim para saber os outros, os outros...as outras formas de viver, os outros mundos, né,. Ao redor da gente, que as vezes a gente vai ali, né, naquela rota e já não se dá conta dos outros tempos das coisas. Os tempos que parecem muito mais reais aqui. Este dia e essa tranquilidade e esse comer compartilhando. Do que aquela loucura lá de segunda a sexta, correndo para o restaurante, resolvendo isso, resolvendo aquilo. Enfim! É isso”. (MICHELE-empresária, setembro, 2015)

Nesse projeto de vivências, observam-se nas narrativas a valorização de um espaço-tempo que permite o contato familiar, o compartilhamento de saberes e atividades colaborativas. Diferente do projeto de turismo, as visitas possuem uma duração curta e um roteiro pré-estabelecido fazendo com que o turista se encontre em constante movimento. Nas atividades de vivências, há uma busca por modelos alternativos de vida que privilegiem práticas que minimizem o impacto ambiental e possibilitem o compartilhamento e a disseminação do conhecimento que ali é produzido.

4.2.5 Vamos Fazer Feira!!! Porque hoje é Sábado¹⁰⁶!!!!

A Feira Agroecológica da José Bonifácio é um dos espaços em que os quatro empreendedores utilizam como canal de venda de seus produtos. A feira ocorre aos sábados pela manhã e movimentam um grande fluxo de pessoas. No entanto, os preparativos começam na quinta-feira e se estendem até sexta-feira nas atividades inerentes à feira como a colheita, limpeza, separação, amarração, listagem dos produtos e preços, armazenamento. No sábado, às cinco horas da manhã o relógio desperta e a movimentação começa. O sol ainda não nasceu e Guinha já saiu de casa rumo à feira.

A feira é um espaço de fluxo constante de pessoas de diferentes classes sociais, nacionalidades e culturas; é um espaço agradável¹⁰⁷ e tem o poder de aguçar os sentidos das pessoas. Há uma diversidade de produtos, cores, cheiros e sons. A feira não é apenas um espaço de compras, mas um espaço cultural, um espaço de trocas de ideias, receitas, saberes, de aprendizagem, de encontros e reencontros, também é um espaço de discussões sobre questões políticas, sociais e econômicas do município, estado e país.

O local das bancas na feira dos empreendedores pesquisados vai da avenida Osvaldo Aranha em direção à avenida João Pessoa, na segunda quadra, como indicam os agricultores. As duas bancas de Vasco encontram-se num local mais central da segunda quadra, quase em frente à banca de Shiva (associado RAMA). Ele trabalha com sua esposa Karen e a funcionária e vendem hortaliças. Nas quatro últimas bancas, em linha reta, de costas para a Redenção (Parque Farroupilha) estão as bancas de Guinha, Tio Juca, Vera e Dodô.

¹⁰⁶ O título desta seção foi retirado de uma das postagens na página do *facebook* de Luciana Silva (Guinha). Em sua página divulga os produtos vendidos na feira, eventos e parceiros do Sítio Capororoca. A minha frequência à feira se intensificou neste último ano. A partir da ideia apresentada no Sítio Capororoca de troca de trabalho por hospedagem, alimentação e aprendizado, a pesquisadora decidiu-se por estender à feira. A ideia foi bem vinda e proporcionou uma imersão ao espaço feira. O trabalho nas bancas permitiu apreender outros dados importantes para a tese.

¹⁰⁷ No entanto, a partir de junho deste ano (2016), a feira tornou-se estranha, confusa, com espaços vazios. Tio Juca chamou de “buracos”. Percebi que outra feira paralela foi formada por feirantes, do outro lado da rua.

O casal Vera e Dodô contam com duas bancas individuais, uma para venda dos produtos processados e outra para as hortaliças. Em breve, Guinha terá outra banca para venda dos processados os quais foram suspensos até a reforma da cozinha. No período de reforma da cozinha e sem poder comercializar os processados, o Sítio Capororoca baixou o rendimento das vendas.

A nova política da feira exige que as hortaliças e os processados sejam vendidos em bancas individuais. Também exige que todos os produtos tenham certificação de produto orgânico. Tal política onera o agricultor, pois tem que contratar uma pessoa para trabalhar na segunda banca. Atualmente Tio Juca e Guinha recebem ajuda de amigos que colaboram na banca quando eles precisam ir ao banheiro ou para fazer as compras da semana para o sítio. Guinha busca uma alternativa para esse problema, com estagiários e colaboradores, mas não definiu o que fazer. Antes da nova política, Guinha vendia as hortaliças em conjunto com a banca do Tio Juca, ou seja, eles se ajudavam nas vendas dos produtos ali na Redenção, enquanto o sobrinho deles, Rafael, trabalha na feira do bairro Tristeza. Quando Guinha está realizando ou participando de algum evento é Rafael quem fica em seu lugar; na feira da Tristeza fica seu pai, Osmar.

Para Tio Juca fica inviável outra banca para venda de processados, porque a sua esposa está doente e a filha, que poderia vir para a feira, fica cuidando da mãe e filhos. Apenas com as hortaliças, o agricultor não está conseguindo equilibrar o orçamento. Ele se queixa dos gastos com o transporte e alega que não está sendo viável financeiramente a comercialização na feira; *“eu estou pagando para estar aqui”*. Tio Juca recebe a ajuda de um amigo que o auxilia com a venda de produtos na banca.

A nova política da feira retirou todas as bancas que não possuíam certificação e os “exilaram”, os alocaram do outro lado da rua na calçada do Parque da Redenção até que houvesse a adequação com as normas exigidas. Ao questionar os feirantes sobre o que estava ocorrendo, ouviam-se diversas respostas: *“eles não são orgânicos”*, *“eles estão ilegais”*, *“eles usam veneno”*, *“eles não têm certificação”*, *“eles estão em processo de transição”*, provocando, assim, um sentimento de insegurança e desconfiança nos clientes.

Com a retirada das bancas para o outro lado da rua, os clientes mais acostumados com o antigo local, ficavam meio perdidos e perguntavam: *“onde está o pessoal do mel”*, *“cadê as gurias dos pães”*, *“tu sabes onde está a banca do queijo”*, *“aquela banca da granola...”*. A falta de comunicação e informação por parte da SMIC com o cliente da feira gerou um mal-estar. Os próprios feirantes não sabiam bem o que estava ocorrendo. A retirada das bancas deixou um vazio, provocando o acesso de alguns ambulantes ao local. Em um dos sábados,

em 04 de junho de 2016, a feira foi tomada por ambulantes vendendo cobertores, meias, cachecóis, rapaduras, abacaxis¹⁰⁸.

Com essas dissonâncias na organização da feira, seguem-se as orientações de Canclini quando discorre que é preciso desconstruir a ideia de que o comportamento do consumidor é irracional e que “os cidadãos atuam em função da racionalidade de suas ideologias”. Dessas experiências, emergem lógicas de ação que levam a pensar em uma noção de “cidadania ecológica” e sustentabilidade que busca privilegiar as interações socioculturais. (CANCLINI, 2010, p. 35). Para o autor, a conexão entre o consumo e a cidadania “requer ensaiar um reposicionamento do mercado na sociedade, tentar a reconquista imaginativa dos espaços públicos, do interesse pelo público”. (CANCLINI, 2010, p. 72).

Os consumidores se encontram no centro das lutas de classe e os alimentos estão no centro dos interesses deles, conforme Bajoit, (2006). Nesse palco encontram-se os *consum-actores*, consumidores responsáveis que buscam ser protagonistas e se posicionarem ecologicamente sobre suas preferências de consumo. Os *consum-actores*, de acordo com autor, “*não tolera que a lógica do mercado destrua a natureza, esgote riquezas não renováveis, faça desaparecer espécies animais ou vegetais, cause danos à atmosfera, degrade a herança das gerações futuras*”. (BAJOIT, 2006, p. 261). Eles querem a liberdade de viver tanto na cidade como no campo em um mundo seguro e saudável.

Como a feira é um espaço de agenciamentos, Tio Juca, Dodô, Vera, Vasco e Karen e Guinha convidam os clientes para conhecer as propriedades. Mas a lógica de ação é diferente, no sítio Capororoca assinala-se que o sítio recebe pessoas para trabalhar em regime colaborativo, enquanto nos outros sítios são visitas para observações. Outras práticas ocorrem

¹⁰⁸ Os vendedores do “abacaxi bem docinho” continuam comercializando na feira. Sem certificação de orgânicos, nem bancas, chegam de carrinho de mão e oferecem o abacaxi cortado e espetado na ponta de uma faca. Segundo os feirantes, a estratégia de venda do “abacaxi bem docinho” é emergir o abacaxi descascado em um saco com adoçante. Além disso, dois outros episódios ocorridos na feira trouxeram questionamentos, por parte dos feirantes em relação à nova política de gestão e como ela estava sendo colocada em prática. Um deles eu presenciei e me deixou bastante assustada. Um dos funcionários da SMIC dirigiu-se à Guinha questionando sobre um vidro de conservas que estava em cima da banca. Guinha foi informada de que estaria em uma fase de transição até a liberação da cozinha estar pronta. Guinha falou que não estava vendendo e que servia apenas para apoiar a tampa da caixa do troco que estava com a trava defeituosa. De fato ela tinha o hábito de colocar o vidro na frente para que a tampa não caísse. Não contente, o funcionário gritou e esmurrou a banca e questionou sobre os produtos que estavam em baixo da banca, como se estivesse escondendo algum contrabando. Guinha explicou que eram produtos de encomenda de seus clientes frequentes (chefes de cozinha) e que não estava vendendo na feira. Os produtos foram retirados e guardados. O outro episódio foi mais sério. Todos os produtos de um feirante foram quebrados e atirados em um bueiro. Como um dos produtos eram ovos, no sábado seguinte, cedo já não havia mais ovos à venda na feira. A única banca que permaneceu não deu conta dos pedidos dos clientes. Dando continuidade ao clima de terror, os músicos foram “convidados” a sair da feira, mesmo com a intervenção dos feirantes informando que eles não atrapalham e, pelo contrário, atraíam mais visitantes. O clima da feira tornou-se, por alguns sábados muito desagradável e arbitrário.

na feira como, por exemplo, a banca que trata da divulgação dos produtos ao ensinar receitas; outra banca trata de alertar para os movimentos dos empreendimentos imobiliários que estão ocorrendo na zona sul de Porto Alegre.

Dodô e Juca aparecem também em diversas mídias como personalidades que desenvolvem a produção orgânica e são bem conhecidos. Em um sábado, André Chitão apareceu na feira e Tio Juca relatou que ele havia aparecido em seu sítio e passou uns dias por lá. Chitão saiu de Santa Catarina de bicicleta em direção a Porto Alegre até o Parque de Itapuã. A pesquisadora o questiona como ele conheceu Tio Juca e ele respondeu: *“Ah! Eu fui ao parque de Itapuã e em uma comunidade e eles disseram que eu tinha que conhecer o Juca. Ele é muito famoso por aí”*.

Os agenciamentos ocorrem na própria feira, mas também por pessoas que tiveram o contato com esses empreendedores e os indicam como pessoas de referência na área da produção de orgânicos. Outro dia Juca mencionou os índios Guaranis que vieram visitar a propriedade para conhecer a produção orgânica e desenvolver uma horta na comunidade deles: *“ensinei a eles sobre como pegar na enxada”*.

Os empreendedores utilizam como estratégias de agenciamento o convite para visitar e conhecer os produtos *in loco*. Na ocasião eles já levam o cartão de visitas do sítio. Essa estratégia é mais enfática quando os clientes questionam a procedência do produto e se é de certificação orgânica:

“o pessoal que vai na feira faz aquelas perguntas que eu não gosto. Eu convido pra vim aqui. Olha! Eu não tenho tempo, nem saúde pra lhe explicar agora. Se é ecológico, ou não é. Como é que faz. Tá aqui o cartão, pode ir no ‘domingo no campo’ fazer visita. Lá a senhora vai conhecer a propriedade e lá eu vou lhe explicar. Muitos nesses anos vieram e viraram freguês, amigos a partir dessa indagação deles e meu convite. Aqui sim, com maior paciência, eu explico todo o processo. Foi uma maneira, na feira, eu consegui fazer essas duas coisas do público. E em vez de dá uma resposta desaforada como a pergunta [risos] também é. Eu convido. Parei bastante de me incomodar. Óh! o convite tá aqui. A senhora pode conhecer então”. (VASCO, Granja Santantonio, janeiro 2014).

Durante uma conversa em quanto preparávamos os produtos para feira Denise contou sobre como chegou ao sítio. Havia ouvido falar de Silvano e do sítio por seus amigos. Interessada em conhecer a forma de trabalho de Silvana, cansou das promessas dos amigos que a levariam e resolveu ir sozinha. Ao chegar, acabou ficando por lá durante dois dias e aproveitou para participar das atividades e inserir-se nas atividades. Contatos como estes são

comuns, pessoas que já estiveram no sítio e o indicam para conhecidos. Antes mesmo de chegar aos sítios, as pessoas já ouviam histórias contadas sobre estes empreendimentos:

“Bom, na verdade a Silvana só tinha escutado falar [risos]. Novamente, os boatos da pessoa Silvana. Mas, hã [risos] foi por amigos que vieram aqui, sempre encontro eles na feira e eles falavam: Bah! Tu tens que ir lá. Tu tens que visitar. E eu ficava... Ah! Tá! Quando vocês podem, pois é difícil chegar. Eles ficavam me enrolando. Então, eu vou me meter no meio e vou me oferecer. Daí eu vim, faz uns dois dias e me senti muito bem aqui”. (DENISE, janeiro, 2016).

Assim como Denise, outras pessoas passaram pelo sítio. Elas entram em contato por telefone, ou na feira e perguntam se podem conhecer o local e ajudar. Alguns ficam por um curto período, outros por um período mais longo que o planejado. Os fluxos de pessoas são constantes e ampliam a rede de contatos, proporcionando outros agenciamentos.

4.2.6 Educar para Atenção

Ao iniciar esta seção assinala-se que, em alguma medida, o pesquisador é afetado pela investigação que está empreendendo. A transformação que ocorre não é inconsciente, porque são formas diferentes de olhar o que está sendo pesquisado e vestir essas lentes o faz perceber de forma diferente o mundo à sua volta. Neste sentido o olhar curioso e atento debruçado sobre os projetos analisados possibilitam também outras perspectivas, outras formas de relacionar-se com o objeto pesquisado.

Essa última seção trata de um (re)encontro por vez particular da pesquisadora com o olhar atento e distraído do caminhante detetive. (INGOLD, 2005). Da janela do apartamento da autora, que fica no quinto andar, ela tem uma visão panorâmica do bairro em que reside. O bairro é atravessado por uma movimentada avenida, próximo ao complexo hospitalar e universitário da PUC-RS. Há muitos sons variados produzidos pelos veículos automotores e cães que moram em residências próximas que passam a chamar atenção; o som dos pássaros, em especial das caturritas que fazem seus ninhos nos postes de iluminação do campo de futebol daquele complexo. Em bando, elas passeiam pelo bairro. Também ao longe, ouve-se o som das arapuãs que estão escondidas em meio às árvores do Jardim Botânico. Na esquina, no muro do vizinho, visualiza-se uma colmeia de jataí, uma espécie de abelha sem ferrão. O local onde se encontra a autora, sentada à janela, ela vê um casal de vizinhos organizando os vasos dependurados em uma pérgula e a produção de hortaliças que se estende sobre a cobertura do primeiro andar, uma espécie de horta suspensa.

Ela desce. O dia está frio, mas ensolarado. O termômetro marca cinco graus. É mês de julho e a geada adquire uma cor branca sobre o gramado. Ao caminhar pelo bairro, a autora observa uma quantidade expressiva de plantas com flores coloridas, que ela não conhece todas as espécies; algumas ela já as viu em visitas e oficinas que participou nos sítios, chamadas de PANCs.

As PANCS possibilitam configuram um novo formato de pensar os jardins e praças, a vizinhança, o bairro, as relações com os humanos e não-humanos. Elas são nomeadas e caracterizadas de diferentes formas, conforme o conhecimento e a autoridade de quem fala. Na perspectiva dos atores pesquisados as narrativas apontam para características como força, resistência, mas também há beleza estética, alimento para o corpo, mente e alma. Elas desobedecem à racionalidade dos jardineiros e servidores da prefeitura, pois elas insistem em crescer em meio a uma pequena fenda de um muro, em outra no cordão da calçada, em praças, nos jardins. Ali estão elas invadindo a vizinhança, ou foi a vizinhança que invadiu seus espaços? Tanto faz se está frio ou calor, elas insistem em crescer e resistem ao fio afiado da cortadora de grama e as pisoteio dos pedestres. Servem de alimentos para os insetos, moluscos, pássaros.

Imediatamente se faz uma ligação com os pratos culinários desenvolvidos por Kinupp, as receitas postadas na página do *facebook*, Quintal Panc, de Kleber Antônio que desenvolve oficinas para disseminar o uso das PANCs na culinária e aos diálogos proferidos com os feirantes e seus clientes sobre como utilizá-las no dia a dia. Surge a lembrança de Silvana, com a tesoura em mãos, colhendo e explicando sobre elas que se encontram em meio aos cultivos do Sítio. Silvana relatou como as PANCs tornaram-se um atrativo a partir da tese de doutorado realizada por Valdely Kinupp:

“Val [Valdely Ferreira Kinupp] que trouxe uma quantidade muito grande de plantas pra cá. A gente perdeu muita coisa porque é difícil tu manter todas até porque a gente tem as coisas que a gente planta normalmente assim que tu, que é o que tem o cultivo e que tu vende e que dá um retorno financeiro que paga as contas eu diria né. E aí tem as outras coisas que são, e até porque a ideia é tentar multiplicar essas planta e passar elas adiante né, então tu tem, eu tenho elas assim, sempre tenho um pouco das plantas, não consegui ficar com todas, mas algumas plantas que eu consegui, que são mais fáceis de cultivar e tal que ficaram pra tentar ir distribuindo assim”. (SILVANA- Sítio Capororoca - janeiro, 2014).

Logo ali há uma árvore, Ipê-amarelo. Suas flores podem ser aproveitadas em saladas, ou empanadas. No jardim daquele vizinho há ora-pro-nóbis de folha amarela: bom para

colocar no sanduíche. O que antes nem se percebia, talvez, por que o transeunte passa muito apressado, ou mesmo de carro. A planta é rica em proteínas e é utilizada em diversas receitas tanto medicinais como alimentícias. Será que os vizinhos sabem disso? Qual o sentido em plantá-la rente ao muro? Adiante se vê, em uma rachadura do cimento, dente-de-leão; mais adiante, encontra-se a serralha, o trevinho, trapoerabas, entre outras plantas entendidas por alguns como “daninhas”, “invasoras”, “inços”.

A autora continua observando e intuindo o espaço. Não está na época, mas se sabe que neste lado da praça nasce capuchinhas, flor que se popularizou na culinária, encontrada à venda em feiras agroecológicas e até mesmo em supermercados. Passa pelo pensamento dela as palavras de Fravet-Saada (2005, p. 155), cujo texto a marcou profundamente: “*não pude fazer outra coisa a não ser aceitar deixar-me afetar pela feitiçaria*”. Enfeitiçada, a autora desta tese vai até a esquina e com sorriso no rosto lembra da época em que colhia flores de azedinhas para comer, na chácara da sua avó.

Senta-se no banco da praça. Está frio, mas não resiste ao sol. Pensa que mora no bairro há nove anos e nunca havia estado nesta praça. As experiências com os atores proporcionaram-lhe um olhar mais atento, sensível e curioso sobre as nuances do próprio bairro, sobre os elementos que o compõem. Também experimenta, se ligar aos caminhos, jardins, lugares a partir dos sentidos dando novos significados. Talvez na direção de Ingold (2015), caminhar pelas ruas como se fosse um labirinto e como um detetive exercitar um olhar curioso e seguir o caminho de forma “atencional”. O caminhar a pé pelo bairro é exercitar o olhar atento, a imaginação e perceber o que está a sua volta, trabalhar com os sentidos. A experiência do caminhar no labirinto propõe estar aberto a sinais sutis, as pistas deixadas no caminho.

A pesquisadora retorna à elaboração deste texto e encontra a revista de uma incorporadora imobiliária do município. Nela o chefe de cozinha, Mauro Souza, apresenta as suas criações culinárias com flores comestíveis, salientando a distinção de sabores que as plantas possuem e a sua variedade conforme a região:

[...] as capuchinhas são picantes, com um gosto semelhante ao açafrão – tão parecido que pode ser substituído. Flores de feijão tem um sabor adocicado e parecido ao do próprio feijão. Violetas, rosas e lavanda tendem para o adocicado. O uso de flores na culinária encontra variações locais, em função da flora. Se na Europa dos nobres os amores-perfeitos e especialmente as rosas eram destaques, na América Latina elas apresentam versões mais democráticas, presentes nas culinárias regionais. No Brasil, as flores vermelhas da corticeira são refogadas com cebola, tomate e batatas. Usam-se as flores de menta e tomilho para incrementar o peixe, no Peru. E a flor

amarela da abóbora combinada com queijo faz um dos sucessos na cozinha mexicana. (SOUZA, 2009, p. 31).

As PANCs estão sendo divulgadas em diversos eventos. O seu uso está sendo disseminado no município de forma democrática provocando um movimento de “goumertização” circulando por diversas esferas, dos “reconhecidos” e “famosos” chefes de cozinha a oficinas populares. As “*malezas comestibles*”, termo utilizado pelo pesquisador Rapoport, foram ressignificadas e estão tomando espaços de destaque na culinária. O uso do termo PANCs está sendo socializado a partir da troca de experiências entre agricultores, especialistas em gastronomia, nutricionistas, pesquisadores, cientistas e população que se encontra nesses eventos articulando o conhecimento tácito em conhecimento explícito.

A partir das experiências de Valdely Kinupp, Silvana iniciou a comercialização da capuchinha, flor comestível comercializada na feira Agroecológica, da rua José Bonifácio, atualmente com grande procura pelos clientes que frequentam a feira. Com a difusão e conhecimento sobre a planta, atualmente é possível comprá-la em outras bancas além da banca que originalmente a comercializava e também em alguns supermercados:

“A capuchinha é uma história muito legal. Eu comecei com a capuchinha quando vim morar aqui. O vizinho lá da frente tinha debaixo do pé de laranjeira. Tinha uns pezinhos de capuchinha eu sabia que dava pra comer. Daí eu disse: ‘Bah! Isso aí dá pra comer!’. Ele disse: ‘Ah! Para mim é mato, se quiser pode pega pra ti’. Era umas três mudinhas que trouxe e plantei na horta. Aquelas três mudinhas viraram um monte de mudinhas. No início elas eram só da cor laranja. Assim! Aquela questão de genética, vai aumentando a população vai aparecendo os indivíduos que são mais raros. Daí começou a aparecer umas vermelhas, amarelas e depois começaram a misturar, elas meio que uma rajadinha. Depois disso fui vendendo. Daí, comecei: ‘Bah dá pra comer. Mas, dá pra vender? Como é que a gente vai vender isso? Ah! vou fazer um buquezinho!’ Hoje já vi no supermercado elas, só as florzinha assim numa bandejinha, mas eu nunca tinha visto e aí fiz o buquezinho. ‘Não fica tão bonitinho!’. E aí depois a gente começou a vender. O Plaza [Hotel Plaza São Rafael] compra bastante”. (SILVANA- Sítio Capororoca - janeiro, 2014).

Se para a agricultura convencional as PANCs significam “plantas daninhas”, “invasoras” que estão disputando espaços e nutrientes, para os agricultores orgânicos que trabalham com elas apresentam outro sentido, sendo representadas como ricas em nutrientes e minerais além do uso medicinal, um diferencial de comercialização e diversidade na confecção de pratos culinários.

Neste último ano em que a pesquisadora esteve participando da Feira Agroecológica da José Bonifácio, observou-se a inserção de novas bancas na feira que comercializam este

tipo de produto e os produtores que passam a vendê-las em suas bancas diversificando a oferta. As capuchinhas são as que mais se popularizaram, seguida pelo peixinho da horta, ora-pro-nóbis, bertalha. Percebeu-se uma mudança de conhecimento dos clientes a respeito das PANCs. Em tempos atrás, Guinha informava sobre o nome, explicava as receitas culinárias e propriedades, mostrava-se o livro de receitas culinárias e se indicavam as pesquisas realizadas no sítio por Kinupp. Atualmente, os clientes assíduos reconhecem as plantas e colocam na lista de compras dos produtos de sábado. Enquanto a pesquisadora ajudava Guinha na Banca, observou uma cliente se aproximou dizendo que queria o peixinho da horta: “*estou fazendo para o meu filho, ele acha que é peixe*”.

Além das notícias que circulam pelos principais jornais, as PANCs são objetos de estudo em universidades como, por exemplo, a Faculdade de Agronomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A Faculdade de Agronomia e a Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz¹⁰⁹ em São Paulo desenvolvem estudos ligados à comercialização, ao cultivo e ao valor nutricional e medicinal.

Para Hall (1997), é a partir da linguagem que construímos os significados. A linguagem é o meio para a construção de ideias, pensamentos, conceitos, sentimentos que os partilhamos e interpretamos de maneira semelhantes, através do diálogo que se desenvolve com o outro. Nessa perspectiva, a “*linguagem funciona como um sistema de representação*”. (HALL, 1997, p. 1). É importante ressaltar que a noção cultural dada por Hall é apresentada com o enfoque em “significados partilhados”, sendo que esses significados culturais dizem respeito aos sentimentos, aos vínculos, às emoções, aos conceitos e às ideias que são partilhados em uma sociedade e que também a organizam e regulam suas práticas sociais, influenciando as condutas. Dessa forma, “são os praticantes de uma cultura que dão significância às pessoas, aos objetos e aos eventos”. (HALL, 1997, p. 2). O autor assinala que o significado atribuído às coisas, aos objetos, aos eventos e às pessoas, neste caso das PANCs, em parte “através da forma que as utilizamos ou as integramos em nossas práticas cotidianas” e este significado é produzido no que Hall chama de “circuito da cultura”. (HALL, 1997, p. 3).

Em diversos lugares estão sendo produzidas identidades. Também nos sítios pesquisados observou-se esse deslocamento (agricultor agroecológico, agricultor convencional, neo-rural, empreendedor rural). Tais identidades são transitórias e circulam em diferentes artefatos culturais (sites, blogs, revistas, jornais) borrando fronteiras e produzindo novos significados.

¹⁰⁹ Hildeberto Jr. (2016).

O significado é incorporado no uso que se faz das coisas na vida cotidiana de cada um. Ao ir à feira agroecológica e se utilizar de receitas divulgadas pelos feirantes, trazendo-as para vida cotidiana na culinária com PANCs, ou quando se narram histórias sobre o uso medicinal ou alimentício, há uma possibilidade de valorizar ou atribuir uma significância ao fato, incorporando tais práticas em condutas habituais.

O significado surge em todos os “momentos ou práticas do circuito da cultura, na construção da identidade e na delimitação da diferença, na produção e consumo, bem como na regulação das condutas sociais”. (HALL, 1997, p. 3). As atividades que ocorrem nos sítios pesquisados apresentam, assim, um conjunto de formas que reforçam e ressignificam práticas cotidianas alinhadas ao movimento agroecológico. Pode-se dizer que toda ação social é cultural, pois tais práticas sociais comunicam significados e, portanto, são práticas de significação.

É importante ressaltar que, nessa perspectiva não há interesse em fixar um limite entre o urbano e o rural, pois se entende que tais experiências, sejam de turismo agroecológico, gastronomia, sejam de saberes e fazeres agroecológicos se dá no fluxo e no deslocamento de pessoas que perpassam fronteiras territoriais. Os encontros que ocorrem em tais deslocamentos, ou para realizar compras na feira, conversar sobre política, uma receita com PANCs, ou para conhecer os sítios e suas formas de atividades e projetos, envolvem novas formas de olhar e pensar a cidade, com seus moradores, a natureza e todos que ali vivem.

Olhar a cidade a partir da perspectiva desses empreendedores envolve olhar para si mesmo, para o cuidado com a alimentação, com o outro que pode ou não ser nosso vizinho no entorno de onde se reside. Ou seja, envolve estar sensível às pequenas nuances e detalhes que se descortinam a cada passo dado e se desenvolve um olhar atento sobre a cidade e os que nela circundam.

5 TECENDO O CAMINHO DE VOLTA

Ao procurar as palavras que expressem o percurso traçado nessa tese e que expressem o fechamento da pesquisa, tais palavras são encontradas nas leituras de Melucci (1991). Ao tratar das experiências do cotidiano, ele as assinala como “minúsculos fragmentos isolados da vida”, pois ocorre o que é importante para a vida social. Durante o período da pesquisa, a partir da perspectiva fenomenológica, há uma possibilidade, mesmo que de maneira parcial, estudar o mundo no cotidiano dos agricultores agroecológicos a fim de que se compreenda suas lógicas de ação e sociabilidades. No contexto, apresentam-se alguns resultados, mesmo que provisórios nessa caminhada.

Os deslocamentos à zona sul do município de Porto Alegre permitiram novas aproximações com o contexto atual da região e com os empreendedores, a partir do *mundo da vida* (SCHUTZ, 1979) dos atores que estão envolvidos em tal projeto, em específico os Sítios Tio Juca, Capororoca, Herdeiros e Granja Santantonio.

Os resultados se direcionam à ideia de que o processo de produção do projeto *Caminhos Rurais* e dos indivíduos geram simultaneidades que produzem por si e referentes de novos projetos e correspondências. À medida que o projeto vai avançando apresenta uma teleologia. Nesse processo, ao se organizarem em grupo na constituição de um produto turístico para Porto Alegre, esses atores acabam negociando identidades (agricultor agroecológico; agricultor ecológico; neo-rural; empreendedor rural; feirante; produtor rural; processador) e promovendo novas ações de cidadania vinculadas as suas lógicas de ação. Nessas negociações, eles passam a assumir diversas identidades, ora individuais, ora coletivas.

Ao exercerem diferentes papéis e promoverem múltiplos exercícios de cidadania, esses sujeitos apropriam-se e negociam espaços midiáticos, utilizando-se de ferramentas da *web* para possibilitar diálogos com o global, a partir do local, como representantes de uma Porto Alegre turística e rural.

No caso dos empreendimentos em estudo, observou-se a produção de uma “cultura agroecológica”, devido aos sentidos e intercâmbio de significados que ali são produzidos sobre a natureza, a paisagem, a agroecologia, os modos de vida. Na medida em que amplia o conceito de pedagogia pode-se intuir que os sítios produzem “agroecopedagogias” e que tais práticas envolvem a produção simbólica cujos significados são absorvidos. Tais práticas são reproduzidas por outros sítios que fazem parte do projeto *Caminhos Rurais* direcionando o projeto para o turismo agroecológico.

Nesses sítios são disseminadas práticas agroecológicas por diversos canais de comunicação, seja na relação com outros empreendimentos do projeto *Caminhos Rurais*, seja com instituições de ensino, organizações não governamentais, associações e todo fluxo de pessoas que, de alguma forma, articulam-se com os atores destes projetos (chefes de cozinha, estudantes, professores, clientes, visitantes, turistas). Os projetos mobilizam discursividades que circulam na web sobre a natureza, o ser agroecológico, a sustentabilidade, a soberania alimentar, as formas de conviver e posicionar-se no mundo.

À medida que os empreendedores se relacionam com outras esferas, a trajetória deles sofre mudanças, dando espaço para novos projetos. Ao se posicionarem em uma “cultura agroecológica”, as lideranças destes projetos avançam e problematizam o espaço em que estão inseridas propondo lógicas coletivas de ação que tratam de outras formas de fazer econômico, político, social e ambiental. As lógicas de ação coletiva possibilitam uma gestão participativa que estimula o debate horizontal fortalecendo a autonomia, a cooperação e os laços de sociabilidade entre associados e colaboradores do projeto.

Esses atores se articulam a outros coletivos que empreendem propostas semelhantes e que buscam salvaguardar a paisagem, a natureza, a história e cultura locais em uma tentativa de minimizar os impactos que os programas de políticas públicas habitacionais trazem para a zona sul de Porto Alegre.

Em um paradoxo, o projeto de agroecologia que é o atual produto de subsistência dos empreendedores dos sítios estudados é base para outros projetos incluindo o turismo que nasce do poder público, de uma política municipal da Prefeitura de Porto Alegre que instituiu a região como área de produção orgânica e ecológica. E é este mesmo poder público que, a partir de suas políticas, promove impactos ambientais, sociais e culturais na região. O projeto *Caminhos Rurais* encontra-se inserido na agenda política municipal, como efeito de uma trajetória de ação e protagonismo dos sujeitos na região. No diálogo com o poder público, os sujeitos apresentam suas demandas se posicionam como relevantes lideranças do local.

O turismo desenvolvido nesses empreendimentos possibilita o intercâmbio de experiências entre visitantes estrangeiros e da própria localidade. Nesse encontro entre pessoas de origens diversas provocam um processo de negociação entre os sujeitos, produzindo novos significados sobre o que é ser cidadão em Porto Alegre. Participar do roteiro turístico proposto por este projeto vai além de um agradável passeio de domingo. Trata-se de imergir nas pedagogias dos sítios que ensinam sobre a paisagem, sobre a natureza, soberania alimentar, como plantar e colher, aproveitar todo o alimento com desperdício zero. As propostas de vivências ensinam sobre a diversidade de plantas, pratos culinários que

possibilita uma mudança de olhar para a forma como nos alimentamos. As atividades buscam uma noção colaborativa fundamentada em trocas de saberes e fazeres.

Aos porto-alegrenses, o projeto de turismo possibilita ao turista-cidadão (GASTAL, 2006) deslocar-se pela própria cidade, relacionar-se com o local onde mora, vivenciar práticas sociais aprendendo a desenvolver um olhar atento em relação às paisagens, ao patrimônio cultural e ambiental, às diferentes formas de viver a própria cidade. Nesse movimento, redescobrimo a cidade, o turista cidadão descobre a si mesmo. O projeto que se constituiu na zona sul segue “as tendências do frame contemporâneo do turismo, organizado na singularidade e diferenciação dos lugares”. (LOPES; PEREIRA, 2017, p. 45).

O consumo encontra-se atrelado à ideia de “cidadania ecológica” tratada por Canclini (2010). Os *consum-atores*, conforme Bajoit (2006), exercem tal ideia ao privilegiar esses empreendedores. Nessa direção, buscam ser protagonistas e se posicionam ecologicamente sobre suas preferências de consumo. Os *consum-atores* encontram na lógica de ação dos empreendedores de agroecologia e turismo uma forma de se integrar ao “planeta Gaia”, destaca Bajoit (2006), e querem poder viver tanto na cidade como no campo em um mundo seguro e saudável. Daí emerge uma identidade ecológica que não tolera as lógicas de mercado que “destrua a natureza, esgotem riquezas não renováveis, façam desaparecer espécies animais ou vegetais, causem danos à atmosfera, degrade a herança das gerações futuras”. (BAJOIT, 2006, p. 261).

Os espaços de feiras agroecológicas e os diversos projetos tratam-se de canais de diálogo entre produtores e *consum-atores* e potencializam o engajamento de potenciais *consum-atores* a partir de estratégias de agenciamentos (YÚDICE, 2006) empreendidas por esses empreendedores.

Ao pensar a pesquisa, entende-se que tais projetos estão inseridos na ideia dada pela antropologia de “caminhar como um movimento intencional e extraordinário”. (TONIOL; STEIL, 2016, p. 21). A dinâmica contemporânea pode ser chamada de turismo, turismo pedagógico, vivências, navegar pelos artefatos culturais que narram tais projetos tendo em vista seu caráter intencional em busca de uma experiência qualificada que possibilita, a partir da “aproximação com a natureza, a associação da ação de caminhar (mesmo que virtualmente) com os movimentos ligados a preservação ambiental e ao cuidado de si”. (TONIOL; STEIL, 2016, p. 21).

Para finalizar, destaca-se que o projeto *Caminhos Rurais* possibilita problematizar o estilo de vida contemporâneo na medida em que os sítios operam como espaços para experienciar outros modelos de habitar o mundo. Salienta-se, que os empreendedores

promovem o consumo de produtos, serviços e de uma diversidade de conteúdos que envolvem o pensar e o refletir sobre o estar no mundo. Nesse processo, permitem uma leitura sobre as suas próprias trajetórias, práticas e lógicas de ação, reformulando e ou criando novos projetos em um percurso contínuo de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- AGRICULTOR idoso mantém plantação sem agrotóxicos em Porto Alegre. **Jornal do Almoço (JA)**: série Indo além. Porto Alegre: RBS TV, 8 set. 2014.
- ALIER, Martinez Joan. **O ecologismo dos pobres**. São Paulo: Contexto, 2015.
- ALTMANN, Eliska. Tipificação, habitus e interdependência: emblemas para um debate sociológico. **Revista Ciências Sociais**, São Leopoldo, v. 41, n. 3, 2005.
- AMARAL, Marise Basso. Natureza e representação na pedagogia da publicidade. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Estudos culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.
- AMARAL, Marise Basso. O olhar estrangeiro e a construção da paisagem do Rio Grande do Sul. In: WORTMANN, Maria Lúcia Castagna et al. **Ensaio em estudos culturais e ciência: a produção cultural do corpo, da natureza, da ciência e da tecnologia: instâncias e práticas contemporâneas**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.
- ANDRADE, Paula Deporte; COSTA, Marisa Vorraber. Usos e possibilidades do conceito de pedagogias culturais nas pesquisas em estudos culturais em educação. **Revista Textura, ULBRA**, Canoas, v. 17, n. 34, 2015. Disponível em: <<http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/viewFile/1501/1140>>. Acesso em: 19 fev. 2017.
- ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA DOS MORADORES DA CIDADE BAIXA (ACMCB). **Largo Zumbi dos Palmares: porque manter o Largo Zumbi dos Palmares**. Porto Alegre, 2015. Disponível em: <http://ong.portoweb.com.br/cidadebaixa/default.php?reg=14&p_secao=9>. Acesso em: 27 ago. 2015.
- BAJOIT, Guy. **Tudo muda: proposta teórica e análise da mudança sociocultural nas sociedades ocidentais contemporâneas**. Ijuí: Editora Unijuí, 2006.
- BARRETO, Margarita. O imprescindível aporte das ciências sociais para o planejamento e a compreensão do turismo. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 9, n. 20, p.15-29, 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0104-71832003000200002&script=sci_arttext>. Acesso em: 10 dez. 2014.
- BRASIL. Ministério do Turismo. Secretaria Nacional de Políticas de Turismo. **Ecoturismo: orientações básicas**. 2. ed. Brasília, DF, 2010. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Ecoturismo_Versxo_Final_IMPRESSxO_.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2014.
- BRASIL. Ministério do Turismo. Secretaria Nacional de Políticas de Turismo. Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico. Coordenação Geral de Segmentação **Turismo rural: orientações básicas**. 2. ed. Brasília, DF: Ministério do Turismo, 2010.
- CAMINHOS Rurais de Porto Alegre. In: GOOGLE MAPS. Mountain View: Google, 2016. Disponível em: <https://www.google.com/maps/d/embed?mid=1gIS14w2_LccZ3QT_3wUvJ8vFPaY&ll=-30.16564190511922%2C-51.133214676373996&z=11>. Acesso em: 19 fev. 2016.

CAMINHOS RURAIS. **Associação Porto Alegre Rural - POA RURAL**. Porto Alegre, 2015b. Disponível em: <<http://caminhosrurais.com.br/site/associacao/>>. Acesso em: 27 ago. 2015.

CAMINHOS RURAIS. **Associação Porto Alegre Rural - POA RURAL**. Porto Alegre, 2016. Disponível em: <<http://caminhosrurais.com.br/site/associacao/>>. Acesso em: 19 fev. 2016.

CAMINHOS RURAIS. **História dos Caminhos Rurais**. Porto Alegre, 2015a. Disponível em: <<http://www.caminhosrurais.tur.br/paginas/pagina.php?nome=Hist%C3%B3ria>>. Acesso em: 27 ago. 2015.

CAMINHOS RURAIS. Porto Alegre, 2013. Disponível em: <www.Caminhosrurais.tur.br>. Acesso em: 18 jul. 2013.

CAMINHOS RURAIS. Porto Alegre, 2016a. Disponível em: <Disponível em: <<http://caminhosrurais.com.br/>>. Acesso em: 19 fev. 2016.

CAMINHOS RURAIS. Porto Alegre, 2016c. (7 min 9seg). Parceria com o projeto Juntos para Competir, SEBRAE, SENAR, FARSUL. Disponível em: <<http://caminhosrurais.com.br/site/videos/>>. Acessado em: 27 ago. 2015.

CAMINHOS RURAIS. **Quem somos**. Porto Alegre, 2015c. Disponível em: <<http://www.caminhosrurais.tur.br/paginas/pagina.php?nome=Quem%20Somos>>. Acessado em: 27 ago. 2015.

CAMINHOS RURAIS. **Sobre**. Porto Alegre, 2016b. Disponível em: <Disponível em: <<http://caminhosrurais.com.br/>>. Acesso em: 19 fev. 2016.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2010.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo, SP: EDUSP, 2006.

CANCLINI, Nestor Garcia. Notícias recientes sobre la hibridación. **Revista Transcultural de Música**, Barcelona, n. 7, 2000.

CANCLINI, Nestor Garcia. O patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Brasília, DF, n. 23, p. 94-115, 1994.

CAPUCHINHAS COQUETÉIS NATURAIS. **Facebook**. Porto Alegre, 2017. Disponível em: <<https://www.facebook.com/capuchinhascoqueteis/>>. Acesso em: 13 fev. 2017.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **A invenção ecológica: narrativas e trajetórias da educação ambiental no Brasil**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

CARVALHO, Isabel Cristina; STEIL, Carlos Alberto. A sacralização da natureza e a ‘naturalização’ do sagrado: aportes teóricos para a compreensão dos entrecruzamentos entre saúde, ecologia e espiritualidade. **Ambiente & Sociedade**, Campinas v. 11, n. 2, p. 289-305, jul./dez. 2008.

CASTRO, Fábio de Fonseca. A sociologia fenomenológica de Alfred Schütz. **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, v. 48, n. 1, p. 52-60, jan./abr. 2012.

CENTRO DE PESQUISA HISTÓRICA (CPH). **História dos bairros de Porto Alegre**. Porto Alegre, 2015. Disponível em: <http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/observatorio/usu_doc/historia_dos_bairros_de_porto_alegre.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2015.

CERVEJARIA HUND BIER. **Facebook**. Porto Alegre, 2017. Disponível em: <https://www.facebook.com/hundbier/>>. Acesso em: 28 fev. 2017.

COSTA, Flávia Roberta. **Turismo e patrimônio cultural**: interpretação e qualificação. São Paulo: SENAC, 2009.

COSTA, Mariza Vorraber (Org.). **Estudos culturais em educação**: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema... Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.

COSTA, Mariza Vorraber. Uma agenda para jovens pesquisadores. In: COSTA, Mariza Vorraber (Org.). **Caminhos investigativos II**: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. Rio de Janeiro: Lamparina, 2002.

COSTA, Mariza Vorraber; ROSA Hessel Silveira; Luis Henrique Sommer. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 23, maio/ago., 2003.

DEWEY, John. **Experiência e educação**. São Paulo: Editora Nacional, 1971.

DU GAY, Paul et al. **Doing cultural studies**: the story of the sony walkman. London: Sage Publications, 1997. Tradução e Condensação: Leandro Belinaso Guimarães; Maria Cecília Braus; Maria Isabel E. Bujes.

DUBET, François. **Epistemologia e sociologia**. Paris: Du Seuil, 1994.

ESCOLA MARECHAL RONDON. **Passeio ao Sítio do Tio Juca**. Porto Alegre, 11 nov. 2014. Disponível em: <<http://camar.educacaoadventista.org.br/destaques/1/geral/365/passeio-ao-sitio-do-tio-juca.html>>. Acessado em 28/02/2017>. Acesso em: 28 fev. 2017.

ESCOTESGUY, Ana Carolina. **Os estudos culturais**. Porto Alegre, [2001]. Disponível em: <www.pucrs.br/famecos/pos/cartografias>. Acesso em: 27 ago. 2015.

ESCOTESGUY, Ana Carolina. **Uma versão latinoamericana**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. Disponível em: <<https://identidadesculturas.files.wordpress.com/2011/05/cartografias-dos-estudos-culturais-uma-versao-latino-americana.pdf>>. Acesso em: 19 fev. 2016.

FAVRET-SAADA, J. Ser afetado (tradução de Paula de Siqueira Lopes). **Cadernos de Campo**, São Paulo, n. 13, p. 155-161, 2005. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/viewFile/50263/54376>>. Acesso em: 27 ago. 2015.

FONTES, Breno Augusto Souto Maior. Redes e Políticas Culturais: o protagonismo dos atores coletivos na construção de suas trajetórias identitárias. In: LOPES, José Rogério; STEIL, Carlos Alberto; LEISTNER, Rodrigo Marques (Org.). **Políticas culturais e ambientais no Brasil**: da normatividade às agências coletivas. Porto Alegre: Cirkula, 2016.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu; PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. **Patrimônio histórico e cultural**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zazar, 2006.

GASTAL, Susana. Turista cidadão: uma contribuição ao estudo da cidadania no Brasil. In: INTERCOM – SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO, 29., 2006, Brasília. **Anais eletrônicos...** Brasília: UnB, 2006. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0338-2.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2014.

GAULIER, Patricia Laure. Ocupação pré-histórica Guarani no município de Porto Alegre RS. **Revista Arqueologia**, [S.l.], v. 14-15, p. 57-73, 2001/2002. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/0Bz211uV3v0SMVGt4a001bDhZcTQ/view/>>. Acesso em: 23 jul. 2017.

GERSON, Milton; MAROCCO, Marco Aurélio. **Após 16 anos, Porto Alegre volta a ter zona rural**. Porto Alegre, 17 set. 2015. Disponível em: <http://www2.camarapoa.rs.gov.br/default.php?reg=25142&p_secao=56&di=2015-09-14>. Acesso em: 13 fev. 2017.

GIROUX, Henry A., MCLAREN, Peter L. Por uma pedagogia crítica de representação. In: SILVA, Tomaz Tadeu, Antonio Flávio Moreira (Org.). **Territórios contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais**. Petrópolis: Vozes, 1995.

GIUMBELLI, Emerson. **Visita ao templo universal da paz**. [S.l.], jun. 2016. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/ner/index.php/estante/arquivo-a-campo/78-visita-ao-templo-universal-da-paz>>. Acesso em: 13 fev. 2017.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; IPHAN, 1996.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Autenticidade, memória e ideologias nacionais: o problema dos patrimônios culturais. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v2, n. 2, p. 264- 275, 1988.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Monumentalidade e cotidiano: os patrimônios culturais como gênero de discurso. In: OLIVEIRA, Lucia Lippi. **Cidade: histórias e desafios**. Rio de Janeiro. Editora: FGV, 2002.

GRANJA SANTANTONIO. **Facebook**. Porto Alegre, 2015. Disponível em: <<https://www.facebook.com/granja.santantonio>>. Acesso em: 27 ago. 2015.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. The work representation. In: HALL, Stuart (Org.). **Representation: cultural representation and signifying practices**. London: Sage; Open Universityx, 1997.

HILDEBERTO JR. Antes 'praga', PANCs ganham espaço em restaurantes e pesquisas na USP. **G1: Piracicaba e Região**, São Paulo, 2 dez. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sp/piracicaba-regiao/noticia/2016/12/antes-praga-pancs-ganham-espaco-em-restaurantes-e-pesquisas-na-usp.html>>. Acesso em: 20 jul. 2017.

HORTA ALEGRE - CLUBE ORGÂNICO. **Facebook**. Porto Alegre, 2016. Disponível em: <<https://www.facebook.com/hortaalegrepoa/>>. Acesso em: 19 fev. 2016

INGOLD, Tim. **Estar vivo**: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis: Vozes, 2015.

INGOLD, Tim. O dédalo e o labirinto: caminhar, imaginar, e educar a atenção. **O Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 21, n. 44, p. 21-36, jul./dez. 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832015000200002>>. Acesso em: 10 maio 2016.

IRVING, Marta de Azevedo. Reinventando a reflexão sobre turismo de base comunitária: inovar é possível? In: BARTHOLLO, Roberto; SANSOLO, Davis Gruber; BURSZTYN, Ivan. **Turismo de base comunitária**: diversidade de olhares e experiências brasileiras. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009.

JOINVILLE. Prefeitura Municipal. **Viva Ciranda retoma atividades com as escola**. Joinville, 2 fev. 2017. Disponível em: <https://www.joinville.sc.gov.br/noticias/viva-ciranda-retoma-atividades-com-as-escolas/>>. Acesso em: 13 fev. 2017.

KINUPP, Valdely Ferreira; LORENZI, Harri. **Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) no Brasil**. São Paulo: Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 2014.

KLEIN, Angela Luciane; SOUZA, Marcelino de. Turismo rural pedagógico sob a perspectiva da multifuncionalidade da agricultura: experiências no sul do Brasil. **PASOS. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**, Islas Canarias, v. 12, n. 3, p. 581-595, 2014. Número especial. Disponível em: <www.pasonline.org>. Acesso em: 10 maio 2016.

LABATE, Beatriz Caiuby. A experiência do “viajante-turista” na contemporaneidade. In: SERRANO, Célia; BRUNHS, Heloisa Turini; LUCHIARI, Maria Tereza D. P. (Org.) **Olhares contemporâneos sobre o turismo**. Campinas, SP: Papyrus, 2000.

LABORATÓRIO DE POLÍTICAS CULTURAIS E AMBIENTAIS NO BRASIL: gestão e inovação (LapCAB). **Facebook**. [S.l.], 2017. Disponível em: <<https://www.facebook.com/Lapcab/>>. Acesso em: 13 fev. 2017.

LATOURET, Bruno. **Jamais fomos modernos**: ensaio de antropologia simétrica. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994

LOPES, José Rogério. A conveniência da cultura: usos da cultura na era global. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n. 31, p. 331-335, jan./jun. 2009.

LOPES, José Rogério. Círio de Nazaré: agenciamentos, conflitos e negociações da identidade amazônica. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 1, p. 155-181, 2011.

LOPES, José Rogério; PEREIRA, Moreira Ângelo. **Patrimônio cultural, turismo e desenvolvimento local**: estudo de caso da Cidade Velha, ilha de Santiago, Cabo Verde. **Sociabilidades Urbanas – Revista de Antropologia e Sociologia**, [S.l.]v. 1, n. 2, p. 45-60, jul. 2017. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/grem/sociabilidadesurbanas/SocUrbs%20LOPESartigo.pdf>>. Acesso em: 13 fev. 2017.

LUCHIARI, Maria Tereza D. P. A reinvenção do patrimônio arquitetônico no consumo das cidades. **GEOUSP, Espaço e Tempo**, São Paulo, n. 17, p. 95-105, 2005.

LUCHIARI, Maria Tereza D. P. Turismo e patrimônio natural no uso do território. In: LUCHIARI, Maria Tereza D. P.; BRUNHS, Heloisa Turini; SERRANO, Célia (Org.). **Patrimônio, natureza e cultura**. Campinas: Papirus, 2007.

LUCHIARI, Maria Tereza D. P. Urbanização turística: um novo nexos entre o lugar e o mundo. In: SERRANO, Célia; BRUNHS, Heloisa Turini; LUCHIARI, Maria Tereza D. P. (Org.). **Olhares contemporâneos sobre o turismo**. Campinas: Papirus, 2000.

LUCHIARI, Maria Tereza D. P.; BRUNHS, Heloisa Turini; SERRANO, Célia (Org.). **Patrimônio, natureza e cultura**. Campinas: Papirus, 2007.

MALINOWSKI, Bronislaw Kasper. **Argonautas do Pacífico Ocidental**: um relato do empreendimento e da aventura dos navios nos arquipélagos da Nova Guiné. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MORAES, Flávia. **Cinturão verde: a batalha de Porto Alegre**. Porto Alegre, 12 set. 2012. Disponível em: <<http://www.oeco.org.br/reportagens/26438-cinturao-verde-a-batalha-de-porto-alegre>>. Acesso em: 14 maio 2015.

OLIVEIRA, Rosana Medeiros de. Tecnologia e subjetivação: a questão da agência. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 17, n. 1, p. 17-28, jan./abr. 2005.

PARQUE DA REDENÇÃO. Porto Alegre, 2015. Disponível em: <<http://www.parqueredencao.com.br/o-parque/>>. Acesso em: 14 maio 2015.

PAULUS, Beatriz. **O cotidiano no Vale do Vinhedo**: uma compreensão a partir das representações sociais. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) -- Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, 2009.

PELEGRINI, Sandra C. A.; FUNARI, Pedro Paulo A. **O que é patrimônio cultural imaterial**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

PEREIRA, Sonia Regina de Mello; BOHER, Silvana Beatris; Uriartt, Ari. **Alimentos da Biodiversidade**: receitas com plantas alimentícias não convencionais. Porto Alegre, 2016.

PEREIRO PÉREZ, Xerardo. **Turismo cultural**: uma visão antropológica. Tenerife, Espanha: ACA y PASOS; RTPC. 2009.

PETERS, Gabriel. Admirável senso comum? agência e estrutura na sociologia fenomenológica. **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, v. 47, n.1, p. 85-97, jan./abr. 2011.

PORTO ALEGRE. Câmara Municipal de. **PDDUA substituiu área rural por cidade rururbana**. Porto Alegre, 22 maio 2009. Disponível em: <http://www2.camarapoa.rs.gov.br/default.php?reg=9103&p_secao=56&di=2009-05-22> Acessado em: 05 maio 2015.

PORTO ALEGRE. Prefeitura Municipal. **Caminhos rurais de Porto Alegre**. Porto Alegre, 2016. Disponível em: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/turismo/default.php?p_secao=270>. Acesso em: 23 jul. 2016.

PORTO ALEGRE. Prefeitura Municipal. Prêmio Porto Alegre Turismo foi entregue ontem. Porto Alegre, 2015. Disponível em: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/cs/default.php?reg=94282&p_secao=3&di=2008-08-20>. Acesso em: 27 ago. 2015.

PORTO ALEGRE. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal de Turismo de Porto Alegre. **Relatório dos caminhos rurais um recanto surpreendente na zona sul de Porto Alegre**. Porto Alegre, 2010.

PRESERVA ARADO. Porto Alegre, 2016. Disponível em: <<https://preservaarado.wordpress.com/arquivo/>>. Acesso em: 23 jul. 2016.

PROGRAMA MACACOS URBANOS. **Facebook**. Porto Alegre, 2015. Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/MacacosUrbanos/about/?ref=page_internal>. Acesso em: 14 maio 2015.

PROJETO CINTURÃO VERDE. Porto Alegre, 2014. Disponível em: <http://www.cinturaoverdepoa.org.br/default.php?p_secao=13>. Acesso em: 13 fev. 2017.

REJOWSKI, Mirian. **Turismo e pesquisa científica**. Campinas: Papirus, 1996.

REVISTA Terra Ville News, Porto Alegre, ano 1, ed. 2, mar./abr. 2015.

RIBEIRO, Helena Charko. Turismo rural: uma experiência na cidade de Porto Alegre. In: SANTOS, Eurico de Oliveira; SOUZA, Marcelino de (Org.). **Teoria e prática do turismo no espaço rural**. Barueri: Manole, 2010.

RODRIGUES, Adyr Balastrieri. Turismo Rural no Brasil: ensaio de uma tipologia. In: ALMEIDA, Joaquim Anésio; RIEDL, Mário (Org.). **Turismo rural: ecologia, lazer e desenvolvimento**. Bauru: EDUSC, 2000.

RODRIGUES, Maria Claudia. **Pedagogias do turismo rural e patrimonialização da natureza**: uma análise cultural dos caminhos rurais de Porto Alegre. 2010. Dissertação (Mestrado) -- ULBRA, Canoas, 2010.

RODRIGUES, Maria Claudia. **Pedagogias do turismo rural e patrimonialização da natureza**: uma análise estrutural dos Caminhos Rurais de Porto Alegre. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) -- Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Luterana do Brasil, Canoas, RS. 2011. Disponível em: <<http://www.ulbra.br/ppgedu/dissertacoes-defendidas#2011>>. Acesso em: 28 fev. 2017.

SCHUTZ, Alfred. **El problema de la realidad social**. Buenos Aires: Amorrortu, 2003.

SCHUTZ, Alfred. **Fenomenologia e relações sociais**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

SCHUTZ, Alfred. **Senso-comum e a interpretação científica da ação humana**. São Paulo. Conhecendo as Ciências Sociais. Projeto de Divulgação da Universidade Federal de São Paulo. Disponível em: <<HTTP://cienciaisociaisunifesp.wordpress.com>>. Acesso em: 10 dez. 2014.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. A entrevista na pesquisa em educação: uma arena de significados. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Caminhos investigativos II**: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. Rio de Janeiro: Lamparina, 2002.

SÍTIO CAPOROROCA. **Facebook**. 28 fev. 2016. Disponível em: <<https://www.facebook.com/sitiocapororoca/>>. Acesso em: 28 fev. 2017.

SÍTIO CAPOROROCA. In: GOOGLE MAPS. Mountain View: Google, 2015. Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/place/S%C3%ADtio+Capororoca/@-30.2170639,-51.0766567,682m/data=!3m2!1e3!4b1!4m5!3m4!1s0x9519971f53cb7415:0x65da813d1aae8ca8!8m2!3d-30.2170639!4d-51.074468/>>. Acesso em: 14 maio 2015.

SÍTIO CAPOROROCA. Porto Alegre, 2015. Disponível em: <<http://www.sitiocapororoca.com.br/>>. Acesso em: 28 fev. 2017.

SÍTIO TIO JUCA. Porto Alegre, 2014. Disponível em: <<https://tiojuca.wordpress.com/turismo-rural/>>. Acesso em: 10 dez. 2014.

SOUZA, Marcelino de; SANTOS, Eurico de Oliveira. **Teoria e prática do turismo no espaço rural**. Barueri: Manole, 2010.

SOUZA, Mauro. Uso de flores na cozinha. **Revista Goldnews**, Porto Alegre, ano 10, n. 50, 2009.

STAROSTA, Isaac. **Amor ao Porto**. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Cultura: Fumproarte, 1996.

TEIXEIRA, A.R.; WANDSCHEER, E.A.R.; SOUZA, M. DE. A multifuncionalidade da agricultura e a contribuição do turismo rural pedagógico. **Extensão Rural**, Santa Maria, n. 12, jan./dez. 2005.

TIO Juca mostra sua plantação totalmente livre de venenos. **Patrola**. Porto Alegre: RBS TV, 07 jun. 2014. Disponível em: <<http://redeglobo.globo.com/rs/rbstvrs/patrola/noticia/2014/06/tio-juca-mostra-sua-plantacao-totalmente-livre-de-venenos.html>>. Acesso em: 28 fev. 2017.

TOCCHETTO, Fernanda Bordin et al. Sítios arqueológicos históricos da área rural de Porto Alegre: um patrimônio a ser pesquisado e preservado. **Revista Memorare**, Tubarão, v. 1, n. 1, 2013. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/0Bz211uV3v0SMeUdsci15ZkNfeW8/view>>. Acesso em: 10 maio 2016.

TONIOL, Rodrigo. **No rastro das caminhadas**: etnografia de uma política de turismo rural no Vale do Ivaí, Paraná. 2012. (Dissertação) -- Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFRGS, 2012.

TONIOL, Rodrigo; Steil, Carlos Alberto. **Nos rastros da natureza**: a conversão da experiência rural em ecológica a partir de uma política de Estado. Curitiba: Appris, 2016.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. A viagem como experiência significativa. In NETTO, Alexandre Panosso; Cecília Gaeta (Org.). **Turismo de experiência**. São Paulo: Senac, 2010.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

URRY, John. **O Olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas**. São Paulo: Studio Nobel: SESC, 2001. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books?id=5wLJ2bbsOcgC&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em: 24 jul. 2013.

USO de flores na cozinha. **Revista Goldnews**, Porto Alegre, ano 10, n. 50.

VAN VELSEN, J. A Análise situacional e o método de estudo de caso detalhado. In: FELDMAN-BIANCO, B. (Org.). **A antropologia das sociedades contemporâneas**. São Paulo: Global, 1987.

VELHO, Gilberto. Projeto, emoção e orientação em sociedades complexas. In: VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade Contemporânea**. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

WAGNER, Helmut R. **Fenomenologia e relações sociais: textos escolhidos de Alfred Schütz**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

WANDSCHEER, Elvis Albert Robe; TEIXEIRA, Andressa Ramos. Novas ruralidades: demandas e potencialidades da sociedade contemporânea. In: SANTOS, Eurico de Oliveira; SOUZA, Marcelino de. **Teoria e prática do turismo no espaço rural**. Barueri: Manole, 2010.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e sociedade: 1780-1950**. São Paulo: Editora Nacional, 1969.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade: na história e na literatura**. São Paulo: Editora Schwarcz, 1989.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu; HALL Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2007.

WORLD WIDE OPPORTUNITIES ON ORGANIC FARMS (WWOOF). **Facebook**. [S.l.], 2014. Disponível em: <<http://www.woof.net>>. Acesso em: 13 fev. 2017.

WORTMANN, Maria Lúcia. Análises culturais: um modo de lidar com histórias que interessam à educação. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

WORTMANN, Maria Lúcia. Dos riscos e ganhos de transitar nas fronteiras dos saberes. In: COSTA, Marisa Vorraber; BUJES, Maria Isabel Edelweiss (Org.). **Caminhos investigativos III: riscos e possibilidades nas fronteiras**. Rio de Janeiro: DP & A, 2005.

YÁZIGI, Eduardo. **A alma do lugar: turismo planejamento e cotidiano**. São Paulo: Contexto, 2001.

YÚDICE, George. **A conveniência da cultura, usos da cultura na era global**. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

ZAMBI, Ananda et al. **Período de comunicações destaca projeto Caminhos Rurais**. Porto Alegre, 1 jun. 2016. Disponível em: <[http://www.camarapoa.rs.gov.br/noticias/ periodo-de-comunicacoes-destaca-projeto-caminhos-rurais](http://www.camarapoa.rs.gov.br/noticias/periodo-de-comunicacoes-destaca-projeto-caminhos-rurais)>. Acesso em: 13 fev. 2017.

ANEXO A - SITE CAMINHOS RURAIS

Sobre Propriedades Contato



 Roteiro de Caminhos Rurais Domingo, 12 de fevereiro		 Porteira Aberta SITIO SANTA CLARA	
<p>O roteiro para esta ocasião é o Parque Histórico de Santa Clara, com o intuito de valorizar o patrimônio de Santa Clara, o sítio histórico, o Sítio Casa de Câmara e a Igreja de Santa Clara, Santa Clara (MG) em 2011.</p> <p>Entre as 8h as 17h. Somente com Pedagogia e ingresso de R\$ 10,00.</p> <p>Inscreva-se em: www.caminhosrurais.com.br</p>		<p>Dias 11 e 12 de fevereiro o Sítio Santa Clara estará aberto!</p> <p>Visitação das 12h às 17h - Valor R\$15,00 por pessoa.</p> <p>Para maiores detalhes consulte o site, ligue ou venha pessoalmente.</p> <p>Atenção a horários de lotação.</p> <p>Informações: 51 90718.3465</p> <p>Rua Augusto de Azevedo, 2002 - Nova Vila - Leopoldina</p>	
			